

A FAMÍLIA MILITAR

ENTRE CAIXAS E CAMINHÕES DE MUDANÇA

ROBERTO MACIEL



A FAMÍLIA MILITAR

ENTRE CAIXAS E CAMINHÕES DE MUDANÇA

ROBERTO MACIEL

A FAMÍLIA MILITAR

ENTRE CAIXAS E CAMINHÕES DE MUDANÇA

ROBERTO MACIEL



Obra Avulsa

Copyright by Roberto Maciel©

(2022) 1ª edição - Editora Literar

(2023) 2ª edição - BIBLIEX™

Todos os direitos sobre esta edição reservados à **BIBLIEX™ – Biblioteca do Exército Editora** – Brasil

Editor-chefe: Fábio Ribeiro de Azevedo

Coordenador Editorial: Daniel Leite Batista

Coordenador de Direitos Autorais: Rogério Luiz Nery da Silva

Coordenador de Publicações: Leocir Dal Pai

Gerente de Publicações: Martieli da Silva Machado Pereira

Revisores: Waston Sebold e Maria Cristina Santiago da Silveira

Diagramador: Erick Nunes da Costa

Capa: Erick Nunes da Costa

M152 Maciel, Roberto

A família militar: entre caixas e caminhões de mudanças /
Roberto Maciel. – Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2023.304 p.: il.; 23 cm - (Biblioteca do Exército; 1062.
Obra Avulsa)

ISBN 978-65-5757-102-6

1. Biografia. 2. Memórias 3. Brasil. I. Título.

CDD 927.92

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Fernanda V. C. Orlandini – CRB-7/6764

Os relatos e opiniões expressos nesta obra refletem exclusivamente o pensamento do autor e não necessariamente o da BIBLIEx e nem o do Exército Brasileiro.

APRESENTAÇÃO

A obra do General Maciel é recomendada a civis e militares de todos os postos e graduações porque o texto remete a muitas considerações sobre situações vividas e decisões tomadas pelo autor ao longo da sua carreira militar. A obra tem como objetivo mostrar ao leitor a vivência pessoal, militar e afetiva, desde a infância até o término de vitoriosa carreira no Exército. Trata-se da história de quem viveu nas casas verde-oliva e serviu ao Brasil, narrada com clareza, objetividade e bom humor. A esposa e os filhos colaboraram, com delicados e pertinentes comentários. Maciel, ao deixar sua velha Bahia para trás, viveu o nosso Exército Brasileiro e integrou-se à família militar, onde colheu realizações, frustrações, alegrias, tristezas, aprendizado e aperfeiçoamento constantes.

Este livro destaca algumas passagens de sua carreira militar, citando exemplos edificantes de diversos militares com os quais trabalhou e em especial aos quatro anos de seu tempo de cadete da Academia Militar das Agulhas Negras e sua escolha pelo Curso de Material Bélico. Trata-se de um relato de memórias onde o autor se desdobra em narrador e personagem, em um jogo literário às vezes nem tanto, mostrando os fatos de uma época, olhando-a do ponto de vista de observador geral dos momentos, mas também olhando para si mesmo como personagem que viveu os acontecimentos, recriados pelas lembranças suas e dos outros.

A obra é de agradável leitura e oferece contribuições significativas para conhecimento da vida do militar e da família militar, colocando em relevo os valores que são caros ao Exército e para o interessado militar um feliz reencontro com o passado, através de citações de fatos, de pessoas, de lugares que também pontuaram a vida de antigos habitantes do mundo verde-oliva.

Domingos Carlos de Campos Curado
General de Exército

APRESENTAÇÃO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Roberto Viana Maciel dos Santos, o “Baiano”, hoje General Maciel, me privilegia, solicitando que faça a apresentação de seu livro de memória.

A vida de cada um de nós é, em si mesma, ímpar e rica de ensinamentos. É de constante aperfeiçoamento humano, um permanente aprender para nós e para os outros. A contamos com certa frequência a filhos, amigos e circunstantes, mas poucos de nós a escrevemos, deixando registro das experiências vividas, ao mesmo tempo recordações, lembranças e lições. Lições sabidas, repetidas e... olvidadas. Por isso, sempre atuais e oportunas.

O “Baiano” atende aos apelos de amigos e à sua própria curiosidade e se dispõe a nos brindar com suas memórias, não cartoriais, mas conversando conosco. Essa a grande virtude do que o leitor encontrará, revivendo tudo aquilo que fez de Roberto Maciel o Maciel que conhecemos.

Mais novo que eu, ainda teve a ventura de ser criança e adolescente em um misto de rural e urbano engolido pelo asfalto e pela televisão, pelo progresso, pela pressa... a pressa que sequestrou o tempo que tínhamos para desfrutar... o tempo. A pressa que foi tirando de nós a conversa amena, o sorriso e a gargalhada, e nos atropelando com uma enxurrada de más notícias... Cada tempo, um tempo!

Deixando sua velha Bahia para trás, Maciel vai viver o nosso Exército, exército com nome e sobrenome – Exército Brasileiro – peculiar em tudo, até na guerra, “Braço forte, mão amiga”. E aí vem a “família militar”. Só quem a viveu e vive sabe o que é.

Semelhante a vida de todos nós, soldados, a de Maciel foi e é ímpar. Realizações, frustrações, alegrias, tristezas, aprendizado e aperfeiçoamento constantes, oportunidades, tudo isso vai se sucedendo graças ao nosso esforço e ao nosso Exército.

A memória traz uma multidão de companheiros – professores, instrutores, comandantes, subordinados – todos mestres da vida. Os episódios mais marcantes, os recordamos. Mas quantos outros ficam de fora? E ano após ano aprendemos que comando e hierarquia não são posição nem regalias, mas responsabilidade, que só pode ser exercida com dedicação e competência.

Maciel escolheu nos levar por onde andou e nos apresentar os personagens e protagonistas daquilo a que chamamos “vida militar” e “missão cumprida”. Todas essas lembranças dão sentido a nossas vidas.

Convido o leitor a acompanhar o general Maciel, o “Baiano”, em sua vida de baiano e de soldado. Façam-no de um fôlego ou percorrendo os lugares por onde ele passou segundo a sua curiosidade. Desfrutem as belas e sugestivas fotografias que enriquecem o texto. E não esqueçam o permanente aprendizado.

Coronel Luís Carlos Carneiro de Paula

DEDICATÓRIA

Antônio Cândido, tratando do significado de Raízes do Brasil, assim se expressou:

A certa altura da vida vai ficando possível dar balanço no passado sem cair em autocomplacência, pois o nosso testemunho se torna registro da experiência de muitos, de todos que, pertencendo ao que se denomina uma geração, julgam-se, a princípio, diferentes uns dos outros e vão, aos poucos, ficando tão iguais, que acabam desaparecendo como indivíduos para se dissolverem nas características gerais de sua época. Então, registrar o passado não é falar de si; é falar dos que participaram de uma certa ordem de interesses e de visão do mundo, no momento particular do tempo que se deseja evocar.

Este livro é dedicado à minha turma de AMAN, Humaitá, à minha geração, aos nossos formadores e aos que ajudamos a formar. À novíssima geração, sobretudo, na qual deposito todas as minhas esperanças!

Registro nesta página-dedicatória o meu agradecimento ao coronel Bordeira (Zeca, como meu pai) que lapidou este texto: fez leituras e releituras, corrigiu-me e fez valiosos acréscimos.

PREFÁCIO



Cinquenta anos depois, fundos do meu velho 6º Pelotão de Material Bélico, demolido, em Salvador (maré vazante), onde aportei aos 40 dias de casado, 2º tenente.

Sou leitor mediano, de livros bons, entretanto. Às vezes, dou uma parada mais longa nas leituras, saturado de informações, e me ponho à frente da TV, sacando com rapidez e disparando o controle remoto sem me fixar em quase nada. O Zé,¹ querido amigo que persigo, intelectualmente, sem nunca conseguir alcançar, aconselhou-me a ler, entre dois livros densos, algo leve, embora informativo. Esta a pretensão destes escritos que vocês têm em mãos, uma visita ao passado com delicadeza e alegria, quase sempre. Não é uma autobiografia, somente pedaços da pequena e não tão importante história que vivi, nas cidades e casas verde-oliva onde servi ao Brasil. Nem sempre sou o personagem principal, muitas vezes,

apenas um coletor, nem figurante! Aliás, há muitos figurantes mas não se liguem nos seus nomes; as suas histórias pessoais são importantes mas aqui atravessam o palco da minha vida, rapidamente, e só!

Completamos, eu e a Zeinha, cinquenta anos de casados nesse 19 de março de 2020. Diante do aborto de uma reunião familiar que nos reuniria na data dourada, fui incentivado a catalogar as minhas lembranças, que a desculpa de sempre (“Não tenho tempo”) não vale mais: tempo sobra! A reunião gorou porque o coronavírus tomou conta do mundo e nos obrigou à solidão. Considerei e reconsiderarei muito antes de decidir-me, mas tive presentes as histórias contadas por meu pai e o incentivo que lhe dava para pô-las no papel. Ele nunca o fez e elas para sempre estão perdidas, exceto algumas poucas que salvei na minha já falha memória.

Amador na escrita de textos longos, modelei o processo cronologicamente pelas muitas cidades em que vivi. É uma organização lógica e facilita encaixes e complementos feitos por outros parceiros. Deixa também, ao leitor, a possibilidade de saltar períodos inteiros, sem perda de substância.

Um amigo, argentino do sul, referia-se à sua mulher como *mi pareja*. Inicialmente eu achava um tanto grosseiro: “minha parelha” é uma maneira muito zoológica de referir-se à esposa, parceira de uma vida. Acostumei-me com o tempo; dá uma boa sonoridade no castelhano cantante, depois, é isto que um casal amante, integrado e duradouro é: uma parelha. Parelhas sabem andar juntas, juntas correr, frear, parar, pastar, descansar, e principalmente, dividir esforços e responsabilidades. Então, as *parejas*, não só a minha, são presenças importantes, as heroínas principais, as “mocinhas” destas memórias, histórias escolhidas, de onde pretendo que meus velhos amigos revivam tempos saudosos e os mais jovens colham algum ensinamento em meio à diversão.

Todos os fatos narrados são verdadeiros. Pode haver um pequeno exagero aqui ou acolá para enfatizar aspectos que julgo interessantes. Posso ter abrandado, pouquinho só, algum relato, pois a ideia não é criticar acidamente qualquer personagem, que estes são escritos de prazer, não de revanche. No início sou primeira pessoa do singular. Na medida que vou me tingindo de verde-oliva e a Maizé entra na minha vida, somos primeira pessoa do plural. No **nós** cabe muito mais gente!

Os capítulos iniciam, normalmente, com uma foto e um vocabulário facilitador, e terminam com mais fotos (amadoras!), quando houver e

outros anexos (foi impossível, todavia, não transgredir esta regra ao tratar da AMAN, da Amazônia e de Israel!). Tais juntadas podem não interessar a todos pelo que não estão no corpo, mesmo, do capítulo. Podem ser puladas, pois!

Note o leitor, que incorporei, ao escrever cada capítulo, o momento vivido. Assim, escreve o cadete, o capitão e o general, na linguagem própria de cada tempo.

Por fim, muitos haverão de julgar que há detalhes que poderiam ser suprimidos, mas livros são também desabaços e homenagens e detalhes, como nos disse o Rei na sua mais inspirada canção, “são coisas muito grandes para esquecer!”.

SUMÁRIO

1. MEMÓRIAS A GRANEL (1946-1954)	13
Antes de mim mesmo: coronel Sabino e seus jagunços; a profecia do Conselheiro e outras histórias do meu pai, juiz da roça (uma figura!).	
Zeinha, breve aparição.	
2. SERRINHA (1946-1954)	25
Meu sertão: menino, vejo a morte de trem; portas sempre abertas; <i>parejas</i> tudo superam.	
Minha mãe (figuraça!).	
3. SALVADOR (1954-1964)	35
Zeinha, paixão juvenil para toda a vida.	
Tinín, ventre-livre.	
O Colégio Militar e o “Barão”; Zum zaravalho!; Canudos.	
Breve memória de Março de 1964.	
4. RESENDE – AMAN (1965-1968)	61
Vida de Cadete – tempos inesquecíveis, amizades eternas.	
Academia Militar das Agulhas Negras: “Cadete! Ides comandar, aprendei a obedecer!”.	
General José Pessoa, Índia Velha, Abrão da B2 e outros personagens.	
Nomes próprios e impróprios.	
5. BARUERI (1969-1970)	99
A realidade da vida na tropa: uma expulsão a toque de caixa.	
Lamarca.	
Casei-me e “fui feliz para sempre” (Churchill).	
6. SALVADOR (1970-1976)	107
Bom filho à boa terra torna.	
Filhos, melhor tê-los logo: entre mamadeiras e fraldas não descartáveis.	
Estafa aos 30 anos! A Vila Militar.	
7. RIO DE JANEIRO – ESAO (1977)	117
Voltando aos bancos escolares.	
Como Rosa da Fonseca entra nestes escritos.	
8. CAMPO GRANDE (1978)	125
Nas franjas do Pantanal, caminhos históricos: da Retirada da Laguna a Rondon.	
Meu pequeno grande comando: a Companhia Depósito de Armamento e Munições (Cia DAM).	
Quer saber o que é saudade? Cel Gilson ensina.	
O general Hélio João Gomes e o coronel Torres de Melo.	
9. RESENDE, A VOLTA À AMAN (1979-1981)	137
Forjando a nova geração.	
Na dor, uma mulher “frágil” soergue a AMAN.	
Retalhos de um bandeirão verde.	
Na morte, o Corpo de Cadetes desfila, banda de música silente, só o tarol marca o passo até esvaziar o PTM (eu choro, até hoje!).	
10. RIO – ECEME (1982-1983)	149
Escola de Estado-Maior – o grande salto na carreira.	
A Praia Vermelha (PV), o edifício-morada (EPV) e o clube (CMPV).	

11. CAMPO GRANDE (1984)	157
De novo no Mato Grosso – ode ao Forte Coimbra: “Repelir o inimigo ou sepultar-se debaixo das ruínas do forte”.	
O general Everaldo.	
Acidente doméstico.	
12. RIO DE JANEIRO (1985-1986)	169
ESAO – Instrutor de meus cadetes.	
Incidente na curva Chico Viola (Via Dutra).	
13. SALVADOR (1987-1989)	175
Retornando ao meu “país” depois de dez anos.	
Morre meu pai; cerra as portas o CMS.	
Uma história do meu mano mais velho e duas histórias da FEB.	
14. RIO, ECEME, BMA (1989-1994)	181
Instrutor, comandante e aluno de pós-doutorado.	
Sem teto, espadas tilintam.	
General Mota e general Casales.	
O Patolino, ao vivo.	
15. ISRAEL (1995-1997)	197
Terra Santa, da discórdia ao começo da concórdia: Acordos de Oslo.	
Morte de Rabin, “filho de Israel, pai do seu futuro”.	
A visita do grande general Zenildo.	
Entre Pistoia e o Papa, preferi Miguel Pereira (Pistoia).	
16. BRASÍLIA (1997-1999)	235
Reencontros e desencontros. Na direção do Clube do Exército.	
Organizando a CLEA, conferência de Logística.	
O sopão de D. Ávila, do Brageto à Rodoferroviária.	
Promoção a general.	
17. MANAUS – AMAZÔNIA OCIDENTAL (1999-2000)	243
A selva nos une: “os rios comandam a vida”.	
Conheça a Cabeça do Cachorro e os Pelotões Especiais de Fronteira (PEF): Vida, Combate, Trabalho.	
A Força Aérea Brasileira na Amazônia.	
Histórias do general Lessa.	
General Marius e a memória de Rodrigo Otávio.	
18. BRASÍLIA (2001-2004)	269
De volta ao Forte Apache e à direção do Clube do Exército.	
Onde você estava no 11 de setembro de 2001?	
No Ministério da Defesa. A faxineira que amava Mozart.	
19. RIO DE JANEIRO (2004-2007)	279
Capitaneando a cultura do Exército. O que é cultura?	
Relembrando 1922.	
O Forte de Copacabana, o Monumento aos Pracinhas e outros espaços culturais.	
20. SALVADOR (2007-DEUS SABE QUANDO!)	295
Pasárgada é aqui.	
POSFÁCIO	300

1

MEMÓRIAS A GRANEL (1946-1954)

Antes de mim mesmo: coronel Sabino e seus jagunços; a profecia do Conselheiro e outras histórias do meu pai, juiz da roça (uma figural).

Zeinha, breve aparição.



Zé, bandeirante, aos treze anos: *Semper parata!*

Vocabulário

- Filar – em “baianês”, o mesmo que faltar.
- Secos e Molhados – supermercados pré-históricos, nada a ver com Ney Matogrosso.
- Vingar – sobreviver.
- Gaiolas – velhos barcos a vapor, de pás rotativas.
- Pongar – pegar veículo em movimento, pegar carona em um texto, também.
- Garantido e Caprichoso – grupos rivais da festa do Boi de Parintins.
- Soprar aboios – cantar canções guiando o gado que, mansamente, se conduz.

Em 20 de março de 1962, conheci a Maria José, que chamo de Zeinha, Maizé e, às vezes, só Zé. Voltarei a chamá-la “minha nega” ou “minha preta”, publicamente, ao bom jeito baiano, quando a pandemia do politicamente correto se extinguir! Um grupo de garotos estava reunido na entrada da Vila Militar, no bairro das Pitangueiras – doce perfume e sabor –, em Salvador, entre eles, um irmão da Zeinha e eu. Devia ser sábado ou domingo, pois era dia claro e a molecada não estaria filando aulas! Em frente à última casa da Vila, onde morava o temido capitão Pinto Coelho – olhos permanentemente vigilantes sobre a filha que adolescía bela – havia, e ainda há, uma enorme pé de cajá e à sua sombra fomos saborear os restos da festinha de aniversário da Zé, que na véspera fizera treze anos. Dali divisei-a, cabelo curtinho (estilo Joãozinho, chamava-se), na área de serviço de casa. Paixão juvenil é sonho, muitas vezes pesadelo e noites mal dormidas. Assim passou a ser a minha vida.

Tímido, aproximei-me ao longo de meses, de mansinho. Passamos a um namoro, namoro de encontros escondidos e breves, sempre apressados. Duas crianças! Às terças-feiras, pegávamos uma lotação, a “van” daqueles dias, e íamos a São Francisco, a rica igreja barroca baiana onde se faziam orações casamenteiras a Santo Antônio; aos sábados, eu a acompanhava até o portão da casa onde as Bandeirantes se reuniam. Ela adorava o bandeirantismo; eu detestava, particularmente porque os escoteiros, a sua versão masculina, ficavam ciscando em torno da bela.

Baden Powel criou o escotismo, ensinando a meninos os truques da vida em campanha, a disciplina e a honra, preparando-os para a dureza que iriam enfrentar, já adultos, na defesa do Império Britânico. BP, como era conhecido, foi um magnífico general, talvez o maior herói inglês do seu tempo, o comandante que resistiu por mais de duzentos dias, com 800 homens, ao cerco de Mafeking, a quase 10.000 inimigos, na guerra dos Boers.² *Be Prepared*, lema do escotismo em todo o mundo, não por acaso está resumido nas suas iniciais, **BP**! Sempre Alerta, em português!

Eu era aluno do Colégio Militar de Salvador (CMS), perto da Vila e da minha própria casa. Era um tremendo CDF. Também pudera; não sabia jogar bola, nem mesmo bola de gude! Meu pai, por seu lado, em

2 Guerra travada entre colonos e o exército inglês, no sul da África no final do século XIX.

criança, tivera paralisia infantil, o que o deixou com dificuldades motores à esquerda do corpo. O pai, vê-se logo, não era dado aos esportes mas ensinou-me xadrez e gamão, tradicionais jogos de salão. Abominava o carteadado, onde se perdia dinheiro e caráter, dizia ele. Sua vida eram os livros, muitos de Direito, a que o obrigava a profissão de magistrado. Tínhamos uma vasta biblioteca montada na sua garagem-escritório e eu tinha prazer enorme em abrir e folhear livros, e lê-los, segundo as indicações contidas nas suas orelhas.

Um querido tio, solteiro, aí por 1959, 1960, mudara-se para os Estados Unidos e nos deixara uma pequena mas adorável coletânea de livros, onde encontrei e li (com que prazer eu li!) *O Encontro Marcado*, de Fernando Sabino, que voltaria a ler, por imposição do mestre Panizzutti, na AMAN. Restou até hoje a frase síntese da decisão do jovem, particularmente, do cadete, em grupo: “Não analisa!”, vale dizer, vamos em frente, pense muito não!

Aos doze anos estava lendo *Naná*, de Émile Zola, celebrado escritor e repórter que envolveu-se profundamente no julgamento do capitão Dreyfus, oficial francês, judeu, acusado de traição. Mesmo nunca mais tendo voltado a *Naná*, lembro que era um livro pesado para a minha idade e talvez por isso mesmo me tenha atraído. Lia deitado quando pela porta do meu quarto passou a minha irmã, professora, e vendo-me preso à leitura, tomou-me o livro, espantou-se, pegou-me pelo braço e levou-me ao meu pai, que, sentado à sua escrivaninha, estudava algum processo. A acusadora bradava, o réu tremia e meu pai, juiz austero mas justo, inquiria-me e ensinava-me o valor inestimável da liberdade:

- Está lendo *Naná*, filho?
- Estou...
- Está gostando?
- Mais ou menos...
- Está entendendo?
- Mais ou menos...

Mandou devolver-me o livro e assim, explicitamente, resolveu-se a questão da censura na minha casa. Tornei-me leitor voraz e fui aos pou-

cos refinando o meu gosto, abandonando os livros de sabor mais erótico, na medida que os hormônios foram se equilibrando.

O meu pai, José (Zeca) Maciel, era uma figura! Amorenado e capenga, foi namorado na juventude e casou-se duas vezes com mulheres muito bonitas de Juazeiro da Bahia, onde foi Promotor e Juiz de Direito. Contador de “causos” reais, tinha repertório variado e quando os repetia, sempre havia um novo floreio. Lampião e o moleque Volta Seca,³ que a ele entregou-se, Promotor de Justiça num destes sertões (Virgulino já morto), Revolução de 30, Coluna Prestes, tudo viveu em Juazeiro e regiões próximas, fronteira com Pernambuco, Sergipe e Minas. Nunca o vi pronunciar um palavrão e sorria, meio encabulado – aí não gargalhava, ele que era contagiante gargalhador – quando lhe contavam histórias pouco sutis de apelo sexual e palavreado chulo. Gostava de soprar aboios e cantos sertanejos como o ABC (do Amor) Nordestino:⁴

A letra A quer dizer amor perfeito, a letra B quer dizer bem te querer, a letra C quer dizer és carinhosa, a letra D Deus te conserve formosa.

(...)

A letra Mê quer dizer manda-me um beijo, a letra Nê quer dizer na liberdade, a letra O quer dizer ó linda e bela e a letra P para mim os zoio dela...

Contava da profecia do beato Conselheiro, sertão virando mar, antes que Remanso, Casa Nova, Sento Sé e outras tantas cidadezinhas em que ele exercera a magistratura submergissem para que surgisse o grande lago de Sobradinho, já na década de 1970, alimentando as possantes máquinas

3 O apelido mesmo era Bosta Seca mas a imprensa pundonorosa da época preferia o eufemismo.

4 A minha mãe faleceu já finalizados estes meus escritos. Entre os seus guardados encontrei todo o ABC original, com a seguinte mensagem: “Cantado em 1915, na fazenda Tanquinho, em Santa Luzia, Bahia, no casamento de Josefa (Senhora) filha do vaqueiro João”. Meu pai tinha doze anos e bem depois resgatou esta cantoria. Amava o vaqueiro João que ensinou o menino capenga e desajeitado a montar.

de Paulo Afonso, ávidas por muita água.⁵ Volto a ele depois, agora fico com o seu pai.

Manoel Sabino dos Santos, meu avô, era um “dos Santos” qualquer: mulato, baixo e feio. Morreu antes que eu nascesse mas deixou uma fotografia que, disse a Zeca, deveria ser mostrada aos netos em lugar de cantar o “boi da cara preta”, pois os calaria bem mais rápido. Ao longo dos trilhos da Rede Ferroviária Federal Leste Brasileira (Leste), que ligava Salvador a Juazeiro, nas barrancas do S. Francisco, montou um pequeno negócio de “secos e molhados”, comprou uma fazendinha em Santa Luzia, hoje Santa Luz e, trabalhando com afinco, prosperou. Um dia ganhou na loteria federal sozinho e, assim, multiplicou seus haveres. Rico, embranqueceu e tornou-se belo, perdoem-me a incorreção política! Foi atrás de mulher bonita e prendada para casar. Cecília Portela Maciel, de Irará, aceitou-o, melhor, os pais de Cecília aceitaram-no, e embora tenha ela dado o seu nome à descendência dos dois (somos todos Maciel), até a geração dos meus filhos, nós homens conservamos o **dos Santos**, do avô sem berço, para lembrar de onde viemos.

Cecília era novinha, treze para quatorze anos, mas no “tempo antigo” casava-se muito jovem, para gerar prole extensa, criar os que vingavam, com alguma sorte privar com os primeiros netos e cedo morrer. Sabino abancou-se em Santa Luz e, tempos depois, em Juazeiro, como cessionário da navegação do rio São Francisco, com suas belas gaiolas, à semelhança do Mississipi, transitando de Juazeiro a Pirapora (MG), rio acima. Não sendo doutor, Sabino comprou patente de coronel da Guarda Nacional, título simbólico que envolvia poder à custa de jagunços. Certa vez meu pai, juiz de Juazeiro, foi procurado por um ferroviário que lhe soprou que Sabino mandara vir do seu reduto, Santa Luzia, dois irmãos, Ponteiro e Relógio, que com estes apelidos podiam ser tudo, menos cidadãos ordeiros. Inquirido pelo juiz e filho, o velho coronel disse que sofrera acidente ferroviário (verdade), desacordado levaram seus documentos e dinheiro (verdade) e o retrato da bela Cecília (verdade) que, espalharam os bandidos “safados, descarados e merecedores da morte”, seria amante de um deles. Meu pai sorria mas nunca concluía esta história muitas vezes repetida. Teriam Ponteiro e Relógio feito o “serviço” na hora certa? Há

5 A profecia é mais bem contada quando cantada em Sobradinho, versos de Sá e Guarabira.

outros casos na conta de Sabino, mas ele pongou nessas memórias como raiz profunda, apenas. Indo ao final desse bloco, Sabino comprou casa em Salvador, no Caquende, um canto do bairro de Nazaré, e plantou ali Cecília e a meninada para educá-los. O casarão ainda lá está, hoje ocupado pela Escola Eletromecânica da Bahia.

Leonídia Evangelista foi a primeira mulher de meu pai, morreu cedo e deixou-me dois irmãos, Paulo e Lúcia. Numa malhação de Judas em que se recitava o testamento do traidor, registrou Zeca:

*Para Paulinho e Lucinha,
Meninos bons e educados,
Deixo dois brinquedos velhos,
Completamente quebrados.*

D. Leonídia merecia espaço na nossa casa num retrato de casamento, se não me engano, no corredor. Depois mudou-se para o quarto de Lucinha e para a sua casa, quando ela construiu família. Falávamos dela com respeito e muita, muita pena. Ficara tuberculosa, e meu pai mudou-se para Barro Vermelho, popularmente chamado Piranga, de clima melhor, subúrbio de Juazeiro. Contava-nos Zeca que se deslocava para o trabalho de *trolley*, um vagãozinho ferroviário sem cobertura, movido a braço por dois homens. Meus irmãos, seus filhos, ficavam em Juazeiro cuidados pelo avô, Meu Tonho, coronelzão, de quem meu pai muito gostava, e pelas tias. Os meninos, em visita à mãe, eram tocados por ela com uma varinha longa para não se aproximarem. A vareta tinha o condão de transmitir carinho e amor. Nunca falei disso com os meus irmãos; mesmo criança, essa história me causava muita emoção.

Falecida D. Leonídia e passado o tempo de respeitoso resguardo, meu pai casou-se de novo, sob críticas e obstáculos do pai e irmãos de Ruth, minha mãe, e de parentes de Leonídia, apoiada apenas pela irmã mais velha, Marcolina (Cocó) Viana, que amava acima de todos, como uma filha ama uma boa mãe. Só de Cocó aceitava reprimendas, até porque Zeca nunca queria com ela entrar em discussão. Ressalte-se que as duas mulheres do meu pai pertenciam a times rivais, a duas filarmônicas em torno das quais se faziam amizades, política e casamentos. Em uma cidade do interior, é como Flamengo *versus* Fluminense, Garantido e Capri-

choso... Da doença de D. Leonídia surgiu o hábito imposto a todos nós de lavagem de mãos e rosto seguidas vezes ao dia, nada a ver com estes tempos de pandemia.

Ruth, minha mãe, foi criada por Cocó. Nunca entendi por que, ao casar-se, esta minha tia e madrinha levou junto minha mãe, garota de oito anos. Afinal, ela foi morar na mesma praça à beira do S. Francisco, em que viviam os pais. Talvez a prole grande de Artur (Padre) Viana não fosse saudável para aquela menina. Minha mãe era muito bonita, voluntariosa e ambiciosa. Difícil controlá-la, mesmo hoje, perto do centenário, vivendo da cama para a cadeira de rodas e, a maior parte do tempo, em casa.⁶ Casou-se aos vinte anos (Zeca 41), em 25 de outubro de 1944. Seguiu-se à cerimônia o embarque no trem para Serrinha onde meu pai assumiria o cargo de Juiz de Direito. Creio que a mudança de sede foi encomendada para um recomeço longe das tensões familiares. Quando voltou a Juazeiro, e só o fez alguns anos depois, Ruth era senhora do seu nariz, adulada e admirada por todos. A minha mãe é ainda hoje uma conquistadora: sabe abordar, rogar ou impor. Menino, lembro que pedíamos a benção ao pai e recebíamos um “Deus te abençoe!”. Dela, sempre, “Deus te faça um grande homem!”. Poder, era o que almejava para si e para os seus.

A Zeinha vai falar um pouquinho

Perguntei a Beto⁷ o que poderia falar neste livro-memória. Respondeu-me que são meus os direitos autorais, então, o que eu quisesse.

Fui boa escritora de cartas, agora de e-mails e xaps. Nunca escrevi textos longos. Vou melhor em danças e cantorias, e por aí começo.

Lá na minha meninice eram outras as brincadeiras mas a primeira, que aproximava meninos e meninas, era brincar de roda. Oportunidade de pegar na mão da garota ou do garoto que a gente olhava com interesse. Era tão bom o tempo em que

6 A mãe faleceu de COVID, já pronto, mas não publicado, este livro, em 16 de maio de 2021.

7 Beto sou eu, que assino este texto. Também sou Roberto, Baiano e, por último, Maciel.

ansiosa e recatadamente esperávamos o toque de mão... Uma vitória! Havia uma cantiga de roda que dizia assim:

*Eu morava na areia, sereia,
Me mudei para o sertão, sereia,
Aprendi a namorar, sereia,
Com um aperto de mão, ó se-rei-á!*

E do desafio, a menina tirava o verso:

*Namorei um garotinho, sereia,
Do Colégio Militar, sereia,
O danado do garoto, sereia,
Só queria me beijar, ó se-rei-á!*

Foi assim: dois meninos de 13 e 15 anos que se apaixonaram, brigavam por ciúmes, se buscavam para a paz e se beijaram pela primeira vez na partida de Beto para a AMAN.

Meu pai era militar, o que me fez uma mulher resolvida e responsável. Fui feliz no meu primeiro lar. Seguir na farda era a certeza da felicidade continuada.

Anexo 1 – Fotos



Primeira gaiola virou monumento. No alto, Zeinha e o mano Paulo.



Gaiola tipo Mississippi.



Trolley



Ponte Petrolina-Juazeiro, eu e o mano Paulo na sua penúltima viagem...

2

SERRINHA (1946-1954)

Meu sertão: menino, vejo a morte de trem; portas sempre abertas; *parejas* tudo superam.

Minha mãe (figuraça)!



O coreto, a igreja e, à direita, fora da foto, a praça.

Vocabulário

– Marinete é ônibus modelo antigo, motor fora da cabine, bagagem no teto.

– Arreliar – igual a pirraçar.

– Água de gasto – água limpa, mas não para beber.

– Carotes – pequenos barris de madeira, de 20 litros mais ou menos.

– Aguadeiro – o provedor de água, no burrico, quatro carotes por viagem.

– Ginásio, os mais velhos lembram, correspondia aos últimos anos do, hoje, ensino fundamental.

– Porreta – em “baianês”, é uma coisa muito boa!

– Primígeno – o primeiro da espécie.

– Tabaréu – sinônimo de caipira.

– Chorona – musicista de excelência no “chorinho”.

Viveram meus pais em Serrinha durante dez anos a partir de 1944. Lá nasci em 1946, no mesmo dia em que eles fizeram dois anos de casados. Mudei-me para Salvador aos oito anos, mas lembranças marcantes daquele sertão me acompanham até hoje.

Morava na praça principal, então Manoel Vitorino, num simpático sobradinho, que ainda lá está, bem cuidado, externamente. O primeiro cômodo da casa era o escritório do meu pai, Juiz de Direito da comarca. A porta da rua estava sempre aberta, houvesse ou não pessoas ali, até que num sábado de feira-livre alguém furtou um belo aquário redondo, habitado por peixes, da minha mãe. Não lembro dos peixes. Não seriam coloridos, mas pés duro de alguma aguada próxima. Lembro, entretanto, da minha mãe indignada, fechando a porta para evitar novos sumiços e da reação do meu pai, que quase tudo permitia à sua jovem e determinada mulher. “A porta permanece aberta, a casa do juiz precisa ser acessível a todos que buscam justiça, não só aos amigos, não só aos poderosos.” A frase ouvida por este moleque de não mais que sete anos marcou-me para sempre. Como chefe militar mantive a minha permanentemente escancarada. Quem tivesse coragem de entrar sem seguir a cadeia de comando é que tinha muita precisão de falar comigo. Atravessasse, pois, a soleira.

Em Serrinha nasceu meu irmão José Maciel dos Santos Filho, em 16 de julho de 1950, minha primeira lembrança datada (tinha eu três anos e nove meses), mesmo dia do fracasso brasileiro na Copa, num Maracanã pronto para a grande festa.

Serrinha, hoje da vaquejada, no passado da seda e do sisal, faz-me lembrar coisas importantes para a minha formação e a realidade, a dureza da vida. Um dia qualquer, olhando a pracinha da cidade da janela do sobrado onde morávamos, vi assustado, e lembro claramente, a fachada das casas vizinhas inclinando-se à frente e rapidamente, voltando ao prumo e um fortíssimo estrondo: explodira uma máquina a vapor na estação ferroviária, a mais de um quilômetro de distância! Seguiu-se um reboliço na praça e depois, corpos nos braços de pessoas sendo levados à farmácia, único local, na cidade sem médicos, onde poderia ser buscado algum socorro. Dia seguinte, acompanhado de uma babá, fui ao enterro de um “anjinho”, no seu pequeno caixão branco. Meus pais não me poupavam dessas visões. A morte é presença na vida, aprendi ali. Da catástrofe restou um medo: não me aproximo de locomotivas. Sei bem que as máquinas a vapor são qual mil painéis de pressão que, embora com muitas

válvulas de segurança, já eram arcaicas naqueles anos 1950. Mas não há razão, senão psicológica, para manter-me longe das locomotivas a diesel ou elétricas. O trauma permanece!

O trem era a única ligação contínua com Salvador. Meu pai, mais de uma vez, ao viajar em horário distinto do trem diário, pegava carona em caminhões para alcançar a capital, até que foi criada uma linha de ônibus, tipo marinete, correndo por rodagem precária. A Leste era a modernidade, com oficinas, uma bela estação, hora certa e um amplo hotel. Fornecia, também, luz elétrica vinte e quatro horas para alguns moradores próximos e privilegiados. O trem de ferro (chegou na estação parou, bebe água quando quer, bebe água quando quer, dizia uma cançoneta) nos levava numa viagem deliciosa até Juazeiro, terra da minha mãe e adotiva do meu pai. Passávamos em cidadezinhas do sertão, onde parávamos e, por vezes, fazíamos refeições, comprávamos frutas e outras comidinhas, meio de vida de muitos pobres daqueles rincões paupérrimos, até chegarmos, mais de doze horas depois, na bela Juazeiro, à beira do Velho Chico.

Serrinha também tinha o seu maluquinho oficial, como diz Suassuna ter toda cidade. Chamavam-no Paco Subico e quando lhe cantavam o versinho: Paco Subico, lelê jurubeba, pega no pau que o bicho te pega, ficava enlouquecido e corria atrás das pessoas que lhe arreliavam. Eu tinha medo! Ele vivia num porão imundo, embaixo do coreto da praça. Pela mão de meu pai, um dia fui tomar mingau, muito cedo, num tabuleiro de baiana na frente da igreja e ele estava por lá. Meu pai aproximou-se, perguntou-lhe o nome (Ângelo) e o apresentou a mim: “Este é Seu Ângelo, Roberto”. Tomou mingau conosco e passou a cumprimentar-me e perguntar como estava o “doutor”. Não era doido de todo, apenas um pobre homem sem nada e sem ninguém e tudo esmolava, a começar por respeito.

A cidade só tinha luz das seis da tarde às dez da noite. Da ferroviária, certo dia, vi chegar, com surpresa, à minha casa, uma caixa enorme. Achei que ali tinha um bandido preso pelo juiz. Era apenas, na verdade, um assombro para aquele interior, uma geladeira à querosene, que chamávamos geladeira a gás. Veio conosco para Salvador, tempos depois, e bem nos serviu até que o pai recebeu uma pequena herança e trocou por uma moderna Frigidaire.

A cidade não tinha água encanada, daí uma carga de água de gasto nos era trazida todos os dias, em pequenos carotes de madeira, no lombo

de um burrico tocado por um **aguadeiro**. A água para beber, de outra fonte, vinha sempre que necessário. Não lembro de filtros nesta época... nem de doenças causadas pela sua falta.

O pai de Maria, minha babá, chamava-se Antônio. O nome vinha com o aposto: Antônio, o **ganhador**. Transportava, em um tosco carrinho de mão, as malas da estação ferroviária até a casa dos que contratavam o seu serviço. Muito tempo depois vi o termo num livro. Ganhador era o escravo alugado pelo seu dono para trabalhar para outra pessoa. Ganhava a meia ou a terça do seu suor. “Mais valia” é isso aí! Não, Antônio não havia sido escravo, talvez o pai o tivesse e ele, menino livre, o ajudasse, herdando o posto de trabalho e o apelido.

O sobradinho em que morei tinha história. Meu pai contava que da sua sacada superior Rui Barbosa discursara durante a campanha civilista, quando já se iniciara e prosseguiria pelo século seguinte em que vivemos, o hábito de preferirmos não eleger o melhor para presidir-nos, daquela vez, o próprio Rui. O sobrado era enquadrado por dois outros. Em um deles morava o dentista da cidade que lecionava inglês no ginásio local, recém-inaugurado, funcionando no prédio da Sericicultura, estação experimental governamental para a produção de seda, fechada, parece-me, pelo avanço dos tecidos sintéticos. O filho dele ensinou-me que Popeye lê-se Popai e que John Wayne, o cowboy, não se fala João Vane. Inglês é uma língua “porreta”, eu pensava, basta mudar o jeito de falar que a gente entende tudo!

Dr. Palma, este era o nome do dentista, tinha o consultório no primeiro cômodo da casa e no entra e sai com os seus filhos era possível vê-lo trabalhar. Eu achava muito bonito ele pedalando um equipamento, numa cadência constante (como nas velhas máquinas de costura), para fazer, mecanicamente, a broca girar e aumentar a área cariada dos dentes antes de obturar a cavidade. Morreu cedo e nunca mais soube dos seus filhos.

Lídia Hortélio (mãe de uma espetacular flautista “chorona”) que ainda hoje persegue memórias das catingas, ensinava iniciação musical aos meninos da cidade. Lídia ensinava piano, tinha eu uns cinco, seis anos, e formou uma bandinha na qual eu tocava tambor, instrumento que viria a tocar na fanfarra do Colégio Militar (CM), anos depois. Tambor ficou sendo, para mim, o instrumento dos sem talento. Do piano restaram as notas musicais e o gosto pela sonoridade única. Piano, para mim, mais tarde, virou Chopin.

Eu tinha primos (Luiz, Tonho Neto, Tereza e Tânia), filhos da querida tia Ivone, prima do meu pai. Quando meu pai teve que fazer delicada cirurgia no Rio de Janeiro acompanhado por minha mãe, tia Ivone cuidou de mim como mais um filho e de vez em quando obrigava-me a escrever uma carta para eles. Não senti falta dos meus pais, a minha cidadezinha zelava por mim, filho do seu juiz. Este fato ocorreu em 1953 ou 1954.

Meu pai perdia a visão rapidamente. Médicos consultados em Salvador não atinavam com as razões, apenas os óculos iam aumentando o grau. Santa Luz, ainda Santa Luzia naquele tempo, a santa dos olhos, berço do meu pai – hoje o Fórum da comarca leva o seu nome – estava sem juiz e para lá seguiu o Dr. Zeca Maciel a fim de presidir um júri. Encontrava-se na cidade o Dr. Leitão Guerra, primígeno dos Guerra, dinastia baiana dedicada à oftalmologia. Conversa vai, conversa vem, não era bem uma consulta mas um bate papo entre patrícios, Guerra sugeriu que o pai teria, provavelmente, um tumor no cérebro. Indicou-lhe um radiologista em Salvador e um médico de sua confiança em busca de uma outra opinião. Confirmado! Seguiu Zeca para o Rio de Janeiro e lá foi ter com Paulo Niemeyer, o primeiro, que lhe arrancou um “limão” da cabeça (a mãe prefere, com exagero, laranja; pequena, vá lá!). A visão estacionou mas ele perdeu totalmente o olfato. Poucos sabores são sentidos pelo paladar, todas as suas variações vêm do olfato, mas o meu velho, até o fim da vida saboreava as suas iguarias preferidas valendo-se da memória. Ver meu pai e minha mãe contar esta odisseia, dois tabaréus saídos de Serrinha para o Rio, quatro meses de ausência, sendo dois, na volta, à espera de um navio, pois não viajavam de avião, sempre foi, para mim, uma prova de coragem, destemor e fé. Sem plano de saúde ou saúde pública decente no Brasil, o pobre juiz ficou ainda mais pobre, desfazendo-se do resto da pequena herança paterna, que ainda conservava, dividida por tantos filhos de Sabino. As *parejas* unidas tudo superam!

Um pouco de Ruth, minha mãe. Nunca falava do passado e das dificuldades vencidas com a ajuda única das irmãs, Cocó, que a criou, e Mariá. Sei que o meu avô, Padre de apelido, foi escalado pelo pai para ser religioso. Os outros três irmãos seriam médico, advogado e engenheiro. Ser padre é dura opção que obriga a pessoa a abdicar de muitos prazeres. Então, para isso deve haver vocação testada em anos de seminário voluntário. Artur – nome real do vô – cedo foi reprovado no teste, mas incorporou a alcunha. Ele tinha uma frota de carroças que seriam os

pequenos caminhões de hoje. Cheguei a vê-lo uma vez, mas dele não se falava na minha casa. As relações com a filha rebelde nunca foram boas e devem ter-se deteriorado por ocasião do casamento, afinal meu pai era vinte anos mais velho que Ruth, dois filhos nas costas, amulatado, capenga... Ser autoridade e estabelecido na vida parecia não compensar as desvantagens. Ademais, contavam que a minha avó era um santa e este padre não rezava muito aos seus pés. Quando a vó Corina faleceu, Ruth tinha 15 anos e ainda que chorosa, no mesmo dia, antes do enterro, pegou o barco a vela que fazia a travessia do S. Francisco e foi a aula em Petrolina (a ponte não existia), onde estudava: era dia de prova.

Depois de um par de anos de casada, minha mãe apoderou-se da vida de meu pai e, voltando a Juazeiro, tinha pisada firme e entestou cada desafeto. Não brigou, ganhou, digamos, por WO. Até o padre da cidade – meus pais por lá, em férias – que no meio do sermão a criticou por exibir esplendorosa beleza sem o casto véu, teve a missa interrompida por Zeca, que fez-lhe um contrassermão e deu-lhe um puxão de orelhas, retirando-se o casal da igreja em sinal de protesto. Só aumentou a fama dela na cidadezinha! À herança do meu avô renunciou (ouvi dizer certa vez e apenas daquela vez) em benefício dos sobrinhos, filhos de Cocó, seus “irmãos mais novos”, que ajudou a criar!

Um amigo mais velho, rapazinho quando meu pai assumiu a judicatura em Serrinha, disse-me que a menina (20 anos!) com seu mais de metro e setenta e cinco, era maravilhosa, porte de deusa e olhar soberano. Não dava “bandeira” nem ousadia! Até os primos de meu pai tratavam-na de Dona, enquanto meu pai era simplesmente Zeca. Depois de dez anos em Serrinha, nos mudamos para Salvador e fomos morar no bairro de Brotas, em seguida, nas Pitangueiras. Deixemos Ruth arrumando a sua bagagem em Serrinha e lá adiante voltaremos a ter com ela.

Anexo 1 – Fotos



Jeguinho e os carotes.



O “nosso” sobradinho, hoje!



Meus pais (a mãe danada de bonita) e eu.

3

SALVADOR (1954-1964)

Zeinha, paixão juvenil para toda a vida.

Tinin, ventre-livre.

O Colégio Militar e o “Barão”; Zum zaravalho!; Canudos.

Breve memória de março de 1964.



Salvador cidade velha (cidade alta e cidade baixa).

Vocabulário

– Miranda – adornos físicos, palpáveis, que se juntam à colenda e impõem respeito e credibilidade a pessoas e instituições.⁸

– Colenda – tem a ver com a competência, o saber para o exercício de uma função.

– Ventre-livre – lei da época do Império (1871) que declarava não escravos os filhos dos cativos nascidos a partir de então.

– Buraco Negro é região no espaço de altíssima gravidade. Suga o que está próximo, ali existe o nada.

– “Já o não sou” é a próclise mais elegante que conheço na língua portuguesa, em *A Abóboda do Capítulo*, de Herculano, se bem me lembro!

– Cadinho – ali se fundiam os metais nobres, o que o Colégio Militar pretende fazer de nós.

8 Termo não dicionarizado empregado por um intelectual em palestra no início dos anos 1970. É a farda, medalhas, a batina, a gravata...

- 2 de Julho de 1823 é a data magna baiana, Independência da Bahia.⁹
- Pacote – barco a vapor.
- Bombeiro – aluno do CMRJ pela farda característica; na Bahia, baileiro.
- Levar taboca – ter negada a dança.
- Instrutor/Monitor – oficial e sargento professores de matérias militares.

Em Salvador, para onde mudei-me aos oito anos, fui criado e enraizei-me. Digo, mais ou menos, que milico perde as raízes com o tempo. Fomos morar numa casa simples, um bangalô com uma varandinha à frente, no Acupe de Brotas, bairro classe média “média”. Morávamos perto do Brongo, um grotão onde fluíam pequenos córregos cheios de girinos e onde havia muitas hortas.. Era então habitado por pobres e negros, uma favela.

Belo dia, depois de enfrentar o ladeirão do Brongo rumo ao alto – Brotas é uma longa colina –, uma preta velha, com sua bata imaculadamente branca e tabuleiro na cabeça apoiado sobre um rolete de pano, parou na porta da nossa casa, arriou o tabuleiro na mureta da varanda e pediu água. Veio a água. A casa, porta aberta, sempre, tinha na primeira sala o escritório do juiz. Dali Zeca enxergou o tabuleiro e aproximou-se atizado pelo cheiro (que não sentia mas adivinhava!) dos acarajés, abarás e cocadas. A negra, ao vê-lo, começou a chorar, saudou-o com “Nhô Zeca” e meu pai a chorar junto. Era Tinin, sua babá, que desde há muito não via. “Ventre-Livre!”, disse-me depois meu pai. Traduzindo, Tinin era filha de algum cativo do meu avô mas, nascida sob a nova lei, crescera na casa grande prestando serviços qual escrava, embora sem sujeitar-se aos pesados maus tratos ou venda, como animal, agora ilegais. Tinin, ao passar todos os dias pela nossa porta, nos deixava algum quitute, e para o meu pai, especialmente, um quebra-queixo (cocada dura danada) de gengibre que ele adorava. Aí seguia para o seu ganho. **Tinin, ventre-livre!...**

9 As tropas portuguesas concentradas na Bahia foram expulsas sob fogo e sangue. Joana Angélica, freira valente que ofereceu-se à morte, Maria Quitéria e Maria Felipa, matadoras, heroínas caboclas, foram os nomes guardados. Aos heróis masculinos dá-se menos destaque.

Salvador era uma cidade pequena e provinciana. Tínhamos bondes que passavam na maioria dos bairros, ônibus que encurtavam caminhos mas penavam nas ladeiras e alguns poucos “carros de praça”, os táxis de então. Havia o Elevador Lacerda que, na cidade-alta, ainda hoje hospeda, à sua entrada, a sorveteria Cubana (linda vista da cidade-baixa, o Forte do Mar, “umbigo” da Bahia, em primeiro plano), cujo proprietário veio a ser nosso vizinho, seu Albino, um espanhol, exemplo de *self made man*. Um homem admirável! A cidade velha – Pelourinho e adjacências – era decadente; na Baixa dos Sapateiros, o comércio popular; em S. Pedro, o bom comércio; na Graça, viviam as famílias nobres e na Barra, os novos ricos.

Morei em Brotas até os onze anos. Estudei em um colégio novo que a grande mestra Anfrísia Santiago há pouco inaugurara no bairro. Deste tempo ficou-me o primeiro grande amigo, Paulo Dacach. Juntos seguimos para o Colégio Militar de Salvador (CMS) que tanto amamos e fraternalmente ligados permanecemos até hoje, ele civil, eu militar, mas cultivando os mesmos valores.

O meu pai, em 1957, levou um tombo em casa e fraturou o fêmur. Internação, operação e longo processo de recuperação. Ainda no hospital foi visitado pelo velho amigo, coronel Antônio Bendochi Alves, comandante do 19º Batalhão de Caçadores (19º BC), Batalhão Pirajá, dos “Periquitos”, herdeiro dos heróis do 2 de Julho de 1823.

Um largo parênteses para lembrar trecho do Hino ao Senhor do Bonfim, instituído em 1923, cem anos da Independência da Bahia, daqui a pouco 200, com o **Senhor do Bonfim, guerreiro, lutando do nosso lado... É!**

*Glória a ti neste dia de glória
Glória a Ti redentor que há cem anos
Nossos pais conduzíste à vitória
Pelos mares e campos baianos.*

*Nesta sagrada colina
Mansão da misericórdia
Dá-nos a graça divina
Da justiça e da vitória.*

(Pode uma tropa marchar e cantar este hino religioso-patriótico, entretanto isso não é feito para não parecer profanação. Mas cantá-lo em encontro de trios elétricos nas quartas de cinzas, final dos carnavais, é elogiado!)

Engessado do peito para baixo – uma das pernas até o joelho apenas, uma barra de ferro a separá-las – Zeca apelou à piedade de Bendo-chi. Que arranjasse uma vaga para mim no Colégio Militar de Salvador (CMS), recém-inaugurado. Disse-lhe o poderoso coronel: “Zeca, me dá os documentos e eu faço a inscrição. O resto é com o menino e Ruth”. Assim já era o Exército e que assim sempre seja.

Preparando-me para o concurso ao CMS e minha mãe mais que esperançosa, segura da minha admissão, nos mudamos para as Pitangueiras, pertinho do Colégio e da Zeinha, que ainda não chegara a Salvador, vivente em Porto União, Santa Catarina. Mas o encontro já estava marcado pelo destino. Fomos morar na Otaviano Pimenta, uma rua de casas novas e jovens famílias. A maioria da garotada era da idade do meu irmão, quatro anos mais novo, exceto Verinha que permaneceu amiga até a morte e Luiz D’El Rey, que em 1961 foi morar em Brasília, recém-inaugurada, com o irmão.

Estudar para o exame de admissão ao CM foi uma doideira. Minha mãe nunca soube cozinhar, costurar, lavar ou passar, prendas domésticas zero; mas em matéria de estudo era braba. A sua didática peculiar era binária, tudo ou nada: errou uma resposta, mesmo à derradeira pergunta, estuda tudo de novo e começamos outra rodada. Assim, sem dificuldades, entrei para o Colégio Militar em 1958. O ginásio era uma outra vida, no CM, ainda mais original. Uniforme, ordem unida, número e nome de guerra, continência, formatura e professores vindos do Rio de Janeiro, numa exigência desconhecida em Salvador. Cada estado brasileiro era um país em estágio distinto de civilização. Hoje falamos o idioma Global, muitas vezes mal traduzido.

A Maria José nasceu no Rio de Janeiro, no histórico Hospital Central do Exército (HCE), talvez o mais antigo do Brasil (1768), em uma das passadas do pai por lá. Pinto Coelho, nome de guerra de Moacyr, também conhecido por PC, tem uma história de vida interessante. É filho de um engenheiro eletricitista que implantou e dirigiu Bananeiras por muito tempo e fundou, também, a Escola Eletromecânica da Bahia,

hoje, casualmente, hospedada na velha casa de Sabino, pai do meu pai, no Caquende. Bananeiras foi a primeira usina hidrelétrica da Bahia, Paulo Afonso era sonho, nem projeto.

Lembro-me, menino em Serrinha, aí por 1954, de uma reunião na casa do prefeito, Carlos Mota, casado com a tia Ivone, fazendo com amigos uma vaquinha para comprar postes de madeira, pois ia chegar a energia de Bananeiras e as prefeituras e as pessoas de posse, em parceria, bancavam parte dos custos. Vinte e quatro horas de luz por dia ao alcance de todos. Maravilha! Era o tempo em que a política empobrecia os homens, enquanto os enobrecia.

Pinto Coelho cursava Engenharia na Politécnica da Bahia ao tempo que fazia também o CPOR na Infantaria, no início dos anos 1940. Era, como se dizia na época, um homenzarrão, remador, “peito de aço”. Namorava Mariinha, sua vizinha, que não tinha mais os pais e era criada pela avó. Pinto Coelho sentia-se responsável pela menina, jovem, franzina e bonita. O Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial e a reserva do Exército foi convocada. Ele acabou destacado, em 1944, para o serviço militar nas praias de Ilhéus, empregado na defesa da costa brasileira, onde submarinos alemães atuavam com desenvoltura. Temendo morrer em combate e deixar a noiva desamparada, PC resolveu casar-se. Terminada a guerra, o Exército abriu a possibilidade de permanência destes jovens, que haviam sido convocados temporariamente, como militares de carreira. Eram já experientes e em curso aligeirado na Escola Militar do Realengo, em mudança para Resende, estariam prontos a prosseguirem e serem guinados ao posto de capitão, que a formação no CPOR só os preparava para comandarem pelotões, como tenentes. De Infante, no Realengo tornou-se Engenheiro Militar. Isso foi no ano de 1945 para 1946.

Viveram os Pinto Coelho no Rio de Janeiro até 1949, quando nasceu a Maizé. No mesmo ano, mudaram-se para Campo Grande (MS), depois Três Corações (MG), onde a família ampliou-se com o nascimento de Antônio Fernando, Campina Grande e Patos (Paraíba), de novo Rio de Janeiro e em seguida Porto União, de onde vieram enfim para Salvador (onde nasceu o benjamim, Antônio Luiz) em 1960. Meu sogro passou à reserva cedo, ainda tenente-coronel, em 1967, aos vinte e dois anos de serviço, amparado por leis da época da Segunda Guerra Mundial que permitiam contagem de tempo dobrado e outros benefícios. De ime-

diato dirigiu um consórcio de veículos em Salvador por pouco tempo, seguindo em 1970 para a Paraíba, diretor da telefônica estadual. Voltou a Salvador quatro anos depois. Aí a sua história pessoal se distancia da história da família que fundei com a Zé.

Vinda de Porto União, a Maizé foi parar nos fundos da minha casa, a separar-nos, uma roça matosa, um brongo, só atravessada pelo assobio com o qual eu a chamava e acenava. Eu tinha quinze anos e ela foi meu primeiro e derradeiro amor. Amor sofrido, o pai marcava sob pressão em todo o campo. Cerco delicado, que ela prezava a liberdade, sobretudo. E depois da liberdade, o bandeirantismo, e depois o irmão caçula, temporão, que ajudava a cuidar. Pior que tudo, eu estava naquela fase do adolescente fisicamente esquisito, rosto coberto de espinhas, tomado pela certeza da feiura. Tempos difíceis. Noites insones! Até que um dia a Zeinha, numa festinha na Cabana da Barra, clube da Marinha, bem defronte ao Farol da Barra, deu-me um fora como só as meninas bonitas sabem dar: papo reto, sem compaixão. Era setembro de 1963, eu acho, e em março seguinte ela faria quinze anos. A partir daí decidi evitá-la, passava batido no CIREX, clube de oficiais do Exército, onde tinha certeza de encontrá-la e sumi. Meus pais, alegremente, sem respeito aos meus sentimentos, foram à sua festa de debutantes; fiquei em casa, raiva pura. Com o tempo, secaram as espinhas, fui ganhando plumagem, virei bonitinho, ciscava aqui e ali mas deu-se o grande impasse: as garotas bonitas do bairro a conheciam e ao aproximar-me diziam “não, você é da Maria José”. Caí no “buraco negro do amor”!

Eu não pensava muito em vestibular. Iria para a AMAN, ganharia liberdade, e conheceria o mundo que a Zeinha me contava ter conhecido e vivido. A aventura levou-me a esta decisão; as desventuras de amor também. Concluí o curso médio no Colégio Militar em 1964. Poderia tê-lo feito em Campinas, na Escola Preparatória de Cadetes (EsPCEX), mas a esperança de reatar o namoro manteve-me em Salvador mais um ano. Sobre a escolha profissional, nunca tive convicções de vocacionado para tal ou qual área, mas, aluno do Colégio Militar de Salvador, estava bem afeito à servidão militar. A bem da verdade, conversei com o pai sobre termos uma livraria em Serrinha ou Juazeiro onde indicaria as melhores leituras à clientela depois de tê-las feito, claro. Cogitei, anos mais tarde, sobre o que fazer depois de passar à reserva, ainda jovem coronel: a sério,

compraria uma banca de revistas. Promovido a general, minha vida no Exército prolongou-se por mais oito anos e o sonho morreu de vez.

De 1958 a 1964 fiz o Colégio Militar de Salvador (CMS). Primeiro nas Pitangueiras, a partir de 1961 em nova casa, no bairro da Pituba. Em 1994 o CM ocupou instalações definitivas, no Itaigara, extensão da Pituba.

A orla norte de Salvador terminava em Amaralina; a Pituba, bairro seguinte, era uma aldeia de pescadores, com algumas poucas casas de veraneio à beira-mar. Transformou-se no que é hoje pela presença do Exército, com o CMS e uma Vila Militar. Não havia transporte coletivo, o que levou a Prefeitura a prover ônibus em horários fixos para o Colégio e Vila e a abrir uma boa “estrada” na direção de Itapuã e Aeroporto, passando, obrigatoriamente, pelo bairro.

O CMS foi fundado em 1957, sendo o seu organizador e primeiro comandante o coronel Uchôa, professor emérito da matriz carioca, à época servindo no gabinete do ministro da Guerra, no Rio. Espírito elevado, era estudioso de Objetos Voadores Não Identificados (OVNI), que por seu denodo e seriedade tornou-se assunto respeitável. O segundo comandante, o coronel Cavalcanti, não era professor, mas um exemplar oficial de Artilharia. Tinha postura militar mais adequada a um dirigente de escola secundária e muito exigia de alunos, professores, instrutores e monitores. Sabe aquele pai austero e disciplinador? Assim era Cavalcanti, apelidado, imaginem por que, Barão de Pituba! Muitos queixavam-se dele, então, mas hoje, passada a idade juvenil e instalados na pós-maturidade, o reconhecemos como elemento fundamental na formação do nosso caráter.

Em uma abertura de jogos colegiais na Fonte Nova (Estádio Otávio Mangabeira e hoje Arena Itaipava), na Tribuna de Honra, pequeno espaço abrigado de sol e chuva, estava acomodado o Comandante, rodeado de autoridades, que os jogos eram coisa importante na província baiana daqueles tempos. Nós, garotos, à sua frente, fardados, sujeitos ao que os céus mandassem. Mandaram chuva, chuva forte, muita chuva! Ensofados e sem abrigo, os pequenos torcedores se aquietaram. Aí vimos descer da tribuna o velho Barão, com seu uniforme impecável e se pôr no meio de nós, ensopando-se como a gente! A torcida arrepiou, dobrou o vocal a partir do gesto inspirador. A palavra convence, mas o exemplo... o exemplo arrasta!

Tive mestres memoráveis, inesquecíveis. Como esquecer Raposo, Goulart (mais tarde cassado pela Revolução)? Como não lembrar Suquinho de Uva (Nilton José) e suas aulas de História deliciosas, de assírios e caldeus, de essênios que teriam acolhido Jesus desde a adolescência até iniciar o seu ministério? Ou Alvarez que nos entregou, na Matemática, praticamente no segundo ano da AMAN e das escolas de Engenharia? E Davi (*miror, miraror, miratus sum, mirare*), Almada (*Maître corbaux, sur un arbre perché, tenait en son bec un fromage...*), Fraga Lima (*Arquiteto do mosteiro Santa Maria já o não sou...*), no Latim, Francês e Português? Um sargento Cavalcanti, como esquecer, primeiro militar formado na Escola de Educação Física do Exército no Rio, que nos ajudou a ganhar tantos torneios esportivos intercolegiais? Mário Sérgio Matos, mais tarde general-de-exército? E os sargentos Madruga, Bonfim, Nobre, Gilberto e Waltinho CC?

Reforçando o time de professores do magistério militar, muitos oficiais da 6ª Região Militar (6ª RM), voluntariamente, engajaram-se nesse colégio nascente. O tenente-coronel de Estado-Maior Filadelfo Reis Damasceno foi um deles: instituiu estudos de História em grupos de trabalho e, mais importante que tudo, sendo um intelectual, talentoso autor de livros versando sobre a vida na caserna, fez a letra da Canção do CMS, com refrão do capitão Ribeiro, musicada pelo subtenente Benoni, mestre da nossa banda marcial. A seguir, leia ou cantarole baixinho, se souber, e lembre e entenda por que somos todos produtos do nobre e mesmo cadinho!

*É o colégio recinto sagrado
Grande templo de luz e saber
Onde cedo/nos é ensinado
A cumprir com/o nosso dever*

*Ó mocidade gloriosa, altaneira
Galardão de um país varonil
Cultuando a sagrada bandeira
Para glória/do Brasil*

*Nossos mestres ensinam o caminho
O trabalho, o saber e o direito
E ao sairmos/ do nobre cadinho
Possuímos/ caráter perfeito*

Ó mocidade, gloriosa...

Damasceno, quando tenente, serviu no 19º BC, onde deixou explodir na própria mão uma granada ofensiva incorretamente manuseada por jovens soldados em instrução em sala de aula. Poupara, assim, a vida de vários garotos. Desconheço homenagem que tenha recebido do CMS ou do 19º até recentemente! Da nossa banda de música participei mas, sem pendor musical, como já confessei, apenas batucava uma caixa-de-guerra.

Eram muitos os sergipanos que imigraram para Salvador buscando o Colégio Militar. Assim, os pais desses colegas propiciaram-nos uma viagem inesquecível a Aracaju. A dificuldade maior era o transporte. Pleiteou-se junto à Leste um trem especial, mas os entendimentos não deram em nada. Em encontro casual, D. Tisila Balbino, esposa de um ex-governador da Bahia que muito contribuiu para a criação do CMS, conheceu o presidente do grêmio dos alunos, a nossa Sociedade Literária. Penso que era Vieira Lima, o nosso Vovô, brancos cabelos precoces. A senhora revelou admiração pelo ensino que ali estava sendo desenvolvido, segundo os padrões avançados da matriz carioca, e ofereceu-se para auxiliar no que fosse necessário. O menino de cabelos brancos acreditou (!) e pediu-lhe um... trem de ferro! Ela conseguiu e assim pudemos seguir para Aracaju. Ficamos hospedados nas casas dos colegas, os maiores no 28º Batalhão de Caçadores (28º BC). Fizemos uma desfile militar pelas ruas da capital sergipana em uniforme de gala, uma demonstração de ginástica calistênica em praça pública e uma parte da comitiva foi recebida pelo governador.

Ah! O trem! O trem, como transporte de pessoal no Brasil, está em fase terminal, o que é uma pena. Do ponto de vista das pessoas, é muito mais confortável. Dia destes fui a Xingó, sertão sergipano, próximo ao local onde foi morto Lampião, e na pracinha de Piranhas, do outro lado do São Francisco, já Alagoas, entronizaram uma máquina a vapor.

Visitando o museu da cidadezinha, descobri que D. Pedro II subiu o S. Francisco em “pacote” até ali e prosseguiu de trem na direção das cachoeiras de Paulo Afonso. Hoje, o trem baiano que nos levava para oeste até Juazeiro e Petrolina (PE) e a norte a Aracaju não passa dos subúrbios de Salvador.

Em 1960, uma aula de História entrou para a história do CM: um professor resolveu explorar o Manifesto Comunista em sala de aula, quando a Guerra Fria começava a ficar quente nas Américas, depois da queda de Batista e ascensão de Fidel, em Cuba. O professor, capitão Goulart, eu o visitei faz uns poucos anos e tomei seu depoimento em vídeo. Não posso afirmar se havia ou não pregação ideológica (não assisti a essa aula), mas, certamente, o momento era inoportuno para tal instrução e a plateia talvez inadequada, por imatura, garotos de 13 para 14 anos. Goulart foi afastado da cátedra, transferido para um birô no Ministério da Guerra, ainda no Rio, e em 1964, cassado. Competente, montou um curso pré-vestibular em Salvador que ampliou em uma escola secundária muito boa. Com o fim do governo militar, foi ressarcido pelos anos de ostracismo, vendeu tudo e tornou-se granjeiro em Guarajuba, litoral norte baiano. Ao visitá-lo, revelou mágoa mas, ao final, nas despedidas, feridas pensadas pelo desabafo posto fora do peito cinquenta anos depois, demonstrou algum carinho pelo Exército. Dei-lhe um boné da AMAN que colocou sobre a cabeça e, num gesto de lembrança que nunca mais fizera desde 1964, saudou, com uma continência, a mim e ao coronel Ivan Souza, também seu ex-aluno, que estava comigo.

No CMS as séries iam sendo criadas na medida que a primeira leva de alunos, os “inaugurantes”, turma anterior à minha, ascendia ao patamar superior. Deu-se que no começo dos anos 1960 houve uma grande êxodo de jovens, atraídos pelo Colégio Naval, Escola Preparatória de Cadetes de Campinas e Fortaleza e Preparatória de Cadetes do Ar, para ali cursarem o ensino médio e seguirem, com vantagens, às academias militares das diversas Forças. Restaram meia dúzia de alunos. Não valia a pena fazer funcionar o chamado 1º ano Científico em 1961, o que levou os que demonstraram interesse a seguirem para aquelas escolas e para o CM de Belo Horizonte (CMBH). Ano seguinte o mesmo chamamento se deu, mas a adesão foi menor e, assim, inaugurei o ensino médio do nosso CMS. Dos transfugas involuntários de 1961 – da turma inicial – saíram os primeiros oficiais generais que cursaram em parte o Colégio

Militar de Salvador: o general Armindo, que chegou a general de divisão, e o contra-almirante Frota, que foi o primeiro comandante-aluno. Tenho permanente preocupação em recolher a herança deixada pelos pioneiros, os fundadores, alunos, principalmente.

O general de divisão Armindo foi o primeiro ex-aluno do CMS a alcançar o generalato. Deu-me um depoimento, do qual retirei um extrato, e revela a sua vida movimentada desde muito jovem.

Em 1957 estava cursando a 2ª série do Curso Ginásial no então Instituto Normal, em Salvador, quando foram abertas as inscrições para os exames de admissão ao novo Colégio Militar de Salvador. Sem nenhuma tradição militar na minha família, resolvi me inscrever para o concurso.

Não pude preparar-me seriamente, mas, com surpresa, fui bem sucedido, colocando-me entre os primeiros na classificação geral. A turma inaugural tinha cerca de 150 alunos. As instalações do Colégio foram adaptadas da antiga Escola de Menores, uma instituição correcional que abrigava jovens infratores. Houve, por esta razão, uma certa confusão inicial sobre as finalidades da escola que se implantava. Com a chegada de novas turmas nos anos seguintes as instalações tornaram-se acanhadas demais, sendo necessário a construção de nova edificação no nascente bairro da Pituba. Pitangueiras era longe de minha casa, no Santo Antônio: andava um tanto, descia a ladeira do Funil e na Baixa dos Sapateiros pegava um velho bonde. Na volta, a ladeira era subida!...

Fui oficial-aluno, porta-estandarte da Guarda de Honra do Colégio e participei de várias equipes esportivas nas competições que havia e vibrava muito com essas condições.

Ao final do Ginásial o pequeno efetivo não justificava a criação do Ensino Médio pelo que o Exército ofereceu alternativas para os que pretendessem seguir no sistema militar de ensino. Marinha e Aeronáutica também o fizeram. Decidi-me pela Escola Preparatória de Fortaleza (EPF). Ano seguinte, transformada a EPF em colégio militar, preferi transferir-me para a Escola Preparatória de Campinas cujas instalações ainda não estavam totalmente concluídas. Vivi a sua precariedade física momentânea mas experimentei a mesma excelência do ensino que já vivera no CMS, concluindo o Ensino Médio em 1963, ingressando na AMAN no ano seguinte.

Em 1962, apostou a direção que o mesmo processo de esvaziamento do ano anterior iria ocorrer. Enganou-se! Deu-se uma correria, entran-

do então a 6ª Região Militar novamente no circuito, incentivando seus oficiais a lecionarem no Colégio, cumulativamente com as funções que exerciam nos diversos quartéis. Capitães Jaime Ribeiro, Aquino e Emereciano, engenheiros pelo IME, vieram reforçar as cadeiras de Matemática e Física. Veras, porta-bandeira da FEB, depois reitor da Gama Filho no Rio de Janeiro, História... e Pinto Coelho, também Matemática. PC não era meu professor, porém, às vezes, quando agonia da saudade da Maizé apertava, eu ia tirar “dúvidas” com ele, em casa. Os tenentes instrutores cuidavam da parte militar e da disciplina. Eram os irmãos Bendochi (Antônio e José) e Dagoberto, sujeito fortíssimo, bonitão e tranquilo. Dago-gô, como o chamávamos carinhosamente, veio de Natal estar conosco nos 50 anos da formatura da primeira turma (2014), desfilando à testa do grupamento de alunos, ao meu lado.

Um outro professor de História, major Montezuma, merece menção especial. Montezuma, que chegou a general e com quem tive contato, eu mesmo já general, era um apaixonado pelo esporte. Tendo sido chefe da torcida organizada do nosso CM matriz, montou a nossa, pôs um aluno baixinho, abusado, tocador de bumbo, Bastos, a chefiá-la e assim fazíamos o chão e os adversários tremerem, no ginásio de esportes de Salvador, o Balbininho, aos gritos em coro do Zum Zaravalho, Olimpíadas, Normalista e outras peças esportivo-guerreiras. A Bahia desconhecia as torcidas organizadas, agora muito comuns no futebol, embora de agressividade indesejada. O Zum Zaravalho, peça que passou a ser recitada aos brados em cada formatura semanal do corpo de alunos dos colégios militares, tem uma explicação alegórica que revelo para conhecimento de todos.

ZUM ZARAVALHO

Zum zaravalho opum Zarapi Zoqué, ó qué qué, ó qué qué

Zum... pinguelin, pinguelim, pinguelim

Zunga, zunga, zunga

Cate marimbau, cate marimbau, ei xau, ei xau

Colégio...

(Interpretação baiana a partir da hipótese de Carlos Ilich Santos Aẓambuja, ex-aluno 44-1132, do CMRJ)

A saudação, o brado de guerra de todos os Colégios Militares, tem origem na campanha da Tríplice Aliança. Um caboclo baiano, possivelmente de Itaparica, alistou-se nos Voluntários da Pátria e foi combater na Guerra do Paraguai, cuja população era predominantemente indígena. Henrique Zaravalho, o tal caboclo, era um terrível combatente que não aceitava rendição, matava tudo que era “guarani” que encontrava pela frente, ganhando fama, espalhando o terror entre os inimigos e levando-os à fuga e à deserção. Criou-se, então, entre os brasileiros, um grito de guerra, tremenda arma psicológica, à época, cuja interpretação foi estabelecida após intensas pesquisas.

Zum Zaravalho opum Zarapi Zoqué, ó qué qué, ó qué qué, Zum.

Zum refere-se ao apelido que a indiada deu ao guerreiro brasileiro pela rapidez no ataque (*Zum...*) uma onomatopeia clássica, como ensinou o saudoso Fraga Lima, no passado. O termo *opum*, no dialeto guarani, significa ferir com faca, esfaquear. Assim, Zaravalho matou a golpes de peixeira os bravos caciques Zarapi e Zoqué, num ataque de surpresa rápido e fatal, próximo a um banhado, assustando patos e marrecos no seu habitat, que levantaram voo desesperados grasnando ó qué qué, ó qué qué, sons obviamente onomatopaicos. O *zum* final tem a ver com a rapidez da fuga de Zaravalho, consoante a doutrina da guerrilha nascida no combate aos holandeses em Pernambuco, de emboscar e fugir.

Pinguelim, pinguelim, pinguelim

Zarapi à morte, e o sangue ainda gotejando nas pedras soando pinguelim repetidas vezes...

Zunga, zunga, zunga; cate marimbau; cate marimbau. Eixau, eixau.

Zunga, em guarani arcaico significa matar, extrair a alma. Henrique, ás na peixeira com seus golpes fatais, não fazia prisioneiros, não deixava testemunhas. Marimbau era um colar de pedras preciosas que apenas os grandes guerreiros usavam. À época, presas de guerra eram de quem eliminava o combatente rival. Assim, o bravo brasileiro colecionava colares, prova dos seus feitos heroicos como revela a repetição: cate marimbau, cate marimbau. Após a pilhagem, debochando dos inimigos e assustando-os em fuga, despedia-se com o brado aprendido dos italianos viventes em Itaparica : *êê xau, êê xau* (Ei, tchau, ei, tchau!).

Colégio, o brado final, era homenagem dos colegas a Felipe Zaravalho, filho de Henrique, um dos muitos órfãos ao final da guerra, para quem os

CM foram criados. Henrique foi morto traiçoeiramente, na batalha final, pelas costas, uma flechada fatal.

*É isto que se conta na sesmaria de Itaparica, ilha “pertencente” aos descendentes dos
Ubaldo Zaravalho!*

Para pôr fim a esse improviso na criação do 2º ciclo (de qualidade, embora), novos professores vieram da matriz carioca, entre eles um major, parece-me, de nome Avelar. Em 2005, quase quarenta anos depois, presidi sessão solene em homenagem póstuma a um certo Cel Avelar, no Instituto de Geografia e História Militar, no Rio de Janeiro. Suspeitei que poderia tratar-se do antigo mestre. Perguntei à filha, historiadora, se o pai houvera sido professor no CMS. Afirmou-me que não, mas a mãe, já bem senhora, interrompeu-nos e disse “sim”! Avelar entra nestas memórias por nos ter levado a Canudos, ainda não tomada pelas águas do açude Cocorobó, barra do rio Vaza Barris. Pouquíssima gente – mas havia gente – naquele enladeirado de casas em ruínas que culminavam, no alto, nuns restos da igreja do Conselheiro. Catamos cacos de balas de canhões, lançados fora com o tempo, que poderiam hoje fornecer informações preciosas da luta desigual em que políticos lançaram os militares contra sertanejos miseráveis seguidores de um retornado do céu para salvá-los.

Um experimento que muito me incomodou no Colégio foi a realização de provas sem fiscal. A nossa consciência fiscalizando os nossos atos, nós garotos ainda, é duro treinamento para consolidação de virtudes como honra, amor à verdade e tudo o mais a que nos obrigamos ao aderirmos às propostas do Código de Honra do aluno do CMS. Não foi uma boa iniciativa, muita responsabilidade nos ombros da garotada! Bom mesmo, muito original e corajosa na preconceituosa Salvador do início dos anos 1960, foi a introdução da capoeira como esporte eletivo, aos cuidados de mestre Bimba, o grande capoeirista da “Regional”,¹⁰ nome imortal da negritude baiana.

O ano de 1964 foi de novas experiências. A primeira delas, e mais marcante, o Movimento Cívico-Militar de março. Havia um grupo de colegas mais politizado que, aparentemente, ameaçava internamente o bom andamento das aulas. Dizia-se que iriam jogar bombas, depredar a

10 A capoeira é jogo, dança e luta. A mais tradicional, a D’Angola, tem em Pastinha o seu nome maior. Bimba inventou a Regional, mais ágil, mais ríspida, mais luta.

escola. Nunca acreditei nisso, mas é fato que alguns se envolveram, na Universidade, anos depois, em ações ditas subversivas; outros foram politicamente contundentes nas críticas, como líderes estudantis, mas sempre ao abrigo da lei. Eu, infelizmente, era um alienado. Em casa não se falava de política, pois, dizia meu pai magistrado, juiz não toma partido e nem se liga a partidos. Estava certo, o velho. O dia 31 de março começou com o anúncio da Revolução, com a reviravolta da posição do governador, favorável ao Movimento apenas num segundo momento e a prisão do prefeito de Salvador, pai de um colega nosso. O Cel Cavalcanti falou a respeito dos fatos na formatura matinal, lembro vagamente, e foi cortês com o aluno, que prosseguiu no CM até o final do ano, parece-me.

O Exército já estabelecera uma praxe no trato dos reflexos das ações paternas sobre as famílias: Agildo Ribeiro, cujo pai, capitão, encabeçou a conjura de 1935, onde companheiros assassinaram outros em pleno sono, prosseguiu no CMRJ, como interno, tal o esfacelamento familiar. Agildo, até morrer (contavam), matava de rir os colegas bombeiros nas reuniões do 6 de maio, aniversário da casa de Tomás Coelho, o CMRJ. O general Figueiredo formou-se em primeiro lugar na sua turma de Academia Militar, então Escola Militar do Realengo, recebendo a espada em formatura presidida por Getúlio Vargas, que ajudou-o a cingi-la, enquanto o pai estava exilado do Brasil, pelo ditador, por conta da sua oposição à ditadura instalada em 1930. O caso do nosso prefeito era distinto: ele era um intelectual respeitado, um homem de esquerda democrática, pelo que meu pai me falou.

Três organizações permeavam o Colégio e merecem ser aqui mencionadas, até para lembrar aos responsáveis pelo ensino no Exército, acima dos cuidados paroquiais, de otimizar o seu aproveitamento e integração: a **Obra do Estudante Pobre** (OEP), a **Associação de Ex-Alunos** (AExAl) e a **Sociedade Literária** (SL).

A AExAl mantém-nos próximos ao Colégio e congrega-nos, levando-nos de volta aos velhos tempos, às mesmas brincadeiras da juventude que não ousamos em outros ambientes, transformando até as más lembranças em pequenos e engraçados senões. A Associação é, pois, puro amor! Seu potencial é pouco explorado. Os que aderem às suas propostas devem ser vistos como “proprietários” afetivos do Colégio. Eu passava férias em Salvador, acho que era início de 1983, quando o seu comandante, Cel Benito – que chegou a general-de-exército – descobriu-me na

cidade e convidou-me para uma reunião preliminar, com outros ex-alunos, à noite, no CM. Pouco tempo depois, já retornado ao Rio de Janeiro, consumou-se a formação da Associação, sendo Hupsel, o 210, da minha turma, o seu primeiro presidente. É imperativo que os comandantes do Colégio, passageiros e eventuais, saibam ouvir os antigos alunos na escavação das suas memórias transformadas em tradições.

A OEP era presente no auxílio aos mais carentes, particularmente órfãos, no tempo em que o estado não exercia, minimamente, a proteção que lhe compete; hoje, a partir do nome, traria uma carga de humilhação ao beneficiado. No passado, exercia-se a caridade em troca de gratidão, afinal, mal saídos da escravidão, as pessoas mais simples não tinham presentes a noção de cidadania e dignidade plena. Creio que as funções da OEP foram absorvidas pelas Associações de Pais e Mestres (APM), que devem atuar neste campo, com discrição e gentileza.

A Sociedade Literária voltava-se para atividades extracurriculares e, principalmente, para a socialização, termo de moda recente, bem adequado às suas finalidades. Promovia sessões de cinema, concursos de arte e, principalmente, bailinhos. Essas festinhas dançantes aproximavam meninos de meninas. Quando privaríamos com garotas com desembaraço? Já adultos? Atualmente, parece-me, a SL nem mais existe, mas a escola é mista e variados grêmios congregam os alunos de todos os sexos e ajudam nas atividades extraclasse.

Em uma escola só de garotos como era o CMS, à época, professores todos homens, uma única mulher era presente: Ruth Vieira, uma senhora suave e bondosa, nossa Orientadora Educacional.

Em 1988, o CMS foi desativado. Uma perda para a educação baiana, perda pessoalmente sofrida pelos ex-alunos com a destruição das suas memórias físicas! O Gen Leônidas, então ministro do Exército, para levar a Força Terrestre a um salto em termos de operacionalidade, tratou de modernizá-la dentro de um grande programa chamado Força Terrestre 90 (FT 90). Os Colégios Militares representavam, na sua visão, desvio de pessoal e recursos para ações não prioritárias. Encerradas as atividades, as suas instalações foram destinadas à Escola de Administração do Exército, hoje Escola de Saúde e Formação Complementar do Exército (ESFCEx), onde o Exército forma os seus oficiais de Administração, já graduados em Universidades civis. Depois da saída do Gen Leônidas, as condições políticas favoreceram os esforços para a reativação do CMS: o

novo ministro era sensível à proteção da família militar, e o governador do estado, Antônio Carlos Magalhães, homem de grande influência e amor indiscutível pela Bahia, acordou em celebrar convênio em que bancava novas instalações e permanente apoio na área educativa à renascida escola. Em 1993 o CMS foi reaberto!

Teles, o 163 da minha turma de CM, trouxe-me uma visão socioeducativa peculiar do que significou, à época, o CMS para a Bahia.

O surgimento do CMS em 1957 foi um fato de grande importância que alterou a oferta de ensino de qualidade na sociedade baiana até então polarizada entre colégios religiosos (Maristas e Antônio Vieira) e públicos (Central, Severino Vieira), estes últimos de excelente nível. Muito contribuiu para isto o fato de a sociedade acreditar que o CM espelhava as virtudes de seriedade, disciplina e rigor atribuídas ao Exército. A preferência pela nova opção não tardou a manifestar-se. Lembro que para o concurso de admissão para ingresso em 1958, inscreveram-se 580 candidatos e apenas 64 lograram aprovação.

Não deixou de contribuir para o interesse dos pais o fato de, ainda que não fosse gratuito, o valor da mensalidade ser muito acessível. Acredito também ter sido generosa a concessão de bolsas de estudo.

Tudo isto fez com que o padrão socioeconômico, e portanto comportamental da garotada, fosse muito variado. Conviviam democraticamente os filhos do prefeito, do desembargador, do funcionário de todos os níveis, dos grandes e pequenos comerciantes, do militar e da lavadeira. O filho bem comportado da fina flor da sociedade e o menino endiabrado que, supostamente, só a disciplina militar seria capaz de corrigir. O ambiente humano desta comunidade, marcado pela diversidade social, foi de uma riqueza extraordinária e ajudou a abrir nossos jovens corações e mentes. Sem falar do seu efeito mais divertido: poucas vezes na vida vi ambiente em que convivessem, de forma tão presente e harmônica, a exigência de disciplina e a prática da mais deslavada esculhambação. Os episódios das memoráveis molecagens não cabem num livro mas no coração e na mentes dos que os vivenciaram. Quem não viveu não saberá. São os pequenos egoísmos que dão sabor à vida.

A Praça Castro Alves e o Pelourinho são os extremos da fundada Salvador de Tomé de Souza, a falésia que garantia a defesa da cidade.¹¹ Na praça, além do bronze do poeta, o Cine Guarani – cujas sessões iniciavam com os primeiros acordes da protofonia da ópera *O Guarani* –, a sede dos Diários Associados e do Jornal A TARDE. (Por perto o Tabaris, proibido para menores, de que fala a bela canção de Joice, Samba da Zona – vá ao Google). Pois saio do cinema e subo em direção ao centro histórico (elevador Lacerda) quando ouço os acordes de uma marcha militar, cada vez mais próximos. Paro nas escadarias de A TARDE (hoje Hotel Fasano) e vejo uma banda do Exército e uma tropa marchando na sua esteira. Mais se aproxima, dois alunos do Colégio Militar à testa: Saldanha e Coppieters. Era um grupamento que, representando a Bahia, seguiria para Brasília em memorável marcha, para inaugurar o novo Distrito Federal. Os jovens alunos tinham mais de dezoito anos, eram atletas e poderiam enfrentar a maratona, mas o Exército os poupou, perderiam muitas aulas e seriam prejudicados. Nas vésperas do evento maior, deslocaram-se em avião da FAB para a nova capital, acamparam junto com os “periquitos” e participaram do desfile inaugural na Esplanada dos Ministérios. Uma aventura!

Ainda em 1964, tornando mais brando este relato, participei da comissão de festas da nossa formatura do curso médio. Buscando auxílio de Antônio Augusto, futuro cunhado, músico de primeira embora amador, ele pôs-me em contato com um conjunto, mas danou a atender o telefone da casa a Maizé. Eu não dava papo! E quem aparece na minha festa sem ser convidada? Ela, a tal! Virou mexeu, se insinuou, tirou-me para dançar. Eu é que não ia chamá-la e arriscar-me a “levar taboca”! Reatamos! Vinte dias depois, alopchado, fui para a AMAN, não tinha como voltar atrás. Uma menina de dezesseis anos, um menino de dezoito, que ficaram sem trocar palavra mais de um ano, se juntaram por vinte dias e iam ficar afastados por mais cinco anos, não poderia dar certo. Não é que deu!

Esses dias reiniciais de namoro e finais de CMS voaram, era “como se não fosse haver amanhã”, vivíamos o hoje. O grupo do Colégio que

11 A cidade primeira ficava no topo do pequeno planalto que domina a baía de Todos os Santos, e ia das Portas do Carmo, no Pelourinho, às Portas de São Bento, baixio da praça Castro Alves. Cerca de 2km de extensão.

iria para a AMAN não teve acompanhamento de nenhum oficial, como passaria a ocorrer nos anos seguintes. Eram desconhecidos os procedimentos de chegada; pioneiros passam por isso. Fomos todos num ônibus comum, da empresa S. Geraldo, que parou à margem da rodovia Rio-São Paulo, bem em frente ao Portão Monumental da Academia para desembarcarmos. Nunca tinha visto nada igual, uma visão espetacular, magnífica, estupenda! Sem ser capaz de escolher o melhor qualificativo, fico com os três.

Anexo 1 – Jubileu de ouro do CMS em 2007 (Extrato da saudação do vice-chefe do DECEX)

O que mais nos orgulha é termos inscrito em nosso currículo a passagem nesta casa de Tomás Coelho. Com esta credencial sabe-se que ali está um bom cidadão, pleno de valores que lhe robustecem o caráter, homens e mulheres tementes a Deus, bons pais e mães de família, que enxergam o Brasil além dos limites do seu lar, da sua cidade, do seu estado.

Mas como se consegue este feito, continuamente, ao longo de 50 anos? Osório, o marechal que junto com Caxias venceu a nossa “Grande Guerra”, diria que é fácil: a homens e mulheres livres, basta apontar-lhes o caminho do dever.

O DEVER impõe ao comandante que comande com justiça, aos mestres que ensinem além dos estreitos limites das suas matérias, aos alunos que dediquem-se aos estudos mas, também, à sadia diversão e aos pais que participem, o que é bem mais que acompanhar. Assim, como na nossa canção, ao sairmos do “nobre cadinho”, somos fortes de caráter...

Zum zaravalho!

(Assina o Gen Maciel, vice-chefe do DECEX e deposita para sempre, no CMS, a sua espada de general)

Anexo 2 – Diploma do Jubileu de Ouro da Formatura da 1ª turma (2014)



Anexo 3 – Formandos em 1964

TURMA JOSÉ MARCOS BEZERRA CAVALCANTI (Comandante do CMS)

Adilson Gonçalves de Jesus

Antônio de Jesus Santana

Antônio Fernando Teixeira de Carvalho

Edgar da Silva Teles Sobrinho

Elbert Alves Barbosa

Hermes Teixeira de Melo

Humberto Silva Carvalho

Ivan Sérgio Martins de Souza

José Eudoro Reis Tude

Leomir Pereira

Luiz Carlos dos Santos Piedade

Luiz Otávio Silva Duarte

Oscar Pires de Aragão e Melo Neto

Osmar Oliveira e Silva

Paulo Roberto Dacach Leite

Raimundo José Rodrigues de Castro

Roberto Viana Maciel dos Santos

Valmar Fontes Hupsel

Valmore Freire de Oliveira Filho

Anexo 4 – Fotos



Casarão das Pitangueiras, sede inaugural do CMS.



Cel Cavalcanti – com gratidão e respeito.
É ou não um barão?



Jubileu de Ouro (2014) – 50 anos de formatura da 1ª Turma. À minha direita o Ten Dagoberto.



Cocorobó (Canudos) – cruzeiro no ponto mais alto (concludentes de 1964).



Igreja do Conselheiro bombardeada (foto da época).

4

RESENDE – AMAN (1965-1968)

Vida de Cadete – tempos inesquecíveis, amizades eternas.

Academia Militar das Agulhas Negras: “Cadete! Ides comandar, aprendei a obedecer!”

General José Pessoa, Índia Velha, Abrão da B2 e outros personagens.

Nomes próprios e impróprios.



Vista panorâmica da AMAN – ao fundo, mais alto, a Galinha Choca.

Vocabulário

- AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras.
- Parada – local-sede de organizações militares, nômades, no passado.
- Giro do Horizonte – visualização ordenada, no sentido horário e de perto para longe de pontos notáveis que permitem a localização exata do observador.
- Teréns – as nossas bagagens, os nossos “trens”.
- Cadetal – o mesmo que cadetada, coletivo de cadete.
- Bicho é o cadete do 1º ano da Escola, bicharada o seu coletivo.
- Curso Básico compreendia os dois primeiros anos da AMAN.
- Bi-quadrada – equação de 4º que, com um macete, torna-se de fácil resolução.
- Ouvidos de espingarda, carece de explicação.
- Chuvisco – deliciosa sobremesa que só as mulheres de Campos dos Goitacazes sabem fazer.
- Telha vã – casa sem forro no teto.

- Piruadas – o mesmo que preferidas.
- Encarneiramento – dá-se quando, em um grupo, todos seguem sem muita análise na mesma direção.
- Bitz, jumelo, platinados – são peças ou ferramentas empregadas em manutenção de material bélico. Besteiro puro...
- Torar é tirar uma soneca.
- Melhoral é como Cibalena... Cibalena!? Pergunte ao pai.
- Espadim é uma cópia reduzida da espada invicta de Caxias.
- Dar sopa na crista – dar “bandeira”, facilitar e ser flagrado em erro.
- Postos do EB aqui empregados – Sgt (sargento), Cad (cadete), Asp (aspirante a oficial), Ten (tenente), Cap (capitão), Maj (major), TCel/TC (tenente-coronel), Cel (coronel), Gen (general).

A AMAN foi planejada por um excepcional oficial-general, um visionário, José Pessoa, sobrinho de Epitácio (presidente da República de 1919 a 1923) e irmão de João (presidente da sua província, a Paraíba). A Paraíba, dos Pessoa e dos Almeida, deu ao Brasil homens públicos notáveis e militares brilhantes, como foi José Pessoa e, mais tarde o general Reinaldo de Almeida, criador do projeto Rondon.

José Pessoa Cavalcante de Albuquerque foi o único militar brasileiro, do Exército, que lutou a Grande Guerra de 1914/1918. Estagiava na França e voluntariou-se para combater ao lado das tropas francesas, o que lhe foi autorizado. Dentre as motivações para levar a Academia do Realengo para Resende, as de cunho político eram as mais relevantes para o governo. A Escola, que teve parada na Praia Vermelha e fora transferida para o subúrbio carioca do Realengo sob o comando deste, então, brilhante coronel, era foco de constantes agitações no início da República. Um risco para o novo regime. Pessoa fez valer a sua visão de mundo e de outros exércitos, batendo-se por um novo espaço para a formação do oficial, isolado da política, sujeito aos valores transcendentais que Caxias inspira, particularmente a sua devoção à Pátria e ao profissionalismo. Além da sólida e austera obra com funcionalidade adequada para a formação do oficial, criou símbolos perenes quando comandou o Realengo, símbolos que bem se amoldaram a majestade da AMAN: o espadim de Caxias, os uniformes, o Brasão do Cadete, o Corpo de Cadetes, o Estandarte e o reviver do próprio título de Cadete.

Foi Pessoa, para os que nunca ouviram dele falar, que escolheu o local exato de Brasília e estabeleceu o Plano Piloto básico, a partir de um trabalho preliminar esboçado pela missão Cruls, ainda no final do século XIX. Lúcio Costa e Niemeyer valeram-se do seu traçado para formular o Plano Piloto executivo. Isto é sabido por poucos, pois a política antimilitarista impediu que o seu nome sobressaísse. Em 2011, aos 50 anos da capital federal, um especial de poderosa rede de TV clareou o seu magnífico desempenho, mas foi ele varrido para baixo do tapete ideológico de esquerda que contamina a educação e a cultura brasileiras.¹²

A entrada principal da AMAN compreende dois pórticos muito elevados distantes cerca de quarenta metros um do outro. Ao centro, grande portão dá vasaão a pessoas e veículos em duas mãos; à direita e à esquerda, dois portões menores. Esses portões abrem-se uma vez ao ano; o primeiro, aberto pelo mais jovem dos aspirantes a cadete, acolhendo os recém-chegados; o segundo, despedindo os aspirantes a oficial que acabaram de se formar. É um simbolismo arrebatador! Um rápido “giro do horizonte” (estou desembarcando do ônibus à margem da Dutra, no ponto em que a foto anterior mostra): à frente, a “reta”, 800 metros de pista, muitas vezes percorrida – algumas noites, cambaleando – pelos cadetes até o Conjunto Principal (Cj Pcp) e o Estado-Maior (EM), o portal da Casa. Muito além, a Galinha Choca, um morro bem elevado que indica a direção norte. A noroeste, as Agulhas Negras, que nomeiam a Escola. A sul (às minhas costas, continuo na Dutra), passados a rodovia e os trilhos do trem, a bela Resende, cortada pelo rio Paraíba do Sul.

Arrastando os nossos teréns, nós, baianos, rumamos para o Estado-Maior, para apresentar-nos ao oficial-de-dia; fomos encontrá-lo no Pátio Tenente Moura (PTM). O pátio, um quadrado cercado por pérgulas de cerca de 100 metros de lado, é local onde os cadetes formam três vezes por dia para o rancho, as refeições obrigatórias, mais uma, a formatura geral diária que dá início aos trabalhos, sempre depois do canto de uma canção militar e marchando ao som da banda de música acadêmica. No alto, a frase-farol, nunca esquecida: “Cadete! Ides comandar, aprendei a obedecer”.



PTM e a frase-farol.

É a obediência que deve nortear a vida dos que aspiram à liderança militar. Ela encerra todos os valores enaltecidos como virtudes militares. Honra, amor à verdade, coragem moral, cumprimento do dever... tudo cabe na obediência, que não é cega, mas alicerçada na hierarquia e disciplina e, sobretudo, na justiça. Continuem mirando a frase síntese do dever militar e terão, à esquerda e à direita os pavilhões de salas de aula, em três andares. Mais além, ainda à esquerda, fora das vistas, as alas-dormitórios. Outros conjuntos de edificações compõem a Academia: os parques das armas (as especialidades), a área de esportes, o estande de tiro, o hospital, o cinema acadêmico, os bairros da ampla Vila Militar (Monte Castelo, Guararapes, Esplanada)... Assim era no meu tempo de cadete. Hoje a escola mais que dobrou o seu Conjunto Principal!

Isso foi início de 1965. No ano anterior a Academia havia sofrido grande mudança: o curso passou de três para quatro anos. Observei que o acréscimo não correspondeu a aumento imediato de carga horária, tendo o cadete mais tempo para si mesmo. Cinema todos os dias, escrita de cartas, rol de roupa, corte de cabelo, tudo com vagar! Cedo descobri que as matérias semestrais, se concluídas com média superior a sete, dispensavam provas finais e liberava-nos para mais dias de férias. Dancei a estudar, tinha que passar por média e assim fechei o primeiro semestre no lucro.

Tudo era novo, pelo que o ano de 1965 foi o mais difícil e importante, pleno de ensinamentos colhidos dentre os quatro cursados. À chegada, levados para os apartamentos que passamos a ocupar, a má surpresa: havia uma escala para limpeza diária, inclusive polimento dos pisos nos finais de semana. O apartamento tinha cerca de 50m², para 12 jovens, em beliches! Em frente, uma bateria de banheiros: três privadas, três mictórios, seis chuveiros e seis pias. Ano seguinte não nos obrigavam a esta atividade “sanitária”: descobrimos que não era falta de pessoal de faxina, apenas aprendizado para a bicharada! Se vai comandar a faxina como oficial, deixe claro que valoriza a tarefa e é capaz de realizá-la!

O clima de Resende, ao pé das Agulhas Negras, é saudável mas a aclimação foi difícil. Faz muito frio, um neveiro esconde a entrada da Escola nas manhãs de inverno e a chuva de granizo despertou em mim uma curiosidade quase infantil. A escola reservou à minha turma outra desagradável surpresa: as caldeiras que aqueciam água para o banho não funcionavam e receber água a quinze graus ou menos no lombo (no verão!) era um sofrimento diário, suportável depois do aquecimento de uma corrida ou à custa de uma dose de conhaque escondido no fundo do armário.

As olimpíadas internas do Curso Básico (Troféu Duque de Caxias) servem para revelar os novos talentos esportivos que ingressam na AMAN. Infelizmente, eu fazia parte dos poucos maus esportistas e achava um tempo perdido não poder estudar durante os jogos. Logo aprendi que as competições servem também à socialização e ao fortalecimento do espírito de corpo. Valeu-me, nesse transe, o Ten Tirso, um “irmão” mais velho e paciente, que descobria qualidades mesmo onde elas pareciam não existir. Valeu-me, também, o exemplo do Cad Abrão, da B2,¹³ uma vibração pessoal pela carreira militar tão intensa que me parecia ridículo. Era eu o ridículo, com meus pequenos interesses pessoais! Dos jogos desses primeiros tempos gravei um momento da rara elegância, respeito e amizade, protagonizado pelos então cadetes Sparta e Laudier, ambos de Infantaria, colegas que admirava de longe. Sparta era um atleta completo e figura apolínea, insuperável em quase todos os esportes, mas nas corridas de fundo o Laudier magro, baixinho, fumante de 30 cigarros/

13 As companhias de cadetes comportavam três pelotões, cada um a 30 cadetes. Tirso comandava o B2, pelotão meu e do Abrão.

dia sempre o superava. Eram amigos. E numa prova de corrida, talvez a última vez que competiam juntos (oito mil metros), Laudier para a um metro da fita de chegada, espera o amigo, e abraçados, rompem-na: o moleque Laudier retarda o passo e Sparta, por uma cabeça leva a medalha de ouro. Isto é o verdadeiro espírito olímpico, puro Barão de Coubertin!

O major Maleblanche, professor de Matemática, tinha uma didática única. Escrevia no canto superior esquerdo do amplo quadro verde, os capítulos que deveríamos estudar do velho Granville, punha seus óculos escuros e deixava-se ficar sentado, ereto, aguardando os pedidos de esclarecimentos individuais dos que precisassem. O Malé, como o chamávamos, tinha o seu grande dia quando ia ao quadro e o preenchia de ponta a ponta com a demonstração da equação bi-quadrada. Desta vez, percebi que numa transposição errou a troca de sinais, notou quase no final e tentou um blefe: “agora você simplifica, divide, substitui, blábláblá e chega ao resultado”. Inconveniente, sem dó, aponteí um erro no meio da demonstração, o resultado nunca seria alcançado. Maleblanche desculpou-se secamente e nada mais falou. Fui alertado por companheiros repetentes que estava ferrado. Estudei muito, saí da primeira prova certo que tinha gabaritado, mas não adiantaria, diziam-me. Provas corrigidas, o Malé as entregava chamando nominalmente o cadete e declarando o grau em voz alta. Fazia isso em ordem decrescente de valor. E vai chamando e a minha prova nada, aflição desgraçada. Estava já na penúltima, grau dois, quando anunciou o meu nome. Deu-me o dez merecido, declarou que eu podia corrigi-lo sim, mas o fizesse com respeito. Aprendi a lição embora às vezes ainda desse uma vacilada!

Um dia fui chamado pelo Comandante da Academia, fosse urgente ao seu gabinete. O Ten Tirso, meu comandante de pelotão (B2) achou estranho, que tolice teria eu cometido? Lá chegando, um paisano sorridente acompanhava o general. Era o gerente do Banco Econômico da Bahia, em Resende, banco no qual meu irmão mais velho, Paulo, era um dos diretores. O moço vinha a seu pedido, por pressão de Ruth, minha mãe. Havia uma ordem para dar-me uma mesada de valor não especificado (sabiam que eu seria moderado) e debitasse na conta do meu pai. Disse-lhe que abdiquei de mesada e ia viver com o mesmo que meus colegas viviam, do magérrimo soldo. Mas passava no banco, vez por outra, pegar dinheiro para viajar a Salvador nos grandes licenciamentos, para ver a

“menina”, num avião maravilhoso, talheres de prata, serviço *à la carte* e bom vinho: o Caravelle. Nobre motivação, o amor!

Ia raras vezes ao Rio, hospedando-me no 1º Batalhão de Polícia do Exército (1º BPE), pertinho da Praça Saens Peña, com sua abundância de lanchonetes e cinemas. Logo cansei! Resende era melhor, a sua pra-cinha Oliveira Botelho era melhor e a nossa sede social, o boteco Galo Verde (GVO) muito melhor! Para nós, cadetes, a noite era “uma criança” e no GVO, boteco de duas mesas, nossa casa, levávamos cantorias até a madrugada, antes de, ziguezagueando, tomarmos o rumo da Escola. Uma madrugada cantávamos *Rosa*, música que só eu e o Zé Doederlein conhecíamos, mas tantas vezes repetimos que os outros aprenderam ali mesmo, fechando uma noite de ébrias lembranças, quando juntou-se a nós um civil desconhecido: era o Aquiles, do MPB 4, cuja família, acho que era resendense. Aprendeu conosco a letra e gravou tempos depois.

Tu és/ divina e graciosa estátua majestosa/ do amor/ por Deus esculpura-da/ E formada com ardor/ da alma da mais linda flor de mais ativo odor/ que na vida/ é a preferida pelo beija-flor...

Muito lirismo, “né” não?!

Já no 3º ano da AMAN o Humberto passou a levar-me para a casa dele, no IAPI da Penha, onde o calor humano era prazer puro, os ensaios do bloco Cacique de Ramos animados e os “chuviscos” da tia Iaiá, sem igual. Aliás, a Academia tinha uma grande barbearia com umas vinte cadeiras. Havia preferências, mas para mim, qualquer barbeiro servia. Sentei-me, certo dia, em cadeira estranhamente vazia para a hora, entregando-me aos cuidados de um sujeito de feição esquisita, apelidado Cara de Cavalo, vejam quão esquisito! Soube depois de outro apelido do homem: “Não Vou ao Rio”! Um desnível bem visível entre os dois lados da cabeça, em corte com máquina zero, parecendo proposital, fazia o cadete desistir de viajar!



Acolhedora Resende.

Um pouquinho mais sobre Resende. Fica no Vale do Paraíba do Sul, a meio caminho entre Rio e São Paulo. O Vale teve seus dias de riqueza com o café, entrou em decadência, mas renasceu com Volta Redonda, a AMAN e a Catedral de Aparecida, é a minha leitura. Com a industrialização, a ligação Rio-São Paulo, os dois maiores centros econômicos brasileiros, exigiu a construção de uma via moderna para o trânsito de pessoas e bens. Fez-se a nova rodovia, inaugurada em 1951 pelo presidente que lhe deu o nome. Resende hoje é um importante distrito industrial. A Dutra divide a cidade em duas: a norte a AMAN, a sul, a área não militar. Em verdade, esta área também se subdivide, o Paraíba lhe corta ao meio. Saindo da AMAN pelo Monumental e atravessando a rodovia e a ferrovia que segue em paralelo, logo a direita está a Casa do Laranjeira. “Laranjeiras” são os cadetes que preferem Resende a viajar, por falta de opção. Ali os jovens podem trocar seus uniformes por trajes civis e “arejar” sem os limites impostos pelas servidões militares... mas nem tanto, claro! Reto, uma ponte leva à velha rodoviária, desbordando o centro antigo da cidade. Tomando a direita, fica o Manejo, bairro popular. Do Laranjeira, à esquerda, chega-se ao Tabuleiro da Baiana, o centro comercial do meu tempo, que dez anos depois, em 1979, seria dominado pelo Cospe Grosso, um boteco zurrapa, da melhor qualidade! Mais adiante,

a ponte velha, de ferro, estreita, só para pedestre, nos leva à catedral, na praça O. Botelho, centro da boemia da cadetada daqueles idos. Lembro e sinto ainda o perfume doce de um jasmineiro na subida para a praça, proibida para as moças casadouras depois do fechamento da igreja, aí pelas oito da noite.

Saudade danada da Zeinha, apesar das cartas diárias. Tentei o telefone. Pedi a ligação de manhã sabendo que só iria ser completada à noite. Duas palavras, logo cai a linha. Ficou para o dia seguinte. Na terceira tentativa desisti. Era a Radional, em ondas curtas, poucos *links* físicos... Indicaram-me um radioamador, um coronel cheio de boa vontade, vivera e compreendia pois, o problema. Na Bahia, na casa de um outro radioamador, a Zé e meus pais. Privacidade zero e “câmbio” a palavra mais falada. No desespero, aceitei a ajuda do Zarur, apelido de um colega carioca que, disse-me, iria fazer uma conexão espiritual e coisa e tal. Estou eu na posição de morto, na minha habitação, o beliche superior em um apartamento na ala da 1ª Companhia e nada da tal conexão! Nunca mais soube do Cad Zarur; o verdadeiro Zarur era um religioso com dons metafísicos e importante obra de caridade no Rio.

Escrevia para a minha mãe sempre que dava mas a relação epistolar com o meu pai era curiosa. Nunca uma mensagem manuscrita (mandava recados pela mãe) mas devolvia as minhas cartas corrigindo-as, em carimim (ele preferia o termo), gramática e estilo. Preciosista!

Colegas que tinham mais dificuldade com as ciências exatas questionavam as exigências das matemáticas e físicas. Um dia o comandante nos disse em palestra no auditório: “Não pergunte o que você vai fazer com a Matemática, mas o que ela fará por você”. Os companheiros não acreditaram nas palavras do general Moreira Couto, o comandante, e tinham certa razão. Como no xadrez, quanto mais se joga mais se aprende... a jogar xadrez. Então, mais se aprende matemática, pouco a ver com a tática das pequenas frações. Na verdade, a postura do general era um engodo, o prosseguimento da velha luta entre os científicos e os tarimbeiros, que vinha desde a frustrada reforma do ensino de 1875 até 1967, quando escolhi arma, foram modificados os critérios de acesso ao Instituto Militar

de Engenharia (IME)¹⁴ e a Seção de Instrução Especializada da Escola (SIESP) foi criada. Esta Seção trazia todos os cadetes de volta ao básico. Não ao Curso Básico da AMAN, mas ao âmago da nossa carreira. Técnicos ou combatentes, nunca podemos nos afastar ou esquecer que o fim dos exércitos é a guerra e nós, profissionais, devemos, na paz, para ela nos prepararmos.

A SIESP¹⁵ nos testava em exigentes estágios de combate em situações especiais. Lembro do Combate em Localidade, quando, muito frio, acomodei-me numa cova aberta no cemitério de um povoado próximo a Resende. Na Fuga e Evasão, nos escondendo das patrulhas “inimigas” que vigiavam os caminhos, galgamos o pico das Agulhas Negras mas nos perdemos a poucas centenas de metros do ponto de chegada, o Abrigo Rebouças. Passamos uma noite infernalmente fria, próxima a zero grau, em volta de uma fogueira, vestidos apenas com uma calça sem cinto, uma gandola sem botões e um coturno sem cadarços; chegamos quase mortos. Última recordação destes maus e desafiadores pedaços, um estágio de selva, onde o Material Bélico (MatBel, MB) constituiu uma patrulha única e bateu todas as demais equipes. Épico!

Curioso, pesquisei o currículo atual da Escola e descobri que as ciências exatas hoje estão, praticamente, restritas à EsPCEEx, onde se dá o primeiro ano da formação dos nossos oficiais de carreira combatentes. Na AMAN, dominam as ciências humanas e sociais e, óbvio, o ensino técnico-profissional. De outra parte, se a SIESP, no passado, nos nivelou a todos os cadetes na Academia, hoje é o “Manobrão” da AMAN que põe a totalidade dos formados nas escolas militares no mesmo mochilão: além dos cadetes, os alunos do IME, da ESFCEEx e da EsSA também participam.

14 A origem da formação militar regular deu-se em 1792 na Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho e evoluiu até a Escola Central em 1858. O Exército formava então seus oficiais, inclusive Engenheiros. A carência de especialistas para obras não militares levou a Escola a destinar parte de suas vagas a civis, que, por isso mesmo, eram chamados de engenheiros civis, denominação que conservam até hoje os que se dedicam à construção. O ramo civil acabou autônomo, criando-se a Escola Politécnica.

15 A SIESP e outras modificações no estudo da arte da guerra foram, provavelmente, fruto da experiência vietnamita.

Naquele 1965 a AMAN foi convidada a desfilar em São Paulo, no 7 de Setembro. O curso de Infantaria, reforçado pelos cadetes da 1ª Companhia do Básico, representaria a Escola. A FIESP montou uma rica programação, nos hospedou num ótimo hotel e nós nos comportamos socialmente como sabíamos, isto é, jovens da classe média, sem requintes. No almoço, no primeiro dia, devoramos o bufê de frios, mostrando desconhecimento dos ritos sócio gastronômicos: a comida quente era um pedido *à la carte*, não estava posta no farto bufê! Verdade é que a grande maioria de nós nunca se hospedara em hotéis. Em traje de gala fomos ao Municipal de São Paulo assistir a uma apresentação da sua sinfônica mas música erudita não era apreciada pelos jovens naquele tempo, como, desconfio, ainda hoje. Conversávamos tão alto que o público civil começou a exigir silêncio. Chegando na AMAN, Rubão (Maj Rubem Ludwig, depois ministro da Educação), comandante dos infantes e chefe da comitiva, revelou o sucesso da empreitada principal, o desfile, e os vergonhosos procedimentos antissociais. O Índia Velha (apelido do general comandante) ensandeceu, chamou-nos “ouvidos de espingarda” e instituiu duas ações que espero ainda sejam mantidas: a banda de música da Escola – que fora eliminada em concurso de bandas na primeira rodada, ao executar o Hino Nacional, deixando irado o nosso pajé – passou a tocar música clássica no cinema acadêmico, audição obrigatória para a cadetada, duas vezes por semana, depois do jantar; e foi instituído, também, um estágio de comportamento à mesa.

Em outubro de 1965, pelo meu aniversário, recebi dois cartões; um do comandante da escola e outro em branco. Quem esquecera de preencher o segundo e ainda assim o enviou? Dias depois, o Ten Tirso chamou-me ao seu posto de comando (PC) e perguntou se recebera os cartões. Sim, confirmei. “E você fez o quê?” “Nada!” “O cartão em branco é para o senhor agradecer, cadete!” Aprendi!

Dedicando-me, passei por média em todas as matérias no final do ano e toquei mais cedo para Salvador, a morena à espera. Passava as férias na Pituba, em uma casinha simples de veraneio, telha vã. Perto, a Maizé, na casa dos tios. Praia, praia e praia...

De volta da Bahia iniciei o 2º ano com o mesmo objetivo, boas notas e férias ampliadas. Lembro pouco desse ano de 1966. Na 4ª Companhia do Básico, comandada pelo capitão Fornari, juntaram-se quase todos os que iríamos para o Quadro de Material Bélico (QMB), nas escolhas do

ano seguinte. Todos CDF consagrados. Eu contestava uma coisa e outra, para desgosto do tenente Gralha, meu comandante de pelotão. Lembro que ao final do ano um problema foi criado e teve que ser levado ao comandante do Corpo de Cadetes (CC), se não me engano, o famoso e admirado coronel Montanha: para chegar ao centro de esportes era necessário atravessar uma pequena ponte, sempre em forma (marchando), no mínimo um cadete mais antigo comandando outros dois. Nos dias que antecediam as provas finais, a prática esportiva era vedada, o estudo em sala de aula era obrigatório. Nesse ano, fiquei em final de Educação Física (maldito cigarro!) e o meu esforço era nesta área. Convencer o meu tenente de que eu precisava atravessar a ponte sozinho e fazer esporte foi um problema complicado mas de óbvia solução. Venci, claro, mas deu-me um conselho: vai para a Bahia e não volte! Gralha foi meu instrutor na ECEME, quinze anos depois e nos tornamos amigos.

Neste segundo ano (ou terá sido no primeiro?), embora a Revolução de 1964 fosse muito popular, escasseavam os candidatos à carreira militar, com deserções para a PM e Bombeiros do Rio de Janeiro, que formavam seus oficiais em dois anos (lembrando que grande parte dos cadetes vinham do CMRJ). A minha turma de Academia, Turma Humaitá, e a seguinte, com menos de duzentos cadetes, eram as menores de todos os tempos. O Exército, para divulgar a AMAN e atrair mais candidatos, enviou comitivas de cadetes para todas as capitais. Fui para Aracaju, mas o velho FAB parou em Salvador para desembarque dos que ali cumpririam a missão e pude ver a Zeinha, rapidamente, no aeroporto. A minha mãe, sempre pouco conveniente, ocupou áreas nos balcões das empresas com um bufê para a cadetada. O EB ampliou este esforço de atração acolhendo, sem exame de admissão, os primeiros alunos das escolas de segundo grau do Brasil. Depois passou o “carro de fogo”, provas com grau de dificuldade elevado, excluindo boa parte, antes que recebessem o espadim;¹⁶ assim, restou o “creme”. Uma experiência positiva.

Foi-nos distribuído um manual de Moral e Cívica que, longe de fazer pregação ideológica, eram histórias contadas que enalteciam as virtudes militares. Uma destas histórias impressionou-me a tal ponto que ao longo da carreira publiquei artigo a respeito, além de contá-la, com agrado, nas

16 A entrega do espadim, cópia reduzida da espada de Caxias, no dia mesmo do aniversário do Duque, confirma a adesão do jovem à servidão militar.

muitas palestras que ministrei: “Uma Mensagem a Garcia”. É uma ode à iniciativa, é verdadeira, e em qualquer *site* de busca pode-se encontrá-la. Vale a pena lê-la no anexo.

O ano seguinte (estamos em 1966) iniciar-se-ia com a escolhas de Armas (Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações, Quadro de Material Bélico ou Serviço de Intendência), segundo a classificação geral do cadete, computados os dois anos do Curso Básico. Incluirei, doravante, o Quadro de Material Bélico e o Serviço de Intendência na grande categoria de Armas. As escolhas se consolidam, entretanto, neste segundo ano, quando já estamos bem integrados ao sistema AMAN. As armas ditas, então, técnicas (Engenharia, Comunicações e QMB), de novo um preconceito dos anos 1800, eram as mais “piruadas”, os efetivos eram menores, além do que permitiam o ingresso no Instituto Militar de Engenharia (IME) diretamente, sem concurso. Deu-se que o QMB, arma recém-criada, era a escolha principal dos cadetes de melhor classificação da Escola. Assim, a cabeça da minha turma decidira juntar-se aos melhores. A cúpula da Academia preocupava-se com esta distorção que ia se desenhando e instrutores passaram a abordar os bem classificados para demovê-los deste “encarneiramento”. Certa feita, o major Cúrcio Neto, comandante do Curso Básico, aproximou-se de mim, e ao final de uma conversa disse-me a incontestável verdade, “melhor ser o primeiro em uma aldeia que o segundo em Roma”. Tinha razão, mas no momento vivíamos de paixão e cegos ideais, como só os jovens ousam fazer. Uma distribuição equilibrada das boas cabeças é fundamental para os exércitos, que precisam de líderes competentes em todos os campos da atividade militar. O Exército, sabiamente, impôs uma pequena modificação na legislação, de grandes e positivas consequências, na abertura do ano de 1967, início do meu 3º ano na AMAN.

Deveria ser fevereiro deste 1967 quando retornamos das férias escolares. Dois dias depois, feitas as arrumações do retorno, formamos na pèrgula Sul do Conjunto Principal (lado direito do PTM) para daí ingressarmos no cinema acadêmico e declararmos, pública e solenemente, a nossa escolha num ritual que até hoje, com pequenas variações, se repete. Antes de rumarmos para o cinema foi lida uma portaria ministerial modificando as normas de acesso ao IME: a partir de então, o ingresso dar-se-ia exclusivamente por concurso. A decisão já previamente tomada foi honrada pelos doze jovens que subiram ao palco, um por vez e nos

dirigimos para a mesa onde estava o oficial matebeliano encarregado de receber a nossa assinatura formal de escolha. As vagas se fecharam no vigésimo colocado, ou mesmo antes! Um absurdo que iria se repetir ainda por um par de anos, particularmente porque estes cadetes não temiam o concurso imposto aos que quisessem ingressar no IME. O Cad Iberê, veterano nosso, sacou o nome de todos antecipadamente e nos entregava, à saída do cinema pelos fundos do pavilhão, o novo biriba (crachá) em fundo negro e letras brancas, as primeiras e inesquecíveis cores do Curso de Material Bélico da AMAN. Houve, a partir de então, gradualmente, o achatamento da “curva”. Passaram a caber, nesta curva em forma de tronco de trapézio, todas as especialidades em uma distribuição mais adequada às necessidades da Força.

Se já éramos próximos, nós doze nos tornamos, a partir daí, umbilicalmente ligados. Contratamos compadrio depois de casados embora eu, isolado em Salvador nos meus primeiros anos de caserna, seja compadre de todos apenas por adoção. A nossa intimidade como cadetes esteve arquivada todos estes anos no perfil que traçamos uns dos outros para a Revista da Turma Humaitá, de 1968. Revi aqueles pensamentos juvenis e ousei atualizá-los. Poderão ver, no anexo, como todos nos tornamos o que já se adivinhava na época: amigos leais e afetuosos, profissionais competentes, pais e avós invejáveis e maridos sem igual, segundo o depoimento insuspeito das meninas que nos escolheram.



Os doze que ingressamos no Material Bélico em 1967.¹⁷

Zeca Bordeira se deleita, na sequência, falando dos encontros quinquenais de toda a turma Humaitá e a adoção da base anual pelo MatBel. UH!

Estávamos em 2003 e completavam 35 anos que havíamos deixado, após quatro anos, a majestosa AMAN e nosso convívio diário. Em 1967 e 1968, tínhamos compartilhado, diuturnamente, as atividades de Curso de Material Bélico: aulas acadêmicas, instruções teóricas e práticas, estudos, esportes e encontros inesquecíveis nos fins de semana. Criamos um extraordinário e forte vínculo alicerçado nesse convívio cotidiano, que ainda encontrava espaço para a troca de nossas expectativas profissionais, sonhos e experiências já vividas. Naquele longínquo dezembro de 1968, entre lágrimas, nos

17 Alinhámo-nos nesta nova família, da esquerda para a direita, os cadetes Humberto (deitado), Bordeira, Huber, Napoleone e Cemilton (de cócoras) e Doederlein, Fagundes, Uchôa, Brochado, Maciel, Fukuhara e Cabral (em pé).

despedimos e seguimos para as nossas primeiras designações como Aspirantes ao longo deste país continental.

Cumprindo uma tradição do Exército, voltamos à Escola em dezembro de 2003.¹⁸ Estreitos e fortes abraços, entre sorrisos e lágrimas de alegria no reencontro, revimos o filme de nossas vidas, agora assistido por nossas esposas, filhos e já por alguns netos. Dentre as diversas atividades programadas para esse encontro, há a formatura no Pátio Ten Moura com a marcha para o rancho (refeitório) ao som de um dobrado militar. Solenidade que fazíamos três vezes ao dia enquanto cadetes. Segue-se um festivo almoço nas mesmas mesas de onze lugares que ocupávamos trinta e cinco anos antes. Vale sublinhar a força dessa tradição própria da vida militar.

Em meio às conversas descontraídas e a repetição dos mesmos casos já revividos do passado, com as mesmas gargalhadas, um de nós lembra: 'Daqui para frente, aguardarmos mais cinco anos para nos revermos é um longo salto no tempo, uma vez que nos aproximamos de nossos 60 anos...'. No primeiro momento, alguma incredulidade estampada nas expressões, mas, logo, uma constatação se fez valer: a passagem do tempo é impiedosa. E com ela a ideia de um encontro anual, que aconteceria em cidades diferentes ao longo do país. Concordância geral.

O primeiro encontro aconteceu, em 2004, em Itaipava, na serra de Petrópolis, no Centro Gen Ernani Ayrosa. E a partir desse, temos nos encontrado anualmente: Petrópolis, Salvador, Penedo e Resende, Agudos e Bauru, Itanhaém, Fortaleza, Barra do Piraí, João Pessoa, Angra dos Reis, Campos de Jordão, Maceió. Ao longo desses dezesseis últimos anos estivemos juntos, anualmente. Lamentavelmente, não pudemos nos ver em 2020, em razão desta epidemia que nos assola.

Encontros extraordinários e memoráveis! A celebração daquilo que juntos construímos na nossa sacrossanta Escola. Berço de uma impecável formação profissional militar que, ainda, amalgamou valores fundamentais à carreira àqueles que trouxemos de nossas formações familiares. Celebramos mais: a bondade infinita do Criador que tem permitido àqueles doze jovens cadetes, agora na maturidade de mais sete décadas percorridas, se estreitarem em longos e fortes abraços anuais.

Continuei me aplicando pouco nos esportes, fumava desbragadamente e ao final do 3º ano fiquei em final de Educação Física, mas precisando de uns poucos pontos para ser aprovado, nada preocupante. Valorizáva-

18 O evento do reencontro da turma de Aspirantes na AMAN acontece a cada cinco anos, após a primeira década da Declaração de Aspirantes.

mos muito os conhecimentos de mecânica de automóveis, armamento, solda, tornearia e calderaria, por aí. Aprendíamos uma língua nova: bitz, jumelo, platinado, solda oxi... Nossos instrutores mais antigos eram infantas e cavalarianos, formados na Escola de Motomecanização, depois Escola de Material Bélico, apaixonados pela mecanização e modernização em geral, trazidas pelo sopro da Segunda Guerra Mundial. Quando voltei a encontrá-los, muitos anos mais tarde, eu já general, tratavam-me com carinho, um filho que lhes dava orgulho. Eu retribuía: para eles continuei sendo o Baiano e eles eram meus mestres, chamava-os Cel Ney Salles, Cel Braga, Cel Leônidas, com todo o respeito.

Há lembranças datadas, outras se misturam neste dois anos de MatBel. Algumas visitas a empresas da nossa área de interesse, fora de Resende, possibilitaram ricos conhecimentos socioeducativos. Estando em São Paulo, fomos à Bienal,¹⁹ em 1968. O interesse maior, devo confessar, era para duas moças muito bonitas que nos serviam de guias. No ano anterior alguns de nós estivemos no Festival Internacional da Canção, no Rio de Janeiro, vencido por *Love Is All*, música medíocre defendida por um inglês de potente voz. Depois, corremos ao Mondego, boteco na avenida Atlântica, que existe até hoje. O Mondego passou a ser a filial carioca do nosso Galo Verde sempre que íamos ao Rio.

Lia muito. Uma noite, de plantão no Estado-Maior, madrugada de sexta para sábado, no “nobre horário” das duas às quatro da manhã, nada para fazer, passei a mão numa gaveta e encontrei um livro desencapado: *Cem Anos de Solidão*, título e autor me eram desconhecidos. Interrompi a leitura somente no café da manhã, quando saí do serviço, mas prossegui no apartamento até terminá-la! Domingo, apaixonado por Macondo, reli o livro todo. O autor, Gabriel Garcia Marques, muito escreveu, mas na minha estante destaca-se *O Amor nos Tempos do Cólera*. Os hispano-americanos são os melhores, em verso ou prosa, na América Latina. Conceda-se aqui uma exceção para João Ubaldo Ribeiro, da Bahia, e o seu magistral *Viva o Povo Brasileiro*. É uma opinião muito pessoal, claro!

Por falar em livros, o lugar mais nobre e sóbrio da AMAN é a sua biblioteca. Muitas vezes lá estudei. Estantes com portas em madeira de lei,

19 Bienal Internacional de Arte de São Paulo. Vale uma ida ao Google, creiam-me!

lambris cobrindo todas as paredes. Altíssimo pé direito, mesas e cadeiras antigas e confortáveis, obras de arte ornamentando adequadamente o espaço. E um piso em taboado polido pelas mil pantufas que calçávamos para ali transitar. Nunca fiz consulta a livros do seu acervo, levava os meus próprios mas penso que tudo ali era muito antigo, tudo era histórico. Sei que hoje há uma biblioteca anexa para uso corrente. É um engano supor que a internet dispense bibliotecas. **Biblioteca é mais que livros; biblioteca é ambiente acolhedor, propício à concentração, cercado de silêncio.**

As Olimpíadas acadêmicas em 1968 foram um momento único para o Material Bélico. Éramos doze jovens no 4º ano e outros doze no 3º e quase vencemos as grandes armas com seus efetivos de mais de duzentos cadetes. Nós tínhamos Fukuhara e Cabral, espetaculares, e todos os demais, muito bons atletas. Reservei-me ser a torcida organizada depois de levar cinco estocadas do cadete Ronald, grande esgrimista carioca, de Cavalaria. Cemilton foi um pouco adiante no judô. Lembro do Cap Braga pondo fora das camas, às quatro da manhã, os atletas de polo aquático para treinar, piscina a 6º C, aquecida pelo sol! Aquecida pelo sol de inverno? Sol, na madrugada?! Ficamos em segundo lugar, no geral, primeiro em atletismo, vencido na última volta da derradeira prova: um 4x400 memorável. Um feito nunca mais repetido! Não lembro bem, mas parece que a arma vencedora tinha um atleta imbatível, o Miráculo.²⁰ Mas isto é lenda, *fakenews* da cadetada de então.

No São João, a AMAN movimentava-se em torno de uma festa junina sem igual, tomando o Clube (CIMAN) e adjacências, cada curso das armas montando a sua barraca com comidinhas, bebidas e brincadeiras, procurando atrair a todos, família militar e civis. Parte da renda ia para benemerência. Nesse 1968, o Cap Ney Salles, audacioso e original, propôs aos cadetes de MatBel comprarmos um “fusca” zero e sortearmos. Topamos! Mil números, apenas. Dos doze, nove compramos bilhete às cegas e depositamos numa caixa. Humbertinho teve uma “visão”, achou que ia ganhar sozinho e saiu da caixinha, entrando o Cap Braga, nosso comandante de companhia, em seu lugar. Fomos sorteados! Vendemos o fusca, rateamos a grana e guardamos para estourar em calças Lee, re-

20 Dizíamos, no ardor dos 20 anos, taça olímpica quase na mão, que um “miráculo” nos tirou a taça, insinuando mutreta. Nada disso, já tínhamos ido longe demais!

lógios Seiko, TV portáteis, aparelhos de barbear e outras bugigangas na Zona Franca de Manaus, depois do exercício da SIESP, no Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), em que batemos todos os cursos. Grande motivação...

Fui acometido por um problema “pros lados do coração”, discuti a cura com meu pai que, juiz e não médico, sentenciou, no verso de uma carta de minha mãe para mim: “Entre les deux, mon coeur pendant!”. E nada mais disse, entregando-me ao livre arbítrio... Foi certamente, o resultado dos quatro anos de solidão. Esta história de isolamento social, hoje tão comentada, deixa sequelas.

No início do segundo semestre de 1968, os três primeiros classificados do QMB foram ao exterior, em missão: Cabral, para os Estados Unidos, Brochado e Napoleone para Portugal. Nós outros, Resende mesmo, pela reta! Eis que o Cap Braga, nosso comandante de companhia, abriu, no quadro de avisos na nossa ala de apartamentos, a inscrição para uma excursão a Out Judge. Vaga para todos que quisessem! Que fosse uma poeirenta cidade do velho oeste americano, valia a pena. E neste trote, que perdurou por alguns dias, todos caímos! Out Judge referia-se ao “manobrão” acadêmico, exercício no terreno envolvendo toda a escola, que seria realizado em Juiz de Fora, Minas. Frio desgraçado!

A possibilidade de ingresso na AMAN pelos melhores classificados em escolas de segundo grau civis permitia a adesão de boas cabeças vocacionadas, mas deixava uma brecha para infiltrados de toda ordem, moral ou politicamente comprometidos. Estava no 3º ano da escola quando, à chegada de uma nova leva de cadetes, foi identificado um jovem que houvera sido excluído da EsPCEX (Prep) antes do fim do curso. Plantava maconha num canteiro de Campinas, misturava com Melhoral e vendia aos companheiros. Sei lá que efeito tinha o Melhoral na mistura! Pego, facilitaram-lhe a vida, pedisse desligamento da Prep. Ele assim o fez, saiu “ficha-limpa”! Diante da nova e permissiva legislação, matriculou-se no último ano de escola pública no subúrbio carioca, saiu-se bem no curso e requereu matrícula na AMAN. Identificado, não havia como excluí-lo. Este rapaz tinha sido aluno do CMS, eu o conhecia, e enquanto em Salvador, era o típico “criado com vó”: bem comportado, muito bom estudante, tímido. Tornou-se um malandrinho da pior espécie. Foi monitorado durante o seu 1º ano da AMAN e não deu “sopa na crista”. No segundo foi flagrado na região da piscina com uma jovem, como vieram ao mun-

do, fartando-se com o tal fruto proibido. Fez-se, desta vez, o devido processo legal e ele foi excluído. A jovem era jeitosa, havia invejosos!

O Cel Gilson, de Cavalaria de 1968, lembra os primeiros cadetes paraquedistas formados na AMAN:

Em 1968, o Exército estabelece a criação de novos padrões curriculares na AMAN, em vista de atender os imperativos da modernidade do combate, incluindo a realização do Curso Básico Paraquedista a cadetes do 4º Ano da AMAN. Cerca de 100 (cem) cadetes foram voluntários. Diante da severidade dos exames médico e físico um bom número de candidatos foi inabilitado.

Em 14 de outubro deu-se o início da 1ª fase do Curso, na Academia, com duração de duas semanas, apenas 27 cadetes obtiveram aprovação. Em 27 de outubro, iniciou-se a 2ª fase, também, por duas semanas, no Centro de Instrução Aeroterrestre, no Rio; era verão, sol escaldante, corretivos físicos extenuantes permeados por exigências técnicas aeroterrestres. Em 7 de novembro, no teste final, somente 17 cadetes se habilitaram à 3ª fase, destinada aos quatro saltos de qualificação, ocorridos em 8 e 10 de novembro em Gramacho - RJ.

Culminando, os Cadetes Paraquedistas realizaram um salto no Campo de Parada da AMAN, naquele mesmo novembro, em cujo avião se encontravam os generais do Núcleo Paraquedista e o Comandante da AMAN. Foram pioneiros:

Infantaria: Adilson, Rabay, Dalter, Domicio, Rezende Moura, Abrão, Gerardo, Rocha Santos, Hecksher, Seixas, Mota, Cascão Gomes, Guerra e Guarino.

Cavalaria: Gilson

Material Bélico: Cabral

Artilharia: Silva

Há nomes próprios – e impróprios – que, soltos, saltam na minha memória. Pouca ou nenhuma importância têm neste relato, muitos nem aparecem, mas tão saltitantes permanecem que eu aqui os desembarco. Aos residentes naqueles anos ou aos curiosos de sempre, recomendo a leitura do anexo: Aspirante Mega, Galinha Choca, Fazenda Santa Maria, Bastião, Campos de Membeca, Campo de Parada, Vaca Magra Alta (ou Baixa?), Mark Clark, Vaticano, Bosque, Ginásio Cadete Virgílio, Ponte que Liga o Nada a Por**@ Nenhuma, o Segure Aqui que eu Que-

ro..., Casa da Ada, Bambuzinho, Monumento à B..., Pátio dos Milagres, carta de Resende SO, o Alambari... e o rio Alambari? e M.E.R.D.A? e B.U.N.D.A? Zé Milico? UH!?

Quem são Irineu, Flamengo, Brigitte (você sabe!), Jubinha, o Decano, Peru Engomado, Índia Velha?

O mais deplorável de tudo foi a quase prisão que sofri às vésperas da minha formatura, decorrente de mal entendidos ligados a Revolução de 1964. Mal entendidos levam, por vezes, a decisões equivocadas. Em 1968 foi descoberto na Escola um grupo de cadetes que desenvolvia atividades subversivas. O objetivo era cooptar jovens e promissoras lideranças militares, promovendo uma infiltração no Exército, como ocorrera em 1935. Os infiltrados eram rapazes baianos que ingressaram na AMAN naquele ano, amparados pela nova legislação que abria a matrícula aos melhores classificados em escolas civis do segundo grau. Reservem esta informação para uma juntada final.

Em 1967, poderoso grupo empresarial de mídia indis pôs-se com o governo militar. Sua direção tentou uma reaproximação por meio dos chefes maiores, sem sucesso. Sabendo que a AMAN nos aninhou a todos um dia e por toda a vida militar a vemos como a nossa casa, chegou (o grupo) à Comissão Organizadora da Festa do Aspirantado (COFA) através de companheiro de turma e ofereceu a “festa no céu”, a custo zero: baile no Iate Clube do Rio de Janeiro com bufê, bebidas, conjunto musical, cobertura fotográfica na imprensa, queima de fogos e álbum de recordações. Ganhariam o perdão, supunham, afinal, “quem beija meus filhos adoça a minha boca”. Eu fazia parte da Comissão e já tendo sido aprovado no final do curso, fui ultimar os acertos com o próprio presidente da empresa e com o arcebispo do Rio, que celebraria missa na Candelária. Ambos foram gentis, mantive contato com a banda, equipe de fogos de artifício e gerente do Iate. Voltei, missão cumprida, para a AMAN, a bordo de um jipão Dodge, dirigido pelo nosso velho monitor, sargento Miguel. No Estado-Maior, o Ten Lóriato, oficial-de-dia, aflito, me aguardava. Um oficial superior do Corpo de Cadetes queria falar comigo. Não, não podia ir ao meu apartamento. “Não, você não está preso, mas vai aguardar aqui, no Estado-Maior.” Na bica do aspirantado e na bica da prisão, não entendi nada. Chega o Maj P, esbravejando: “Irresponsável, o que você conversou pessoalmente com o Presidente da empresa M.? E com o padre vermelho, Hélder Câmara? Qual a sua ligação com escri-

tor Carlos Heitor Cony, já que você doou um livro dele à biblioteca da Sociedade Acadêmica (SAM)?”. Quanta confusão!... mas, afinal, todos os baianos eram suspeitos... Eu, o réu, informei ao meu chefe ter ido ao Rio por ordem do capitão coordenador dos festejos com aquela agenda, que não fiz contato com D. Hélder, mas D. Jaime de Barros Câmara, cardeal do Rio, tido como homem de direita; que o livro doado, *Ai de Ti Copacabana*, era de Rubem Braga (não do Cony) correspondente de guerra na FEB e doei para livrar-me dele já que não gostei. O coronel acalmou-se e contou-me uma história nunca ouvida e nunca comentada até hoje, sobre a tal empresa “benemerita”: esta oferecera, à guisa de desculpas pela falha pretérita, um almoço de mil talheres no Iate Clube para os militares de alta patente; tais convidados foram orientados a confirmar presença mas a não comparecerem, demonstrando rejeição à bandeira branca içada... O patrocínio foi, então, descartado causando um problema de difícil solução já próximo à nossa formatura, resolvido graças ao empenho do brigadeiro Burnier, pai de um formando da nossa turma, conseguindo a cessão do Clube da Aeronáutica e patrocinando uma queima de fogos. A grana recolhida ao longo do ano era pouca para bancar uma “festa de arromba”, sem patrocinador. Mas no clube da Força Aérea, estávamos em casa: o clube era aconchegante, era “nosso” e à beira-mar.

Assim, concluída a minha trajetória acadêmica, coloquei todos os meus pertences no “baú do Aspirante”, um caixote de madeira de metro e meio cúbicos que a AMAN incumbia-se de fazer entregar nos nossos novos endereços e segui para férias baianas. No meu caso, Napoleone e Cemilton, a nossa “mudança” foi entregue na 2ª Companhia Leve de Manutenção (2ª Cia Lv Mnt ou Leve), em Barueri – São Paulo. O baú é uma caixa de Pandora que deve permanecer trancada a oito chaves, sete lançadas fora e uma na mão do melhor amigo.

A Zeinha vai falar um pouquinho:

Foram quatro anos muito difíceis. Havíamos ficado mais de um ano sem nos falar, tempo que deixamos a adolescência, e tivemos menos de um mês para pôr nossos sentimentos em ordem, antes que Beto embarcasse para a AMAN. Foram dias de muitos

*abraços, beijinhos e carinhos sem ter fim, como cantaram os divinos Tom e Elizete, em Chega de Saudade.*²¹

Ocupou-me o curso de Contabilidade e o bandeirantismo. Muitas cartas, promessas e juras de amor.

E no desespero da saudade, o auxílio frustrado de um radioamador.

O ano de 1969, Beto em São Paulo, correu rápido, com os preparativos do casamento em Salvador.

Anexo 1 – Um pouco da nossa intimidade.²²

Huber – Componente da parte mais “espessa” da turma – a gauchada –, o Alemão, sorridente e brincalhão, ainda hoje alegra qualquer ambiente. Único branco a eleger-se Patolino, o “sumo-sacerdote”, não introduziu o chimarrão entre nós (toma mate de saquinho) mas sim, o noivado precoce. Dizem que o pai da noiva financiou as alianças, pois ele não colocou o seu bilhete do sorteio do carro na caixinha geral! No esporte, era grande jogador de basquete. Demitiu-se do Exército – mas a mulher e filhos não – em 1979, já formado pelo IME e foi morar em... Resende. Uma filha, seguindo tradição da família materna, casou-se com um milico e depois, ela mesma, tornou-se militar. Joga tênis, direitinho, ainda, na faixa dos demais: superveteranos!

Cemilton – é mineiro mas depois que conheceu o mar, virou carioca. Entrou na AMAN por concurso, num tempo em que muito poucos eram bem-sucedidos. Era o “cuco” do Material Bélico, acordando várias vezes à noite para um “gagá” intermitente. É o mais sério entre nós, não digo o mais responsável, que isto somos todos. De pouco falar, é grande gargalhador. Dedicou-se ao judô, episodicamente, tornando-se mestre nas quedas (dos golpes que levou), aí virou Kavacame! Faz parte da maioria

21 Divina era o apelido da Elizete Cardoso, cantora sem igual, que por isto atendia também pela alcunha de Magnífica. Tom Jobim, por aproximação, é o Divino, e *Chega de Saudade* é o marco inicial da Bossa Nova!

22 Original de 1968, atualizado, expurgados os pecadilhos e acrescentados gentis qualificativos.

que fez o IME. Detestava “beijudo”, mas dizem que hoje se faz de cavalinho para o neto.

Uchoa – o Arataca, passo lento para não suar, sempre do contra, tudo contestava. Grande escritor de cartas, recebia, às vezes, duas por dia... e respondia. Imagino hoje, com a internet! Tinha uma “farmacinha” de amostra grátis e clinicava por afinidade sentimental, a noiva era médica. Grande goleiro, era a segurança do MatBel nas partidas de futebol. Hoje é produtor de cafés especiais no latifúndio de Guaramiranga (CE) e barista de renome naquela metrópole. Dedicou-se ao tênis, com muita seriedade, incentivando os seus filhos. Hoje ainda joga a sua bolinha.

Humberto – Carioca, natural de Campos dos Goitacazes (!), o “Amigão” ou “Maninho” merece os dois epítetos. Mantinha uma escolinha na Academia, socorrendo os desesperados nas vésperas de provas de “exatas”. Queria logo ter um carro, pelo que deixou de fumar, digo, de comprar e passou a filar. A sua visão de que ganharia o sorteio do carro junino sozinho foi miragem! Grande “boleiro”, era o terror das defesas adversárias. Seu segundo grande desejo, este nunca consumado, era vencer o Cabral no xadrez: este deitado, bibico sobre os olhos e o Amigão vendo tudo e auxiliado por todos. Perdia sempre. Mas tinha serventia: era o *sparing* do Baixote. Faz parte, hoje, do grupo da bolinha de tênis. Desempenho inversamente proporcional ao peso.

Fukuhara – Fuku é carioca, fala pouco e muito sorri. Hoje, ainda mais sorri, como todo meio-surdo que somos nós, fingindo que entendeu. Foi o maior atleta do nosso tempo de cadete. Treinava e treinava, embora o talento natural contasse muito. E a raça... na prova dos 4x400, na volta final, eu vi, ninguém me contou, trincou os dentes e fez espetacular ultrapassagem, nos dando o primeiro lugar no atletismo. Foi “matriculado” em todos os esportes nas olimpíadas acadêmicas, até os “com bola” (com que não tinha intimidade), pois merecia todas as medalhas, era um fora de série! Tinha memória fotográfica, dizia-se, por isso o seu estudo rendia, o que lhe permitia descer ao Rio para namorar desenfreadamente todo fim de semana, sob o olhar atento do Fernando, seu cunhado e também cadete. Hoje é tenista, na média dos demais.

Doederlein – faz parte da maioria do MatBel, a gauchada. Eram quatro! Grande beque, em tamanho e talento: primeiro o talento; se não fosse suficiente, a derrubada pelo tamanho. Prático no gagá (“leu, não entendeu, decora”) era inspirado poeta, de fazer e recitar versos. Lembro do Zé e do Fagundes poetando J. G. de Araújo Jorge, sentados na cama e no birô no apartamento e me permito transcrever um trechinho de *Bom Dia Amigo Sol*: “...só tu tens o direito, de surpreendê-la quente dos meus braços, no aconchego feliz do nosso leito”. Chora Alemão, que esta nem você, hoje mero avô de poeta, se lembraria.

Bordeira – Era o chamado carioca da gema, sotaque bem característico. Organizadíssimo, de causar inveja. O carioca mais laranjeira que já tínhamos visto, no máximo ia até Cruzeiro, cidadezinha próxima a Resende, ver a avó, mas voltava sempre a tempo para o chopp e o batuque na O. Botelho. Mas um dia o Bordeira começou a rarear na pracinha e diziam que passou a ter aulas de reforço com uma normalista no Rio, dando baixa da condição de laranjeira. Acho que o Zeca foi de Cavalaria no CMRJ, pois adorava um beçudo. Muito bom atleta, destacava-se na água, mas foi grande naquele 4x400! Criou, na “baiuca” da nossa ala de apartamentos, um laboratório fotográfico, arte a que se dedica até hoje, na sua Petrópolis

Napoleone – Napô, que já foi apelidado de Paulista, veio do meio civil, por concurso! Como é que Agudos, “arrabalde” de Bauru, onde todos eramERVEJEIROS da fábrica da Antártica, deu tantos chefes militares, ele tendo inaugurado a linhagem, é um mistério para mim. É um caipira até hoje: simples e generoso. Foi eleito a mãe de Manaus (mãe do Humberto, que não tinha nem queria intimidade com a selva). Ótimo esportista. Penso que a partir do futebol, que até em Agudos se joga, desabrochou sua versatilidade: da corrida de fundo ao tiro, passando pela água, revelou grande talento. Hoje voltou à sua Agudos de onde nunca se afastou de verdade. Anda cuidando da memória local, recuperando o cine-teatro construído pelo avô (verdade) e fazendo expedições onde diz pescar peixes de metro e meio (história de pescador).

Fagundes – é outro da “maioria”. Nasceu em São Luiz Gonzaga, das Missões, assim, quase paraguaio. Formidável no improviso, faz-me lembrar dois grandes nas observações repentistas, Michel e Parobé, artilheiros que já se foram. No aquecimento diário – dono da única cuia e bomba da ala – o chimarrão bastava. Nos fins de semana, Fogo Paulista era usual, chopp também servia. Lembro que no Mondego, boteco classe A na avenida Atlântica, no Rio, ganhou o campeonato de virada de bolacha, aqueles apoios de papelão para copos. Era grande jogador de futebol de salão e hoje engana bem no tênis, às vezes pulando numa perna só, pererê da idade. Fazia parte do laranjal e tinha mesa cativa no GVO, amante da música e da poesia. Ah! No nosso pequeno armário de cadetes, de uma só porta, perdeu a sua raquete de tênis, tão organizado que era.

Maciel – sou eu, o Baiano, o menos talentoso esportista de todos, mas o torcedor número 1: também, não havia muitos! Gagá respeitável, até hoje, é verdade. Ao contrário do que disse quem fez o meu perfil no passado, acho que foi o Fagundes (sem voz, despeitado!), sou barítono e ele, ouvido de espingarda! Quantas vezes encarei aquela reta, meio ébrio! Tempo passou e eis-me fazendo ECEME e o Fagundes mestrado no IME, nós morando no mesmo prédio. Saído do Teatro da Lagoa onde fui assistir musical com a Lucinha Lins, de pernas longíssimas e poderosamente belas, encontro o Fagundes no Clube da Praia Vermelha. Muita birita depois, clube fechando, fomos dali enxotados e seguimos para o Roda Viva, churrascaria-boate ao pé do Pão de Açúcar, para a saideira: últimos, também, a deixar o Roda, tomamos o rumo de casa, no Edifício Praia Vermelha (EPV), prédio cem metros em frente. Fixamos um ponto ao longe e tentamos seguir uma reta. Quase conseguimos! Foram dois dias de ressaca e a promessa de nunca mais beber. Beber tanto, claro! O resto de mim está neste livro.

Cabral – Ah! O Baixote. Vinha das férias com todo o assunto do ano a iniciar já estudado; não à toa, era o 01. Nas vésperas de prova, seus cadernos de problemas resolvidos, equações e “derrondes”, suas entalpias e suas fórmulas químicas passavam de mão em mão, no “gagá do desespero” da turma menos aplicada. Embora primeiríssimo da turma Humaitá – ou talvez por isso – revelando senso de aproveitamento de tempo sem igual, era grande atleta de futebol, de salto com vara e ou-

tros esportes. Como enxadrista, não tinha rival na Escola. Foi, também, um dos dezessete primeiros paraquedistas formados na AMAN. Dormia invariavelmente depois da “revista do recolher”, aí pelas oito da noite e acordava às duas, para reestudar o que já havia estudado! Dava um plantão mensal em Volta Redonda, mas isto é outra história. Quando operei-me da próstata, a gente já sessentão, preocupou-se muito, deu-me o projeto de uma prancha de madeira (e entregou-me um tripé de apoio, já pronto) para exercitar-me e um livro do Hermógenes, seu guru na yoga.

Brochado – voltando ao Huber, Brochado é o gaúcho menos espesso que conheci. Apelidaram-no Potro pela maneira peculiar de correr. Usava Pantene, o que não impediu a calvice precoce. Bom atleta, grande atirador, mas sobretudo, amigo de fé. Aguentar Gabriel e Maciel não era fácil! Fez o IME, depois ECEME e para nosso orgulho, foi reitor da magna instituição da Engenharia Militar. O primeiro general de toda a Humaitá. Convinceu-me a substituí-lo como diretor social do Clube do Exército, o que fiz com desvantagem, mas o fato é que na semana Farroupilha vinha ajudar-me a organizar o furdunço e pilchava-se como gaúcho da fronteira. Era o único a torar depois do almoço, bibico sobre os olhos, o que só vim a fazer já coronel. Quanto sono perdi!

Anexo 2 – Rondon e Projeto Rondon

Há homens inesquecíveis para suas famílias pela condução exemplar das suas vidas. Os que lhes são ou foram próximos contam e recontam “causos”, exageram no pitoresco e minimizam os seus poucos defeitos para ressaltar as suas reconhecidas virtudes.

Outros deixam manchas, deixam pegadas, cicatrizes...

Mas há outros homens, tocados pelo destino, que se elevam acima dos demais e encharcam com seus feitos toda a sociedade. Se são virtuosos – o que nem sempre ocorre –, são inspiradores, são paradigmas, são modelos.

Dos primeiros, em termos coloquiais dizemos: “Eis aí um sujeito decente”. Dos últimos, sabem o que devemos dizer? “Quero ser como este cara!”

A revista VEJA, de anos passados, publicou trabalho de Howard Gardner em que o autor afirma o caráter amoral da inteligência, citando homens geniais (Picasso e Einstein entre outros) que não foram, fora das suas áreas de excelência, modelos para a sociedade.

Que tipo de homem foi Rondon? Quase todos dirão que foi amigo dos índios; muitos sabem que rasgou os sertões do Brasil; alguns suspeitam que foi o primeiro ambientalista do país e singrou a Amazônia e as fraldas remotas do centro-oeste do Brasil na companhia de Theodore Roosevelt, ex-presidente americano nos remotos anos 20 do século passado. Foi também marechal do Exército Brasileiro.

Órfão de pai ao nascer e de mãe aos dois anos, foi criado, inicialmente, pelos avós e depois por um tio. Aos 16 anos entrou no Exército como soldado e é a caserna que lhe molda o caráter.

Tinha somente dois anos de oficial quando, recém-casado, iniciou os trabalhos de lançamento de linhas telegráficas. Era o governo republicano querendo integrar o Brasil e descobrindo o homem capaz de fazê-lo.

Construir linhas é abrir picadas – precursoras das estradas –, é topar com índios e deles fazer aliados, é singrar rios e vales e montes; é ver, perceber, a rica e desconhecida fauna e flora daqueles confins e com enorme sensibilidade e sentido de futuro, tudo registrar.

O Brasil reconhece o valor deste homem que não perguntava onde, como ou quando. Apenas, o que fazer. A Sociedade Geográfica de Nova Iorque o pôs, ao homenageá-lo, entre os cinco grandes descobridores e exploradores da Terra: Pearry, descobridor do Polo Norte; Amundsen, o Polo Sul; Charcot, explorador do Ártico; Bird, explorador da Antártica; e Rondon, maior estudioso e explorador das terras tropicais!

Theodore Roosevelt, que apoiado por Rondon percorreu mais de três mil quilômetros de selvas brasileiras afirmava que a América podia apresentar ao mundo duas magníficas realizações: o Canal do Panamá, ao norte e a obra científica, prática e humanitária de Rondon, ao sul.

O que mais importa aos que ainda não se deixaram fascinar por este brasileiro é que, em tudo que fez, mostrou-se um líder! A cada missão que lhe foi atribuída respondia sem recusas, sem perguntas, com iniciativa e, principalmente, grande capacidade de congregar pessoas em torno dos projetos que capitaneava.

(Perceba o leitor como o anexo 3, a seguir, *Uma Mensagem a Garcia*, completa este texto)

O Projeto Rondon – vejam que denominação feliz! – é fruto do trabalho conjugado de muitas pessoas, capitaneadas, aí por 1967, pelo Professor Wilson Choeri, da então Universidade do Estado da Guanabara, hoje Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), e pelo general Reynaldo Mello de Almeida, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME).

Como a Universidade e as Forças Armadas somaram esforços e trabalharam tão bem até o final dos anos 1980, quando vigiam preconceitos e patrulhas ideológicas, só a grandeza dos condutores, o conhecimento gradual que iam tendo um do outro e a generosidade dos jovens pode explicar.

Extinto, o Rondon não morreu. Ressurgiu em 2005, sob nova forma mas mantendo a sua essência que reside em motivar os jovens universitários a saírem dos seus casulos, suas cidades, seus estados e se envolverem na realidade brasileira. Não bastam TV, internet e carradas de livros. O jovem precisa ouvir outros sotaques, provar outros sabores, olhar outras paisagens e sobretudo dar as mãos a outros jovens. Eles são o Brasil do futuro!

Anexo 3 – Uma mensagem a Garcia.

Todos conhecem o conjunto de qualidades, que, embora não exclusivas da gente fardada, é mais comum vê-las praticadas entre nós. Não vou repisar aqui as Virtudes Militares. Mas há uma história famosa que trago à meditação dos leitores, intitulada *Uma Mensagem a Garcia*.

Helbert Hubbard, o autor, conversava com o filho, lá pelos idos de 1900, sobre a guerra entre os EUA e a Espanha. O jovem defendia a ideia de que foi Rowan, e não o general Garcia ou o presidente Mac Kinley, o herói maior da guerra. Eis um extrato do texto fruto desta discussão.

Em todo este caso cubano, um homem se destaca no horizonte da minha memória como o planeta Marte no seu periélio. Quando irrompeu a guerra entre a Espanha e os Estados Unidos, o que importava a estes era comunicar-se rapidamente com o chefe dos insurretos, Garcia, que se sabia encontrar-se em alguma fortaleza no interior do

sertão cubano, mas não exatamente onde. Era impossível comunicar-se com ele pelo correio ou pelo telégrafo, no entanto o presidente tinha que assegurar-se da sua colaboração, o quanto antes. Que fazer?

Alguém lembrou ao presidente: 'Há um homem chamado Rowan e se alguma pessoa é capaz de encontrar Garcia, há de ser Rowan'. Rowan foi trazido à presença do presidente que lhe confiou uma carta com a incumbência de entregá-la a Garcia. De como este homem, Rowan, tomou a carta, meteu-a em um involuço impermeável, amarrou-a sobre o peito e após quatro dias saltou de um barco sem cobertura, alta noite, nas costas de Cuba; de como embrenhou-se pelas matas para depois de três semanas surgir do outro lado da ilha, tendo atravessado a pé um país hostil e entregue a carta a Garcia, são coisas que não vêm ao caso narrar aqui, pormenorizadamente.

O ponto que desejo frisar é este: Mac Kinley deu uma carta a Rowan para ser entregue a Garcia e Rowan sequer perguntou onde estava ele. Hosana! Eis aí um homem cujo busto merecia ser fundido em bronze imarcescível e sua estátua colocada em cada escola do país. Não é só de sabedoria livresca que a juventude precisa, nem instrução sobre isto ou aquilo. Precisa sim, de um endurecimento de vértebras para mostrar-se ativa e diligente e dar conta do recado, para em suma, levar uma mensagem a Garcia.

E o texto segue... Rowan é personagem real e era tenente-coronel do Exército dos Estados Unidos.

Anexo 4 - Nomes próprios e impróprios que saltitam na minha memória.

– Pátio Tenente Moura (PTM) era o centro de gravidade da escola. Ali formávamos, isto é, toda a Academia se reunia, quatro vezes por dia, para a entrada no rancho às refeições e início das aulas. O Ten Moura, exímio atleta, que se preparava para a travessia a nado do canal da Mancha, faleceu num desastre aéreo, em aeronave militar, nos arredores de Resende.

– Aspirante Mega, para os pouco informados do meu tempo, era um morrote no campo de instrução da escola. O aspirante propriamente dito foi o herói de Montese, a mais sangrenta vitória da FEB. À morte, registrou o Cel Bento, incansável historiador, conclamou os seus comandados a prosseguirem na missão: “A minha vida nada vale, a minha morte nada significa diante do que vocês têm a fazer. Prossigam na luta”.

– Galinha Choca é outro grande movimento do terreno (morro). Indica a direção norte e tem a forma inconfundível de uma galinha. Chocando!

– O Bastião e a Vaca Magra são duas elevações bem ao fundo da AMAN. Lembro que o Bastião, particularmente, era usado para pequenos exercícios de maneabilidade, no Curso Básico.

– Maneabilidade, exercício individual do combatente isolado: correr sob tiros de armas de fogo, rastejar em águas barrentas; ralação, enfim.

– Santa Maria – uma das fazendas formadoras da Academia. Fornecia parte da nossa alimentação, tipo leite e ovos. Foi desativada.

– Campos de Membeca – região lá para as bandas de Penedo, distrito de Resende. Local de exercício de algumas armas. Nunca fui por lá mas guardei o sonoro nome. Membeca é uma planta da família das gramíneas. Gramíneas? Vá ao Google.

– Mark Clark – nome do estádio de futebol da AMAN. Homenagem ao general americano a que a FEB esteve subordinada. Lembrando que a Escola era novinha, tudo estava por ser batizado e vivíamos tempos pós Segunda Guerra.

– O Vaticano é como chamávamos o pavilhão Pratti de Aguiar, onde se instalou inicialmente, no térreo, o curso de Material Bélico. Nos outros andares, outros aproveitamentos, inclusive uma sala de Eletricidade. Um dos professores era a cara do Pio XII, o Papa. E onde trabalha o Papa?

– O Bosque (dos Namorados?) fica às margens do rio Alambari, ao lado do espelho d'água que reflete a bandeira nacional no topo do seu mastro majestoso.

– O rio Alambari corta a AMAN longitudinalmente e desemboca no Paraíba do Sul, pelo que a Escola possui diversas pontes. *O Alambari*, este é um jornalzinho lido por todos, que circulava pela Escola diariamente, com informações de interesse geral. Ainda existe, segundo disseram-me, espero que com o mesmo charme retrô.

– Cadete Virgílio – o nome do ginásio de esportes principal da AMAN. Virgílio faleceu em acidente durante exercício acrobático na cama elástica.

– A Ponte que Liga o Nada a Porra Nenhuma, à esquerda da reta na direção de Resende, liga o nada a... porra nenhuma, é um obra de arte embelezadora.

- O Segure Aqui que eu Quero... exige respeito. Perguntem por aí.
- O Bambuzinho e a casa da Ada eram locais receptivos aos cadetes que não podiam descer ao Rio ou dar uma chegada em Barra Mansa.
- O Monumento à B... ficava num canto do Campo de Paradas e fazia o tratamento de esgotos de todo o complexo acadêmico.
- Campo de Paradas é a enorme área gramada que ladeia a reta em toda a sua extensão, trezentos metros ou mais de cada lado.
- No Pátio dos Milagres, contava-se, mas era mentira, fazia-se a multiplicação de pães e peixes em benefício de alguns.
- Carta de Resende SO, era o mapa da região, foco no sudoeste de Resende. Todo cadete tinha a sua.
- Bombom era um cavalo funcionário público que não gostava de trabalhar. Montado por mim, derrubou-me algumas vezes.
- M.E.R.D.A é termo novo, mas talvez não tenha outro espaço para registrá-lo. Hoje em dia pode ter na cidade um monte de M.E.R.D.A: grande prédio construído entre 1968 e 1979, Maior Edifício de Resende Depois da Academia.
- B.U.N.D.A também é novo, para os mais velhos. Buraco Úmido e Nojento Defronte à Academia. A travessia da Dutra e dos trilhos em direção a Resende hoje se faz, sob os mesmos, pelo “buraco”.
- Irineu tinha uma pizzaria pequena, no fundo de um corredor de lojas, no Tabuleiro da Baiana. Pizzas fininhas, secas e bem coradas. Anos passados, tornou-se proprietário da grande cantina da AMAN.
- Flamengo era um garçom, ferrenho flamenguista. Os que se declaravam torcedores rubro-negros tinham tratamento preferencial.
- Brigitte. Ah! Brigitte! era uma moça jeitosa que trabalhava na lavanderia, andar bamboleante, lábios carnudos, patrimônio da Cavalaria; dez anos depois, eu capitão, foi ao Curso de Material Bélico (CMB) buscando preferência para a concessão de serviço de cantina. Deu o seu nome de batismo e, em seguida, quase sussurrando, o “nome de guerra”. Ainda um bom molejo, mas não ganhou a parada.
- Jubinha era uma jovem que acompanhava a tia nas suas saídas noturnas para protegê-la. Pertencia ao patrimônio geral.
- O Decano, não lembro o seu nome, mas nós o chamávamos de Juca. Primeira aula, alguém espirrou e ele disse “Saúde”. Nós calados. Então

nos ensinou que deveríamos responder “Pra nós todos!” Até hoje aos espirros na minha casa segue-se este diálogo.

– Peru Engomado, apelido de um professor de Matemática. Tinha mesmo a cara do bicho peru. O engomado, sei não!

– Índia Velha é como chamávamos, entre nós, o comandante da Escola no nosso 1º ano. Tinha mesmo a cara de indígena, estatura mediana, meio gordote, muito inteligente e articulado. Só o víamos na formatura matinal das quartas-feiras. Morreu tragicamente em um desastre aéreo.

– Zé Milico é a figura alegórica de um galinho em primeiro uniforme, representação do cadete nos eventos esportivos.

– UH! era o brado, a saudação guerreiro-desportiva do MatBel, invenção dos cadetes de 1960, a primeira turma a formar-se. Tinham pressa em criar tradições. Esta parece-me perdida.

Anexo 5 – Fotos



Gen José Pessoa e o plano piloto de Brasília.



Rondon e Roosevelt.



PTM em dia festivo.



Biblioteca acadêmica.



Quarenta anos de formados. Toda a Humaitá. Nós, carecas e barrigudinhos, elas na beleza plena da maturidade.



AMAN, dezembro de 2008 (75% de MatBel presentes nos 40 anos de formados).

5

BARUERI (1969-1970)

A realidade da vida na tropa: uma expulsão a toque da caixa.
Lamarca.
Casei-me e “fui feliz para sempre” (Churchil).



Felizes para sempre!

Vocabulário

- Portão das Armas – entrada principal de qualquer organização militar.
- Aspira – Aspirante a oficial.

Servi em Barueri – São Paulo, de janeiro de 1969 a final de abril de 1970. Junto comigo, Napô e Kavakame, todos laranjeiras. Dois fatos sobressaem e marcam, casualmente, o início e o fim deste período paulista da minha vida: as repercussões do assalto de Lamarca ao 4º Regimento de Infantaria (4º RI), em final de 1968, na vizinha Quitaúna e o meu casamento, em 19 de março de 1970.

Barueri, à época, era um subúrbio ferroviário pobre. Hoje é próspera cidade, sedia instalações das grandes empresas e condomínios de luxo. Na época, apenas o Arsenal de Guerra de S. Paulo, o 2º Grupo de Canhões Antiaéreos (Grupo Bandeirante) e a 2ª Companhia Leve de Manutenção, que recém se transferira para lá, eram instituições relevantes na cidade. O trecho ferroviário que iniciava na velha Estação da Sorocabana, centro da capital, seguia para Osasco, Quitaúna, Carapicuíba, Barueri e Itapevi, sopra-me a memória embotada. Ao longo da linha, os principais quartéis do Exército na grande S. Paulo.

Da redoma de onde saímos, a Academia, não sabíamos o que acontecia no Brasil, salvo por notícias trazidas do Rio pelos cariocas que semanalmente desciam a serra. Ainda assim, estes caras iam na cidade-maravilha namorar e namorar e namorar. Os jornais sofriam uma relativa censura e, apenas sutilmente, tratavam da realidade; viviam em cor de rosa, melhor, em preto e branco, salvo o *Pasquim*, recém-fundado, crítico mordaz do governo militar, fundador da esquerda-caviar. O Brasil para mim, a partir da AMAN, sem telefone, TV, rádio e apenas revistas ocasionais, era o Brasil grande que estava em construção desde 1964. Mas o Movimento Comunista Internacional (MCI) atuava cada vez mais fortemente. Não soubemos do atentado a Costa e Silva, no aeroporto de Guararapes-PE, em 1967, nem dos grupos terroristas que se formavam a partir do movimento estudantil fortemente infiltrado e começavam a praticar assaltos a bancos e sequestros. Até porque ocorreu em dezembro de 1968, nós de férias, já aspirantes – logo a caminho dos nossos destinos finais – não soubemos também que Lamarca, um capitão intelectualmente mediano, atirador de escol, servindo no 4º RI, em Quitaúna, furtara mais de sessenta armas, modernos fuzis automáticos leves (FAL), e munição dos paíóis da sua Unidade, traição só comparável a 1935.

Em uma madrugada de janeiro de 1969, saltei na Rodoviária paulista que, penso, era próxima à Estação da Sorocabana e não esperei o pri-

meiro trem, das 04h30min da manhã. Tomei um táxi. Barueri era longe, quase uma outra viagem. O automóvel parou no “portão das armas” da Leve e vi-me cercado por mais de cinco militares, armas apontadas para ao carro. Ríspidos, mandaram-me saltar, mãos para cima, identificar! Era apenas um Aspirante a Oficial chegando! Soube pelo Napoleone e pelo Cemilton, que já estavam no quartel, do caso Lamarca e do desconforto e ambiente de desconfiança vividos na guarnição militar. Lamarca tivera aliados; quantos mais poderiam haver, ainda, infiltrados, preparando outro golpe? A Leve era comandada pelo major Viggiano, um artilheiro muito bom, feliz em receber três “aspiras” para o lugar de três tenentes de AMAM que, pouco vocacionados, pediram demissão do Exército, causando, seguramente, baixo moral à tropa.

Um evento marcou-me até hoje, por inesperado, desconhecido e degradante: a expulsão de um cabo “a toque de caixa”. No horário normal da formatura matinal, entra no pátio central o cabo, ladeado por uma guarda armada. O sargenteante – o mais antigo dos sargentos – procede o ritual. Arranca-lhe as divisas, rasga o seu gorro e lança ao chão, toma-lhe o cinto, retira-lhe os coturnos, arranca os bolsos da gandola.²³ Requite final, entra a Polícia Civil e algema o, agora, ex-militar. A tropa faz meia volta-volver, dando-lhe as costas em sinal de desprezo, enquanto dois policiais o conduzem, “debaixo de vara”, para fora do quartel, embarcando-o em viatura adequada. Uma cena chocante! Disse-me o Cemilton, que acompanhou o caso até o final, que o criminoso era ladrão de carros e os guardava no quartel, supostamente, a salvo da polícia.

A vida social era pobre, paupérrima. Morávamos no quartel, num alto, frio danado, fora da cidade; mas todos queríamos economizar. Algumas vezes ia a Santos, com Napoleone, lá morava a Sílvia, sua noiva. Outras vezes jantava no Cristal, um restaurante em Osasco, onde um cozinheiro baiano me preparava boa moqueca e sentava para uma conversa fiada; poucas vezes arribava para Salvador, em preparativos para o casamento. Aos domingos, em geral, 12 horas de TV na maratona de Sílvio Santos! Cemilton tinha parentes em São Paulo, tomava outro rumo.

23 Se não são capazes de imaginar a cena, o choro e a humilhação, busquem assistir *O Julgamento do Capitão Dreiffus*, na TV fechada.

Sobre o casamento, a Zé era menor de idade e Pinto Coelho falou em não permiti-lo tão brevemente, não queria largar a filhota para viver tão longe, certamente esquecido do seu próprio e apressado casamento. Alegava falta de dinheiro para fazer a bela festa com que sonhava; afinal, ultimava a construção de uma casa, o sonhado teto, construída no capricho. Meu pai, homem do tempo em que se morria cedo e por isso cedo se casava, orientou-me a entrar com os papéis na justiça e casar nos 21 anos da Maizé, assim não seria necessário permissão paterna. Verdade seja dita, Pinto Coelho acabou aceitando bem a nossa decisão. Documentação encaminhada, tratou-se dos preparativos em Salvador e eu, em S. Paulo, comprando geladeira, TV, radiola (som), máquina de lavar roupa. Esqueci da cama, colchão, roupa de cama, cadeiras e mesa, esqueci... sei lá!

Eu tinha um fusca modelo 1965 e fazia viagens arriscadas para Salvador. Em uma delas, depois de quase 30 horas de viagem e oito de namoro, sem dormir, embarquei de volta e sofri um acidente: um cochilo ao volante e fui parar em um monte de brita de um posto de gasolina em construção. Os operários tiraram-me (e ao carro) dali, ambos sem danos físicos, e obrigaram-me a dormir no alojamento deles. Outra gente, outros tempos. A partir de então, Viggiano, que amava seus aspirantes mas não concedia dispensas que parecessem privilégio, escalava o cabo Domício, que era baiano, para viajar comigo. Enquanto eu namorava, Domício dormia! No percurso de volta, dormia eu, encolhido no banco de trás do carro.

De fusca e sozinho, cheguei a Salvador dia 18 de março de 1970, véspera do enlace! Nada mais incerto... como “ela” acreditou que eu não faltaria? Casei-me de uniforme cinza. Sapato preto de cadete; até aí, boa engraxada, tudo bem! Meu sogro, homem de cuidados, perguntou-me qual a traje da minha noite de núpcias. “Cueca, ué!”. Sai PC horrorizado e compra um pijamão listrado, maior tesão, né? Não conto o casamento, minha mãe vestida de preto (viúva enlutada). O leitor adivinhe!

Lua-de-mel no Rio. Copacabana. Hotelzinho no Leme, péssima impressão. A gente subindo pelas escadas e casais descendo, discretamente, olhando de viés. Um hotel de encontros furtivos, na Bahia, um “castelo”. Batendo perna, encontramos vaga no Luxor Hotel, ali mesmo em Copacabana, e, pobres viajantes, este aumento de gastos resultou em volta de ônibus, sem dinheiro sequer para o taxi na chegada. Ainda no Rio, resolvi

visitar um velho professor do CMS, coronel Isidro, amigo da família, lá do Juazeiro dos meus pais. Derrubamos uma garrafa de Old Parr; como cheguei ao hotel, não recordo. Lembro, entretanto, que disse ao coronel que queria muito ir servir em Salvador, mas tinha pouco mais de um ano em S. Paulo, daí ter-me casado logo, já que a transferência não parecia viável. Isidro, com suas pernas arqueadas mas largo sorriso e olhos azuis, fora um conquistador, quando mais jovem. Dois bebuns, combinamos ir no dia seguinte ao Ministério da Guerra, cujos órgãos de direção, na maioria, ainda não haviam sido transferidos para Brasília. “Lá tem uma moça a quem, no passado, fui muito afeiçoado”, confessou-me. A tal moça era uma jovem senhora, seus quarenta anos, uma velhota para os meus vinte e três, mas uma mulher de verdade, isto sim. Tinha uma ligação “afetiva” com um general da área de Recursos Humanos, que mandava à beça. Conversamos e ela penalizada (“maldade estão fazendo com você!”), declarou, ao final, poderosa, “você vai ser transferido” e fez um sinal de conchavo para Isidro.

Voltamos a Salvador, montamos no meu bravo carrinho vermelho e tocamos para S. Paulo. No portão da Leve, entregaram-me a mensagem do Quartel General no Rio ditando a minha transferência. Aquela jovem senhora cumpriu o prometido; devia saber fazer coisas do arco da velha! Ainda passei cerca de um mês em Barueri, acampado em uma casa em estado precário, na Vila Militar, situada num grotão úmido, de raro sol. A Zé, na chegada, primeira visita à nova morada, entrou na casa, deu uma olhada, veio para a varanda e começou a chorar. Emoção pura, nosso lar inaugural, pensei! Nada, pura decepção: dois colchões de soldado sobre dois estrados, providenciados pelo Napô e Cemilton, janela fechada com cadarço de coturno, sem cadeiras ou mesas, pia do banheiro sem cuba, água aparada num latão de vinte litros. Mesmo sabendo ser por pouco tempo, um choque! Valeu-nos D. Lucy, esposa de Viggiano, que com cinco filhos e dois cachorros, ainda “adotou” a Zeinha – que fez treinamento intensivo para a maternidade!

Antes, porém, que pensem que a aventura paulista terminou assim, é preciso lembrar o passado que nos persegue e transforma o baú do Aspirante numa caixa de Pandora. Lembrei-me, no meio de um dia de trabalho, que no tal baú havia “coisas” comprometedoras (cartas, fotos, *recuerdos*) e a Zeinha poderia ser tentada a remexer estes guardados. Para não dar na pinta, pedi ao Napoleone que fosse em minha casa e pegasse,

embaixo de duas caixas, uma terceira e a trouxesse para o quartel. Se a Zeinha estivesse em casa, não iria constranger o amigão e o deixaria pesquisar à vontade. Missão cumprida, mas mulher é bicho tihoso: a Maizé tinha vasculhado quase tudo, leu o que não devia mas não passou recibo. Dez anos depois, a gente já em Campo Grande, fez nova incursão no velho caixote e encontrou uma foto de crime prescrito. Por telefone, eu no trabalho, contou-me da leitura de cartas no passado e fez uma maldade comigo, que mulheres não esquecem e só fingem que perdoam: encontrou e rasgou a foto 3x4 da bela Palmira – não, não foi a que me causou problemas quase cardíacos! – em quatro e deu-me o nordeste e o sudoeste, diagonais; assim, não montei o quebra cabeça, perdi-me da Palmira!

Enquanto despedia-me de São Paulo, encetava-se a caça a Lamarca no Vale do Ribeira para onde seguiu Napoleone e depois seguiria o Cemilton. Fica o registro, para os menos lembrados: Lamarca furou o cerco que ao seu grupo se fez e sacrificou, a coronhadas, o heroico tenente Mendes, da PM de São Paulo, que ofereceu-se como refém em troca de serem liberados os seus subordinados. Soube do paradeiro dele, Lamarca, apenas quando eu já servia em Salvador e ele se homiziara no oeste baiano.

Zeinha vai falar um pouquinho

Nós nos casamos na Catedral Basílica – templo secular, clássico rococó, sem os excessos da S. Francisco, barroca, com seu rico dourado. Meu sogro, que fora, no passado, juiz de vara de família, não admitia a igreja celebrar o casamento civil, realizado pois, na tarde do mesmo dia, na casa dos meus avós.

Tempo de quaresma, era tradição as imagens serem cobertas com um pano roxo. E vai papai ao Arcebispo Primaz do Brasil (baiano não dispensa o primaz!) solicitar a descoberta dos santos. Igreja fartamente iluminada, oito da noite, madrigal da Universidade cantando seu divino som e teto de aço encerrando a celebração.

Aliás, o teto de aço merece ter divulgado o seu significado mais profundo. Não é apenas uma bela cena. São os amigos de fé, em corredor, frente a frente, uniforme de gala, espadas tilintando, simbolizando acolhimento e proteção, assegurando que, nunca, nunca mesmo, lbes deixariam faltar um teto; construísem, pois, um lar.

6

SALVADOR (1970-1976)

Bom filho à boa terra torna.

Filhos, melhor tê-los logo: entre mamadeiras e fraldas não descartáveis.

Estafa aos 30 anos! A Vila Militar.



Farol da Barra

Vocabulário

- Azimute – rumo, direção com o emprego da bússola.
- E4 é o responsável, nos grandes comandos, pelos meios materiais.
- Ralação – trabalhar em excesso ou em situação extrema.
- Aspirantada – procedimento (im)próprio de jovens aspirantes-a-oficial, inexperientes, por isso perdoáveis.

No fusquinha vermelho, assim que fui desligado em S. Paulo, tomei o azimute de Salvador, apressado, pois a Zeinha conseguiria o seu emprego de volta, mas chegasse logo! Fui servir no 6º Pelotão de Apoio de Material Bélico (6º Pel Ap MB), situado na Ponta de Humaitá, perto da igreja do Bonfim, uma vista espetacular da velha Salvador, mas altíssima salinidade, péssima para um órgão de manutenção. O aquartelamento compreendia o Parque de Armamento da 6ª Região Militar (PqRARmt/6),

unidade maior que hospedava o Pelotão²⁴ e o Depósito Regional de Armamento (DRAM/6). A nossa missão era fazer a manutenção das viaturas de toda a Região. Éramos 50 homens, um espírito de corpo único, todos orgulhosos de terem um comandante do QMB.

Inicialmente fomos morar na casa recém-construída por Pinto Coelho que nela nem chegara a habitar (dirigindo a telefônica da Paraíba e vivendo em João Pessoa), casa que fazia par com a de Dr. Pinto, avô da Zeinha, isoladas no mesmo quarteirão; o quarteirão à frente, também baldio. Situava-se na Pituba, bairro de veraneio, que se tornaria moradia privilegiada dos baianos, pois era a expansão natural de Salvador, pela orla. Casa ampla, jarreiras de flores junto ao portão de entrada, caramboleira num pequeno jardim ao fundo e, aberta a porta principal, o poster de um grande gorila. Alguns amigos de esquerda achavam estranho: gorila era como eles, pejorativamente, chamavam os militares. Nunca dei bola, nunca me negaram a sua amizade.

Muitos exercícios no campo, uma ralação sem fim, mas a minha lembrança primeira foi a nova caça ao Lamarca, em 1972, homiziado na região de Ibotirama, oeste baiano, margem direita do S. Francisco. Não participei diretamente dos episódios que culminaram na morte do traidor, mas cumpri uma dessas missões que encham de orgulho o soldado de logística. Estava no quartel, de serviço, e à noite fui chamado ao QG. Percebia-se que alguma coisa importante estava se passando, muita gente desconhecida zanzando pelos quartéis. Soube, então, que poderia se tratar de pessoal de diversos órgãos de inteligência. Deram-me ordem de ter um caminhão-tanque de gasolina na pequena e distante Oliveira dos Brejinhos (perto de Ibotirama, beira do São Francisco), base de operações inicial, onde não havia posto de combustível, às oito da manhã seguinte. Descaracterizado, isto é, pintura não militar! No quartel tínhamos um caminhão-tanque verde-oliva e tinta verde, preta, cinza e vermelho fosco. Fazendo misturas, “disfarçamos” o veículo com um colorido muito esquisito, cabine rosa e tanque preto. E a gasolina? Tirar com a bomba do quartel oito mil litros do reservatório levaria uma vida e, certamente, queimaria a bomba. No largo de Roma, perto de onde hoje é o santuário da Santa Dulce dos Pobres, havia um caminhão-tanque parado num

24 Pelotão e Parque de Armamento muitos anos depois fundiram-se no Parque de Manutenção. As instalações do 6º Pel foram demolidas.

posto de combustível, para descarregar dia seguinte. Confisquei-o, fiz o transbordo e às duas da manhã despachava um cabo e dois soldados laranjeiras para a área de operações. Pé embaixo, estrada novinha, asfalto perfeito, poucos carros circulando, chegaram no tempo determinado. Ficamos todos muito orgulhosos do feito do nosso pequeno pelotão: supridores, pintores, meu chefe de oficina (o magnífico sargento Gerônimo que, velhinho, cuida de mim até hoje) e a turma de laranjeiras escalada para seguir para a área. Era a Operação Pajussara, que culminou com a morte de Lamarca. Fui à área meses depois para o rescaldo, uma manobra com todos os batalhões da 6ª RM, numa grande operação presença, representada por ações cívico-sociais (ACISO). Dois anos depois fui processado por tomar, num “golpe de mão”, a gasolina sem pagar. Havia esquecido completamente! A Região Militar e o meu pai entraram em acordo com o dono do posto; a gasolina foi paga e o processo foi retirado. Uma aspirantada elogiosa!

Os mal-entendidos rondam as nossas vidas e, em tempos de regime autoritário, até ao guarda da esquina devemos explicações. Em um dia qualquer de 1971, meu pai telefonou-me demonstrando preocupação: fora convocado pelo general Abdon Senna para ir ao Quartel General da 6ª RM ter uma conversa com ele. Não era um convite! O velho pediu-me que o acompanhasse e ali, mal iniciada a minha carreira, enxerguei o seu final precoce; mas, é claro, concordei em ir. Pela manhã do dia marcado, passei no Quartel General para alguns acertos do Pelotão, pois que, administrativamente, a ele me vinculava. Casualmente encontrei o filho do falecido coronel Bendochi, amigo de infância de Zeca. Este filho, tenente-coronel, também Bendochi, quando tenente foi meu instrutor no CMS. Chamou-me num canto e perguntou por que meu pai renunciara, na véspera, mesmo, da posse, a importante cargo para o qual houvera sido eleito. Meu pai comentara comigo, com absoluta reserva, que a ocupação dos cargos de 2º escalão da instituição referida não era de sua livre escolha e lhe fora imposto um nome, digamos, inapropriado. Não tendo força para barrá-lo, renunciou, passou à situação de ex-futuro. Despedi-me de Bendochi e chegando ao Pelotão recebi um recado do meu pai: fora uma confusão, o general não queria falar com ele, mas, sendo o QG na Mouraria, pertinho do Fórum, aparecesse quando quisesse para um café. Aquele, certamente, era o assunto da abortada convocação, ficou claro para mim!

Em 1974 meu sogro retornou a Salvador, pelo que devolvi-lhe a casa e mudei-me para a Vila Militar da Pituba. Casa um pouco menor, padrão militar a que me acostumei ao longo da vida profissional (a Zeinha vivera a vida inteira neste modelo e continuaria assim): varandinha de entrada, sala ampla, três quartos, um banheiro ao lado do último quarto, cozinha e outros serviços. Jardimzinho gramado à frente e ao fundo. O pai da Maizé, entre os avós, era o único que se entregava aos netos. Lembro que fez um galinheiro no nosso quintal e trazia levas de pintinhos que alimentava com as crianças. Viravam frangos, e agora? PC os levava para D. Maria, sua mãe, que fazia, então, uma galinhada típica baiana (“xinxim” e bota azeite de dendê nisto!), para todos os filhos e netos... menos nós, os meninos morrendo de pena dos seus franguinhos. E o avô, depois, trazia mais pintinhos e ração e recomeçava tudo.

O Exército do nordeste era movido à gasolina, nada de diesel! Chego em casa às onze da noite, vindo da faculdade que cursava, encontro na minha varanda o Maj Gleuber, E4 da Região. Primeiro pensamento: “incêndio na caixa d’água do quartel”.²⁵ Não, apenas isto: o combustível dobraria de preço às seis da manhã do dia seguinte e a RM tinha vinte mil litros de gasolina a serem retirados antes daquela hora. Caminhãozinho para sete, oito mil eu tinha, cabo laranjeira que conhecia o serviço também. E os doze mil restantes? Diz-me o cabo velho: “Seu Josafá mora aqui perto, vamos na casa dele”. Josafá era do DNER (hoje DNIT), dirigia um tanque de doze mil litros e a mando do seu chefe nos apoiava em manobras. Adorava essas “guerras”. Josafá topou, na hora: “Vamos lá, carregue em Mataripe, descarregue em Feira de Santana (onde há um batalhão do Exército) que é lá que tenho que estar amanhã”. Por essas e outras, ao ser promovido a capitão, ganhei do Gleuber um elogio de que muito me orgulho: “...é de se destacar a sua lealdade, que lhe permite diálogo franco, objetivo e proveitoso com seus superiores. Com desenvolvida disciplina intelectual é muito bom executante das missões que lhe são determinadas, estejam ou não de acordo com as suas próprias sugestões...”. Gleuber reaparece mais adiante, mas não dava intimidade não!

Por essa época, as boas cabeças do Exército começaram a escolher Salvador ao concluir o Curso de Estado-Maior: havia moradia para todos

25 Incêndio na caixa d’água é chiste para coisas impossíveis de acontecer, mas acontecem.

e a pior delas, no Corredor da Vitória! Sabem Ipanema e Leblon? Vitória é melhor! Era um sábado, parece-me, um certo Maj Benito bateu à minha porta acompanhado do Maj Moreira. Eu montava, sem qualquer ajuda, uma festa junina na Vila. Passara de casa em casa recolhendo um óbolo para as despesas. Ficaram condoídos de mim! Eu os conhecia de longe, Benito mais expansivo, Moreira fechadão.

- E aí tenente, como a gente pode ajudar? diz Benito.
- Estou precisando de um padre, para o casamento na roça.
- “Tá” certo, vou ser o padre.
- E eu? – fala o Moreira, cara de mau.
- Pode ser o delegado.

A história poderia acabar aí, sem graça maior, mas foi adiante. Fomos ensaiar o casamento, a noiva já estava “disponível”, uma menina bonita, loirinha, filha do TC Laidner. E o noivo? Rapazes não topam muito essas coisas, mas... havia um garoto espiando tudo de longe, não morava na Vila, o pai comandava o 19º BC. Rapagão!

- Vem cá rapaz, chamei, quem é você?
- Cadete Paul Cruz, do Curso de Infantaria da AMAN, apresentou-se, nos conformes.

Grande final: casaram, à vera, anos depois. Em 1982 eu seguia da AMAN para a ECEME e o casal chegava para servir na Academia. Sei que ganharam o mundo e o Paul foi um senhor general de divisão. Nunca mais os vi, acho que eram tímidos e por isso não se aproximavam de nós. A Zeinha, eu já general, abordou, um dia, na igreja, em Brasília, a “noivinha” e conversaram um tanto. Parece uma história banal, mas isto é vida. Vida militar pulsando! Quem viveu sabe!... Benito tomou gosto: no Natal, vestido de Papai Noel, chegou na Vila num Jeep sem capota, para alegria da garotada!

E os filhos começaram a chegar: Roberta em 1972, Gabriela em 1974 e Alexandre em 1976. E a vidinha boa, os tempos de farra pelos anos não namorados que então vivíamos, acabou-se. Em 1974 a Zeinha decidiu

parar de trabalhar, decisão adequada àqueles tempos em que o homem era o provedor e tudo o mais em relação à família recaía sobre os ombros femininos. Decisão provisória, pensava, mas as transferências constantes impediram o desejado retorno ao trabalho ou aos estudos. Minhas filhas, depois de casadas, retardaram, acertadamente, a vinda de filhos até terem emprego estável. Só depois me deram netos. Fui prejudicado pela tardança de netos, mas fizeram bem!

Estudava Administração de Empresas na Universidade Católica, à noite, junto com outros amigos. Resolvi, também, em 1976, ao voltar da faculdade, estudar para o IME com um colega de turma, que servia no CMS. Fui ainda obrigado a aceitar um convite para dirigir o Centro de Treinamento Profissional (CTP), uma escola técnica para soldados, convênio do Ministério do Trabalho com o Exército, também à noite. Não havia tanta noite assim para um homem só! Desta última convocação tentei fugir, expliquei ao general que me comandava que já tinha tarefas além da conta e filhos além da cota. Disse-me ele que eu nem precisava ir lá todos os dias, deixasse um auxiliar da minha confiança no dia a dia. Para um milico não é solução, meu comandante sabia que eu não faria isso e eu me desdobrava. Se Napoleão dormia quatro horas por dia e era um vencedor, eu também poderia fazê-lo. Depois descobri que Bonaparte sofria de insônia, seu pouco sono não era saudável. Equilibrando tantos afazeres como um malabarista chinês, tive uma estafa aos 29 anos, como um baiano excessivamente trabalhador!

Sair de uma estafa, jovem que entende a estafa como frescura e descredita nos reflexos da mente sobre o corpo, é complicado. Tornei-me – apenas neste trânsito – hipocondríaco. Cada dia um novo sintoma e a morte à espreita, pensava. Visitou-me um amigo, meio hippie, meio doído e macrobiótico a ponto de abandonar a Engenharia para dedicar-se inteiramente à sua nova “crença”. Se eu estava com medo de morrer e temia deixar a família com magra pensão, disse-me ele, fizesse um seguro de vida, parasse com tanto remédio e talvez não morresse, ou morresse logo, abreviando o sofrimento. Se morresse, a família ia sobreviver bem, talvez até a Zeinha casasse de novo! Não gostei nada desta possibilidade! Fiz o tal seguro, como ele sugeriu, que o homem prestes a morrer em tudo acredita. Durante este processo, abandonei a faculdade, o CTP e deixei o IME para o ano seguinte. Fiquei bom com o receituário do “hi-ponga”, mas o ano seguinte (1977) não foi como planejado. Fui manda-

do fazer ESAO, no Rio, ficando cancelada a possibilidade de ingresso no IME, definitivamente.

Não fiquei frustrado; dos doze do QMB que se formaram em 1968, nove cursaram a magnífica escola de Engenharia e deles tenho muito orgulho. O Zé Doederlein nunca manifestou desejo de fazer o curso e o Uchôa, que estava para se formar em Engenharia em Recife, participou do concurso só pelo desafio dos colegas, tendo alertado a todos que passaria mas abriria mão de ser engenheiro duas vezes. E assim o fez. Nós três nos reunimos em 1977 na ESAO onde Uchôa foi o 01, o Zé o 03 e eu, lá no meio da turma.

Acomodei-me a Salvador, e a saída para o Rio, em final de 1976, depois de seis anos em minha terra, para cursar a ESAO, foi traumática. Tinha recusado convites para servir na AMAN e na Escola de Material Bélico (EsMB). Refugara, também, curso no Centro de Estudos de Pessoal (CEP), no Rio. Não estava ainda entregue a esta servidão militar que ao longo da carreira deu-me o imenso prazer de conhecer o Brasil e perder-me do bairrismo. A Zeinha, que vivera grande parte da meninice sem parada, mil moradas, disse “deixe comigo”, fez a mudança, animou os pais, sogros e a mim, mostrou às crianças quão divertida seria a nova vida e, assim, rumamos para a Vila Militar, no Rio, um recanto especial onde a família ficaria protegida e se integraria rapidamente.

É insonegável concluir esta temporada baiana lembrando a história do Napoleone, o Napô, vindo passar a lua-de-mel em Salvador e ficando hospedado comigo. Cedi-lhe o meu quarto mas devido aos arroubos do casal o estrado da cama quebrou-se numa madrugada, com estrondoso barulho. Bom carpinteiro, ele mesmo consertou e ainda fez um reforço, afinal, era somente o começo da lua-de-mel!

A Zeinha vai falar um pouquinho.

Voltei a Salvador a tempo de retomar o meu emprego. Beto foi servir no Mont Serrat, pertinho da igreja do Bonfim e do largo de Roma, onde a irmã Dulce já se instalara (mulher danada, como santa, nos pomos aos seus cuidados). E a garotada chegando: em 5 de junho de 1972, Roberta nasceu. Muita emoção; não tive irmãs, desejei ardentemente uma filha. Muita responsabilidade... Em 1974, morávamos já na Vila, chegou Gabriela. Danadinha, veio antes da hora.

E a vidinha boa, os tempos de farra pelos anos não namorados que então vivíamos, acabaram-se. Agora eram só fraldas e choro de crianças e pediatra. Ainda bem que meus pais retornaram de João Pessoa e papai muito nos ajudava, fisicamente, particularmente depois que nasceu o Alexandre em 1976.

A nossa Vila era um recanto delicioso numa Salvador pacífica, segura. A maioria das esposas não trabalhava fora e acabei seguindo no mesmo caminho. Sem patrão, sobrava um tantinho de tempo, assim voltei-me para a solidariedade. Padre José (Luna), do Juazeiro, que nos casou, também nos “matriculou” num movimento de casais (Movimento Familiar Cristão), onde acabamos nos tornando, nos cursos de noivos promovidos pela igreja católica, palestrantes de ‘Sexo no casamento’. O padre de Candeias, onde professávamos nos fins de semana, de vez em quando chamava a atenção de Beto, achava ele muito liberal. Tentando salvar o mundo, embarcamos também no Mobral, capitaneado pela já deslumbrante cabeça do jovem Mário Henrique Simonsen: trabalhávamos de noite, fazendo quadros murais em papel pardo, para ensinar as primeiras letras a adultos. Os tempos eram bem outros, mas os jovens, então como hoje, generosos!

Anexo 1 – Fotos



A escadinha – da esquerda para a direita, Gabi, Xando e Beta.



Forte Mont Serrat, dependência do Parque de Armamento, bastião contra os holandeses na Bahia (nas minhas paredes desde 1970).

7

RIO DE JANEIRO – ESAO (1977)

Voltando aos bancos escolares.

Como Rosa da Fonseca entra nestes escritos.



Vocabulário

– Junção é operação militar em que duas tropas buscam encontrar-se com um inimigo de permeio.

– Progressividade para a Engenharia Militar é assim – abre-se uma trilha para uns poucos homens, alarga-se se vão passar veículos, duplica-as se o trânsito intensificar-se, asfalta-se... mas desde o início ela é transitável.

– Prioridade é o mais importante, Urgência, porém, exige ação imediata.

– Mediante ordem – a missão é conhecida, mas não se sabe quando será iniciado o seu cumprimento.

– Ficar em condições de (ECD) – há uma missão, não se sabe se e quando será desencadeada.

– Barricão é o “ponto de encontro” das solteironas.

– Piruar – escolher.

– Carta é um mapa militar.

A ESAO (Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais) é mergulho nos fundamentos da carreira, que nos permite adquirir novos conhecimentos a partir da base da Academia Militar. Ali, em termos profissionais, meu aprendizado voltava-se para os escalões batalhão e brigada. Precisava conhecer os fundamentos da tática militar, ter algumas luzes sobre estratégia e aprofundar-me em logística. Mas a ESAO era, além disto, o reencontro com companheiros de quem havia muito me apartara. Segui, agora na minha Brasília amarela, para o Rio, levando Matilde, uma auxiliar do lar que muito nos ajudou nos primeiros anos das crianças. A Maizé em Salvador, dessa vez pouco esperou, logo fizemos a junção da tropa.

O PNR era novo, em frente ao Batalhão de Manutenção de Armamento (BMA) que vim a comandar quinze anos depois. Novo e minúsculo, mas, vejo hoje, adequado aos nove meses que lá iríamos viver. Caixas sobre caixas, só desembalamos o estritamente necessário. A mulher, bem mais milica que eu, logo começou a “vizinhar” e assim ganhamos novos amigos.

Muito aprendi e reaprendi na ESAO, mas a escola ensinou-me, cedo, três conceitos magníficos que busquei resumir no vocabulário inicial complementado por curto comentário em um par de linhas a seguir. O primeiro, o conceito de Progressividade, que me trouxe a arma de Engenharia; o segundo, a diferença entre Prioridade e Urgência; e o terceiro, a gradação pouco perceptível de Mediante Ordem (Mdt O) e Ficar Em Condições De (ECD), que parecem ser a mesma coisa mas encerram ideias distintas (este me veio das armas base, Infantaria e Cavalaria). Encantei-me com o linguajar combatente que desconhecia, pois na Bahia tínhamos um exército de paz. Estes conceitos foram os mais importantes de uma série que um velho instrutor chamou de **PVP**: Palavras que Valorizam a Profissão. É o jargão, usual em todos os ofícios e na profissão militar, também.

Em dois amplos exercícios no terreno, consolidamos os fundamentos das operações defensiva e ofensiva, nas regiões de Belo Horizonte e Campinas, respectivamente. Em exercícios menores, na área de Seropédica (Universidade Rural), Gericinó e Resende, no estado do Rio de Janeiro mesmo, cuidamos da logística básica.

Trabalhando em sala de aula, diante de uma ampla carta do sul do Pará, minha atenção voltou-se para as conversas em voz baixa de vários companheiros. Falavam da guerrilha do Araguaia, tema proibido no Exército que só eu parecia desconhecer. Fiz a pergunta direta ao instrutor que, também de maneira direta, pôs um ponto final no assunto: “A guerrilha do Ara-

guaia não existiu”. Calei-me, muitos me olhando feio. Aluno da ECEME, anos depois, levantei a questão novamente e não aceitei a resposta padrão.

Fizemos uma visita técnica à Mendes Júnior para conhecer seu exemplar sistema logístico e um belo passeio, com famílias, à Petrópolis histórica que poucos conhecíamos. Em ônibus da Escola fomos uma vez ao teatro na zona sul do Rio, assistir *Entre Quatro Paredes*, de Sartre, com a Suzana Vieira. De outra feita no Canecão, Tom e Vinicius! “Índia Velha” teria adorado saber como evoluímos culturalmente...

Frequentávamos, também, o Clube de Oficiais, passados os trilhos do trem próximo à escola Rosa da Fonseca (que eu não sabia quem era e viria a ser a Patrona da Família Militar). Sua história merece ser conhecida e, embora fuja a estas memórias, deixo um pouco deste personagem no anexo a este capítulo.

Chegamos, os três de MatBel da turma Humaitá que cursávamos a ESAO, a encontrar os amigos que faziam o IME numa boate na Barra da Tijuca, onde o Cemilton, solteiro, tinha mesa cativa e em uma casa de chorinho, então o som da moda, em Botafogo!

Não lembro onde as crianças estudavam, mas nosso raio de ação ia somente até Madureira de um lado, e Padre Miguel²⁶ do outro, redutos de samba de raiz. Uma só vez fui ao Méier. Zona Sul, nem pensar, mas as crianças eram pequenas e a Vila era o seguro mundo delas, com seu parquinho ao centro.

Nas despedidas da Escola recebemos um pequeno artigo que, sob o título *O Destino dos Logísticos*, mostra, com graça, o que é ser logístico no exército norte-americano. Vale até hoje. Vale, também, para o Exército Brasileiro.

Assim se foi o ano de 1977. Graças a Deus, Doerderlein, à minha frente na classificação, preferiu Curitiba a Campo Grande, o que me permitiu “piruar” a 9ª Companhia Depósito de Armamento e Munições (9ª Cia DAM) e servir na mais bela cidade “morena” do Brasil.

26 Padre Miguel, queridos não cariocas, “é a capital da escola de samba que bate melhor no Carnaval!”, a Mocidade Independente, segundo registro de Elza Soares (não resisto ao chamado da música-poesia).

A Zeinha vai contar

E lá fomos nós, minha segunda transferência de casada. Como filha de militar, já era estradeira, mas levando três filhos, o menor com menos de um ano, foi um tempo difícil. A escolha de nova cidade para servir, ao final do curso, dependia do desempenho escolar do marido. Deixei-o estudar em paz.

Meus pais foram nos visitar no meio do ano levando o pacote baiano: camarões, dendê, cocadas, beijus... Assim fizemos uma festa no Clube para o Curso de MatBel, com tudo a que tínhamos direito: vatapá, caruru, xinxim, bolinho de estudante, cocada... no Brasil daqueles dias, era comida rara, a baiana, mesmo na nordestina zona norte do Rio.

Foram só nove meses! Mal chegamos, retomamos amizades, construímos outras, já íamos nos despedir. Mas tínhamos a certeza do reencontro.

Anexo 1 – Rosa da Fonseca

Um pouco de D. Rosa da Fonseca e, por extensão, um pouco do que é uma família militar exemplar. Pintarei com palavras as ilustrações que vocês receberão nas suas imaginações.

Rosa Maria Paulina casou-se aos 22 anos (1824), já beirando o “baricão”, com o major Manoel Mendes da Fonseca Galvão. Rosa era uma cabocla do interior, mistura de muitas raças e raça própria indefinida, hoje, raça brasileira. A família paterna de Manoel desaprovou o casamento e o major banuiu este ramo da sua vida suprimindo-a, mesmo, do seu nome. Nos vinte e cinco anos de vida em comum, o casal teve 10 filhos, sendo oito homens. Sete deles dedicaram-se a vida militar e todos lutaram na Guerra do Paraguai. Desconfio que o oitavo também foi, por um tempo, militar, pois deparei-me com anotações que o dão como reformado. Três destes jovens pereceram na luta, em Curupaiti, Curuzú e Itororó, no segundo semestre de 1866. Diz a história que Curupaiti foi um desastre, mas Itororó abriu caminho para um avanço rápido das forças da Tríplice Aliança na chamada Dezembrada. Itororó está gravado na memória de cada brasileiro pela audaciosa e temerária ação do Marques de Caxias (“Quem for brasileiro, siga-me!”). Depois da notícia da investida bem sucedida em Itororó, enquanto todo o Brasil comemorava a vitória, Rosa soube da morte dos filhos em combate e que Deodoro e Hermes estavam

gravemente feridos, corriam risco de vida. Amigos que foram solidarizar-se com ela encontraram a bandeira brasileira aberta na sacada da casa e foram recebidos por uma mãe de família maior: “Amanhã choro a morte dos meus filhos, hoje comemoro a grande vitória do Brasil”. E chorou: como uma boa mãe cristã: dia seguinte trancou-se por um tempo e entregou-se a lembranças dos seus meninos.

A Guerra do Paraguai ou da Tríplice Aliança foi terrível. Longe no tempo, parece que Golias (o Império) atacou Davi (o Paraguai). Quando começou, os “guaranis” tinham 90 mil homens em armas, o Brasil 19 mil! Ao seu final, fontes distintas informam que, entre os nossos, o número fica entre 200 e 400 mil. O serviço militar obrigatório não existia, assim, não tínhamos reservas! A guerra custou duas vezes o PIB brasileiro, o que resultou numa exclamação famosa do Ministro da Fazenda de então: “Maldita guerra!”.

Muitas tentativas de acordo de paz foram buscadas e duas correntes de opinião se formaram no Brasil, segundo a política e os jornais da época: “Paz com Lopes ou paz sem Lopes”. No Brasil, Rosa da Fonseca engajou-se neste debate, declarando preferir perder os outros filhos a aceitar o caudilho no poder, engrossando a campanha pela eliminação política ou mesmo física de Lopes.

Dos filhos, Deodoro destacou-se como o proclamador da República e primeiro presidente do Brasil. Hermes chegou a marechal, mas foi o seu filho, também Hermes, que se tornou o quinto presidente do Brasil e foi o estopim do episódio conhecido como “Os Dezoito do Forte”; mas isso é história diversa que vai contada em outro canto destes escritos... O general João Severiano da Fonseca, médico, veterinário e historiador deixou-nos um legado de pesquisas, um livro fabuloso (que confesso, não li), *Viagem ao Redor do Brasil*, sobre um Brasil desconhecido, ao tempo que fazia parte da Comissão de Limites em Corumbá e tornou-se patrono do Serviço de Saúde do Exército. Rondon veio depois!

Os da minha geração quase nada sabem sobre Rosa da Fonseca. Mesmo hoje, pouco se conhece a seu respeito, embora uma Revista do Exército Brasileiro recente comece a enriquecer a biografia desta senhora. Pessoalmente, eu sabia apenas que era o nome de uma escola pública no centro da Vila Militar de Deodoro, onde eu não matriculei os meus filhos quando fiz ESAO, no fim dos anos 1970, nem quando voltei à ESAO, como instrutor, em 1985. O ensino público já estava degradado. Mas o meu cunhado,

homem da minha idade, lá estudou no final dos anos 1950 (a Zeinha também), e lembra-se perfeitamente das palavras de Rosa grafadas numa das paredes do prédio: “Choro meus filhos amanhã...”.

O grande mal da memória nacional é que homenageamos os vultos e eventos representativos e nos esquecemos o que representam, quando a ideia da homenagem é perpetuar os seus exemplos, tê-los como modelos. Mas no Brasil, exceto entre militares, perdemos o fio da meada da história.

Anexo 2 – O Destino dos Logísticos

(Adaptação de panfleto distribuído em Forte Benning em 1955 e na ESAO em 1977, atualizado por mim em 2018)

Os logísticos são homens tristes e amargurados, muitíssimos procurados na guerra, mas que, em tempos de paz, vivem mergulhados na mais negra obscuridade. Lidam apenas com fatos concretos mas devem trabalhar para homens que adoram teorias. Na guerra, eles aparecem porque a guerra é uma dura realidade; em tempo de paz somem, porque aí a guerra é simples hipótese. Os que adoram teorias e na guerra não podem dispensar os logísticos, embora os desprezem em tempos de paz, são os táticos. É por isto que os logísticos também os desprezam.

Os comandantes táticos constituem uma casta feliz e abençoada de homens que irradiam confiança e poder. Alimentam-se somente de ambrosia e bebem exclusivamente néctar (ou uísque 18 anos). Em tempo de paz caminham orgulhosamente e podem, com a maior facilidade, dominar grandes espaços, correndo majestosamente o indicador sobre uma carta, apontando incisivamente as vias de acesso e os objetivos, e barrando desfiladeiros com as costas das mãos. Na guerra são obrigados a caminhar mais devagar porque cada um deles carrega um logístico nas costas e sabe que, a qualquer momento, este pode inclinar-se e sussurrar-lhe ao ouvido: “Isto o senhor não pode fazer?”. Os táticos temem os logísticos na guerra e procuram esquecê-los em tempos de paz.

Cheios de si, os táticos convivem com os generais e até tornarem-se eles mesmos generais – o que geralmente conseguem – nada sabem a respeito dos logísticos, embora, às vezes, apareçam generais que alertam os táticos mais fantasistas falando-lhes de logística. Quando tal acontece, eles

costumam ter pesadelos, mas, no fundo dos seus corações, continuam não acreditando realmente nas histórias, máxime se os generais lhes permitem tomar alguns goles do seu uísque.

Às vezes, um logístico consegue chegar a general. Neste caso, tem que lidar com um séquito de táticos – e de suportá-los – e tem que levar às costas um outro logístico, a quem passa a temer. Por isto, os que conseguem as estrelas de general, também conseguem uma úlcera, à qual não lhes permite comer ambrosia nem beber uísque.

Hoje há menos táticos fantasistas, mas a úlcera ainda é certa!

Anexo 3 – Fotos



Rosa da Fonseca e filhos.

8

CAMPO GRANDE (1978)

Nas franjas do Pantanal, caminhos históricos: da Retirada da Laguna a Rondon.

Meu pequeno grande comando: a Companhia Depósito de Armamento e Munições (Cia DAM).

Quer saber o que é saudade? Cel Gilson ensina.

O general Hélio João Gomes e o coronel Torres de Melo.



Campo Grande – MS

Vocabulário

- HTO – Hotel de Trânsito de Oficiais.
- Tererê – é o chimarrão frio, na cuia ou copo, mesma bomba.
- Sopa paraguaia – é um bolo salgado, de milho e queijo.²⁷
- Acero – roçado próximo às cercas que permite trânsito de veículos e impede a propagação de incêndios, muitos por combustão espontânea.
- Capita – é termo carinhoso para capitão que “não analisa”, lembram?
- Tijolo quente – granada falhada; acionada, não explodiu. Um risco!
- Catanho – lanche rápido substituindo refeição quente.
- Exsudar – suar, munição em que o explosivo vai se derretendo, tornando-se instável.

Maizé e crianças seguiram do Rio para Salvador e eu tomei o rumo de Campo Grande, antessala do Pantanal. Ia à frente para providenciar a logística familiar: receber mudança, arrumar casa, fazer os primeiros reconhecimentos (banco, escolas, as “facilidades”, em suma). A estrada

²⁷ Dizem que é culinária brasileira! Em campanha é importante ter refeições quentes. Fazia-se a sopa e o pessoal do rancho que ia servi-la nas trincheiras tinha que correr protegendo-se das balas. Derramava tudo. Foram engrossando, engrossando, para evitar as perdas, virou pirão, virou bolo. Permaneceu o nome, sopa.

em território paulista era ótima, entrando no Mato Grosso, novinha, ainda melhor. “Furei” várias queimadas, não avaliando os riscos pessoais e danos ocasionais ao meio-ambiente mas muito impressionado pelas suas magnitudes.

Era janeiro de 1978. O PNR a mim destinado ainda estava ocupado, o morador o tinha por empréstimo mas não se apressara em mudar-se. Aloprou a Zeinha, de novo: a casa que a hospedava não era sua e, embora dos pais, no início é saudade matada mas depois o convívio vai ficando difícil... Fui resgatar a tropa em Salvador que a viagem era complicada: fazia-se o voo via Brasília, sem conexão no mesmo dia, pelo que lá dormia-se.

Acantonamos em dois quartos do HTO em Campo Grande, mais de mês de espera pela casa. Gabriela, como em outras vezes, na sua crise de adaptação costumeira, desidratou e, diante da dificuldade de atendimento no hospital militar, seguimos para um hospital particular.

Chegava na mesma época o novo general comandante da 9ª Região Militar (9ª RM), Hélio João Gomes, com o seu chefe de Estado-Maior, o coronel Torres de Melo, figura inigualável em sabedoria e exigência, carregados de bondade. O Torres soube da minha situação e uma tarde, às vésperas da alta da Gabi, foi ao hospital. Tratava-me, à semelhança de todos, com o possessivo “meu” à frente:

– Meu capitão, vamos levar a sua filha para o nosso hospital.

– Não coronel, ela está bem aqui, no nosso hospital o diretor é o pediatra, difícil contar com ele.

– Avisei ao diretor que ele só vai para casa depois que sua filha ficar boa.

– Ela está quase boa, chefe, deve ter alta amanhã ou depois, está tudo bem.

E aí recebi deste velho chefe, recém-falecido, uma lição nunca esquecida. Tinha ele mandado levantar, sem o meu conhecimento, a conta a pagar. Continuou o diálogo:

– Meu capitão, o senhor tem recursos para enfrentar as despesas?

– Tenho coronel. (Não tinha, ia dar um “borrachudo” e pedir um empréstimo no Banco Econômico, pois já conhecia o gerente que havia me visitado no hotel a mando do meu irmão).

O Torres percebeu o meu constrangimento, então sacou do bolso de um terno de linho branco, bem engomado (eu o estou vendo agora mesmo!) um envelope com dinheiro mais que suficiente para a despesa e me entregou. Eu não quis receber. Ele encerrou a conversa, deixando o envelope sobre uma mesinha com um definitivo “Se não precisar, o senhor devolve logo”. Abraçou-me despedindo-se e tornei-me seu devoto para sempre. Assim, aprendi a não oferecer, a não prometer, mas a fazer. Isto é mão amiga. Aguardem que Torres de Melo volta, rapidamente, mais à frente.

Cheguei ao centro-oeste do Brasil em momento glorioso: no começo do ano seguinte o estado de Mato Grosso, em processo acelerado de ocupação econômica, particularmente o sul, seria desmembrado e Campo Grande já estava designada a capital do futuro Mato Grosso do Sul. A “Morena”, bela cidade não muito populosa, preparou-se para ser capital. Era cortada longitudinalmente pela avenida Afonso Pena, que se alargava na bela praça Ari Coelho (o seu centro, mesmo) e cerca de 300 metros acima, na praça do Rádio Clube, onde morava o comandante da Região. Entre uma e outra praça, ficava, de um lado o Quartel General da Região, e defronte o Hotel de Trânsito de Oficiais (HTO). Na rua de trás, Rui Barbosa, se bem me lembro, a pequena e antiga Vila, com suas seis casas, uma das quais eu ocupei. Seguindo para norte na grande avenida, a rodovia para Cuiabá. No sentido oposto, o bairro de Amambaí, onde ficava a nova Vila Militar, os quarteis e o aeroporto.

Campo Grande, a cidade-morena, era encantadora e saborosa. Mato Grosso é terra dos rios mais piscosos do Brasil e muito, muito gado. Morava ao lado do supermercado Morita onde, espantosamente, o filé mignon era carne de “segunda”, preço de banana, “carne sem gosto”, diziam. Terra de imigração, foi “feita” por japoneses, gaúchos e paraguaios. A influência guarani é visível a cada momento. Na música, a harpa, as guarânias e o vaneirão, dança de fundo gauchesco; na mesa, a guavira, a chipa e a sopa paraguaia; e o tererê em lugar do chimarrão. No coração, as paraguaias!

O Cel Gilson, que serviu no 10º de Cavalaria (Bela Vista) e em Assunção, nos conta sobre Saudade, suspiro das noites paraguaias:

Em 1962, Mário Palmério²⁸ assumiu o cargo de embaixador do Brasil no Paraguai. Ano seguinte, Carlos Swan, colunista de O GLOBO, registrou o sucesso nas paradas musicais do país irmão de uma guarânia terna, suave e sedutora, composição serpenteada de lendas cuja autoria o embaixador ora confirmava ora desmentia. Era Saudade.

Na sua versão mais singela (há outra um pouco mais liberal), Palmério contou na TV que um dia lhe perguntaram o que era saudade... ele, num triste suspiro de inspiração, compôs a guarânia, maneira única de traduzir para o castelhano o lirismo desta palavra aconchegante que nos faz sofrer em doces devaneios.

Dom Mário, como apelidou-o o amigo Mauro Santayana, foi um artista reconhecido nas letras e uma surpresa na música. Pianista de ouvido, deixou para a posteridade as mais deliciosas guarânias que um brasileiro teve a audácia de compor. Se os paraguaios usam o espanhol para a razão, usam o guarani e, por extensão, a guarânia para os afetos. Mário cedo tratou de conhecer os seus sintagmas, e com eles falar aos vizinhos. E cantou:

*Se insistes em saber lo que és saudade
Tendras que antes de todo conocer
Sentir lo que és querer lo que és ternura
Tener por bien um puro amor, vivir*

*Después comprenderas lo que és saudade
Después que haya perdido aquel amor
Saudade és soledad, melancolia
És lejanía, és recordar, sufrir!*

As mulheres paraguaias foram as derradeiras heroínas da guerra insana que dizimou a sua população masculina. Não devemos, os milita-

28 Palmério foi um diplomata e intelectual brasileiro cujos principais escritos, *Chapadão do Bugre* e *Vila dos Confins*, descrevem conflitos regionais de um Brasil rural.

res brasileiros, nos culpar por isso. Caxias, o guerreiro pacificador, quis encerrá-la mais cedo com a tomada de Assunção; Pedro II, o pacifista, entretanto, exigiu a paz sem Lopes, degredado ou morto. E Lopes (exigiu) o sacrifício do seu povo até o último homem. As mulheres perderam maridos e filhos, não a dignidade: aceitaram a missão de repovoar o chão guarani, entregando-se como matrizes aos machos que sobraram. Não foram vulgares, mas patriotas.

Meu pequeno comando, uma Companhia (Cia) e seus depósitos de munição e armamento, ocupavam um terreno de 400 hectares, algo como um quadrado de dois quilômetros de lado. A área utilizada era bem menor e comportava também um ótimo estande de tiro, com raias de até 300 metros! Tínhamos um velho trator deixado por lá pelo batalhão de Engenharia de Aquidauana, em tempo remoto. Éramos eu, três oficiais da reserva pouco experientes e uma sargentada sem igual.

Vendi muito metal velho acumulado, sem burocracia, vindo de munição inservível, empreguei o dinheiro na reforma do trator, mandei abrir um acero no perímetro da área, consegui madeira (aroeira) como mourão para a cerca e a rica prefeitura deu-me o arame farpado. Uma semana antes de deixar o comando, em 15 de janeiro de 1979 (um ano depois) o cercamento estava concluído. Quatro homens fizeram o trabalho que durou quase um ano! Todos os dias eu, pessoalmente, levava lanche para eles, às dez da manhã e comia um bocado do lhes levava, a dizer “estou aqui com vocês!”. Com o mesmo trator rasgamos um campo de futebol (não tínhamos), plantando grama cova a cova, do capitão ao soldado, como aquecimento, antes da ginástica. A grama, só a vi fechada quando voltei a Campo Grande, anos depois. Com a sobra do dinheiro fizemos um talude elevado e construímos uma área de desmancho de munição e explosivo protegida, telhado frouxo para, diante de uma explosão inesperada, o sopro dirigir-se para o alto, preservando as paredes e protegendo o entorno. Um homem por vez manuseava o material, minimizando as perdas, caso houvesse um acidente. No meio de tudo isso, o general veio de surpresa ao quartel e perguntou-me, “Onde, diabos, você arrumou dinheiro?”. Conteí. “Toca pra frente, guri!”, disse ele.

Betioni é um campo de instrução do Exército nas proximidades de Miranda, cerca de 200km de Campo Grande, que viu sangrar veias brasileiras na Guerra do Paraguai. São mais de sete mil hectares, algo como um retângulo de 7x10km. É muito chão! Em exercício com tiro real, três

militares morreram vítimas de explosão de granada. Chamado pelo general Hélio João corri ao QG e recebi ordem de seguir para a área com uma equipe, descobrir o que se passara, preparar-me para ser o assessor técnico do Inquérito Policial Militar (IPM) e limpar o campo, o que não ocorria há dezenas de anos. Cada unidade militar depois de utilizá-lo fazia uma vistoria superficial e se achasse algum artefato não detonado o explodia, mas muito “tijolo quente” era deixado para trás. Fiz o apronto operacional com a minha equipe e marquei partida as seis da manhã do dia seguinte. Passava das onze da noite, duas senhoras vieram à minha casa e pediram que não levasse os maridos, dois solteiros haviam se voluntariado. Aceitei a troca. Dia seguinte a equipe saiu reforçada por mais dois homens, os liberados recusaram a exclusão. Levei todo mundo. Ê, “capita”!

Uma Kombi, lotada de espoletas e pessoal, e um caminhão com explosivos e equipamentos, seriam as nossas ferramentas de trabalho. Descobrir as razões do acidente não foi difícil mas é assunto doloroso, não vale a pena tratar. O campo foi palmilhado por nós, primeiro a cavalo que do alto a vista vai mais longe, depois a pé, num pente fino, nos campos de tiro, buscando covas onde a munição de artilharia enterrara-se, falhando sem explodir. Não deslocávamos tais granadas, atávamos a elas explosivos e detonávamos uma a uma, no local. Os números eram grandiosos: lembro das 144 granadas de obus (canhão) 105mm, muitas mais dos velhos 75mm, granadas de fuzil, de mão... Trabalhávamos do amanhecer as nove da manhã, voltando à faina no final da tarde. Calor, umidade e espoleta elétrica fazem uma combinação explosiva mesmo, sem controle. Passamos quase um mês nessa lida. À noite, para arejar, íamos a Miranda, sede do município, para um picolé ao lado do ginásio local, os solteiros apreciando as meninas e elas desfilando em torno da pracinha, a se mostrar, em flertes, como antigamente. À volta de um desses passeios, numa pequena lagoa que se formara na vazante do Pantanal, avistamos dois pontos que reluziram aos faróis do nosso veículo: um enorme jacaré que matamos a tiros. Chamaram-no o “jacaré do general”, referindo-se a um velho general do passado, caçador de onças e outros animais selvagens. Comemos o bicho, gosto horrível! Tempos depois, a caça ao jacaré foi proibida e estes, sem predadores, multiplicaram-se descontroladamente, pondo em risco até mesmo a população ribeirinha. Hoje os excessos conservacionistas parecem abrandados pois o couro, objeto de procura

no passado, perdeu valor, com o abandono das peças pelos estilistas-ambientalistas.

Miranda, Aquidauana e Betione fazem parte do circuito de Rondon no seu esforço sobre-humano para interligar Mato Grosso ao restante do mundo; mas estas praças foram palco, principalmente, da Retirada da Laguna, heroica e triste página da Guerra do Paraguai, contada formidavelmente pelo Visconde de Taunay, em livro homônimo, editado pela BIBLIEx.

Retornando a Campo Grande em final de missão, topamos com uma picape velha, três pneus “carecas” furados e instrumentos musicais amontoados na caçamba. A Transpantaneira era um deserto, muito pouco trafegada. Daí, solidários, levamos os músicos e os pneus até Aquidauana e os instrumentos para o nosso quartel. Iriam buscá-los depois. Na curta viagem soubemos que era uma banda de rock a animar comícios do MDB, uma espécie de PT daqueles tempos. Ao resgatarem os instrumentos disseram que iam fazer agradecimentos públicos ao Exército, nos comícios. Pedi pelo amor de Deus que não o fizessem, mas, pelo sim pelo não, informei ao general quando dei conta do cumprimento da tarefa. O velho gargalhou! Foi durante essa missão que paramos para consumir o “catanho” num recanto selvagem, o Buraco das Araras, uma cratera redonda, paredes verticais, uns cem metros de profundidade por 500 de diâmetro. Uma visão única!

A Zeinha reunia as esposas dos nossos sargentos em chás animados. Estas moças nunca haviam se encontrado e fazer novas amigas as encantou. Belo dia a esposa do general Hélio, em reunião com as mulheres de oficiais, no Clube, relatou a miséria que viu em aldeias indígenas que percorreu com o marido. Mais lhe doeu a falta de remédios, que comida o Pantanal não deixa faltar. Pediu às senhoras que arrumassem as sobras de medicamentos não usados. Nenhuma senhora empenhou-se, de verdade, para ajudar a D. Lucy, exceto a minha bandeirante. A Zé, com as esposas dos nossos sargentos, solidárias, encararam o desafio, o que muito emocionou aquela senhora. Adiante a Zeinha vai contar!

Volto ao Torres de Melo. Trazem para que eu assine um Relatório Periódico de Informações (mensal). Leio e discordo. Havia um trecho que referia a insatisfação dos militares e constava não havê-las. Como não, se eu próprio estava insatisfeito com salário e atendimento de saúde? “São ordens do Quartel General (QG), capitão”, disse-me o meu

oficial de Informações. “Não assino”, capitão é fogo! Dias depois sou chamado ao QG e, questionado pelo Torres, informo as minhas razões. Um “auê”! Eram ordens do comando anterior, invalidadas agora! Caras amarradas, para mim. A melhor justificativa é sempre a verdade. Torres de Melo, ainda em 1978, foi promovido a general-de-brigada e assumiu o comando da Brigada de Corumbá, chamada, então, Brigada Mista, à época, e passei anos sem vê-lo, até que, já idoso, mas bem ativo na defesa do Brasil, encontrei-o no aeroporto de Brasília, em fila de check-in. Aparecia no seu tornozelo descoberto o saquinho com urina de que ele dependia. Pedi que segurasse o meu bastão de comando (eu já era general) e fingi amarrar o cadarço do meu sapato. Na verdade, soltei a bainha da sua calça, encobrendo a indiscreta “tornozeleira”. Foi a última e irrelevante gentileza que lhe fiz.

Estava partindo para Resende, para servir na AMAN, quando, de passagem para o supermercado Morita, o general Hélio parou o seu carro bloqueando a minha garagem, eu na varanda (casa vazia, colchões no chão) e foi entrando. Perguntou-me quando eu iria embora.

- Amanhã, respondi!
- Suspenda a viagem que tenho uma última missão! Você segue para Porto Murtinho. Há cinco mil granadas de mão defensivas para destruir.
- Mas general, a casa está vazia, estamos acampados. E a minha família?
- Vou pessoalmente embarcá-la (o que realmente fez).

Toquei para Murtinho, cumpri a missão, que era simples, as granadas estavam exsudando, mas empaoladas. Entretanto, as chuvas caíram fortes naqueles dias, as águas subiram, o Pantanal encheu e fiquei ilhado. Quando de novo brilhou o sol, um helicóptero pairou sobre o campo de futebol da 1ª Companhia Independente de Infantaria sob o comando do Maj Centeno. O comandante da Base Aérea pilotava, o general mandara resgatar-me. Deixei para trás dois motoristas e levei o grosso da minha tropa de volta, sem mochila e bernal, por causa do peso. Despedi-me da minha gente ainda na base aérea, gente querida que voltei a encontrar e com quem cumpriria outras missões cinco anos depois.

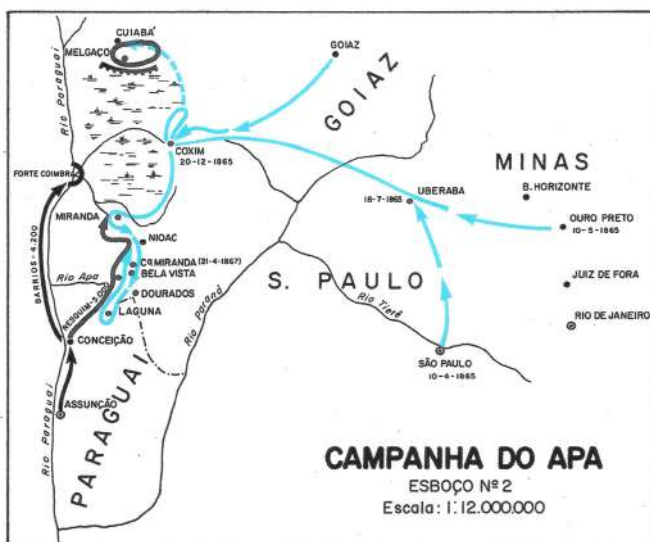
A Zeinha vai contar

Sabia o que era Campo Grande pois andei por lá com meses de idade, em uma das transferências do papai. Lembrar mesmo, não lembrava, mas mamãe contava do pó vermelho que subia em redemoinho quando soprava forte o vento e como ficava o branco dos ternos de linho que papai gostava de usar. Mas era outra a Campo Grande que encontrei vinte e nove anos depois. Moderna, toda calçada, centro bem traçado em ruas perpendiculares e paralelas, boas escolas, bom comércio e muito abundante em termos de alimentação. Chipa quentinha todos os dias na padaria pertinho de casa e sopa paraguaia foram as iguarias que mais gostei.

Dois oficiais que serviam com Beto eram solteiros, e um terceiro, médico, recém-casado. As mulheres dos nossos sargentos, todas da terra, fui conhecendo aos poucos e trouxe-as para perto de mim assim que surgiu a oportunidade. Esta deu-se quando a senhora do general, emocionada, relatou em reunião com as esposas de comandantes de unidades (quarteis) a penúria que viu em tribos indígenas que visitara. Que arrumassem, pelo amor de Deus, sobras de remédios, a carência maior, a seu ver.

Foi a dica para que eu fizesse um chazinho na Cia DAM: baú do Aspirante vaçio, lancei o desafio de enchê-lo de remédios. A esposa do nosso médico, jovem convocado, era enfermeira e ‘chegava junto’. Prometido que ao final da ‘missão’ haveria novo chá e bingo, o baú ficou pleno em poucas semanas. Convidei D. Lucy para a entrega e ela pôs-se à vontade no ambiente acolhedor, tanto mais que acabei fazendo discurso em cima de uma cadeira. D. Lucy, animada fez o mesmo (sem fotos, entretanto). E assim aquela senhora virou ‘freguesa’ e dava carona às mulheres dos sargentos que moravam perto dela, a cada reunião. Passei a ser pressionada para convidar outras pessoas, ‘de fora’. Conversei com Beto e neguei-me a fazê-lo: a festa deixaria de ser íntima e outro séquito se apossaria da grande senhora. O general piscou para mim, sacou tudo!

Anexo 1 - Fotos



Retirada da Laguna – tropa brasileira chega a Laguna e é rechaçada.



Buraco das Araras.



“Bandeirante” à paisana, ajudando D. Lucy a ajudar...

9

RESENDE, A VOLTA À AMAN (1979-1981)

Forjando a nova geração.

Na dor, uma mulher “frágil” soergue a AMAN.

Retalhos de um bandeirão verde.

Na morte, o Corpo de Cadetes desfila, banda de música silente, só o tarol marca o passo até esvaziar o PTM (eu choro, até hoje!).



Brasão do Cadete

Vocabulário

- PNR – próprio nacional residencial (casa ou apartamento do Exército).
- B.U.N.D.A – há um rico anexo sobre termos meio “exóticos” no capítulo 4.
- Força tarefa – forma-se, genericamente falando, quando especialistas de diversas áreas se dão as mãos para um trabalho conjunto.

- Cavucar é o mesmo que cavoucar, é um futucar ferindo.
- Calção preto – militares que fizeram o curso da Escola de Educação Física do Exército e que não usam o verde no calção.
- Gagá – estudar muito.
- Semana verde – nestas semanas os cadetes passam cinco dias no campo.
- Bicho – cadete do 1º ano.
- Arataca – nordestino.

Cheguei a Resende no comecinho de 1979, servindo na AMAN por três anos. Enquanto aguardava moradia do Exército a Zeinha e as crianças ficaram em Salvador e eu hospedado na Casa do Laranjeira, onde, no térreo, os cadetes trocavam a farda por roupas civis e, nos outros andares, oficiais solteiros ou sem família acantonavam. A travessia da Dutra para o Laranjeira fazia-se agora por uma rampa subterrânea, chamado pelo cadetal simplesmente de “buraco” (B.U.N.D.A veio depois), e levava direto à ponte nova, em seguida, à casa do general, fora da Vila. Mês e meio de espera, a Zé aloprou, não aguentava mais ficar na casa dos pais; pegou um voo para o Rio onde fui resgatar a minha tropa, nova junção. Acantonamos todos no Hotel de Trânsito. Parafraseando Tom Jobim, “era uma m**da, mas era bom!”²⁹ estávamos juntos!

E a Gabriela, como em outras vezes, sensível às mudanças de ares, ficou doente, foi internada num hospital civil. Curou-a em duas horas o coronel Orlando, médico militar que abordei quando o vi fardado naquela clínica particular. Era diretor do Hospital Acadêmico mas também ali atendia. Este homem era um feiticeiro; disse-me, na bucha, que dali a hora e meia “você leva sua filha embora”. Feito! Orlando continuou atendendo a Gabi em outras cidades: ele conversava com ela ao telefone, ela ficava boa. Telemedicina com reza forte! Alexandre levou uma queda, hospital, também, e nós no hotel. Depois que ocupamos a casa, uma casa velha, desbotada de verde, em área de charco nos Guararapes, ninguém mais ficou doente, três anos de tranquilidade.

29 Para os que não se lembram das palavras de Tom, morando em NY, já parceiro de Sinatra: “Nova York é bom mas é uma merda; o Rio é uma merda, mas é bom!”.

O nosso bairro militar, Guararapes, era residência de capitães, a garotada toda da mesma idade. Comigo, Zé Doederlein, velho amigo e companheiro de turma, quase vizinho. Logo depois, Moura Barreto, Toledo, Balbi e o Pinheiro (Japataca), uma Força Tarefa (FT), com infante, MatBel, comunicante e artilheiro! Formávamos um grupo festeiro, recolhíamos uma graninha sob os cuidados da Sandra do Balbi e torrávamos tudo em almoço ou jantar ao final de cada mês. São nomes que nada representam para os que não viveram aqueles dias mas fazem um filme emocionante na minha memória.

Na AMAN, alvorada às 05h45min, assistida por um dos oficiais de cada curso, café às 06h15min e formatura geral às 06h45min no nosso saudoso PTM (Cadete! Ides comandar...). E no inverno, um frio de rachar! A lida diária era exigente para todos, mas tranquila. Normalmente o ensino profissional se dava às quintas e sextas-feiras, salvo nas semanas verdes, indicadas na “tripa”. A tripa era um quadro de trabalho anual que regulava as atividades de cada um dos 365 dias, inclusive férias. Em fundo verde, dias de atividades técnico-profissional, em branco, ensino universitário e outras atividades. Com a informática, acho que não existe mais tripa. Era necessário muita prática e paciência para armar esse quebra-cabeças.

Uma das atividades preferidas e voluntárias dos instrutores era postar-se no passadiço do 1º piso do Pátio Tenente Moura (PTM) para apreciar a entrada para o refeitório dos cadetes. Em forma, por cursos, marchando, mais de vinte fileiras perfeitamente alinhadas, entrando pelas portas escancaradas do rancho, a banda de música tocando o dobrado do dia, nas três refeições!

Para a família, o CIMAN (o clube da AMAN), com um pequeno bar, uma piscina e grande área para a prática de esportes. E havia o cinema da Academia. Em verdade, exceto pelas escolas das crianças e compras de mercado, a AMAN nos proporcionava tudo. As competições esportivas, primeiro no curso Básico, depois entre as armas e por fim, a cada dois ou três anos entre as academias militares da Marinha, Exército e Aeronáutica, eram motivo de conagração e encontros familiares. Não há instituição, dentro da Força Terrestre, igual à AMAN.

O esporte, se bem orientado, é motivo de elevação e superação. Vinha o curso de Artilharia tendo dificuldades em atrair jovens, intelectual e fisicamente, promissores para as suas fileiras. À frente do Curso, em 1980,

um oficial “calção preto”, Maj Sombra, um arataca “arretado”, formador de atletas, que incendeia com a sua vibração a turma de Mallet (patrono da Artilharia). Fogaréu não se controla, daí não houve grande surpresa quando o bandeirão da Infantaria, entre dois postes na ponte sobre o rio Alambari, porta de entrada para a área esportiva da AMAN, amanheceu no chão, rasgado, e em seu lugar, o pano azulão, 5 x 10 metros (ou mais!), da Artilharia. “Foi o vento, ocupamos o espaço vazio”, disseram. A Artilharia, a partir daí, nos esportes, foi para as cabeças e na escolha de armas, ano seguinte, muito avançou. O comandante da Infantaria, da bandeira verde-oliva, rota, era um líder soberbo, Maj Cardoso. Permanentemente sereno, “cabeça fria e coração quente”, pareceu não se abalar. Aproximei-me dele, no estádio de futebol, para lamentar o incidente suspeito e ele não fez qualquer queixa, apenas sacou do bolso do lado do coração um pedaço da grande flâmula: entregara, solenemente, aos infantes, cadetes e oficiais, a parte que cabia a cada um, inspiração para a luta menor daqueles dias e para a grande luta dos dias futuros. Alguns velhos cadetes, coronéis e generais da reserva, hão de ter a sua porção, ainda hoje. Repetiu o simbolismo dos 18 do Forte, que dividiram entre si uma bandeira do Brasil e seguiram para o sacrifício nas areias de Copacabana naquele 1922. (No quadro-tela dos 18 do Forte, mais adiante nestes escritos, percebam que Siqueira Campos ou Newton Prado, à frente do grupo, deixa aparecer o seu trapo de bandeira no cinto da calça!).

Acabo de receber (hoje é 18 de maio de 2020) uma memória da tragédia que se abateu sobre a AMAN quando, em um exercício conjunto, noturno, do Curso de Infantaria com a Seção de Instrução Especializada (SIESP), morreram o major Hallier, chefe da SIESP, e o capitão Lacerda, seu oficial de operações, atingidos por granadas de aviação. Dia 30 de maio próximo faz 40 anos. Esta lembrança vai chegar ao menos aos militares contemporâneos dos fatos acontecidos. Mas poucos irão se recordar da dolorosa mas formidável lição que nos foi ministrada (sim, estávamos na grande escola) na missa 7º dia.

Logo após o acidente, ocorreu a Resende o sogro do Lacerda, um general-de-brigada, o que deixou em todos a sensação de que aquela família estava protegida. Devem ter se aproximado também familiares do Hallier, mas toda a família militar se condoía da esposa dele. Seria, não lembro bem, uma senhora discreta, tocando a vida doméstica, mas sem vivência ou iniciativa. Recordo, entretanto, da expressão “não sabe nem

assinar um cheque!”. Como iria se virar? Consternados, a missa, no cinema acadêmico, foi de choro e solidariedade. Após as orações finais, levanta-se aquela jovem senhora e resoluta dirige-se ao palco-altar. (Estou vendo, vivendo esta cena agora, emocionado como então!) Microfone em punho, sem vacilar, conclama a AMAN a seguir em frente, os cadetes a superarem aquele momento como ela própria estava fazendo e abraçarem a profissão militar com entrega e coragem. A Academia reacendeu! Os peitos se estufaram! Esta é a lembrança que me emociona, a fortaleza da mulher que todos pensavam frágil!

Em 1979, uma tragédia abatera-se diretamente sobre o Curso de Material Bélico: em exercício no campo, onde segurança e improviso não combinam, perdemos o Ten Lopes dos Reis, morto por fogo amigo. Traumático para todos, manobra suspensa e eu, que não participava do exercício mas precisava resolver outras questões urgentes, incumbi a Zeinha de acompanhar a esposa do comandante do curso de Material Bélico à casa do tenente e informar e consolar a jovem senhora. Era fim da madrugada, o sol nascendo forte, sangrento e doloroso. O Lopes sobreviveu ainda alguns dias no Hospital de Volta Redonda, mas logo faleceu. O que me ficou, muito doeu e cavuca meu coração até hoje, foi assistir o Corpo de Cadetes desfilas silente, somente o tarol a marcar a cadência até o último cadete sumir esvaziando o PTM. Muito triste. Chorei muito, ainda choro, ao lembrar!

No meu segundo ano de serviço na Academia, resolvi estudar, a sério, para o concurso da Escola de Estado-Maior do ano seguinte (1981), na época realizado no mês de agosto. Era de uma precocidade incomum, mas estava decidido a ser bem-sucedido na primeira tentativa. Comecei a 1º de janeiro de 1980. Férias em Salvador, barraca de praia em Itapuã, eu metendo o gagá. Retorno a Resende com parada numa deserta e desconhecida Porto Seguro, gagá. Desde o início tive a ajuda do Balbi, na atualização de dados de jornais e outros periódicos. Ele só faria concurso, com sucesso, em 1982.

Porto Seguro, de que falei *en passant*, passou a ser, entre 1979 e 1986, parada obrigatória da nossa família no caminho das férias, em Salvador. Numa outra Brasília, esta verde, um bagageiro de teto levava o nosso material de camping, pois a cidadezinha tinha só um hotel, inacessível a bolsos militares e nenhuma pousada até 1981. Havia um pequeno restaurante com o nome adorável de Toalha de Mesa, mesas forradas de

quadriculadas e coloridas tolhas. Só frutos do mar, que as crianças detestavam, ridículos preços! Fomos ali algumas vezes, na primeira estada, de modo que acabamos nos relacionando com os donos. Uma cidade sem carne, as crianças no ovo, feijão, arroz e macarrão. A cozinheira, esposa do proprietário, matou um capão, um galo gordo, que durou dois dias. A partir daí, nos anos seguintes, parávamos em Eunápolis, onde a estrada bifurca, e comprávamos carne, deixada guardada no Toalha. A cidade não tem boas praias. As crianças cresceram, a barraca ficou pequena e apareceram pousadas e hoteizinhos. Nos últimos anos, ficávamos nas Cabanas do Tio João, propriedade de um sargento reformado, onde havia uma piscina e ele me trocava cheques, que a eletrônica ainda estava por vir.

O trote, até certo ponto uma atividade educativa para que se faça valer a ideia de que “antiguidade é posto”, era proibido pela dificuldade de controlar os seus excessos. Noite alta, distinto cadete é pego pelo Oficial de Dia conduzindo, em forma, para a região dos parques das armas, onde se desenvolvia o ensino profissional, um pelotão de “bichos”. Dissolve o pelotão e leva o problema, dia seguinte, ao comando do Corpo de Cadetes (CC). Reunião de emergência, presidida pelo coronel Burman, quarto zagueiro imbatível. O comandante direto do cadete infrator desdobrando-se em sua defesa – a Escola, o Exército, não podia mandá-lo embora, seria uma perda irreparável! Era o tempo em que o aiatolá Komeini fazia a sua razia, no Irã. E aí pergunta o gigante comandante do CC: “Afim, qual era o trote, tchê?”. Missão a Garcia: o pelotão, tomando como via de acesso o rio Alambari, deveria “desatolar o aiatolá”. Burman caiu na risada, acabou aquela reunião e assim o Exército não se privou do magnífico general que tornou-se aquele cadete. Na ativa, ainda, em 2020.

Voltando à preparação para a ECEME, continuei a estudar como “um corno”. Na Bahia, empenho demais com desatenção à família recebe o comparativo, com alguma razão. No começo de 1981, Pilar e Albuquerque, dois capitães amigos, juntaram-se a mim nos estudos e, embora eu estivesse bem à frente deles, logo me alcançaram. Em junho, recebemos dois “estrangeiros”: Moura Barreto, vindo de Natal, e Mozart, de Salvador. Mourinha, meio dispersivo e tendo perdido o pai pouco antes do concurso, não foi bem-sucedido, mas ano seguinte, passou sem muito esforço.

Uma observação solta, deslocada, que não posso deixar passar. **Penso ter sido um equívoco a modificação da canção da Academia para acomodar Comunicações e Material Bélico no lugar do sonoro as-sobio.** A tradição, somente excepcionalmente deve ser alterada, pois se consolida ao longo dos muitos anos. Mudam-se as peças de manobra, cambiamos a tradição? Surge uma nova arma, deixamo-la de fora da canção? Advogo a volta do poema original e, oriundo de Material Bélico, não me sinto homenageado com o atual, com um verso de “pé quebrado”.

Em setembro soube que fora bem-sucedido no concurso para a ECEME. Concurso muito difícil, todos os candidatos já maiores (ou quase) e tenentes-coronéis, procurando bem posicionar-se na carreira. A vida, a partir daí, tornou-se simples espera para seguir para o Rio. A ECEME fica na Praia Vermelha, na Urca, bem junto ao Pão de Açúcar. No Rio, depois da lua-de-mel, vivemos, por nove meses, na Vila Militar, subúrbio, cursando a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO). Morávamos no “de Janeiro”, zona norte. O “Rio” para nós baianos, é zona sul, céu, sol, mar. Assim, a aventura acadêmica acabou e cheios de receio seguiríamos para o Rio. Não sabíamos o que era paraíso!

A Zeinha vai contar

Morávamos em um bairro militar só de capitães. As ruas tinham nomes dos heróis que se destacaram na mais célebre batalha – Guararapes – contra os holandeses, ainda no século XVII, em Pernambuco, no que é considerado a primeira manifestação de patriotismo brasileiro: Felipe Camarão, Henrique Dias, Antônio Dias Cardoso, André Vidal de Negreiros e a nossa, Matias de Albuquerque.

Ocupava-me a rotina familiar: crianças já grandinhas, idas e vindas em rodízio com amigas a escola dos filhos e mercado, tarefas, balé, aulas de inglês, coisas assim. Com o tempo sobreveio o espírito de bandeirante, brasa que não se apaga, e fui cuidar dos velhinhos da Vovó Antonina e dos garotos especiais do Pestalozzi. Contentava-me em fazê-los sorrir e, diferente de outras amigas, voltava para casa feliz, não me amargurava ver o sofrimento, inclusive das famílias, o importante eram os momentos de alegria que podia proporcionar a esta gente, tão carente.

Tínhamos muitos amigos, de outros tempos, de outros brasis, mas em Resende nos chegamos a quatro casais, especialmente, e com eles íamos a festas, fazíamos serestas,

dançávamos na colônia finlandesa de Penedo — rústica, naquele tempo — e desfrutávamos deste imenso e inesquecível parque de diversões que é a AMAN.

Indo para Salvador ver família, nas férias, barraca de camping no teto do carro, acampamos em Porto Seguro pela primeira vez, em 1979. E por quase dez anos este era o programa. Beto não gostava muito não, dizia que isto ele já fazia profissionalmente.

Tivemos uma moto cinquentinha, gasolina de ‘aviação’. Voava, mas eu era cautelosa. Acertei a compra de uma 250 cc, de um amigo, para preocupação de Beto. Vendemos a nossa motinha e ele comprou uma... bicicleta. Fiquei muito zangada.

No ano de 1981 Beto fez concurso para a ECEME. Estudou muito e foi aprovado. Fiquei feliz, era um passo gigante na carreira, mas nenhum lugar seria como Resende, como a AMAN!

Anexo 1 – O que lembra o Alexandre

Nasci em 1976, e mesmo antes de me dar conta que eu era gente, já tinha saído de Salvador, passado pela Vila Militar do Rio de Janeiro, dado uma voltinha lá perto do Pantanal (Campo Grande/MS) e chegado em Resende. Aí sim, aos 3 anos de idade, depois de já ter vivido algumas aventuras sem memória, começam as minhas lembranças.

Como esquecer daquela casa verde, na Rua Matias de Albuquerque, na Vila Militar de Resende? Do CIMAN, clube onde comecei a nadar e fazer minhas primeiras aulas de Judô? Das bicicletas Caloi e Monark, que antes dos quatro anos eu já pilotava (sem rodinhas!), herdadas de Beta e Gabi? Antigamente não tinha mimimi para criança. O filho mais novo herdava os brinquedos dos mais velhos e, ninguém reclamava. Os banhos de chuva, os banhos de mangueira, os monstruosos sapos bois, os vagalumes, as saúvas, nosso Finger (meu doido cachorro negro) e nossos periquitos fujões? Lá também fiz meus primeiros amigos, alguns tenho contato até hoje.

Lembro também da moto cinquentinha que meu pai vendeu para o bem da família... Foi lá que também começou a coleção de colégios onde estudei, Colégio Agulhas Negras e Escola Um.

Anexo 2 – O que lembra Gabriela

Amo Resende!!! Já rodei por muitos lugares. Já estive em lugares lindos, de tirar o fôlego, mas nada, nada se compara à beleza da AMAN. Adorava os passeios na Academia. As visitas ao bosque cortado pelo Alambari; a pontezinha que levava ‘do nada a lugar nenhum’; as competições esportivas, nós torcendo pelo MatBel. Bandeiras enormes balançando no ginásio. Era uma festa! Também lembro do dia em que os cadetes escolhiam a especialidade e os de MatBel passavam pelo ‘purificador’ banho em uma tina de óleo. A gente era super- participativa. E eu curtia à beça. Na AMAN aprendi a cantar a Canção do Exército e a canção da Academia. Da AMAN ainda me lembro dos passeios de fim de semana a uma fazenda que tinha lá pelas suas entranhas onde morava o tio Toledo (Santa Maria). A AMAN era o nosso parque de diversões, um mundo a ser explorado. Tudo era enorme lá dentro.

Naquela época andávamos soltos pela vila. Um tomava conta do outro. Se alguém se machucava ia logo um informante da turma avisar à mãe do dito cujo. A regra era voltar para casa antes de escurecer; também não podia sair da Vila.

Outras tempos!!! Não havia grandes preocupações com segurança. O Hospital da AMAN estava logo ali se alguém quebrasse algum ‘osso’. Os arranhões e os ralados nas mãos, braços e pernas eram coisa normal que as mães curavam com o temível mertiolate. Ser criança era para os fortes! Muita saudade da ‘aurora da minha vida’.

Anexo 3 – Filho de milico (autora desconhecida)

Ser filho de milico é se acostumar com despedidas e ainda assim sofrer com elas. É conviver com saudades, é descobrir novos costumes, conhecer novas cidades ou até mesmo outros países.

É ficar com raiva de ter que ir embora, é se adaptar, é aprender a gostar de novo e de novo e de novo. É saber que logo vai estar com o coração apertado, pois filho de milico não tem paradeiro. Ser filho de milico é adaptação. É ser o rei da adaptação, cair de paraquedas quase todo ano numa escola nova, numa sala nova, com professores e colegas novos e se virar. É entrar no Colégio Militar assim que der. É logo fazer amizades, no primeiro dia, afinal, todo mundo ali... se entende. É saber e falar todas aquelas gírias de quartel e misturar todos os sotaques do país com a maior naturalidade.

Ser filho de milico é saber que vai se mudar até não aguentar mais. É ficar esperando pela transferência, é não saber onde estará no ano que vem nem no ano seguinte.

É chegar ao fim do ano e tentar descobrir onde seus amigos vão e se tem algum conhecido chegando. É reclamar disto tudo. E quando finalmente se assentar num canto, achar a vida ‘normal’ um tédio.

É não ter casa e sim PNR. É saber o Hino Nacional, o Hino à Bandeira e até a Canção do Exército e ir assistir o pai desfilar no 7 de Setembro. Ser filho de milico é ter várias gírias, sotaques e experiências. Afinal, a gente nasce num canto do país e depois vive feito cigano, cada dois anos num lugar diferente, de norte a sul, de leste a oeste. É ter história para contar, muita história. E ficar apertado quando contar uma história, porque não se lembra do nome do seu amigo de infância, aquele de quem você não vai esquecer jamais mas... cujo nome se perdeu no meio de tantos. É ter centenas de tios e tias da família militar espalhados pelos quatro cantos do país. É conviver mais com eles do que com seus tios de sangue. É namorar à distância e sofrer o dobro na adolescência. É gastar absurdos na conta de telefone. É dar vivas pela existência de Orkut, Facebook, Skipe, msn, zap e cia e o que mais aparecer.

É conhecer gente em todo canto do país. É perder amigos, fazer amigos, reencontrar amigos. É descobrir o verdadeiro sentido da amizade, aquela que supera toda distância e todo tempo. É descobrir que paciência é o melhor remédio para tudo, especialmente para a saudade. É saber que o tempo não para e a gente também não.

*Ser filho de milico é não ter frescura, é ter mente aberta e abrir os horizontes. É ter fé na vida, é conviver – bem ou mal – com isso e saber que a única coisa certa na nossa vida é que **sempre haverá caixas e caminhos de mudanças.***

Ser filho de milico é tirar felicidade de tudo isto. É amar o seu estilo de vida do jeito que é, apesar dos pesares, é superar-se e ser guerreiro desde o berço. É, no final das contas, descobrir que é, acima de tudo, brasileiro, e morre de orgulho do país e do pai, este pobre idealista que nos carregou pelo Brasil afora durante todo este tempo.

Ser filho de milico é nascer enrolado no Pavilhão Nacional. É ter sangue verde e amarelo correndo nas veias. Eu também sou filha de milico. Sou filha, esposa, nora, cunhada, amiga, tia e mãe de milico (pimpolba já está no CM e vai ser ‘promovida’ a segundo tenente, pode isto?!). E muito, muito me orgulho!

(Texto retirado do blog Insanidade Temporária e transcrito no Milico Ponderadão. Não consta o nome da autora.)

Anexo 4 – Fotos



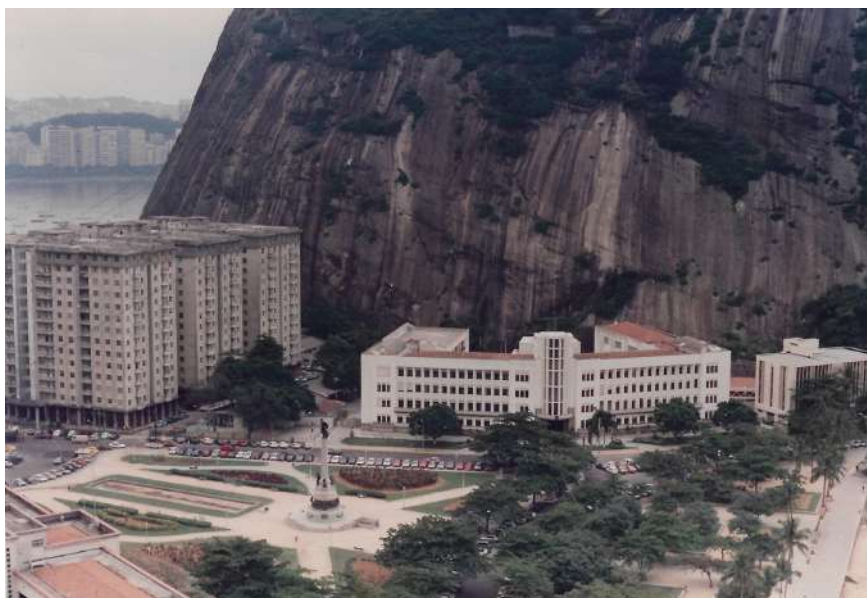
AMAN, ampliação à direita inexistente à época do relato.

10

RIO – ECEME (1982-1983)

Escola de Estado-Maior – o grande salto na carreira.

A Praia Vermelha (PV), o edifício-morada (EPV) e o clube (CMPV).



ECEME, à direita, EPV à esquerda e, ao centro, monumento aos caídos na Retirada da Laguna.

Vocabulário

- EPV – Edifício Praia Vermelha
- “Balança” reporta-nos a um programa folclórico de rádio, transposto para a TV, que se passava dentro de um edifício (Balança, Mas Não Cai).
- IME – Instituto Militar de Engenharia.
- CB – *cumulus nimbis*, nuvens cinzentas, carregadas, baixas e perigosas.
- Bedel – é o termo carinhoso que damos ao oficial instrutor que nos ajuda nos nossos problemas pessoais, um assistente social exclusivo. O Ten Cel Santos, depois general, cuidava de mim.
- Transcritora é o termo com que se designa a pessoa que “traduz” a escrita normal para a linguagem Braille,³⁰ exclusivamente tátil.

30 Para se perceber a complexidade do Braille lembre-se da canção piegas do Djavan: “...mais fácil aprender japonês em Braille...” do que aquecer o coração gelado

Apresentei-me sozinho na Escola de Comando e Estado-Maior (ECEME) e fiquei na casa de amigos até meu apartamento ser liberado, uns vinte dias depois. Recebi mudança, pus tudo para dentro e só então fui buscar a tropinha em Resende, 143 quilômetros serra da Mantiqueira acima. A Zeinha, grande motorista, tinha que aprender o básico, como fazia em cada nova cidade: o caminho do mercado, das escolas, do hospital militar, do metrô e logo, logo, do Rio Sul, shopping recém-inaugurado em Botafogo. Passamos a morar no apartamento 611 do Edifício Praia Vermelha (EPV), à Praça General Tibúrcio; bem amplo, mas um quase submarino. Submarinos são os apartamentos nos andares mais baixos, onde o sol quase não chega, num prédio de quatorze andares, trinta apartamentos por andar, três blocos conectados por um longo e largo corredor. Exceto os apartamentos da frente e os externos, vê-se apenas uma nesga de céu pondo a cabeça fora dos janelões.

O Gen Moura Barreto lembra que, como a distribuição dos PNR é feita considerando inicialmente o número de dependentes (mulher e filhos) e em segundo lugar a antiguidade (posto), todos procuram conformar-se e sustentar a excelência da moradia que lhes coube. Assim, surgiu o desafio entre as mulheres: “Por que o meu apartamento é o melhor do EPV?”.

A que morava num quarto e sala dizia que não gastava com faxineira, “facinho de limpar” e os filhos eram mais saudáveis pois “brincam direto na praça”;

A que morava voltada para a pedra, o morro da Urca, 30m da janela, sem qualquer vista, “não é devassado, privacidade total”;

Os viventes nos andares mais baixo, “não dependo de elevador”;

Os viventes nos fundos, “não sofro com o barulho do Roda Viva”;

Os privilegiados, que moravam na frente, “o som do Roda Viva me agrada”;

Se residia à esquerda do prédio, “dá para o nascente”;

Do outro lado é poente, calor danado, mas “tem vista maravilhosa para o Cristo”;

da mulher.

Apartamento sem varanda, “mais seguro para as crianças”;

“É junto da capela”, “é longe da lixeira”...

E a afirmação final, que encerra o prazer de morar no “Balança”: “a gente logo se acostuma”.

A praça General Tibúrcio é uma área exclusivamente militar. Homenageia, principalmente, os heróis da Guerra do Paraguai, onde, sob um belíssimo monumento, estão os túmulos de alguns caídos na maldita guerra, particularmente os bravos da Retirada da Laguna. Hospeda, ainda hoje, o IME, a ECEME, a Escola de Guerra Naval e o nosso edifício. Também na praça, o monumento aos militares traiçoeiramente assassinados na Intentona Comunista de 1935 e, em volta do morros da Urca e Pão de Açúcar, uma tosca picada, o Caminho do Sabiá. Hoje o caminho foi pavimentado e rebatizado como pista Cláudio Coutinho.³¹ No fundo da praça, a pequena Praia Vermelha: de um lado, o IME e o Clube, do outro lado, a ECEME e uma escolinha pública. E em frente ao EPV a estação do bondinho do Pão de Açúcar.

O curso de Comando e Estado-Maior tinha duração de dois anos e, à época, aulas matinais, além de, às terças e quintas, também à tarde. Estudávamos tática, estratégia e logística dos comandos mais elevados (Brigada, Divisão, Exército). O comandante da Escola, general Fajardo, que assumiu no mesmo momento em que cheguei, era exigente, o que assustou quem ali já estava, inclusive instrutores. Instituiu a consulta livre durante as provas e assim muitos chegavam com carrinhos de feira cheios de livros que pouco adiantavam. Ele dizia que na vida real sempre iríamos ter necessidade de consultar alfarrábios, mas claro, deveríamos conhecer os assuntos e nos valer dos manuais apenas como complemento.

Ao longo dos dois anos fizemos exercícios no campo, no Rio Grande do Sul e em Minas, e uma viagem de estudos pelas diversas regiões do Brasil, a chamada V2 (peguei a chamada perna sul – Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul). Entre Santa Maria (RS) e Foz do Iguaçu (PR), nessa viagem, encaramos um CB à frente e em torno. O avião

31 Coutinho, técnico da seleção brasileira de futebol de 1978, era capitão do Exército e trouxe modernidade ao esporte. Inventor de expressões como *overlapping* e “ponto futuro”, também introduziu no Brasil o método Cooper de treinamento físico.

maior, um Viscount turbo-hélice, subiu ao seu máximo e ultrapassou a negra nuvem; eu e outros quatro oficiais alunos (Uchoa, Resende Moura e Varjão, além do Cel Shenkel, instrutor), num pequeno Bandeirante em retirada, cem metros do solo e entre morros, vendo quase nada, rezávamos. De repente, um buraco se abriu, o piloto mergulhou e aterrissamos: era Santo Ângelo (RS). “Quase abrimos vaga chefe”, disse-me o piloto, bravo tenente da FAB. Traduzindo, todos estivemos à beira da morte. Preocupava-me a volta ao Rio; e se o mesmo acontecesse? Disse-me o tenente: “Chefe, no Rio é Galeão, a gente pousa até às cegas e de ré!”. Instrumentos? Precários!

Cansado do esforço que fiz para o concurso, levei a escola no “vai da valsa”, sem excessos de estudos e aproveitando o espaço físico maravilhoso que tinha à disposição. Acabei Diretor Social do Clube da Praia Vermelha (CMPV).

Exercício na carta na região do Araguaia, quis saber o que se passara ali, na realidade, em termos de guerrilha; a maioria sabia. No almoço, vi-me cercado por três colegas que vieram alertar-me sobre o meu comportamento impróprio. Salvou-me o coronel Medeiros, o “Cabra”, chefe da cadeira, que pôs a documentação existente ao meu dispor. Fosse pesquisar: era uma armadilha, tinha papel a nunca mais acabar, mas tendo ganhado a confiança dos mais informados, acabei sabendo.

A Zé cuidava da logística caseira, de auxiliar-me no Clube e enveredou pelas ações sociais com preferência pelo Instituto Benjamin Constant, pertinho de casa, a primeira instituição a cuidar dos deficientes visuais do Brasil. Um sábado nublado, tempo incerto, a casa sendo faxinada, pôs-me a Zeinha porta à fora com a meninada, me virasse para entreter-los. O Clube, com chuva, não dava! Resolvi levá-los ao Monumento aos Pracinhas. Levá-los, e a mim também, nessa viagem ao passado que eu nunca tinha feito, eu já major! Envergonho-me do pouco valor que dera, até então, aos nossos heróis da FEB. Este assunto vai voltar pois a minha dívida foi paga muito mais tarde, prazerosamente, com juros!

Concluí a Escola no meio da turma. A escolha de local para servir, sempre segundo a classificação no curso, deu-me a oportunidade de voltar a Campo Grande, maravilha de cidade, estado de Mato Grosso do Sul, já consolidado.

A Zeinha vai contar

Fomos morar em frente ao ponto turístico mais visitado do Rio, do Brasil, talvez: o Pão de Açúcar! Prédio antigo, no andar térreo havia todo tipo de serviços: de padaria a correios, de mercadinho a farmácia. Havia também uma Policlínica Militar e até uma biblioteca! Um mundo o EPV.

A adaptação da garotada não foi tão fácil. Em Resende morávamos em casa, ali, um enorme prédio, mais de trezentas famílias, IME e ECEME misturados, de tenentes a coronéis. Não poderíamos deixar as crianças soltas, livres... Nosso belo cachorro negro não veio conosco, judiaria prendê-lo entre quatro paredes; trabalhadeira danada ter que descer duas vezes ao dia, para caminhadas e necessidades fisiológicas.

Mas a vista da Praia Vermelha ao nascer do sol, suas águas limpas – embora geladas –, as andanças no Caminho do Sabiá, a pracinha protegida e o Clube compensavam tudo que deixamos para trás, em Resende. Ao lado, o bairro da Urca conservava o bucolismo de outros tempos, onde imperava o velho Cassino da Urca, hoje museu do Design e muito próximo residia o verdadeiro imperador do Brasil, que às vezes aparecia cedinho na missa da nossa igrejainha, a N. S. do Brasil, e soltava a voz. Quem? Nosso rei, Roberto Carlos!

Meus afazeres eram bem estruturados. As crianças já grandinhas não dependiam tanto de mim, assim podia dedicar-me à oração do terço na capelinha do próprio prédio, ao Clube em que Beto era Diretor Social, mas, particularmente aos deficientes visuais no Instituto Benjamin Constant.

O Instituto foi o primeiro centro de ensino especial para cegos e até hoje mantém a excelência neste campo, disseminando seu conhecimento para outros escolas do Brasil. Apreendi Braille e tornei-me transcritora, manobrando uma máquina especial de escrita, que com seis teclas perfura papel cartonada e permite a leitura pelo tato em alfabeto especial. Especializei-me no uso da bengala, que é uma arte. Fazia leituras ou gravava textos, também. E, principalmente, brincava com a criança, e aceitava o toque de mãos pois sem visão estão sempre a nos tocar o rosto e a buscar abraços. Era, é, muito bom ser útil, agradável e cristão!

Anexo 1 – O que lembra o Alexandre

O ano é 1982 e chegamos todos nós farofeiros, ops, quer dizer forasteiros, no EPV, bem em frente ao Pão de Açúcar.

Muito pequeno (seis anos), não tinha a menor ideia do que era a Gen Tibúrcio e sua ambiência. Da praça lembro só do laguinho, cheio de girinos, bonito mas mal cuidado. Na praia, barraquinhas, onde meu pai comprava os chicletes Ping Pong com as figurinhas do álbum da Copa do Mundo de 1982. Pô pai... se lembra?

O colégio era o Rana Kosac, ficava numa casinha simpática na Urca. Fazíamos Educação Física era no Pinel, um hospital para doentes mentais junto à Universidade Federal; a criançada ficava assustada com a possibilidade de ver um doido varrido correndo pelo campus, com aquela camisa de força, igual a filme de Hollywood.

Mas a grande recordação era o prédio e o nosso apartamento. O prédio, com seus seis elevadores, tinha corredores com mais de 100 metros de comprimento, seis de largura e se transformava em um grande playground para a garotada, particularmente em dias de chuva. Um prédio com 14 grandes plays... era um paraíso!!!! Andávamos de bicicleta, jogávamos bola, brincávamos de polícia e ladrão e pique-pega, jogávamos futebol de botão; as meninas pulavam elástico e corda, enfim... tínhamos espaço de sobra pra brincar internamente... e ainda havia o parquinho e a quadrinha que ficavam em frente ao prédio, sem contar as facilidades do comércio e serviços – o mercadinho Jaguar, a Policlínica Militar e o incomparável Bazar Milico, onde se vendia de tudo, desde palito de dente até aviões... era o metro quadrado mais bem aproveitado do planeta! Se não tivesse lá o que você queria comprar era porque não existia!

Anexo 2 – Fotos



Caminho do Sabiá, já “urbanizado”.



Monumento aos mortos na Intentona Comunista de 1935.

11

CAMPO GRANDE (1984)

De novo no Mato Grosso – ode ao Forte Coimbra: “Repelir
o inimigo ou sepultar-se debaixo das ruínas do forte”.

O general Everaldo.

Acidente doméstico.



Forte Coimbra

Vocabulário

- Chalana é uma barquinho regional e uma música pantaneira de saúde.
- RM/DE – Comando unificado de Região Militar (administrativo) e Divisão de Exército (operações de combate).
- Percherons – cavalos de tração.
- Tiro – neste caso, significa uma granada de canhão.

Campo Grande não mudara muito nos cinco anos de ausência nossa. Mesmo sistema de chegar: Maizé e as crianças em Salvador, fui à frente sozinho, reconhecendo o terreno já palmilhado. Perdera o ar provinciano de outrora, agora, cara de capital. Desta vez cheguei de avião. Vendera a minha Brasília, relativamente nova (mas péssima). Foi da primeira leva de carros a álcool, um trabalho danado para pegar nas manhãs frias, carburador desregulado quase sempre. A cidade morena já era saudosa amiga. Convoquei um velho sargento, o Vinicius, meio paraguaio, cantador de “Chalana”, daquele meu primeiro time e fomos comprar um carro de segunda mão, em agência de amigos. Uma Caravan azulona, enorme.

Estabelecido no HTO enquanto a casa era pintada, sozinho de noite, voltei a fumar, após cinco anos sem tabaco. Cigarro, infelizmente, é boa companhia. A ECEME despejou naquele 1984 uma leva de maiores no comando da 9ª Região Militar/9ª Divisão de Exército (9ª RM/DE). Para lá fomos eu, Pilar, Castro, Magalhães e Amorim.

Muitas modificações na estrutura e aquartelamentos da Região Militar em relação a 1978. A totalidade dos quartéis fora concentrada no bairro de Amambaí, caminho do aeroporto, periferia da cidade. A 4ª Divisão de Cavalaria (4ª DC) deu lugar à 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada (4ª Bda C Mec) que transferiu-se para Dourados, ficando no seu espaço o 18º Batalhão Logístico. O Quartel General da RM/DE saiu do centro da cidade e ocupou instalações que foram do grupo de Artilharia 105 (ora em Rondonópolis) em frente à velha DC. A Divisão tinha agora três brigadas localizadas em Cuiabá, Dourados e Corumbá.

Fui morar na Vila de Amambaí, casa de esquina defronte o general Everaldo, nosso comandante maior. O comandante de Companhia de Guardas era velho amigo, major Oliveira, servíramos juntos na AMAN. A esposa dele, enfermeira, ajudava a cuidar a sogra do General Everaldo, cuja vida se findava. Sabendo ser a Maizé muito religiosa pediu-lhe socorro para as derradeiras orações cristãs e assim vizinhávamos com o velho e querido “Pongaio”, apelido de Everaldo, pelo seu peito de pombo e nariz de papagaio (respeito, amizade e saudade!).

Íntimo da cidade, certa noite fomos, eu e a Zé, ao nosso clube, a pé, que era pertinho de casa. Pedi ao guarda da residência do chefe que desse uma olhada nos meus meninos. Aos 12, 10 e 8 anos, não havia risco em ficarem sozinhos, assim pensava eu. Chegando em casa depois da meia-noite, o sentinela estava na minha porta e alertou-me que o general estava lá dentro. Que diabos teria acontecido? Em meio a risadas, o velho disse-me que as crianças começaram a brigar, o soldado não conseguiu, de fora, apartá-los e assim ele foi chamado. Ficou vendo TV com os meninos, que dormiram e ele foi ficando... “Quando vocês forem sair, não me deem susto, avisem antes que venho ficar com eles.” Não nos fizemos de rogado! (O velho não tinha netos e adorava crianças.)

O Maj Magalhães era um gênio tão genial que não cabia em si mesmo, pelo que foi-se cedo deste mundo. Fizemos a ECEME juntos mas não tínhamos, então, maior relacionamento. Aproximámo-nos em Campo Grande. Todos recebemos um trabalho de estágio (um TCC) para cum-

prir como conclusão do curso de Estado-Maior. Ele ganhou dois, para não incomodar, confidenciou-me o velho Ponga. Um deles, levantar a vida de Ricardo Franco. Tão bem desincumbiu-se que o seu ensaio representou o início dos estudos que levaram este grande militar, construtor do Forte de Coimbra, ao patronato do Quadro de Engenheiros Militares (QEM). Mas ele, o Magalha, é aqui lembrado pelo método que nos levou, a mim e a ele próprio, a deixar o cigarro definitivamente! Era maio de 1984. Impôs-me, não era de perguntar nem persuadir, que eu seria seu companheiro neste esforço. Deixaríamos o cigarro e papo encerrado.

– Já deixei por uns tempos compadre, voltei há pouco, agora não.

Nem me escutou, revelando-me o seu plano genial! Dobraríamos o número de cigarros consumidos por dia e daí a seis meses parariamos, de supetão. Tínhamos que nos contaminar, nos saturar de fumo, até não querer mais! Fazer o quê? Seguir o plano. Às vezes, à noite, o Maga ia lá em casa e perguntava quantos eu já fumara. Trinta? Faltam dez, e me fazia fumar os dez restantes um atrás do outro, acendidos toco a toco. Lá para setembro eu não aguentava mais, queria parar de vez. E ele: “Negativo, vamos seguir o tratamento até o final, 1º de novembro”. Dia 31 de outubro de 1984 pus um último cigarro na boca e nunca mais fumei!

Viajávamos de avião por quase toda a área daquele grande comando militar (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), de carro, às vezes, a Dourados e Cuiabá, mas as idas a Corumbá e Forte Coimbra eram aventuras a serem cumpridas em trem e barco. Fomos, certa feita, ao destacamento de fronteira de Fortuna, vinculado ao batalhão de Cáceres (MT): um sargento e dez homens, com suas famílias; o Cel B. Moreira (Águia Pantaneira, como ele gosta), que servia no QG e viajava conosco, danou a chorar. Contou-nos que o pai, sargento radiotelegrafista, passou um tempo neste destacamento, cobrindo ausência de um colega, levando os seus teréns – inclusive família. Ele lembrava dos quase dez dias felizes de viagem em carro de boi pelo Pantanal, divertindo-se pelos caminhos de Rondon.

A conquista e manutenção do nosso oeste foi dureza e um dia será dignamente contada. Ainda por essas sendas, não pude ir a Caslavasco, um outro destacamento, em um primeiro momento. Mas lá foi o Magalhães. Trouxe dois papagaios recém-nascidos e deu um deles a Maizé. O

dele ganhava plumagem, o dela definhava. Consultamos um veterinário que perguntou sobre a alimentação do bichinho. Uma papinha de pão e leite, disse a Zeinha. “Minha senhora”, gargalhou o amigo zoomédico, “papagaio é ave, não é mamífero!”

Então, um pequeno grande drama: a Zeinha quebrou o braço tentando segurar a enorme Caravan, que, deixada em uma rampa na nossa garagem, começou a deslocar-se. Ela correu, segurou, gritou e puxou o freio de mão, em qualquer ordem. Fratura logo acima do pulso. Era fim de semana e o nosso hospital, embora pertinho de casa, dificilmente teria um ortopedista no plantão. Direto para a Santa Casa. Feita a “redução” necessária, gesso e imobilização, a rotina de ponta cabeça. O transporte das crianças para a escola era o problema maior, resolvido pela graça da Tereza Cristina, esposa do Maj Pilar, dos meus velhos sargentos da Cia DAM e do general Everaldo que raptava as crianças, às vezes, e as deixava na escola. Pouco tempo de fisioterapia clínica, a Zeinha voltou ao volante, que melhor exercício não havia que dirigir o nosso pesado veículo, sem direção hidráulica. Se ainda não tínhamos acabado de abrir as caixas (da mudança), aí é que paramos mesmo, pois além da inabilidade da Maizé com o braço esquerdo (sadio), fui transferido para a ESAO, como instrutor, devendo seguir destino em começo da 1985. Mais uma vez iríamos permanecer apenas um ano na morena cidade.

Entre outros encargos, estive adjunto da 4ª Seção, que planeja a obtenção e distribuição de material para todo o Centro-Oeste. Chefiava a Seção o T Cel Tinoco. Tinoco era inteligente, tranquilo e bem-humorado, embora de pouco falar. Era casado com moça de Bela Vista, cuja vista é bela e as meninas também, a maioria educada na capital, mas com um pé bem fincado na fronteira. Lá estávamos com o comandante da 9ª RM/DE participando de exercício da brigada de Dourados. Era meu aniversário – 25 de outubro de 1984 – e jantaríamos na casa do comandante do 10º Regimento de Cavalaria, Cel Lima, que novinho fora servir na fronteira e arranjar, também lá, o seu grande amor. Anoitecia quando chegamos do campo e antes de nos aviarmos para o jantar Tinoco chamou-me e pediu-me que o acompanhasse até a sua fazenda, havia uns posseiros por lá. Armados, tocamos atrás dos homens. Pressenti confusão. Muitas cancelas abri quando, enfim, divisamos a bela sede da fazenda. Ele parou a sua camionete à frente e fomos, pé ante pé para a parte de trás da casa, eu, arma na mão. Estavam lá três homens, cavando um poço contratado

pelo Tinoco. Eram os **posseiros**! E eu, o abridor de porteiras! Caiu na gargalhada e foi o assunto da noite. Último trote e última lembrança do querido chefe, já falecido.

O Gen Everaldo era artilheiro do tempo da artilharia de dorso, dos velhos “percherons”. Era também um estudioso da História. Natural que na primeira oportunidade fosse a Coimbra, fortaleza onde se escreveu uma das mais belas páginas de sacrifício e glória na Guerra do Paraguai. Coimbra era acessível apenas de barco, a partir de Corumbá, ou de Porto Esperança, pequeno destacamento do Exército, rio abaixo de Corumbá. A pista de pouso estava alagada fazia dois anos devido a cheia máxima, de cada sete anos, do Pantanal. No casarão que servia de hospedagem de trânsito e no térreo era rancho de oficiais, as famílias se reuniram e conosco jantaram. Logo se revelou a razão da adesão familiar. Queriam saber das novelas! Everaldo trouxera vídeos. Vídeos editados há alguns dias. Mas o que acontecera ontem, quando saímos de Campo Grande? Não sabíamos, era o tempo que homem não assistia novela. Aprendemos: dali em diante, cada ida a Coimbra, além dos vídeos, saber os últimos capítulos das novelas. Depois de Rondon, que no começo dos anos 1900 levou o telégrafo até ali, nada mais fora instalado ligando aquele posto à civilização. Isto é o isolamento a que se sujeitam os militares, por profissão, e suas famílias, por paixão.

A velha praça de guerra era artilhada com canhões 152.4 (coisa de 1m de altura por 40cm de diâmetro, mais ou menos), havia munição, então fosse providenciada a realização do tiro, determinou o general. Conhecendo a área e o pessoal de manutenção de outros tempos, resgatei um sargento da reserva que já trabalhara o canhão, e dispensava manuais, de resto, inexistentes. Feita a manutenção, descobriu-se que a munição era 152, não servia. Mais de 200 granadas! Muito bronze. Vamos desmontar, desmanchar e vender o bronze, quis Everaldo. Cadê manual? Aí veio a proposta “indecorosa” do general:

– Eu conheço um pouco este material e você sabe os princípios de funcionamento. Mande trazer uma granada e nós dois vamos desmontá-la aqui, em Campo Grande.

Não gostei nada da ideia!

De Coimbra para Porto Esperança em barco, de lá por um curto ramal ferroviário para Agente Anastácio e daí, pela grande ferrovia a Campo Grande. Mandeí o “tiro” para a área de desmancho da 9ª Cia DAM. Estudamos a munição, espoleta³² de culote (no fundo e não na frente da granada) e tocamos a fazer força para desenroscá-la. Primeiro com cuidado, depois a martelo! Propus ao general pararmos, mandei mergulhar no querosene para tentar “descolar” as roscas. Dia seguinte ia começar a maluqueira de novo e um velho sargento soprou-me: “deve ser rosca à esquerda” (Funciona ao revés da rosca comum, à direita). Era. E assim, com aquela velha equipe de destruição que já não era minha, mas eu era quem mais sabia do assunto – e eu quase nada sabia – passei trinta dias em Coimbra desmanchando munição, trazido depois o bronze para Campo Grande e vendido a bom preço.

Voltei a Corumbá outras vezes, uma das quais com Maizé e filhos, para que conhecessem um pouco o Pantanal, em inesquecível viagem de trem, cabine especial em vagão de madeira! Coimbra transformou-se, anos depois, em quartel de Infantaria, cujo armamento aligeirado, é agora mais eficiente e adequado à defesa deste oeste brasileiro. A Companhia de Infantaria leva a denominação histórica de Portocarrero, está sob proteção de N. Sra. do Carmo e parte da sua história emocionante e surpreendente está contada no anexo.

Findava 1984, e eu, nomeado instrutor da EsAO, no Rio, comecei a arrumar minhas mochilas para seguir destino, um ano apenas de permanência em Campo Grande. Cantei *Saudade*, pela última vez!

A Zeinha vai contar

Desta vez, chegamos fácil a Campo Grande. Encontramos o Maj Oliveira, comandante da Companhia de Guarda com quem servíamos na AMAN. Zezé, sua esposa, era muito amiga minha e deixou a casa conosco: estavam indo de férias para Resende. Chegamos em um grupo grande de famílias vindos da ECEME e encontramos velhos amigos na cidade.

32 Espoleta, no jargão militar, é o elemento iniciador da explosão maior. Melhor não mexer com ela, tanto mais por ser material muito velho, provavelmente instável.

Conhecíamos já os caminhos para escolas, banco e mercados... Agora havia um shopping, no centro da cidade. A casa estava pronta para nos receber, então, chegado o caminhão da mudança, engrenamos a nossa rotina rapidamente. Academia de ginástica, grupo de oração, grupo do jogo de cartas e o clube, pertinho de casa, tudo de bom! Ganhamos uma papagaio, comprei um aquário com peixinhos coloridos e queríamos um cachorro. Ainda bem que não o adquirimos pois antes do meio do ano Beto foi transferido para a ESAO, na função de instrutor. Não houve desespero, pois a ordem era seguirmos para o novo destino apenas no fim do ano, mas as caixas que ainda não tinham sido abertas fechadas permaneceram.

Comecinho do ano de 1985 tocamos para o Rio com parada em São Paulo para encontrarmos Fiva e Napô, Lúcia e Fagundes, que lá moravam, no mesmo prédio, uma ruma de crianças barulhentas e muita cerveja para matar anos de saudade.

Tancredo eleito presidente, morreu, todos sabemos mas, já nas despedidas do Pantanal nos deram um cágado fêmea que batizamos Risoleta, como a esposa do presidente. Mais um bichinho na nossa bagagem!

Anexo 1 – Alexandre lembra

Aos 8 anos fazia minha segunda passagem por terras pantaneiras.

Fomos morar numa casa de esquina, sem vizinhos, um terreno baldio em forma de L rodeando a casa. Do outro lado da rua, a residência do general Everaldo. O coroa era gente boa, às vezes a gente ia lá brincar e ele se amarrava. Recebia a gente com roupa tipo safari, caqui! O quintal da casa dele era gigante e repleto de árvores frutíferas. Também tinha uma piscina. Lembro, vagamente, que um dia o general ficou de gozação e nós, sem noção, jogamos ele na piscina. Meu pai e minha mãe ficaram atônitos, mas o velho, que não tinha netos, riu muito, tirou os sapatos e lá ficou conosco. Minha mãe tornou-se amiga da esposa dele pois rezava diariamente com a mãe dela, muito doente, logo falecendo. Deixou-lhe como lembrança um terço bem bonito, florescente.

Fizemos uma viagem a Ponta Porã. Atravessar a fronteira era o máximo! Comprar em Pedro Juan Caballero eletrônicos (meu pai me deu um relógio calculadora que eu achava irado!) e jogar no Cassino – mesmo crianças – era o que tinha a fazer. De trem, em cabines familiares, fomos a Corumbá, fronteira com a Bolívia, atravessando o Pantanal... e como se vendia piranha empalhada nesses locais. Claro que levei a minha para casa!

Em 1984 ganhei minha primeira bicicleta de verdade. Era uma bike toda incrementada, com 3 marchas em alavanca no quadro, um banco com encosto estilo Harley Davison.

Nosso carro era uma Caravan Comodoro azul. Um carro gigantesco, que minha mãe levava lindamente no braço, no muque, pois na época não tinha essa molezinha de direção hidráulica. Minha mãe sempre foi fera no volante!!! Deixava meu pai no chinelo!!!! Nessa época não tinha esse lance de leis de trânsito restritivas e minha mãe entulhava esse carro de crianças. Abaixava os vidros, manda ver no quebra vento e pé na tábua sem cintos de segurança!!!! KKKKKK. Muito raiz essa época! O carro todo adesivado! Muito cafona!!! KKKK. Meus pais não ligavam para essas coisas, deixavam a gente curtir essas 'besteiras'.

Anexo 2 – Versões da luta no Forte em 1864

Da história de Coimbra, a Fortaleza do Pantanal, ficou-me a frase síntese das suas impenetráveis muralhas:

Repelir o inimigo ou sepultar-se debaixo das ruínas do Forte.

O Forte resistiu ao cerco dos castelhanos em 1801, e foi o primeiro alvo da invasão paraguaia ao Brasil, na abertura de hostilidades da Guerra da Tríplice Aliança. A luta foi renhida e resultou no recuo dos guaranis ao final do primeiro dia, a despeito do desmedido poder de combate de suas forças. Madrugada e as mulheres brasileiras reunidas produzindo cartuchos utilizando pedaços das próprias roupas na sua confecção. Os invasores retomaram o ataque no dia seguinte, 28 de dezembro de 1864. Resistiu o bastião até o início da noite quando os exauridos combatentes (brasileiros já sem munição e os inimigos na iminência da invasão) foram surpreendidos com a visão de N. Sra. do Carmo em imagem levantada nas muralhas pelo subtenente Verdexas a mando de D. Ludovina, mulher do Cel Portocarrero. Louvaram a santa todos os combatentes e a batalha foi interrompida.

Portocarrero estava em visita de inspeção ao forte, acompanhado da esposa e assumiu o comando da resistência. Isto é o que registra a história mas há uma outra estória, uma lenda contada naquelas barrancas sangradas: Ludovina também teria se alevantado acima das muralhas e

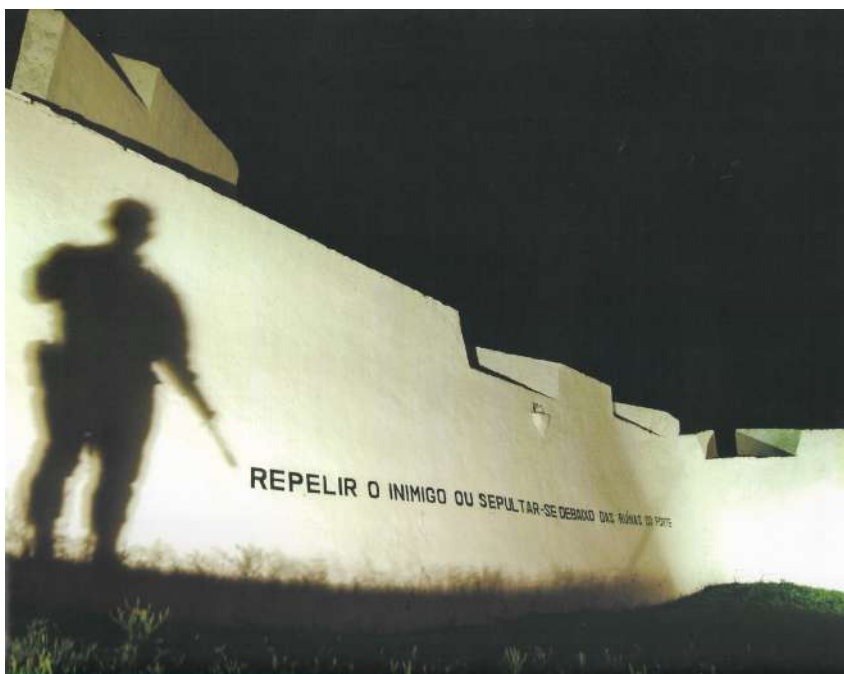
a fé na santa e a beleza incandescente desta mulher cegaram os guaranis que retiraram-se, possibilitando o abandono organizado da fortaleza pelos brasileiros naquela madrugada. Não vi qualquer imagem de Ludovina mas, transportando-nos para os dias atuais, era avó da atriz mais bela e talentosa do meu tempo, Antônia Portocarrero, ou, se soar melhor, Tônia Carrero. Grande *pareja*!

Anexo 3 - Fotos



Gen Everaldo,³³ Burman e Lima e o Cel Tinoco no 10º RC de Bela Vista, todos meus heróis! Eu, mais atrás, de bigode.

33 Não estranhem os leitores a citação de muitos generais e poucos coronéis. É que, por sorte (ou azar), só tive um comandante na tropa, excepcional, aliás, no meu primeiro ano como oficial: o Maj Viggiano. Todo o meu tempo restante de tropa (dez anos), comandeí. Quando foi criada a medalha do Corpo de Tropa, só dois generais a receberam no primeiro “lote”, eu fui um deles.



Porto Carrero rejeita a rendição. A posse do forte seria decidida pela “sorte das armas”.

12

RIO DE JANEIRO
(1985-1986)

ESAO – Instrutor de meus cadetes.

Incidente na curva Chico Viola (Via Dutra).



Vocabulário

– Família repinika – família meio farofeira, meio fuleira...

Mudança embarcada no caminhão-baú para o Rio de Janeiro, cada um tomou a sua mochila com o básico para 15 dias, tempo estimado para recebermos nossas coisas na EsAO, onde fomos servir nos anos de 1985 e 1986. Seguimos no mesmo rumo na espaçosa Caravan, via São Paulo. Éramos os cinco, mais um aquário de peixes coloridos, o papagaio Joca, a tartaruga Risoleta e mais comidinhas para os mil quilômetros até a capital paulista, com parada na casa do Napoleone. Próximo a São Paulo nos deteve a Polícia Rodoviária Federal. Ficamos contentes, afinal veriam a ave silvestre, suporiam que era clandestina, mas tínhamos tirado o “passaporte” do bichinho no IBAMA: silvestre mas criado em cativeiro, fizemos tudo certo. Quase tudo! Não era isto, infelizmente: é que a Zeinha ia voando baixo, a 127 Km/h, em um cochilo meu. Seguimos sem multa, após longo sermão.

Ficamos com Napô e Fiva e seus quatro filhos uns cinco dias, em São Paulo. No mesmo prédio, Fagundes e família. Uma festa, o reencontro. Mas tínhamos que seguir adiante. Em um domingo, postos de combustível fechados, pequeno lança até Resende, onde dormiríamos. Na altu-

ra de Pindamonhangaba, o carro morreu... e morreu na mesma curva onde morreu muitos anos antes Chico Viola. Viola era, ao seu tempo, o que Roberto Carlos ainda é hoje. O rei da voz! A uns cento e cinquenta metros à margem da estrada, uma casinha. Mulher e filhos temerosos ficaram no carro enquanto fui andando com cautela, medo dos latidos de cachorro. Um homem perto dos 40 anos veio em minha direção. Expliquei-lhe o problema, apresentei-me como militar, e, dedo do Criador, ele fora soldado no Batalhão de Engenharia de Pinda! Pegamos a Zeinha e crianças no carro – e mais papagaio, aquário e Risoleta, para o caso de lá dormirmos – os deixamos na humilde moradia e fomos, nós dois, num fusca velhinho dele até uma oficina, fechada, claro! Mas o dono tinha sido também soldado. Levou ferramentas e o seu guincho. Fez um “gatilho” e assegurou-me que o carro se acabava mas aquele problema nunca mais ia acontecer. Tocamos agradecidos para Resende, com promessa de pararmos para um café no futuro, quando por ali passássemos. Nunca parei (e houve oportunidades), mas nunca esqueci.

À chegada no Rio, Alexandre levou uma queda na piscina do clube, bateu a cabeça e ficou em observação na emergência do HCE por dois dias. Eu ou a Zeinha ao pé da cama e os demais “morando” no carro, acampados no estacionamento do hospital. Não lembro que problema vivia o país, mas sofriamos uma crise de abastecimento. Passava-se em um açougue, via-se carne e dava-se um alerta e aí muitos fugíamos do trabalho para nos suprir. Mas os alunos não tinham esta liberdade. A EsAO conseguiu com uma empresa gaúcha que fosse fornecida diretamente à escola a “tonelagem” mínima de proteínas para as famílias.

No trabalho as coisas foram muito bem. Reencontrei o Harada, com quem servira na AMAN, e tive por vizinho Oly, da minha turma de Comunicações. Vencíamos juntos, a pé, todos os dias, o quilômetro que nos levava até a Escola. Fizemos muitos exercícios no campo, seja em Seropédica (Universidade Rural), no Gericinó (o campo de instrução da Vila) ou, num âmbito mais amplo, com todas as armas, em Campinas e Belo Horizonte.

Ganhávamos muito pouco – como, aliás, até hoje – quando esboçou-se, entre os alunos, em 1986, um movimento reivindicatório que iria se agravar em 1987. Bate panelas pelas mulheres na Vila, alunos do Curso de Artilharia rasgando contracheques, latente indisciplina. Entra em ação o velho quarto zagueiro, o mesmo Burman que comandara o Corpo de

Cadetes da AMAN, agora comandante da ESAO. Toda a Escola reunida no auditório, alunos achando que tinham encurralado o gigante. Gigante pelos seus quase dois metros de altura, pelo touro de forte que era e pelo enfrentamento a que nunca se negou, sabendo tudo de fintas e desbordamentos. Encarou o auditório com a sua voz firme, sem afronta ou temor, e declarou que sabia da insatisfação e que ele, pessoalmente, não tinha este problema. Fez-se um silêncio que prenunciava uma vaia. Onde queria chegar o general? Emendou em seguida, que, entretanto, já fora capitão, já tivera filhos na “idade dos seus e fora uma dureza criá-los. Sentira na pele”! Manteve-se o silêncio, mas agora o silêncio que precedia a ovação. Ano seguinte, Burman e eu fora da Escola, um certo capitão “incendiou” aquela casa.

O general seguiu para Brasília e pôs-me, a pedido, em Salvador. Era final de 1986, fui promovido a tenente-coronel e voltei para minha terrinha, de onde, pensava, não mais sairia. Mas a vida militar a gente não comanda, o Exército comanda.

A Zeinha conta

A nossa vida é cigana mas vai se repetindo, e mais fácil, a cada transferência, se torna a aclimação. As crianças já eram pré-adolescentes, se viravam sozinhas. Estudaram todos no Santa Mônica, em Bento Ribeiro, bairro próximo.³⁴ A Beta frequentou, comigo, pela primeira vez, uma academia de ginástica e ao final de dois anos, aos quinze, declarou-se cansada de mudanças.

O novo apartamento que ocupamos era enorme: duas salas amplas, avarandadas, e três grandes quartos. No mesmo subúrbio de Deodoro, em que vivêramos alguns anos antes e com o qual agora tínhamos intimidade. A diversão ficava por conta do clube da Vila, de muitos churrascos, idas eventuais à Praia Vermelha na zona sul que já experimentáramos e um cineminha atrás do 2º Regimento de Infantaria (2º RI): enchíamos o carro de crianças, fundo aberto, e ocupávamos a sala, só nós, normalmente.

34 Para constar, é o bairro onde nasceu e se criou o craque Ronaldo e a escola foi frequentada pela Xuxa. Só curiosidade destes escritos permissivos, não chega a ser uma recomendação!

Conhecendo já todos os macetes, íamos nos finais de mês fazer compras no Carrefour, recém-inaugurado na Barra da Tijuca; mas shopping era mesmo o Polo de Madureira. Roupas de frio, uma fugida a Petrópolis.

Retomei as minhas atividades costumeiras: terço de oração (Deus é bom!), coleta de alimentos com os Vicentinos e visitas ao asilo de velhinhos de Ricardo de Albuquerque (pertinho da Vila) a que voltaria com força total, lá adiante, nos nossos anos de BMA.

Papai e mamãe vieram ver os netos no meio do ano trazendo a cesta básica baiana de sempre. Farra boa com os amigos que viviam apenas entre churrascos e feijoadas!

E veio a almejada transferência para a Babia! A última supúnhamos, Beto já ‘saindo’ tenente-coronel. Ledo engano, ainda tínhamos muita estrada à frente.

Anexo I – Alexandre lembra

De Campo Grande para o Rio de Janeiro uma viagem daquelas! Viagem da família repinika purinha!!!! O carro quebrou no meio do nada e àquela época não existia qualquer tipo de tecnologia móvel para comunicação ou localização, mas uma boa alma surgiu do nada e nos ajudou a consertá-lo, inclusive nos deu abrigo durante essas horas de reparo.

Ganhei uma verdadeira mesa de futebol de botão que ficava no meio do meu quarto. Por conta dessa mesa juntava uma guriçada grande lá em casa e disso nunca podemos reclamar, pois meus pais nunca ligaram de a casa estar cheia de amigos, desde que se mantivessem minimamente organizadas as coisas.

Até hoje mantenho contato com os amigos daquele tempo. Jogava bets (taco), normalmente na nossa rua mesmo (Rua Avai), andava de bicicleta pela vila toda, jogava bolinha de gude numa área de terra batida que tinha atrás dos prédios, soltava pipa lá no campo de futebol que ficava em frente à Brigada Paraquedista – acho que este era o lugar mais longe que a gente podia ir – fazia guerra de mamonas, brincava de pique pega, mamãe da rua, polícia ladrão e... jogava bola, jogava bola, jogava bola, jogava muita bola, o dia inteiro (descontado escola e estudo em casa, claro!), na quadra ou num gramado que tinha em frente ao BMA e só voltava pra casa mediante o assobio hipersônico do meu pai. O coroa mandava aquele tradicional ‘fiufiu’ da varanda da casa e eu escutava lá de longe. Aquele era o chamado, era fim de festa, hora de voltar para casa! Falando em festa foi nessa época que começamos a fazer aquelas festinhas americanas onde menino levava uma coca e menina um salgadinho. A molecada toda com menos de 10 anos esperando a hora de dançar a dança da vassoura.

Outra coisa boa da Vila era o dia de Cosme e Damião. A distribuição de doces era farta e a criançada saía em bando para aproveitar... coisas de Zona Norte do Rio! Eu voltava com tanto doce que minha mãe punha tudo em um vasilhame bem grande. Os doces duravam...

No Clube da Vila fiz aula de futebol e de natação também. Ainda no clube, tinha carnaval (matiné), eu me fantasiava de bate-bola ou Clóvis (fantasia típica daquela região do Rio). Marechal Hermes, Madureira, Bangu, Realengo... todos esses bairros tinham grupos tradicionais de bate-bola, muitos deles eram rivais e quando se encontravam o pau comia a valer.

Lembro também que foi nessa época que teve o show dos Menudos e meu pai levou minhas irmãs ao São Januário, estádio do Vasco da Gama. Nem sei se eles ficaram para o show depois da confusão que teve na entrada, resultando na morte de duas pessoas. Eu não quis ir ao show mas, em contrapartida, ganhei uma assinatura da revista Placar.

Foram dois anos maravilhosos: tendo uma quadra de futebol para jogar bola, uns gramados para brincar, espaço para correr e andar de bicicleta já estava de bom tamanho para mim. Melhor de tudo é que, afinal, em 1987 o destino era Salvador, estávamos de volta para casa.

13

SALVADOR (1987-1989)

Retornando ao meu “país” depois de dez anos.

Morre meu pai; cerra as portas o CMS.

Uma história do meu mano mais velho e duas histórias da FEB.



Pelourinho

Vocabulário

– “Toque de ordem” é uma preciosidade militar. O expediente de trabalho acaba, no horário pré-estabelecido, mas a saída do quartel dá-se apenas quando o comandante manda tocar “Ordem”. Pressupõe uma corneta, um clarim.

– Galega – mulher da boa mistura baiana, espanhola da Galícia com a morenice soteropolitana.

O retorno a Salvador foi muito desejado, mas cedo fincamos pé na realidade. Reencontrar família e amigos na distância de dez anos não facilitou a reaproximação e assimilação. Ao longo desse tempo as nossas crianças adoleceram e a permanência nas férias anuais eram breves, não criava vínculos. Os primos eram bem mais novos. Além do que era cansativo e pouco divertido e, sem dinheiro para hotel, nos amontoávamos em casa dos pais da Zeinha. Todos queríamos voltar ao conforto da nossa morada e à parada, também na volta, em Porto Seguro.

Eu, a Zeinha e os meninos não acompanhamos a vida social e profissional dos que nos foram próximos. Não fomos – por exclusiva falta de

dinheiro – à formatura de irmãos e cunhados, seus casamentos, batizados de filhos... Eis porque perdemos a intimidade da família de sangue vermelho e aumentamos os nossos liames com a família de sangue verde-oliva. Assim, mais fácil para os garotos integrarem-se na Vila Militar onde fomos morar: todos tinham o mesmo estilo de vida, experiências parecidas, muitos já haviam “servido” juntos; enfim, gente que falava a mesma língua.

Era uma bela casa, a nossa. Num alto, jardim gramado na frente e ao fundo, quatro quartos (uma suíte), um escritório e uma varanda à frente das salas. Casa de esquina, isolada. Meu sogro, que havia plantado um pessegueiro em Resende, plantou um pinheirinho que vejo até hoje, adulto e gigante, quando passo na frente da casa, perto da minha morada atual. Como a intenção era permanecermos em Salvador por longo tempo, compramos um cachorrinho, um beagle teimoso, brincalhão e desobediente. Quando tivemos que voltar ao Rio vivemos o dilema de levar Sherlock, criado livre a correr pelo amplo terreno da casa para viver num apartamento ou deixá-lo. Decidimos não aprisioná-lo, anunciamos a sua venda mas a ideia era entregá-lo a alguém que amasse cachorros e pudesse dar-lhe o espaço e carinho que lhe dávamos. Do Kennel Club veio uma senhora, jeans velho, fusca caindo aos pedaços. Conversamos, mostrei-lhe o espaço, conversamos mais um pouco. Enfim perguntei-lhe se tinha uma boa área para o cachorrinho já com dois anos, se tinha outros animais, se tinha filhos. Disse-me que filhos, tinha nove (um fusca?), três cachorros e uma casa com quadra de tênis, campo de futebol, piscina e bláblá... O marido era diretor de uma grande construtora baiana, vivera em muitos países e sempre morara em casas pois sua tropa era grande. Levou Sherlock e até nos mudarmos, mais de um mês depois, ligava diariamente para dar notícias. Nunca julgar as pessoas pelas aparências!

Com o tempo a reintegração social viria, eu pensava. Só que não tivemos este tempo. No meio de 1987 fui convidado para subcomandante da Escola de Material Bélico (EsMB), no Rio, mas não aceitei o convite. O velho Everaldo, já fora do Mato Grosso mas ainda influente e apaixonado pela região, veio a Salvador, jantou conosco e sondou-me para instalar e comandar um batalhão logístico em Dourados; a Zeinha conversou com ele e disse que três vezes no centro-oeste era demais! Recebi então um conselho de Brasília: aceitasse o próximo convite pois não iriam deixar-me mais que dois anos em Salvador. Veio, então, o inesperado: a

ECEME me chamava para ser instrutor da mais alta casa de ensino do Exército. Era meados de 1988, seguiria destino em janeiro de 1989. De volta ao paraíso!

Nos seis meses que ainda tinha pela frente dois fatos tristes, embora já esperados, aconteceram: perdi meu pai já velhinho, compensara-me, porém, os quase dois anos de convívio intenso, ouvindo as mesmas e deliciosas histórias. E o meu Colégio Militar cerrou as suas portas, cabendo-me fazer a última fala aos alunos na derradeira formatura. O ministro do Exército de então via os Colégios Militares como um desperdício do ponto de vista administrativo e operacional: os custos financeiros eram elevados, pois embutia um subsídio desviado da atividade-fim do Exército, além de empenhar quadros que poderiam estar voltados para as operações militares. Em 1992 o Colégio reabriria, à custa de convênio entre o governo do estado da Bahia e o Exército – já sob outro comandante – e aberto às meninas, o que muito contribui para a socialização plena dos adolescentes.

Estive um ano sob comando do Gen Santa Cruz, no Quartel General da 6ª Região Militar (QG/6ª RM). Santa Cruz era um grande soldado paraquedista e cavaleiro, que atuava à moda da sua arma de origem: muita autonomia aos seus subordinados. Eu era o seu E/4, planejador no campo dos recursos materiais e muito trabalhava, já que do quadro de três oficiais de Estado-Maior que ali tinham encargos restou apenas eu. Saía sempre mais tarde do trabalho, chegava mais cedo, ralava, enfim. Quando novos oficiais vieram reforçar os efetivos do QG um deles foi designado para ser meu adjunto. Recomendou-me o Santa, todavia, que encerrasse a minha jornada ao “toque de ordem” e fosse atender a família e concluiu: “Não estamos em guerra, não há nada que não possa ser deixado para amanhã”. Tem lógica, não? O Gen Rota, que substituiu Santa Cruz, era engenheiro militar, inteligência brilhante e logo alertou o seu Estado-Maior que não despachava de tarde, antes das três horas. “É o meu tempo de pensar e rascunhar algumas ideias.” Eram arredios, os dois generais, e pouco acessíveis socialmente, pelo que não me deixaram marcas pessoais.

Meu irmão mais velho, embora aposentado do grupo Econômico, ainda mantinha alguma atividade profissional, sem os compromissos de dia e hora de batente. Era um grande caráter, um homem bom e tolerante. Passamos a conviver mais assiduamente embora nunca tenhamos

nos apartado de todo, já que uma vez ao mês tinha reuniões no Rio, São Paulo ou Brasília e, assim, podíamos nos encontrar. A melhor história que permite que avaliem o seu valor moral vem de uma caso que me contou – e ele, como meu pai, era um mágico no uso da palavra – e aqui reproduzo: ainda diretor do grupo Econômico, pediu que o seu motorista o levasse à agência onde tinha conta, iria receber a sua devolução do Imposto de Renda. Já dentro do carro abre o envelope do aviso de devolução e vê o pouco valor que lhe cabia. Enunciou em voz alta o montante e disse ao motorista que não valia a pena, voltasse ao seu escritório. Retruca educadamente o chofer: “Dr. Paulo, dá para dois litros de leite!”. Envergonhado, tocou para receber o que lhe cabia, comprou dois litros de leite e levou para casa. Em casa, ninguém entendeu, neste tempo não era dado a compras domésticas. Dos seus livros (sim, era bom escritor), *João de Gilu*, vaqueiro do seu avô materno, é delícia sertaneja que, infelizmente, não chegará à maioria.

A grande figura desses tempos baianos com quem travei contato foi a Jandira, enfermeira da FEB, que sem o glamour da querida Elza Canção³⁵ protagonizou uma história de amor que merece ser conhecida.

Jandira e Renato estavam comprometidos. Jandira, enfermeira, nascida em Cachoeira, na Bahia, como Maria Quitéria e Ana Nery, disse: “Renato, o Brasil entrou na guerra e eu me alistei. Vou cuidar dos nossos na Itália, que defender o Brasil é a sina da mulher cachoeirense e agora é a minha vez”. Renato quis casar, Jandira disse “depois”. Acabou aceitando fazê-lo mas só consumaria o casamento na volta. Renato quis saber por quê. Jandira respondeu que se morresse ele seria um homem livre mas se não morresse e voltasse outra mulher, por dentro ou por fora, seria mais fácil desfazer-se dela e seguir a vida. A tenente Jandira voltou e viveu feliz com Renato Mendonça, conhecido homem do rádio e da TV baiana, até que a morte precoce o levou. Que fez Jandira? Montou a sua barraca de campanha de Saúde na Vila dos Febianos (onde construiu sua casa), ali

35 A Elza fez a FEB como enfermeira. Era belíssima. Diziam que morreu nos seus braços, em hospital de campanha na Itália, no último dia da guerra, um tenente americano, seu grande amor. Nunca se casou e dedicou a sua vida a ampliar e preservar a iconografia da FEB. Criou o museu da Segunda Guerra Mundial em Maceió que mantinha com recursos próprios e era grande lobista de si mesma e das febianas... e isso é um elogio! Morreu em 2009, peito carregado de medalhas!

em Itapoã, e de portas permanentemente abertas continuou acolhendo pracinhas, até 2010, quando foi cuidar, lá para as bandas do Senhor, dos que se foram antes dela. Melhor que esta síntese só a leitura da sua biografia, escrita por Margot Valente.

Uma outra história de febiano muito me emociona até hoje ao lembrá-la:

O meu soldado desconhecido eu o encontrei no dia 8 de maio de 1987, no velho quartel da Mouraria, comando da 6ª Região Militar. Subimos juntos ao andar superior do prédio, num minúsculo elevador, para o coquetel que se seguiu às comemorações do Dia da Vitória. Em cadeira de rodas, era conduzido por uma galega de seus quarenta e poucos anos, ele indicando direções à sua condutora. Estava alegre, falava fácil. Não tinha as pernas de andar e ela não tinha os olhos de ver, era cega. Perguntei ao Pracinha quem era aquela menina bonita e ele respondeu com a graça do tabaréu: “Seu coroné, ela é minhas perna e eu sou os zoio dela”. Fico emocionado cada vez que lembro deste Pracinha e da galega. Não guardei os seus nomes e busquei em conversas com outros febianos saber quem eram, qual a história. Não tive sucesso. Muitos a quem conto sorriem e não acreditam no que falo.

14

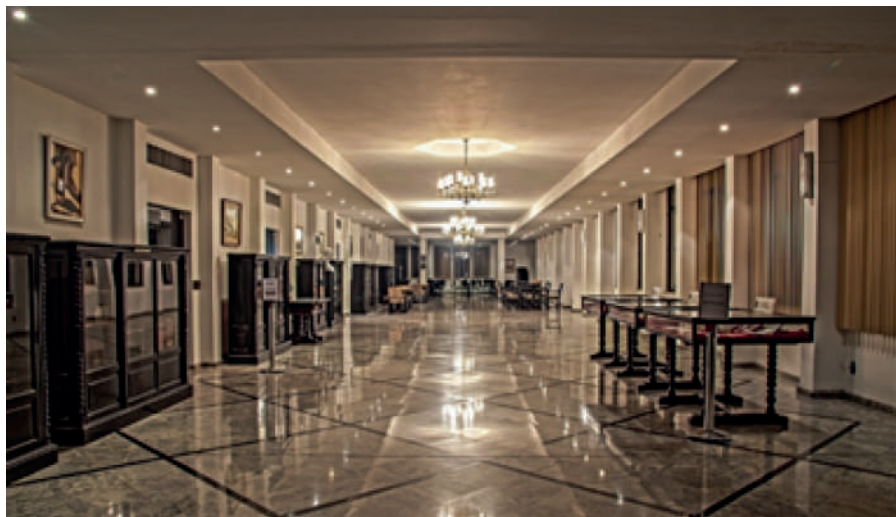
RIO, ECEME, BMA
(1989-1994)

Instrutor, comandante e aluno de pós-doutorado.

Sem teto, espadas tilitam.

General Mota e general Casales.

O Patolino, ao vivo.



Biblioteca ECEME

Vocabulário

– Mureta da Urca é um muro baixo ao longo de toda a praia da Urca, onde se assentavam para um *happy hour* moradores do bairro. Hoje atrai gente de toda a zona sul do Rio de Janeiro. Um *point*.

– Nefelibata – que anda nas nuvens, fora da realidade.

– Brigadas, Divisão, Exército – escalões crescentes : várias Brigadas (cinco mil homens) formam uma Divisão; várias Divisões, um Exército.

– Cinza – uniforme que corresponde a *smoking*, um ponto acima do passeio completo.

– *Troupier* – soldado que serve na tropa, combatente, tarimbeiro.

– Quase, quase – talvez por ser quase Copacabana quase Ipanema ou, quem sabe, pelo trocadilho com que se rima Bulhões e Carvalho!

– *Rebuilt* – reconstrução. Desmontam-se várias armas defeituosas e aproveitam-se as partes boas de cada uma produzindo uma nova arma.

– Obuseiro é o popular canhão de calibre 105 ou 155mm.

Nesta passagem pelo Rio de Janeiro cumpri três missões distintas: primeiro, fui instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior (ECEME), particularmente do curso de Estado-Maior. Em seguida, atendendo a uma emergência funcional, assumi, num repente, o comando do Batalhão de Manutenção de Armamento (BMA), tornando, ao seu final, à ECEME para um pós-doutorado em Política, Estratégia e Alta Administração (CPEAEX).

Instrutor da ECEME (1989-1992)

O sistema de ensino do Exército foi organizado segundo a linha francesa, cerca de cem anos atrás. Obviamente, a partir desse modelo evoluiu com grande influência americana dos idos da Segunda Guerra Mundial e de estudos autóctones da inteligência militar que se foi formando, adequados às áreas operacionais do continente e à guerra atual. A ECEME, em memória à Missão Militar Francesa³⁶ que completou cem anos em 2020, conservava uma “Sala Francesa”, com mobiliário de época, onde alguns de nós nos escondíamos para trabalhar em paz. Os franceses, embora perdedores de guerras desde Napoleão, mantiveram a excelência na área de ensino.

A Escola, é sabido, fica na Praia Vermelha, um canto da pequena Urca. Urca lembra o tempo dos cassinos, da travessia a nado do índio Arariboia de Niterói para o Rio, contribuindo para a extinção da França Antártica e da fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, por Estácio de Sá. No final da linha de ônibus encontra-se a Fortaleza de São João, com as suas praias de Fora (fora da baía de Guanabara) onde está fincado o marco da fundação da cidade, e de Dentro, ao fundo da Escola Superior de Guerra (ESG) e da agora célebre e desfrutável “mureta” da Urca. Do outro lado da baía de Guanabara, Niterói, entrada dominada pela Fortaleza de Santa Cruz. No amplo espaço da Fortaleza São João, em 1989, estavam instalados além da ESG, a Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) e, ladeirão acima, o Edifício S. João, costas para

36 A Missão Militar Francesa foi estabelecida, principalmente, para reformular a área de ensino do Exército.

o Pão de Açúcar e frente para a barra estreita da baía da Guanabara. Ali moramos num oitavo andar, vista sem igual.

De início estive sob o comando do Gen Mota, um homem culto, muito educado e um tanto formal. O Mota se viu a braços com a implantação de um novo curso, exclusivo para coronéis, objetivando a assessoria dos níveis mais altos do Exército: Curso de Política, Estratégia e Alta Administração (CPEAEx). Os cursos tradicionais, excelentes, da Escola, seguiram sem alteração, como nos meus anos de aluno. Este Mota foi meu subordinado lá adiante, ele duas estrelas da reserva, convocado, e eu já general três estrelas, na ativa. Eu o chamava de general Mota e ele a mim de Baiano. Acho admirável o respeito militar ao mais antigo e a obediência militar ao chefe, ainda que mais novo!

Ao Motinha seguiu-se o Gen Casales. Casales era conhecido pela inteligência, pela originalidade de pensamento mesmo à custa da doutrina e pela informalidade. Sabem a história do cara que sabe e sabe que sabe? Era o Casales! Em discussão comigo, seguidor estrito da doutrina em situação escolar, chamou-me sorrindo, de nefelibata. Aceitei, mas fui depois ao dicionário saber o tamanho da ofensa (vão lá, ao “pai dos burros”, também). Quando fui promovido a coronel, saudou-me com um trocadilho cheio de verdade: “Parabéns, garoto, terminou a carreira e começou a corrida!”. A sério, deu uma reviravolta no ensino da Escola instituindo os trabalhos em pequenos grupos em quase todas as cadeiras e “estudos de caso”. A partir de uma situação particular comum, os grupos iam tomando decisões, acompanhados cada um por um instrutor que só interferia se a doutrina estivesse sendo violada. As conclusões finais eram, obviamente, distintas e demonstravam a diversidade de boas soluções para um mesmo problema.

Antes do Casales, os estudos se faziam por elemento de manobra, de modo estanque. No primeiro ano estudávamos Brigadas, no segundo, Divisão e Exército. Isto acabou! Estabeleceu-se o estudo em “cascata”: dentro de uma mesma situação começávamos no escalão maior (Exército) que ia emanando ordens para os escalões abaixo (Divisão e depois Brigada). Este Casales, permitam-me um pouco mais, na sua visão peculiar, nos dizia que não éramos o corpo permanente, as peças mais importantes da Escola. Permanentes, insubstituíveis, eram o “Marechal” (um capitão parecido com Rondon, que chefiava os Serviços Gerais e conhecia a Escola das fundações ao telhado), o subtenente Lua (do rancho,

cujo filho fez o IME, orgulho danado), a Gildona (da Relações Públicas), a Esmeralda (guardiã do cofre das provas e fidelidade inabalável à Casa) e a Lurdinha (que chegou menina à Escola e aprendeu a desenhar mapas com o Castrupi, na tipografia). Nós éramos passageiros, fazedores de nossas carreiras. Diacho, ele sempre teve razão em (quase) tudo!

Havia exercícios anuais, em campanha, cada ano em uma região do Brasil, menos na Amazônia. Sempre havia tempo, e era imposição do Exército, fazer um turismo básico, à guisa de cultura, nas cidades que nos hospedavam. O Brasil é muito grande e é preciso conhecê-lo para desejar circular e despojar-se do bairrismo. Férias em Salvador, vivendo neste nosso paraíso, nem pensar!

O Quadro de Material Bélico (QMB ou MB) completou 30 anos de criado em 1990. O Barros Moreira (querido amigo, depois meu padrinho, entregou-me a espada de general) e eu servíamos na ECEME e esta (o QMB) é nossa origem comum. Resolvemos fazer uma grande confraternização no CMPV. Muitos das primeiras turmas do MB serviam nas redondezas: na ECEME, IME, Palácio Duque de Caxias, Marambaia. Lá pelas tantas, festa bem animada – acho que estávamos de uniforme de gala, o cinza – fui chamado à portaria do Clube. Um sujeito de havaianas e bermudas teimava em entrar. Fui conversar. Era o Patulé, o primeiro Patolino. Patolino é um pato preto, criação de Disney, muito “safo” e símbolo alegórico do soldado de MatBel. Como na história do ovo e da galinha, não sei quem surgiu primeiro, mas acho que foi o Patulé. Disse-me ele que batia pernas no aeroporto de Fortaleza quando soube da reunião. Sem vacilar, do jeito que estava, embarcou no primeiro voo. Abri-lhe as portas – sabia que o Zé aprovaria – e assim ele embarcou também na nossa festa, passageiro de primeira classe. Éramos todos ali pássaros da mesma plumagem (chamar o Barros de Zé é licença mais que poética!).

Fiz novos amigos, coisa difícil quando já somos mais velhos. Salvador, Lannes e Gualter, depois generais. E Petrúcio, Tenório, coronéis e outros tantos. E reencontrei Plínio, Elito e Moura Barreto. A vida seguia.

O Gen Burman, então chefe do DEP, contratou comigo a ida para comandar o meu CMS/EsFCEx em Salvador, no ano de 1993. Mas como Deus é que sabe das coisas e não nos conta nada antes da hora, um querido amigo faleceu durante o seu comando na Vila Militar do Rio e fui tocado para o Batalhão de Manutenção de Armamento (BMA) em abril

de 1992. A essa altura Roberta fazia a PUC, na Gávea, zona sul do Rio, e morar na distante Vila Militar ia ser um problemão. A Escola deu-me “ordem de despejo”, e o Cel Elito, que acompanhava a querela lá de Brasília, cedeu-me o seu apartamento vazio por dois vinténs ao mês, na Tijuca. Acabei, entretanto, no de outro amigo, o Cel Mário Jorge, que estava em Santa Maria da Boca do Monte (RS), com apartamento fechado entre Ipanema e Copacabana (na Bulhões de Carvalho) e soube da minha aflição. Ofereci-lhe, e ele aceitou, os mesmos vinténs que pagaria ao Elito. E assim, do dia para a noite, deixei o “Rio” e voltei a trabalhar no “de Janeiro”! Os amigos, espadas tilintantes, não me deixaram sem um teto!

A Zeinha vai contar

A moradia no S. João era minúscula. A gente tinha a vista do paraíso e um ‘apartamento’ atrás! A Escola de Educação Física do Exército era o nosso playground. A seleção brasileira de futebol já tinha a Granja Comary, mas as meninas do futebol e do vôlei ainda treinavam ali, à vista dos moradores. Melhor que tudo, havia uma capelinha próxima ao campo de futebol onde o padre Lindemberg, nosso capelão, celebrava aos domingos.

Vesti meu azulão de bandeirante – figuradamente, claro – e voltei a transcrição de Braille para deficientes visuais, no Benjamin Constant. Fui vista no Shopping Rio Sul andando com tapa-olhos e bengala o que trouxe preocupação a amigos que telefonaram querendo saber o que ocorrera. Expliquei, em meio a risadas, o óbvio não ululante: fazia exame final no curso de instrutores de uso de bengala para cegos.

Envoltos nas ‘bandeiras’ de Cristo, nos engajamos no Movimento de Jovens da paróquia da Urca, levados pelos filhos, cozinhando para a garotada que queria mais proximidade com Deus. Os filhos abandonaram o movimento – não Deus! – mas nós nos mantivemos ao lado de dois queridos amigos, nossos ‘chefes’, Gen Plínio e Regina e Cel Paulo Nei e Ida, organizadores da jornada, até irmos para BMA.

E no CMPV, tarde de jogo de buraco, sextas-feiras de seresta e jantares dançantes e bailes formais. Haveria vida melhor?

Comandante do BMA (1992 e 1993)



A situação do BMA naquele março, abril de 1992 era de esfacelamento! Uma tristeza visível em cada rosto quando lá pisei vinte e quatro horas depois de alertado que seria o novo chefe e informalmente assumi comando. Havia muita apreensão diante da possibilidade de vir o batalhão a ser comandado pelo subcomandante, um oficial inteligente mas de difícil trato. Por tudo isso, seria necessário muita habilidade para conduzir a missão a bom termo: à capacidade técnica invejável da Unidade se contrapunha o baixo moral.

O Batalhão, que fora, até recentemente, diretamente subordinado à Diretoria de Armamento e Munição em Brasília, passara ao Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro. Fui ter com o Diretor do Arsenal, que a guisa de diretriz recomendou que zelasse pelo pessoal, atendesse às solicitações das unidades militares e cuidasse do material próprio da OM. Não ajudou muito, mas a sua rara presença na unidade foi fundamental. Como diria um brincalhão, “sua ausência preencheu uma lacuna!”.

Cedo, “contratei” outro subcomandante, T Cel Fellipes, um oficial de resultados escolares modestos, troupier, solteiro, músico amador. Ganhei com a troca: muito experiente, impediu que eu cometesse falhas no campo administrativo, do qual eu andava afastado e fizemos reuniões sociais na grande churrasqueira batizada Recanto do “Amigão”, que era como o Celso saudava os amigos com seu vozeirão. O Fellipes era, sobretudo, leal e competente!

Para atender as minhas andanças na área da Vila e mais além (Realengo, Bangu, Campo Grande...) mandei pôr uma cama de casal no quarto do comandante, ao lado do gabinete da chefia. Estranharam, mas eu não

tinha como voltar para casa depois de casamentos e outras festividades noturnas, a que comparecia, com prazer, com a Zeinha. A violência e ousadia dos bandidos no Rio já era assustadora. Um dia a Maizé, neste tempo já com intimidade com as outras mulheres, disse-lhes que moravam muito longe. E uma delas, brincando: “A senhora é que mora longe, do quartel e de nós”! Verdade.

Os garotos já crescidos (20, 18, 16 anos) sentiram inicialmente a mudança da Urca para a Bulhões de Carvalho, famosa “Quase, Quase” mas logo se tornaram garotos de Ipanema! Não participaram da minha vida militar nesses dois anos, mas a Zeinha mergulhou fundo.

O trabalho diário era pessoalmente compensador. O pavilhão das oficinas muito bem organizado. À sua entrada, o onipresente baú do Aspirante. Era o tempo em que Betinho fazia uma meritória campanha contra a fome. A missão era enchê-lo e dividir o colhido entre católicos, evangélicos e espíritas. Um sargento da umbanda procurou-me, em reservado; seria possível um pouco para os seus? Claro e para outros grupos que necessitassem! Escada à direita, a Seção de Ótica, sem igual no Exército onde sempre havia tempo e capacidade técnica para manter microscópios e outros equipamentos óticos não militares! Logo ao lado uma tornearia com profissionais mais que artífices, artistas, e maquinário de primeira linha. À esquerda manutenção de canhões 105mm e armas leves. Fazíamos o *rebuilt* (canibalizar e reconstruir), não uma simples manutenção. Sabem os 5R³⁷ que os ambientalistas tanto prezam? As Forças Armadas já marchavam nessa trilha!

Com a aquisição, pelo Exército, dos novos obuseiros 105mm, morteiros 81mm e outros equipamentos da inglesa Royal Ordnance, passamos a ser a casa da recém-criada South American Ordnance, *joint venture* que não foi adiante. No BMA foram ministrados cursos de manutenção e operação destas armas. Diante da ordem de desmontar um canhão 155mm para enviar à Inglaterra para um projeto de “repotencialização”, isto é, reforma geral, com aumento do alcance, inclusive, caímos na falta de memória. Fomos buscar em casa um capitão já velhinho em quem pusemos uma farda e dissemos: “Saca o tubo” (o enorme cano do potente canhão). E ele: “Cadê o macete?” Macete é um grande martelo de ma-

37 Recusar, reduzir, repensar, reutilizar, reciclar.

deira. Soltou o tubo na “porrada”, algumas macetadas e alguns macetes depois!

No final de 1992 fui alertado que receberia um médico de carreira, recém-saído da Escola de Saúde. Liguei para o comandante da Escola e perguntei quem era mesmo aquele oficial. Respondeu-me que era quem eu estava pensando. O Ten Sérgio Simonsen era filho do Ten R2 Mário Henrique Simonsen, ex-ministro da Fazenda, com quem eu passaria a conversar abobrinha e tilintar copos nas festinhas familiares, sempre no Clube Militar da Lagoa. Ao apresentar-se a mim, perguntei ao Sérgio que diabo fazia no Exército e ele deu-me uma resposta desconcertante: “Rico eu já sou, coronel”. Queria praticar a boa medicina sem distinções de classe (no Exército, do soldado ao general). Deu-me algum trabalho inicialmente, chegava atrasado e tanto aperto levou que a mãe ligou para o Ministro Tinoco, do Exército, que pediu que eu “aliviasse”. Mas o pai foi visitar-me e recomendou aperto. Como negar o pedido de um pai? Depois de passar o comando, dois anos mais tarde, perdi-me do Sérgio. Sei que prosseguiu na carreira, pediu baixa como major e quis retornar tempos depois, apelando mesmo à Justiça.

Criamos uma Salão de Honra ou Sala d’Armas, um espaço cultural, enfim. Havia um acervo de armas antigas no quartel e, no vizinho Depósito Central de Armamento, outras tantas, de fácil obtenção. Apareceu-me um ex-comandante do batalhão que soubera do espaço e nos trouxe um teodolito da missão Rondon. Voltando ao BMA já general, o Salão havia sido desativado e o teodolito, uma preciosidade, não sei o que dele foi feito. Para evitar situações como esta o Estado-Maior do Exército regulamentou o projeto Espaços Culturais que, criados, são registrados e não podem ser extintos senão pelo próprio Estado-Maior. Era e é preocupante o descaso de alguns com a memória militar!

Um dia cometi um desatino, descontrolei-me diante de um erro aparentemente grave do meu sargento do Rancho. Chamei-lhe severamente a atenção com grave humilhação. Passei o dia torturado com o fato. Dane-se: mandei reunir todo o batalhão no refeitório dos soldados (o maior), contei-lhes o que houve – poderiam ter sabido incorretamente – e desculpei-me sem tentar justificar o injustificável. Não tive certeza do resultado logo depois, mas as demonstrações de respeito e benquerença logo vieram. Cuidar da nossa gente é honrar o juramento: tratar com bondade os subordinados, mas principalmente com justiça e respeito.

De outra feita o cabo cozinheiro veio à minha soleira, queria falar comigo. Não, não pedira permissão ao sargento. Era um homem de quase dois metros, largo como um armário, negão bonito. O pai, ligado a quadrilhas, ameaçava sequestrar a sua esposa se não tirasse armas do quartel. O furto deveria se consumir naquela noite. Liguei para um amigo que comandava o Batalhão de Guardas (BG), Cel Oliveira e Souza, no centro da cidade e ali mesmo acertamos a transferência definitiva do jovem. Tempos depois, indo ao BG, quis vê-lo. Não estava mais no Rancho, era instrutor de lutas.

Ao final do meu período no BMA, de onde saí com choro e saudade, concluí, sem falsa modéstia, que a Unidade precisava de mim e eu muito, muito dela. Não é a função que faz o homem, é bem o inverso; o homem é que torna relevante a função.

A Zeinha vai contar

Mudar de residência na mesma cidade é trabalho dobrado. As empresas de transporte embalam suas coisas precariamente, vão empilhando tudo, o que resulta em objetos quebrados e a pergunta, retrato da confusão: 'Em que caixa está, mãe?'

Às quartas-feiras, eu tomava um ônibus de Copacabana ao centro do Rio e de lá, um outro, até a Vila. Saltava próximo ao velho apartamento em que moramos em 1985 e 1986 e, andando sob o sol escaldante da zona norte, chegava ao BMA, indo direto para o Rancho. Junto com aquela gente de primeira, fazia bolo de fubá (delícia!), refresco e mandava comprar cigarros. É que íamos, de tarde, com equipe diversa a cada vez, visitar um asilo de velhinhas, em Ricardo de Albuquerque, bem perto do quartel. O cigarro era para dar aos que pedissem, meio escondido dos cuidadores, mas sabido pelo médico. Um dia um cabo carpinteiro, novinho, durante a visita, danou a chorar: encontrara ali a avó, perdida fazia tempos. Muita emoção até hoje. E saudade...

Antes de findar: já morando no EPV para o Curso de Política, Estratégia e Alta Administração (CPEAEX) na ECEME, convidamos os queridos graduados e oficiais (e famílias), do Batalhão para um churrasco no CMPV com visita ao nosso apartamento, para admirar uma vista ainda melhor, e um passeio pela pista Cláudio Coutinho que rodeia o Pão de Açúcar. Nenhum deles conhecia este remanso extremo, belo e sem igual da sua cidade. Encantaram-se!

ECEME, CPEAEx (1994)

Ao escalar-me para realizar o curso de Política, Estratégia e Altos Administração (CPEAEx), o Exército parecia investir em mim e sinalizar a possibilidade de continuar ascendendo na carreira. O significado mais próximo, entretanto, era nova mudança de endereço: voltava à Gen Tibúrcio, a praça do Pão de Açúcar, ao fervilhante Edifício da Praia Vermelha (EPV) e seu magnífico entorno. Roberta já formada, Gabriela fazendo Nutrição e Alexandre o pré-vestibular, tudo perto, muito facilitava a nossa vida, desorganizada pela mudança abrupta para residir em Copacabana, início de Ipanema, e trabalhar na Vila Militar em 1992.

O Curso, muito próximo ao da Escola Superior de Guerra (ESG) com atenção às especificidades da Força Terrestre, nos permitia analisar o Brasil além da concha militar. O sistema de Saúde brasileiro mereceu estudos em cooperação com a Universidade de São Paulo (USP). A maioria dos representantes dos mais altos segmentos governamentais, melhor, dos três poderes, estiveram entre nós e assim pudemos nos aprofundar nos grandes problemas nacionais. O projeto nuclear brasileiro, sintetizado no submarino, em ARAMAR, muito nos impressionou. Naqueles anos, a Amazônia ainda era desconhecida do Brasil e mesmo da maioria dos militares. Fomos lá! Vimos, ouvimos, debatemos e, apaixonados, muitos quisemos voltar, embora nem todos tenham conseguido.

Intramuros, para o CPEAEx, o Exército dispôs todos os seus órgãos de direção geral e setorial a dissecar sua organização e sua atuação. Era para estes setores que nos destinávamos ao final do curso. A formulação de cenários foi uma novidade que permitia, como nas hipóteses de guerra, planejar atuação governamental compatível para cada caso possível.

O ano ia a meio quando o comandante da Escola interrompeu uma aula com palestrante da casa para leitura de um comunicado urgente. Mas eram boas as notícias. Três ou quatro de nós acabávamos de ser designados para missões no exterior; eu iria para Israel. A aula acabou ali; tomamos o rumo do CMPV para comemorar. A Zeinha soube e rumou para lá também. Assentada a poeira da alegria, fomos tomados de alguma apreensão, os atentados terroristas na pátria judia pareciam uma constante. Dias depois fui ao encontro do cônsul de Israel no Rio para conhecer um pouco mais dos problemas que iria enfrentar, inclusive no campo pessoal. Perguntei-lhe sobre a violência e ele, um coronel da reserva do

Exército, sorrindo, disse-me que estava há dez dias no Rio, morando no Leblon, e a sua mulher já tinha sido assaltada. Corei de vergonha!

A viagem de estudos ao final do CPEAx foi à Amazônia, de que não tratarei em profundidade, pois merece um capítulo inteiro de informações e virá mais adiante. Em Manaus, naquele momento, encontrava-se o ministro do Exército, Zenildo de Lucena. Na pégula do Comando Militar da Amazônia Zenildo nos cumprimentou individualmente, parecendo conhecer a todos de algum passado. Chegando a mim, foi simpático na saudação: “Rapaz, por onde você andou na carreira, que nunca lhe vi!?”. Fiquei feliz e orgulhoso do meu Exército por poder declarar que nunca me vira, mas estava me destacando para a Aditância de Israel.

Só seguiria para o Oriente Médio em junho de 1995, assim o Estado-Maior do Exército determinou que nos seis meses que eu ainda tinha pela frente, ao final do curso, por economia e pelas medidas administrativas pessoais a tomar, deveria permanecer na Escola.

Nos contatos em Brasília que antecederam a minha ida, procurei saber qual a missão realmente, o que se esperava de mim. “Isto é um prêmio pelo que você fez até agora para o Exército!” Nada mais! Só em Israel fiquei sabendo que tínhamos um grupo de engenheiros do IME adquirindo capacitação tecnológica em equipamentos de Guerra Eletrônica, pois compráramos o sistema israelense e pretendíamos fabricá-lo futuramente no Brasil... e a FAB adquirira 60 mísseis ar-terra a serem entregues em lotes semestrais de quinze unidades. Penso que hoje os Adidos Militares seguem mais bem informados.

Para os que vão cumprir missão no exterior o Exército oferecia a possibilidade de fazer uma mudança nacional e outra para o país de destino. Sai mais barato e muitas vezes o imóvel a ser ocupado no exterior é parcialmente mobiliado. Resolvemos que parte dos nossos móveis ficaria em Salvador, na casa dos pais de Zé. Na seleção do vai e fica, abrimos o baú, a velha Caixa de Pandora, lembram? Lá estavam as quase mil e quinhentas cartas que trocamos. Fomos relendo e relembrando, alegremente. Observamos que ao longo dos cinco anos de distância, na AMAN e S. Paulo, foram se tornando íntimas demais, ousadas... safadas. Lembrei-me de um antigo poema de Bandeira, Cartas do Meu Avô. Um tantinho para vocês:

*E a tarde vem, por demais
Erma, úmida e silente...
A chuva, em gotas glaciais
Chora monotonamente*

...

*E enquanto anoitece, vou
Lendo sossegado e só,
As cartas que meu avô
Escrevia à minha avó.*

... e segue o poema...

Queimamos quase todas as nossas numa bacia de metal. Os filhos e netos não vão saber das intimidades dos velhinhos quando tinham a idade deles. E você, leitor, corra ao Google e procure esta beleza de poema.

Dia 7 de junho de 1995, Roberta já instalada num pequeno apartamento alugado ao lado do Shopping Rio Sul, rumamos para o aeroporto. Esperando-nos no saguão, para um abraço final, o Cel Tenório, meu último chefe na ECEME. Grande Tenório!

A Zeinha vai contar

Soube por meio de uma amiga (Janete, do Cel Salvador), que os maridos estavam no CMPV comemorando as designações para missões no exterior. Eu e Beto iríamos para a Terra Santa. Muito religiosa, recebi a notícia com agradável surpresa. Pisar o solo sagrado seria uma benção.

Neste tempo eu e Beto decidimos — sofredores mas práticos —, que os filhos não iriam num primeiro momento. Roberta, já formada, noiva e trabalhando, iria a passeio. Alexandre e Gabi, na faculdade, nós os transferimos para Salvador; no final do ano iriam ter conosco em Tel Aviv e permaneceriam ano e meio com matrícula trancada. Na volta ao Brasil, assentariam em Salvador, onde nossas famílias se encontravam, e parariam de correr o Brasil conosco.

O planejamento foi para o buraco! Tínhamos passagens e hotel em Nova Iorque marcados para 7 de junho, dois dias depois do aniversário de Beta. Os 'baianos', em 1º de junho bateram na nossa porta no Rio, de mala e 'cuia': abandonaram a facul-

dade e iriam conosco, logo. Passaportes vermelhos já prontos para o final de 1995, uma correria para adquirir passagens e reservar hotel. No fundo ficamos felizes. Beta se casaria duas vezes, com o mesmo pretendente, claro, mas esta é história futura, não aconteceu, ainda.

Em 19 de março de 1995, fizemos Bodas de Prata e os meninos ainda na Bahia vieram comemorar conosco, nós em ritmo de alegria e saudade. Acho que por esta época Suzete, esposa do Cel Moura Barreto, Adido Militar na Guiana, veio ao Brasil, ficou um pouco conosco, viajou a Natal e São Paulo para rever amigos e família e fechou a viagem novamente no Rio. Fomos levá-la ao aeroporto. Nos últimos beijos e abraços, já passando pela Alfândega, vasculhou a bolsa e, de modo aparentemente casual dela sacou uma carta que Mourinha mandara para Beto e ela esquecera. Foi-se a comadre. Aberto o envelope, mil dólares para estudarmos inglês! Muito serviu; a grana da viagem ainda não havia saído e o curso do Centro de Estudos do Pessoal não teve o rendimento esperado. Amigos como a Suzete e o Moura, poucos! A bem da verdade, também com a professora particular que contratamos, o rendimento não foi bom.

Embora daí a seis meses seguíssemos para o novo destino, fomos ‘despejados’ da nossa moradia. Salvou-nos o Cel Matuí, administrador do EPV, que tinha direito a residir no local mas protelou a ocupação do seu PNR para atender a nossa emergência. Quem tem bons amigos não precisa de nada mais, sempre terá abrigo! Ouviram, de novo, o tilintar das espadas?

Anexo 1 – Fotos



Zeinha, hora e meia e dois ônibus depois, vem almoçar conosco, do soldado ao coronel, meu aniversário.



Bodas de Prata (1995).

15

ISRAEL (1995-1997)

Terra Santa, da discórdia ao começo da concórdia: Acordos de Oslo.

Morte de Rabin, “filho de Israel, pai do seu futuro”.

A visita do grande general Zenildo.

Entre Pistoia e o Papa, preferi Miguel Pereira (Pistoia).



Menorah, símbolo maior do judaísmo, este em frente ao Knesset (parlamento).

Há um excesso de informações e um excesso de fotos neste capítulo, bem sei, mas procuro caminhos pouco explorados pelos religiosos (ou não) que me leem.

Vocabulário

– *Jet leg* é certo mal-estar e disfunção de sono decorrentes de mudança abrupta de fuso horário.

– Passaporte vermelho – passaporte diplomático que concede ao portador uma série de prerrogativas.

– *Full Uniform* – uniforme completo, formal, jaquetão, gravata, quepe.

– Caminho desenfado é percurso livre de obstáculos.

– Kibutz – fazendas coletivas em Israel, que conserva tinturas socialistas de berço.

– Sefaraditas são judeus oriundos da Península Ibérica.

– “Merecida mijada” foi uma brincadeira para levantar o moral do velhinho. Quem era eu para admoestá-lo seriamente?!

Deixamos o Brasil, e Beta chorando. Gostaria que ela tivesse se instalado na sua nova morada mais cedo, mas filha e mãe resolveram que ficaríamos juntos até a partida. Sugeri que fosse morar com o noivo e dela veio a rascante reação: “Só casada!”. Era a primeira vez que um de nós ficava para trás, antecipando a formação de uma nova família. Iniciávamos uma rica e surpreendente etapa da vida, à base do “se fui pobre não me lembro”. Lembraria dois anos depois, quando a fartura deu lugar à vida real na volta ao Brasil. A inexperiência em viagens para o exterior levou-nos à rota Rio de Janeiro – Nova Iorque – Tel Aviv. O segundo trecho implicou em cansaço extremo, pernada longa, de mais de dez horas, *jet leg* que desregulou o meu sono e do Alexandre por alguns dias.

Em Nova Iorque tudo era novidade e maravilha! Ali os pontos turísticos mais famosos do mundo: a magna Estátua, o Empire States, a Biblioteca Municipal, o Metropolitan Museum, a 5ª Avenida. Na Broadway fomos assistir *O Fantasma da Ópera*, peça teatral há vinte anos em cartaz! Lá comprei a minha primeira boa câmera fotográfica. Nos empanturramos de massa em um restaurante *all you can eat*, vulgo bufê livre, hoje tão comum no Brasil! Quanta coisa nova, meu Deus! Um dia fora do Brasil e já sentíamos falta de casa. Estando na “rua dos brasileiros”, odor fluindo no ar, como nos desenhos animados, chegamos a um restaurante onde serviam, naquele dia, feijoada. De um salto, tomamos um trem e fomos a Washington, tendo um casal amigo (Cel Resende Moura e Diuza), que ali residia, como hospedeiros e guias turísticos. Nesta cidade, diferente da cosmopolita Nova Iorque, respira-se o nacionalismo americano, respira-se pátria, respira-se passado. Foram poucos dias vividos num turbilhão de novidades e sensações. E inveja!

O Metropolitan Museum parecia incomparavelmente único, até vadiarmos pelas casas de memórias europeias e orientais. As Três Graças, um mármore gigante com três figuras nuas, as deusas gregas afortunadas, deixou-nos encantados. Horas antes de embarcarmos seguindo viagem, corri, corri mesmo – trânsito horrível – com Alexandre e adquirir, na loja do museu, uma reprodução em tamanho reduzido, artesanato dos alunos de Belas Artes ligados àquele templo de cultura. Devia tê-lo feito por ocasião da visitação!

Do Rio de Janeiro para Nova Iorque fomos de Varig, eu acho, mas daí a Tel Aviv, na El Al, a estatal israelense de aviação. Terminal de acesso separado, um *chek-in* de segurança exigente, toda a família entrevistada

separadamente... A Zeinha e a Gabi dormiram bem durante o voo, nós homens não dormimos. Voo tão longo resultou em banheiros sujos já no meio da viagem, além da surpresa e incômodo de orações sazonais dos religiosos judeus a que não estávamos acostumados.

Chegando a Tel Aviv, nos esperava na Aduana a que têm acesso os diplomatas, o Cel Lampert, velho amigo a quem fui substituir, e alguns Adidos Militares sul-americanos. As facilidades do passaporte vermelho ficaram logo evidentes. Levaram-nos para um apart-hotel à beira-mar onde nos acomodamos. Com o sono desregulado, fui correr no calçadão depois de muita TV, aí pelas cinco da manhã. Segurança total! Somente uns três dias depois alcancei o novo fuso horário.

A primeira preocupação de qualquer animal é defender e alimentar a sua prole. Na geladeirinha do apart tinha todo o tipo de comidinhas impróprias: biscoitos, pipocas, chocolates, refrigerantes. Mas cadê frutas, queijos, pães, leite? Depois da corridinha, buscando uma padaria, topei com uma *delicatessen* onde me supri. Desjejum feito, saímos todos para um reconhecimento nas redondezas.

A nossa hospedaria tinha história, contou-me o seu gerente, um argentino, em perfeito portunhol: por volta de 1970 um comando egípcio num pequeno equipamento de navegação chegou à praia e assaltou o hotel. Golda Meyer, primeira-ministra, convocou as famílias dos que ali se hospedavam e alertou que não negociaria com terroristas, invadiria o prédio, pouca chance de sobreviventes. Invadiu, todos morreram – egípcios e judeus – e uma grande placa em hebraico, na fachada do modesto apart-hotel conta esta história e homenageia seus mártires. Ben Gurion definiu Golda, quando sua ministra, com a devida e aprovada incorreção política, como o grande homem do seu gabinete.

Tel Aviv é uma cidade nova (1910) e era relativamente pequena, 600 mil habitantes, em 1995, numa Israel com explosivos cinco milhões para um território “sergipano”. Tal explosão deu-se com o fim da União Soviética e a liberdade decorrente, quando um milhão de russos alegaram ascendência judia e recorreram à Lei do Retorno que obriga o estado a acolher todos os judeus que quiserem viver no Eretz Israel, a sua pátria bíblica. O acolhimento compreende fronteiras abertas e apoio de toda ordem, financeiro e de moradia inclusive, no processo de adaptação.

A orla mais visível da cidade, mais importante turisticamente, ia do velho porto ao porto bíblico de Iafo. O mais movimentado e mais novo

porto do país ficava em Haifa, cidade dominada pelo espetacular templo Bahai! O velho porto, praticamente abandonado, hospedava em um dos seus pavilhões o Côco Loco, um misto de casa de shows e escola de samba brasileira. Iafo (ou Java), cidade árabe milenar onde está situado o bíblico porto, é hoje um quase bairro árabe, famoso para nós pela churrascaria brasileira que lá havia (Baiuca) e onde, segundo o Velho Testamento, Jonas foi engolido pela baleia. Emenda-se com Tel Aviv, a marcar a “fronteira”, apenas um enorme e antigo relógio, o relógio do Xerife, a maior autoridade local ao tempo do Império Otomano, extinto ao final da Primeira Guerra Mundial.

A Embaixada brasileira em Tel Aviv era perto do Ministério da Defesa, no centro comercial da cidade, um pouco afastado da orla, oitavo andar de um prédio empresarial. Não havia embaixador efetivo à minha chegada e passaram-se alguns meses até que o Itamaraty designasse um nome definitivo. Enquanto isto, três diplomatas de elevada patente exerceram a função, sucessivamente, em caráter provisório.

Em setembro de 1995, três meses depois da minha chegada, dois ilustres representantes do Estado brasileiro, com agendas distintas, em viagens independentes e datas quase coincidentes, visitaram Israel. O ministro do Exército, Gen Zenildo de Lucena e o ministro das Relações Exteriores.



Primeiro-ministro e ministro da Defesa Itzhak Rabin e o Gen Zenildo, ministro do Exército do Brasil.

A visita de Zenildo mereceria um capítulo exclusivo e permitiu a aproximação entre nós dois e a nascente amizade que prosperou quando voltei ao Brasil. Isso foi feito à custa de alguns delicados conselhos, impedindo o ministro de cometer erros e injustiças enquanto eu era o seu único subordinado-conselheiro.

Dia seguinte à sua chegada entreguei-lhe um *clip*, resumo dos jornais do Brasil, um deles com uma entrevista bomba de um general de divisão da ativa. Irritou-se, falou em destituir do comando o quatro-estrelas que subordinava o general:

– Ele garantiu que isto não iria acontecer, Maciel!

– Como alguém pode dar este tipo de garantia, general? Ele não já puniu de imediato o homem?

Aquietou-se.

Para uma visita formal ao Museu do Holocausto, foi convencido pelo adido militar de Israel no Brasil, que o acompanhou durante toda a viagem, que fosse em trajes informais, porque eles, os israelenses, são assim, despojados. Desaconselhei e falei que eu iria em *full uniform*. Lançou-me um “em Roma como os romanos” e deu de ombros. Chegando ao museu, bela camisa polo amarela e preta em largas listras horizontais (lembro bem), o diretor, casualmente um brasileiro, e sua equipe, esperavam-nos de terno e gravata. Zenildo olhou-me de esguelha, sorriu! Anos depois, recordando o fato, recitei-lhe um “na Bahia como os baianos!”.

Insisti para que almoçasse e conversasse com os oficiais da Guerra Eletrônica que estavam em processo de capacitação tecnológica no país. Agenda cheia, teria que suprimir algum evento; sugeri deixar de lado a visita ao kibutz em que foi criado o Cel Dove Israeli (Dubi), o adido a que me referi. Regateou, mas percebeu que a indelicadeza com os seus superava a curiosidade sobre as fazendas coletivas. Daí em diante não foram necessários mais cuidados nas nossas conversas.

Penúltima do Zenildo: reparou no pulso da Zeinha a fitinha do Senhor do Bomfim (aquele que foi à guerra ao lado dos baianos) e, em tom gracioso, contou que a esposa tivera uma atada ao tornozelo, recusara-se a tirar e ele, no sono, cortara fora; a Maizé, sempre tangenciando o perigo, retrucou, também graciosamente, que ele era muito preconceituoso.

Caíram os dois na risada e eu dei um suspiro de alívio! Passagem final, visitando a basílica de Nazaré, a terra do Menino – Cafarnaum é a cidade escolhida de Deus-homem – conversávamos à entrada do templo e fomos interrompidos por uma freirinha que cuidava da pousada católica local. Identificou-nos como brasileiros, que ela também era. E como nordestinos, que ela também era. Fiz-lhe um chiste: “Só falta ser baiana”. E ela: “Sou, de Serrinha!”. Caramba, de Serrinha também eu sou!

Em Haifa, parece-me, acompanhei o nosso ministro em visita a uma instalação de projetos dos blindados Merkava. Em plataforma única, todas as variações de blindados: ponte para pequenas brechas, canhão 105 e 155 auto propulsado, carro de combate, transporte de pessoal, e outros. Conversava com dois engenheiros encarregados de apresentar planos anuais de modernização e aperfeiçoamento dos carros. Anuais como, quis saber. “É que no nosso serviço militar obrigatório, de um mês por ano, sou o motorista e ele – o outro engenheiro – o atirador, sabemos assim, por experiência pessoal, o que precisa ser melhorado.” Aliás, este processo faz parte da mobilização de pessoal, permanentemente adestrado, em boa coordenação com a mobilização de material. Assim, diante de uma guerra que escale rapidamente, é possível multiplicar várias vezes o poder de combate da nação judia pois há material bélico capaz de mobilizar vários regimentos, além do que, praticamente todo o sistema produtivo é dual. Neste sistema, as melhores panelas do mundo, por exemplo, são produzidas pela mesma empresa que fabrica canhões. Há regimentos inteiros de blindados prontos para serem ativados, carros de combate (tanques) e outros equipamentos cobertos com tecido impermeável, cerrados com um tipo de fecho eclair em regiões desérticas!

E fomos ao Golan, margem oriental do Mar da Galileia, onde a brigada Golani fazia a vigília permanente. Em dias claros é possível enxergar Damasco, 60 quilômetros distante, e visualizar decolagens de aeronaves que em seis minutos podem alcançar a fronteira (claro que isto é somente um reforço aos meios eletrônicos de captura de alvos). Em uma toca (trincheira) de dois homens, um deles com possantes binóculos, mantinha olhos vigilantes sobre o inimigo; o outro jovem, na tela de um *lap top*, segue fazendo um curso por meios virtuais, pois dia seguinte era dia de prova e ele desceria para Tiberíades, um dos mais de trezentos campus existentes no país, para fazer o exame. Eram dias de calmaria!

Meses depois fui apresentado ao Parque/Depósito de Material Bélico (MB), um imenso arsenal. Vi cegos, trabalhando na separação de peças de pequenas dimensões de MB imprestáveis, para serem reutilizadas, valendo-se do tato apurado pela falta de visão. Em outro momento, num grande salão, quinze, vinte jovens cadeirantes, políglotas, em frente a TVs de todo o mundo, particularmente do mundo árabe, atentos a informações soltas que pudessem servir ao sistema de inteligência. Em Israel, servir às suas Forças de Defesa (IDF) é um direito inalienável do qual nem os pacifistas abriam mão. Para exercê-lo, muitos recorriam à justiça. Não servir à Pátria é motivo de discriminação futura, eles sabem. Apenas os radicais religiosos, que acreditam que “Deus quer, Deus faz”, abdicam de servir às Forças de Defesa de Israel (IDF).

O risco de ataque terrorista era presente todo o tempo, mas, surpreendentemente, a população tinha a clara percepção de que estava protegida. Uma estatística triunfalmente divulgada informava que de cada mil tentativas de ataque 999 eram abortadas pelas forças de segurança. A mão de obra menos qualificada era constituída de imigrantes temporários vindos da Europa empobrecida, mas outro tanto eram árabes que viviam em Gaza e nos territórios ocupados: requisito fundamental, deveriam ter mais de quarenta anos, parece-me, e mulher e filhos ali residentes, “reféns”, em caso de adesão do chefe da família ao terror. Interessante e proveitoso conselho deu-me o motorista do Embaixador: impossível evitar, ao dirigir, que um ônibus se pusesse à nossa retaguarda, mas nunca colar na traseira de um ônibus à frente; assim reduzia-se o risco em 50% em caso de explosão de coletivos, “moda” na época!

Aliás, quando do outro lado do sistema, os judeus mostraram-se muito eficazes no uso do terror como arma política. Para forçarem os ingleses a abandonarem o seu protetorado na Palestina, depois da Segunda Guerra Mundial, facilitando a instalação do estado judeu, voltaram-se contra os britânicos, tendo explodido o QG inglês, instalado no King David, hotel símbolo (comparável ao Copacabana Palace), eliminando grande parte do alto comando britânico. Mas o terrorismo judeu teve um fim exemplar no emblemático episódio do Altalena (anexo).

Em novembro de 1995, era noite, vi na TV uma certa confusão sem entender o que se passava, quando Eli, motorista da Aditância, alcançou-me ao telefone. Haviām assassinado Rabin, o primeiro-ministro, em comício na praça da Prefeitura Municipal. “O país vai pegar fogo coronel”,

disse-me. Traria meus filhos que estavam no Côco Loco, para casa, por “caminhos desenhados”. Um mês depois prenderam e condenaram o assassino e caiu por terra a mitológica crença-afirmação “Judeu não mata judeu”, com que Rabin rejeitava o uso de coletes à prova de balas: um israelense radical, contrário aos acordos de Oslo, o matara.³⁸ Os acordos, contratados em Oslo (Noruega) sob os auspícios dos Estados Unidos, em 1993, foram firmados entre Israel e a Organização para Libertação da Palestina (OLP), encabeçados por Rabin e Arafat, respectivamente – e pelo qual ambos ganharam o Nobel da Paz. Previam suspensão dos conflitos armados, abertura de discussões sobre os territórios ocupados por Israel em guerras passadas, retirada do sul do Líbano e o *status* de Jerusalém.

Um par de meses depois do assassinato, tempo recorde, um grupo de jornalistas produziu uma emocionante biografia deste grande herói. Capitaneados pelo redator-chefe do *Jerusalem Post*, único jornal em língua inglesa (e por isto mesmo lido por diplomatas), publicaram *Rabin, o Soldado da Paz*, anos depois republicado pela BIBLIEx, editora do Exército Brasileiro. O fio condutor do livro, o Prólogo, escreveu-o com emoção incontida o garoto que nos seus 20 anos, em 1967, ao fim da Guerra dos Seis Dias, entrara em Jerusalém um passo atrás do general que acabara de conquistá-la: era seu “sombra”, seu guarda-costas.

Duas vezes estive com Yitzhak Rabin e, embora não tenhamos trocado palavras, creio valer a pena relatar estes encontros. O primeiro, no ano novo judaico, setembro de 1995. Diferente de outros chefes de Estado, ele reunia-se em um café da manhã com os adidos militares pois sendo primeiro-ministro e, sobretudo, um guerreiro, escolheu ser ministro da Defesa, legando a Shimon Peres a Chancelaria. Nesse encontro fez dois comentários assertivos, um quase sorriso nos lábios, quase, apenas: ao adido americano foi direto ao ponto e avisou que a conta da segurança em 1996 a ser paga pelos americanos era de dois bilhões de dólares: “Avise ao seu presidente! Estamos fazendo a paz, não iniciando uma nova amizade. É momento de sermos ainda mais fortes”. Dirigindo-se a todos comentou o seu apelido de Quebra Canelas ou Quebra Ossos, ganho

38 Era comentário geral, que nunca confirmei formalmente, que vigia no país a Lei da Pressão Física Moderada, tão moderada quão mais rápido o criminoso confessasse o que, com certeza, sabia. Mas tudo autorizado e sob controle da justiça.

na Intifada de 1988, garotos adolescentes lançando pedras nos soldados israelenses, no sul do Líbano: “Queriam o que, que mandasse matar aqueles meninos?”. Não assumiu declaradamente que dera a ordem, entretanto... A segunda vez que estivemos próximos foi na visita do Gen Zenildo. Cumprimentou-nos – Zenildo, eu e o Cel Terra Amaral – mas não participei da mesma mesa de almoço (ou jantar?). Foi todo o tempo gentil, meio formal como um avô que exige respeito e de sorriso, uma sombra. Lembrei-me do meu pai, que me contava de Temístocles, “grande general tebano que nem brincando sorria!” E eu, garoto, pensava em Temístocles, menino, nas patifarias infantis, sempre sério, sisudo. Depois li a versão de Zeca Maciel sobre o tebano em um livro de crônicas de Humberto de Campos, talvez. Assim pareceu-me este filho de Israel!

O ano de 1995 chegava ao fim e a família estava pronta para o recasamento da Roberta, que casara no civil, no Brasil, em grande festa sem a nossa presença. Fizemos o religioso em Ramla, primeira cidade católica da velha palestina, dos idos de 700 d.C., no mesmo Mosteiro em que Napoleão estabeleceu seu QG mais de mil anos depois. Tinha na parede, ao fundo da capela muito simples, um Ticiano, pintor renascentista, exposto sem pompa ou cuidado especial. Era sábado, *shabat*, dia de recolhimento religioso judeu, nada funcionava, de modo que fizemos uma festa no nosso apartamento, com a logística importada do Côco Loco. Limpava eu a casa, ao final da bagunça, andando sobre um pano de chão, suado, sem camisa, quando chegou, diretamente do aeroporto, o novo embaixador, ainda provisório. E ali comecei a fazer-lhe um *briefing* sobre os problemas do Oriente Médio. Tempos depois, convocou-me para acompanhá-lo a Gaza e fomos ter com Arafat, o que o Ministério da Defesa israelense vedava a mim e foi motivo de alguma rusga diplomática. Frustrante visita. Arafat estava de saída e acenou-nos. Acabamos deixando uma correspondência com o seu chefe de segurança. A impressão foi de uma favela, muita pobreza, muitos desocupados. Apenas a praça onde ficava a sede do governo e um prédio da administração da OLP tinha aparência aceitável.

Dias depois do casamento, embarcamos, toda a família, para o Cairo, uma viagem de curiosas lembranças. A ida em ônibus, péssima ideia, nos permitiu entretanto, atravessar o Canal de Suez e, na aridez do Sinai, perceber as diferenças entre Israel, primeiro mundo, e Egito, para lá de terceiro. A insegurança no trajeto em território egípcio obrigava o via-

jante a esperar a formação de um comboio que se deslocava escoltado pelas forças de segurança do país. Sem postos de combustíveis ou outros elementos de apoio pelo caminho, quando parava a formação levantávamos, eu e o Alexandre, um lençol, à guisa de banheiro para as moças... utilizado por outras viajantes ocidentais. Muçulmanos, homens e mulheres, vestindo aquelas batas enormes, qual batinas católicas, dispensavam a nossa “cortininha” de proteção!

Em 1996, o Líbano vivia uma situação política muito complexa, rescaldo da sua guerra civil: forças sírias ocupavam grande parte do país ingovernável e o Hizbollah, tolerado, ao sul, bombardeava o norte de Israel.³⁹ Todos no Oriente Médio adotam a Lei do Talião, então a retaliação é certa, sempre. Assim, as IDF desencadearam a operação Vinhas da Ira e atacaram fortemente Tiro e Cana (ainda Kana ou Qana). A mídia local aceitava as limitações que o estado de risco a segurança impõe, permanentemente, e nada li a respeito no *Jerusalem Post*, mas a internet noticiava... Fomos convocados pelas IDF para um *briefing* sobre as mortes causados pelos ataques aéreos israelenses que atingiram alvos civis. É fato que a guerrilha se homiziava em instalações humanitárias, tomando-as como escudos, mas os danos colaterais elevados levaram a uma explicação mais elaborada que revanche: os observadores e a inteligência israelense teriam usado cartas (mapas) em uma escala e os artilheiros em outra. Pode ter sido?! Não sei se uma versão mais palatável foi, depois, divulgada no exterior.

Por Israel fazíamos viagens semanais. Pelo exterior, França, Itália, Espanha, Grécia, Inglaterra... Não vou relatar o que os viajantes contumazes já sabem, mas o que de diferente ou original ou pouco valorizado por outros olhos nos aconteceu. Fomos à França quando a Maizé passou a sofrer tonturas. Depois de consultar alguns médicos, a Embaixada nos recomendou o Dr. Samário Chaitchuck, o grande “pajé” do país, brasileiro, oncologista. Oncologista? “Vá lá, coronel”, disse-me a secretária do Embaixador, “ele cura tudo”. Nenhum estetoscópio, toque, seringa ou termômetro. Só conversa. “Banzo!”, diagnosticou. “Vá ao Brasil ver a sua filha”, receitou. A consulta, 400 dólares, era muito dinheiro em qual-

39 A guerra civil libanesa envolveu vários contendores: católicos, muçulmanos, palestinos refugiados e a Síria, de quem o Líbano era satélite e lá mantinha tropas de ocupação.

quer lugar! Esqueci a carteira e, meio escabreado, fiquei de mandar-lhe o pagamento por um mensageiro. Ajuntei um broche com as bandeirinhas do Brasil e Israel e uma flâmula do Flamengo, que ele revelou ter sido torcedor no passado remoto (“uma vez Flamengo, sempre Flamengo, disse-lhe”); sorriu) e mandei o motorista da Aditância à sua casa, onde se realizavam consultas particulares neste país de medicina socializada. Devolveu-me o dinheiro e nos tornamos amigos! Fomos, então, eu e a Zé, para alguns dias em Paris, única cidade civilizada do mundo, à época; lá embarquei-a para o Brasil e voltei para Israel. Eu a recebi, quinze dias depois, curada.

Na Itália, roteirinho redondo com passagem obrigatória em Pistoia, visitar o penúltimo repouso dos nossos Pracinhas. O Gen Zenildo estava em Roma em visita oficial e soube que eu andava por lá. O adido militar, Cel Retumba, transmitiu-me o convite para uma audiência exclusiva com o Papa, acompanhando o ministro. Não poderia ir, era a benção do Papa ou honrar os nossos heróis! Mandei dizer ao chefe que não tinha roupa adequada, viajava de mochileiro. Providenciou-me um blazer. Abri o jogo e recebi o recado: “Se manda para Pistoia, Baiano”. Lá, entre emoções e lembranças, conheci o Miguel Pereira, o guardador daquele chão brasileiro, cuja história vai contada a seguir. (fotos no anexo)

Bruno, brasileiro, filho de italianos, alistou-se e foi convocado para a FEB. Depois de fazê-lo, disse ao pai: “Pai, vou para a Itália lutar esta guerra pelo Brasil, que a pátria da gente é onde a gente trabalha, produz e cria família”. É importante entender a explicação de Bruno ao pai: muitos filhos de emigrantes foram para a Europa lutar ao lado das forças do Eixo.⁴⁰

Bruno foi e não voltou. Morreu em combate. Mas apaixonara-se por uma garota italiana e fez-lhe uma filha. E desta veio uma neta, Rafaela. Alguém conhece Bruno? Bruno Berdinazzi?

Bruno é apenas um dos personagens da novela Rei do Gado, que foi ao ar pela Globo em 1995, reprisada em 2015 (Fagundes, Patrícia Pillar, Glória Pires... Marcello Antony). Sorriam mas vejam o enlace na sequência.

40 Alguns anos mais tarde o EB tentou montar uma política brasileira para integrar imigrantes e índios.

Miguel Pereira já era militar. Solteiro, voluntariou-se para a FEB. Disse aos pais que tinha uma guerra para lutar, despediu-se da família prometendo voltar. Miguel também não voltou! A história de Bruno é uma leitura livre da história real de Miguel e quem me contou foi o próprio Miguel em 1996. Miguel Pereira não morreu: apaixonou-se por Juliana, moleca de uns 16 anos que até tentou morar no Brasil, já casada com Miguel, ao fim da guerra. Não se adaptou e retornou à Itália. Miguel desesperou, desertou e foi atrás da menina. Tempos de guerra... O Marechal (que como o Duque virou nome próprio), comandante da FEB, jurara cuidar de cada Pracinha e assim lançou sua rede de proteção sobre Miguel, tornando-o guardião dos nossos mortos na guerra, cuidador do Cemitério Militar Brasileiro em Pistoia, na Itália. Digam-me vocês, qual das duas histórias é mais bonita? Fui à Itália e não vi o Papa. Estava em Pistoia!

O Gen Moura Barreto, então coronel, foi visitar-me e fizemos uma viagem memorável à Jordânia. O destino era Petra, com suas fachadas de templos em pedra entalhada na rocha e um grande anfiteatro, no mesmo estilo. No passado, aí pelo tempo de Cristo, era grande centro comercial, dominando as rotas do Oriente. A Cidade Rosa – as rochas têm esta cor – fica ao sul do país, depois do Mar Morto, já perto do golfo de Ácaba, no Mar Vermelho. Éramos um grupo multinacional (brasileiros, chineses, americanos e chilenos), o guia um uruguaio que safou-se graças às habilidades de comunicação gestual do Moura.

O Côco Loco era escola de samba, boate e, principalmente, uma grande casa de shows. Havia um grupo de dança brasileiro, nordestino, cuja estrela era uma belíssima mulata gaúcha! Mas no exterior, o que vale é o dinheiro ganho, então os meninos e meninas sambistas faziam serviços de faxina, garçons e cozinheiros em dias de semana, aí nós éramos patrões! A Zeinha e eu, diretores “honorários”, nos incumbíamos das primeiras danças nos fins de semana, quando da chamada do público ao salão, então éramos parceiros e fãs! Levávamos os adidos militares latinos para as noitadas, uma bela corriola, eles adoravam! O grego declarou-se precursor da latinidade e aderiu, e o francês, casado com uma francesa da fronteira espanhola, com seu bom portunhol, naturalizou-se “sul-americano”. Era quase como estar no Brasil, com amigos temporários! O dono do Côco encontrava-se na Europa e foi a um show da Alcione. Encantou-se e convenceu-a a alongar sua turnê até Israel. O chefe da nossa le-

gação tinha gosto sofisticado, pelo que não se envolveu e fui eu recebê-la, com a escola de samba, porta-bandeira e batucada. Detiveram a Marrom! Não tinha visto de trabalho e não passaria do controle de passaporte a que eu tinha acesso; seria recambiada ao Brasil. Fui ao jeitinho brasileiro e nada! Socorreu-me uma soldadinha, que tudo observava. Chegou perto e sussurrou-me, em bom carioquês: “diga que é coronel, ele também é e aqui patente vale!”. “Ele” era o chefe da imigração. O companheiro liberou Alcione mas iria segurar seus músicos por mais umas quatro horas, castigo. Pedi-lhe uma hora, pois havia a passagem do som. Concedeu-me, dei-lhe dois convites e à soldada, também. De noite, tomamos caipirinha no show. Dia seguinte contratei uma van e rodamos com a grande cantora e seu time por Jerusalém e Galileia. Nunca mais nos encontramos.

Enfim, o Itamaraty designou um embaixador efetivo. Muito inteligente, ganhara o primeiro posto com alguma tardança, faltava-lhe pois o traquejo no trato com o seu pessoal que nós militares vimos adquirindo aos poucos, ao longo da carreira. Resultou daí um certo desarranjo na Embaixada, queixas que vinham me fazer aproveitando o meu velho hábito de portas abertas. Certo dia chegou a Israel o respeitadíssimo embaixador C. e S., aposentado, mas na “reserva ativa”, intelectual de renome nacional. Viera tomar pé do que se passava. Era, claramente, uma sindicância. Dias depois do início do processo, foi entrando pelo meu escritório adentro, pediu-me que suspendesse alguma atividade que tivesse marcado – e eu tinha uma visita ao órgão de formação das mulheres – e trancou-se comigo. Disse-me que tivera três embaixadas e três adidos. Não misturava Itamaraty com Forças Armadas, mas ao longo das inquirições todos diziam que o adido sabia de tudo.

O que eu sabia resultou em conversa interessante que se prolongou nos dias seguintes. Disse-lhe, com todas as letras, que o embaixador era honesto e parecia competente, carecia, entretanto, de tato para tratar com o pessoal e eles muito se queixavam de supostas grosserias sofridas. Eu próprio deixara de ir cumprimentá-lo diariamente, pois teria que me fazer anunciar, suas portas eram permanentemente cerradas. A pergunta que ele não calou: “Por que o senhor não informou ao Itamaraty?”. “Pensei em fazê-lo via Exército que repassaria a informação ao seu ministério que, supunha eu, alertaria o embaixador para ter cuidado com o adido.” Balançou a cabeça, afirmativamente. Disse-lhe mais, que o outro diplomata de carreira, um jovem primeiro secretário, recém casara e a esposa

tinha por companheira única a minha mulher, a esposa do embaixador não o acompanhava. A jovem estava sendo treinada para ser ótima esposa de... militar. Para indignação dos funcionários da embaixada, houve um jantar para o qual não fui convidado. C. e S., dois dias depois mandou programar outro jantar e sentou-se à mesa conosco... e deu uma imprevista aula de português à Maizé! Ela, desinibida, empregou o advérbio **aliás**, em uma frase e o grande letrado consertou, “Aí é **inclusive**!”. Sem se tocar, a Zé, em seguida, tacou um inclusive e ele “Aí é **aliás**, menina!”. Risos que se prolongam até hoje... A senhora do embaixador a partir daí permaneceu em Israel e tornou-se nossa amiga para sempre. Às vésperas do nosso retorno ao Brasil, arrastou a Zeinha para uma viagem espetacular à Turquia, viagem que não fiz! O embaixador, soube depois, fez um excelente trabalho, inclusive em relação ao seu pessoal.

“Herdei” a moradia do Cel Lampert, apartamento de frente para o mar num bairro novinho, prédios bacanas, fora do centro, próximo à Universidade. Na garagem, um bunker, um espaço protegido, com alimento e água estocados, para o caso de bombardeio. Prédio aberto, sem porteiro mas absolutamente seguro. Dados sobre crimes comuns eram irrisórios mesmo nos bairros e cidades árabes. Meus meninos logo se entrosaram com os outros latinos. Todos moravam nos arredores e todos estudavam inglês na Universidade de Tel Aviv. Terminado o curso foram para cinco semanas na Inglaterra, frequentando escola para coroar a conquista, um toque final no aprendizado. Tinham projetos pessoais distintos que exigiu que protelassem: Alexandre, voltar correndo para a filha do adido naval chileno, que namorava, e Gabi, internar-se num kibutz de onde fui arrancá-la à força, para o Natal em família. Tudo bem, mas só iriam para a grande Ilha se na volta passassem uns dias na França. Foi a única vez que alguém foi, contrariado, a Paris!



Zeinha e minha mãe.

As viagens internas no “nosso” pequeno país, muitas vezes repetidas, eram um encantamento. **Jerusalém** histórica, com seu quase 1km² de cidade-fortaleza, é uma relíquia dividida em vários bairros segundo dominação antiga: Judeu, Católico, Armênio, Árabe. Sua entrada principal, a Porta de Damasco, leva ao bairro árabe, à Esplanada do Templo, o antigo Templo de Davi, hoje sítio de duas mesquitas. Aos judeus resta apenas a sua muralha de contenção, o Muro das Lamentações. Um santo padre brasileiro, frei Emílio, contou-me da tradição judaica, Abraão em obediência a Deus, disposto a sacrificar o filho amado naquele local; da tradição muçulmana, Maomé alçando-se ao céu em seu cavalo branco; e da pouco conhecida tradição cristã, Deus exatamente sobre o que seria a Esplanada, separando o dia da noite. Quando houver paz em Jerusalém, haverá paz no mundo!



Porta de Damasco.

O Santo Sepulcro é um complexo desordenado de espaços sagrados: à entrada, a pedra onde o Homem-Deus foi lavado antes de ser enterrado; logo à direita, num ponto mais alto, o local onde a cruz esteve fincada; à esquerda, o túmulo-monumento, em terreno emprestado por José de Arimatéia. Fora dos muros, o Morro das Oliveiras e templos católicos de devoção. E muitas mesquitas e a moderna cidade, com seus bairros religiosos judeus, mais ou menos radicais, e sua arquitetura de tradicionais pedras de Jerusalém.



Zeinha e o Cel Capelão Lindemberg no Santo Sepulcro.



Israel em cor clara. West Bank e Gaza são áreas parcialmente em litígio (territórios ocupados) com a OLP.⁴¹

A norte do país, pela costa, a meio caminho entre Tel Aviv e Haifa, na altura de Hadera, fica Cesarcia com seu aqueduto e anfiteatro romanos bem conservados.

Seguindo ainda pelo Mediterrâneo, Haifa e seu magnífico templo Bahai e Aco ou Acre, sede final do reino dos Cruzados.

Para o interior, o Mar da Galileia (Kinéret para os israelenses), o Jordão do batismo e as Colinas do Golan, fronteira síria. Partindo de Jerusalém para sul, o Mar Morto e o deserto de Negev até chegar a Eilat, no Mar Vermelho. E Gaza, na costa. O Mar Morto, 400 metros abaixo do nível do mar, de altíssima salinidade, onde corpos humanos flutuam, é dominado por Massada, elevação quase inexpugnável onde, no início da Cristandade, os essênios, seita religiosa radical judia, isolaram-se do mundo. Herodes invadiu Massada e os seus moradores sacrificaram-se até restar apenas um. É forte símbolo do judaísmo, local onde os paraquedistas da Forças de Defesa de Israel (IDF) fazem o seu mais sagrado juramento: imolar-se em defesa do Eretz Israel, o grande Israel bíblico. Foi, também, na região do Mar Morto que foram encontrados os manuscritos de Qumran.⁴²



Massada, onde ainda há ruínas da comunidade dizimada.

42 Manuscritos judaicos, encontrados nas cavernas de Qumran, na região do Mar Morto, por volta de 1940, provavelmente escritos pelos essênios.

Jacobo Timerman, jornalista e autor de *The Longest War*, entrevistando Amós Oz, o grande pensador e escritor judeu contemporâneo, dele ouviu a mais triste afirmativa sobre a felicidade das pessoas. “O ser humano não precisa ser feliz, em verdade, não pode ser feliz.” Uma quase felicidade das gentes em Israel, momentânea embora, pode ser observada apenas quando, nas praças ou nos campos, nos finais de semana, eles se juntam, olhos fechados – janelas abertas aos próprios corações – e se põem a cantar.

Assim, fui vendo, tentando compreender este povo. Os mais velhos, voltados para o passado de sofrimento e humilhações, são aqui respeitados e donos do chão que adubarão na morte, sepultados sem flores, apenas pedras eternas sobre a cova. Os mais novos e simples, esperançosos mas dispostos a darem o seu quinhão de sacrifício; e uma classe média alta que não alcancei nos meus contatos.

Haime, motorista do embaixador, judeu sefardita, convidou-me à sua casa; mil pratinhos e todas as iguarias a provar; indelicadeza não tomar um bocado de cada uma! Fui ao casamento da sua filha em magnífico hotel, os presentes, tradicionalmente, em dinheiro para ajudar a bancar a festa, que festa é essencial. Vale o dia de hoje, o amanhã, sabe Deus! O motorista da Aditância (Eli) levou-me ao enterro do padrasto. Acompanhei o ritual do desconhecido envolto em panos, como bom judeu. Abracei e despedi-me da viúva, brasileira, amante dos afagos e mencionei ir embora. “Não”, disse-me Eli. “Agora vamos para a casa da minha mãe. Vamos comer e beber e ela vai trancar-se no quarto e chorar por sete dias. Depois, seca de lágrimas e dor, vai sair para a vida, que viver é bom.” Na véspera do Purim, uma festa que guarda alguma semelhança com o carnaval, criançaçada fantasiada, um atentado a bomba. Dispensei o Eli dia seguinte para levar a filha aos festejos que iriam se realizar, apesar dos mortos da véspera: “A gente não pode se render a eles, coronel!”

A melhor parte (inicialmente), as recepções sociais, passaram a ser, com o tempo, a pior parte. O gosto por festas repetidas quase todos os dias vai nos deixando enfatiados. Um velho diplomata, tão antigo e tradicional quanto o seu nome – se chamava Dilermando – orientou-me: chegasse um pouco antes da hora, seria dos primeiros e seria bem servido. Circulasse. “Quando a casa estiver ficando cheia, retire-se à francesa. Todos lhe viram, você estaria por ali, em algum lugar.” Bom conselho!

De São Paulo, ligou-me o Cel Américo, Chefe do Estado-Maior da 2ª Região Militar. Um general da reserva, não lhe guardei o nome, excursionava com um grupo pelo Oriente Médio e em Israel passara mal. A excursão seguira para a Europa e ele fora deixado para trás. Estaria em algum hospital em Jerusalém ou Tel Aviv. A família estava desesperada. Socorreu-me o Cel Sharab, um ex-adido de Israel no Brasil. O nosso homem estava no principal hospital de Jerusalém. Fardei-me, o que é incomum para o adido, e fui ter com o velho chefe. Entrei no quarto, vi um homem alquebrado, fiz-lhe a minha melhor continência e disse-lhe a frase pronta que gravei até hoje: “Meu general, entregue-se aos braços longos e acolhedores do seu Exército”. Chorou. Cessou o choro quando dei-lhe a “merecida mijada” pela barba e pelo abatimento físico e moral. Mandeí comprar um aparelho de barbear, escanhoei-o e todos os dias um dos estagiários da Guerra Eletrônica subia a Jerusalém, para visitá-lo. No retorno ao Brasil, passou alguns dias em Tel Aviv, fora do roteiro religioso e fez da Aditância o seu PC. Com muito prazer para mim, diga-se.

Desconhecia as negociações da Força Aérea para compra de mísseis em Israel quando recebi a mensagem da chegada de um Hércules para levar a primeira partida de quinze armas de um lote de sessenta. Fui acolhê-los na base aérea, houve problemas burocráticos contornados, mas um motor estava em pane. Era próximo ao Natal, vontade danada de voltarem a tempo ao Brasil. Arranjei um motor com o vice-ministro da Defesa, acomodei-os num *hostel* à beira-mar e emprestei-lhes 10 mil dólares para o combustível de retorno – o cartão de crédito não foi aceito. Cumpri a minha parte, mas soube depois que outro motor entrara em pane em Portugal onde o adido era da FAB, cumulativo com o Exército. Lá, Natal católico, estariam mais bem acolhidos. E foram indo e voltando a cada seis meses e ficando no mesmo *hostel* e associando-se ao Côco Loco. Ajeitaram-se para estar em Israel quando deixei a Aditância.

A última tarefa a ser concluída, a primeira a ser encetada logo à minha chegada, foi um livro, o Levantamento Estratégico de Área (LEA), que encontrei datilografado e desatualizado. Decidi não atualizá-lo apenas, mas reescrevê-lo e informatizá-lo. Baseando-me anotações diárias, em leituras de jornais e periódicos e livros, procurei consolidar toda matéria relativa a Israel de interesse do Brasil.

Passei a Aditância ao Cel Luís Cláudio, cavalariano com quem servi na AMAN e ECEME e com quem partilhei os bancos no CPEAEx. O

Côco Loco fez uma apresentação especial de “Adios” para os latinos e naturalizados, em casa de show em Netânia – bela cidade litorânea – com a presença do meu pessoal da Guerra Eletrônica e da tripulação da FAB. Desta vez trouxeram-me muita cachaça e engradados de guaraná. Na cerimônia de passagem de cargo cantei um verso de Vinicius (“Se todas fossem iguais a você...”), para choro discreto da Zé e emoção incontida das mulheres da Embaixada, fiz um afago final no meu substituto e já me retirava quando, discretamente, alertaram-me que sumira cachaça e quase todo o guaraná. Procura daqui, procura de lá, a Eliana, secretária do embaixador, veio a mim e confessou que fora mandado surrupiar o que pudesse. Esqueçam, determinei aos meus: a festa estava no final e daí a seis meses os fabianos estariam de volta trazendo o que lhes fosse encomendado: guaraná, cachaça, farinha...!

Fui-me de Israel, recitando a promessa e esperança de todo judeu. Nós voltaríamos, estaríamos “ano que vem, em Jerusalém”. Nunca mais retornei, mas estou sempre viajando por lá nos meus pensamentos.

Antes de chegar ao Brasil, dei uma parada para evitar o *jet leg* em Portugal. Lá me aguardava o Alexandre que voltara ao Brasil, seis meses antes de nós, para continuar os estudos no início do ano letivo. Ia para Israel usufruindo dos meus últimos dias de abundância financeira atrás da chilena. O amor é lindo!

A Zeinha vai contar

Sofri desta vez uma difícil adaptação. Da embaixada, tinha a companhia da jovem esposa do cônsul, uma moça muito gentil e religiosa, com as mesmas dificuldades que eu: os maridos no trabalho com rica convivência e nós meio perdidas. Permanecemos juntas, mas ela, evangélica, passou a fazer parte de um grupo da sua igreja, muito coeso. As esposas dos adidos latinos, falando um espanhol muito rápido, não as compreendia. Eu, de fala compassada, não era entendida por elas. Não era má vontade, é que o ‘portunhol’ é a língua do futuro, não do presente. Alexandre namorava a filha do adido naval chileno que se esforçava verdadeiramente para entender-se conosco. Conseguimos, aos poucos.

Os meus filhos logo engrenaram com os outros latinos, todos moravam próximos e frequentavam o curso de inglês da Universidade de Tel Aviv. As famílias sul-americanas se buscavam e acabamos nos juntando a elas em churrascos e noites no Côco

Loco. Mas as saudades de Beta eram do tamanho da distância a nos separar e assim dei uma chegada no Brasil. Beta logo adiante foi nos visitar e se recasou, agora na igreja, em Ramla.

O mosteiro em Ramla era cuidado por freiras brasileiras, assim também a hospedaria católica de Nazaré. O frei Emílio, brasileiro, bem velhinho, que cumpria o seu ministério no Santo Sepulcro, nos visitava a cada cinco semanas; despia a batina e tomava um chope com a gente num barzinho perto de casa.

A vivência espiritual foi intensa, tudo lembrava o Senhor: Santo Sepulcro, Galileia, Nazaré, o Jordão, Cafarnaum, Belém, o Morro das Oliveiras. Visitamos cada um destes sítios, uma, duas, dez vezes. Havia, também, ruínas romanas bem conservadas de uma beleza sem par. Cesareia com seu maravilhoso aqueduto à beira-mar era a minha praia favorita. Mas em Cesareia, o meu encantamento maior foi assistir, no seu anfiteatro de dois mil anos, Baryshnikov, deus do ballet, dançar a sua última dança.

Beto tinha uma obrigação final, fazer o Levantamento Estratégico de Área (LEA), mas deu-se aí um problema: ficou sem secretária e na demorada seleção de outra, ‘contratou-me’ para digitar ao trabalho, coisa de seiscentas laudas. Por corrigir-me e criticar-me, inclusive em casa, foi motivo de algumas rusgas. Ele sem secretária, eu querendo salário... pagava-me a marmita diária que consumíamos na pequena cozinha do escritório.

As viagens internas tornaram-se corriqueiras mas sempre enriquecedoras; as idas ao exterior, por outro lado, foram a realização de sonhos até então inacessíveis aos nossos pobres bolsos. Além da Europa ocidental, fizemos a Grécia, e eu, na companhia da nossa embaixatriz fomos a Istambul, onde o Bósforo divide fisicamente oriente de ocidente e os museus e monumentos são maravilhas inesquecíveis.

Anexo 1 – O que lembra a Gabriela

Quando soubemos que iríamos para Israel, nós, os filhos, ficamos muito felizes. Morar em outro país, eu adivinhava, seria uma experiência única. Fazê-lo na minha própria casa, sob proteção dos meus pais, tornava a aventura ainda mais gostosa e segura. Havia os atentados terroristas, é verdade...

Meus pais decidiram que iríamos para a Babilônia, em janeiro de 1995, em junho eles seguiriam para Israel, e faríamos a juntada no final do ano. Não questionamos, eram dias de felicidade precoce, um certo ‘Não analisa’. Má decisão! Apesar dos esforços dos meus avós maternos, não tínhamos relações íntimas com os primos, bem mais novos,

nem mesmo com meus avós, a quem víamos de ano em ano. Vivêramos toda a vida em vilas militares, onde os reencontros são surpresas esperadas. Na faculdade, em Salvador, éramos estranhos no ninho, cariocas de passagem. Conversamos, eu e Xando e decidimos largar a faculdade e voltar ao Rio. Vô Moacyr, bom milico, ficou frustrado como um soldado que não conseguiu cumprir a missão. Quando chegamos de supetão no Rio e dissemos ‘Vamos agora, com vocês’ não houve briga, só alegria.

A recepção que os adidos sul-americanos deram aos meus pais, formalmente, seus filhos nos deram de coração. Assim, nos juntamos à garotada da nossa idade em luanas e passeios, mas principalmente no curso de inglês da Universidade de Tel Aviv, praticamente a única atividade intelectual possível, pois tudo o mais é hebraico e seus ‘hieróglifos’. Claro, adorávamos todos as tardes brasileiras do Cocô Loco!

Fixemos, sozinhos, Inglaterra e França. Na França, nem tão só, saltando do Eurostar⁴³ estavam lá tio Heleno e tia Sônia a nos esperar. Reservaram o hotel pedido e nos deixaram soltos, qualquer coisa, a qualquer hora, ligássemos. Éramos adultos e o ‘vermelhinho’⁴⁴ resolve todas as pendências no exterior.

Em Londres ficamos umas cinco semanas. A impressão que tive do povo foi bem melhor do que a retratada em filmes: são educados e prestativos. Em Greenwich, pusemos um pé em cada hemisfério. (fotos perdidas!)

A longo-me, mas foi a mais rica experiência que vivi.

Voltando da Inglaterra, internei-me num kibutz de judeus argentinos. Recebia para temporadas, judeus e não judeus, particularmente da Escandinávia. Mistura danada de idiomas, oportunidade para prática aprendizado intensos, fazendo o meio de campo entre suecos e noruegueses que arranhavam o inglês e venezuelanos, com seu espanhol nativo. Este kibutz dedicava-se ao plantio de bananas e a fabricação de tubos para micro irrigação.

A ‘turma do bananal’ acordava às cinco da manhã, ia colher banana, voltava às oito para a sede, tomava café e tornava à colheita. Tarde livre para nos integrarmos: conversas, jogos, viagem ao Negev e Eilat⁴⁵ e namoros, naturalmente.

43 Eurostar é o trem hiper veloz, sob o Canal da Mancha, ligando Inglaterra à França.

44 O “vermelhinho” é o passaporte diplomático.

45 Negev é um deserto de pedras, ao sul de Israel. Termina no Mar Vermelho, em Eilat, cidade turística, nesga de terra de menos de cinco quilômetros.

Quis passar o Natal no kibutz, eram muitos os cristãos, mas aí o pai endureceu o jogo. Tirou-me de lá, pois, afinal, nos primeiros dias de janeiro eu e meu irmão voltávamos ao Brasil. Decidimos voltar ao estudos no Rio, Bahia só a passeio.

Anexo 2 – O caso Altalena (a força e o Estado)

Desde David, por menos de duzentos anos o povo judeu foi soberano no seu território. Assim, houve um segundo êxodo no início da era cristã, uma nova diáspora, mantendo-se a nação à custa do estudo e obediência irrestrita à Torá. Nunca deixaram, os judeus, de almejar voltar ao Eretz Israel, terra do leite e do mel, que a Bíblia conta, à custa do suor do cada rosto, que Deus recomenda. E então, surgiu o movimento sionista no final do século XIX.

As ondas migratórias em direção à Palestina se sucederam a partir de perseguições na Europa e África, intensificando-se com o crescimento do nazismo e, nos tempos modernos, o fim da URSS. Entre 1904 e 1914 houve forte imigração de maioria ortodoxa, mas, também, número expressivo de socialistas. Estes introduziram o movimento **kibutz**, de fazendas coletivas. O afluxo de gente gerou tensões que explodiram em desavenças sangrentas entre muçulmanos e judeus, que eram minoritários. As fazendas coletivas estabeleceram seus próprios sistemas de segurança, mais tarde estendidas as vias de comunicação e transportes, protegendo, também, o escoamento da produção. Tais sistemas, cada vez mais fortalecidos e unificados formaram a Haganá e deram origem a grupos terroristas (de que o Irgum é o mais importante exemplo para este texto) e às Forças de Defesa de Israel (FDI ou IDF, em inglês).

Após a Segunda Guerra Mundial, tendo a seu crédito a ousadia da brigada judaica incorporada aos aliados e o sacrifício do Holocausto, aumentou-se a pressão política para a criação do estado de Israel, ao tempo em que terroristas judeus empreendiam ações contra os ingleses detentores do “protetorado”, culminando com o assassinato de noventa militares de alta patente no seu Quartel General, o hotel King David. A Inglaterra renunciou ao mandato e, dia seguinte, Ben Gurion, o líder maior, declarou a sua independência. Era maio de 1948. No outro dia uma coligação de países árabes formou-se e investiu contra o novo estado, travando uma guerra que durou um ano, vencida pelos judeus.

Manter-se armados, bem armados, como até hoje, é a imutável política de defesa do país, enquanto a OLP e agora o Hamas não aceitarem a existência do estado judeu.

Isto posto, apreciem o exercício da liderança de um chefe de coragem. Em junho de 1948 o cargueiro Altalena prepara-se para aportar em Israel. Pleno de armas e munição trazidas da Europa pelo Irgum, de Begin. Bem Gurion autoriza deitar âncoras mas todo o material bélico seria apropriado pelo Haganá, o nascente exército israelense. Begin exige que parte das armas fique com o seu grupo, ao que Gurion replica que ao Estado, que agora existe, e apenas a ele, cabe o emprego da força. Begin insiste, Bem Gurion determina a Rabin, um dos comandantes da Haganá, bombardear a nave. Cem irmãos mortos, mas o poder constitucional imposto. O mando nas armas não pode ser compartilhado em um estado de direito. Este é o episódio que queria ressaltar. A história da formação do Estado judeu é longa e belamente contada em muitas publicações, omitida esta passagem, normalmente. Begin, anos depois, foi primeiro-ministro de Israel e fez a paz com o Egito!

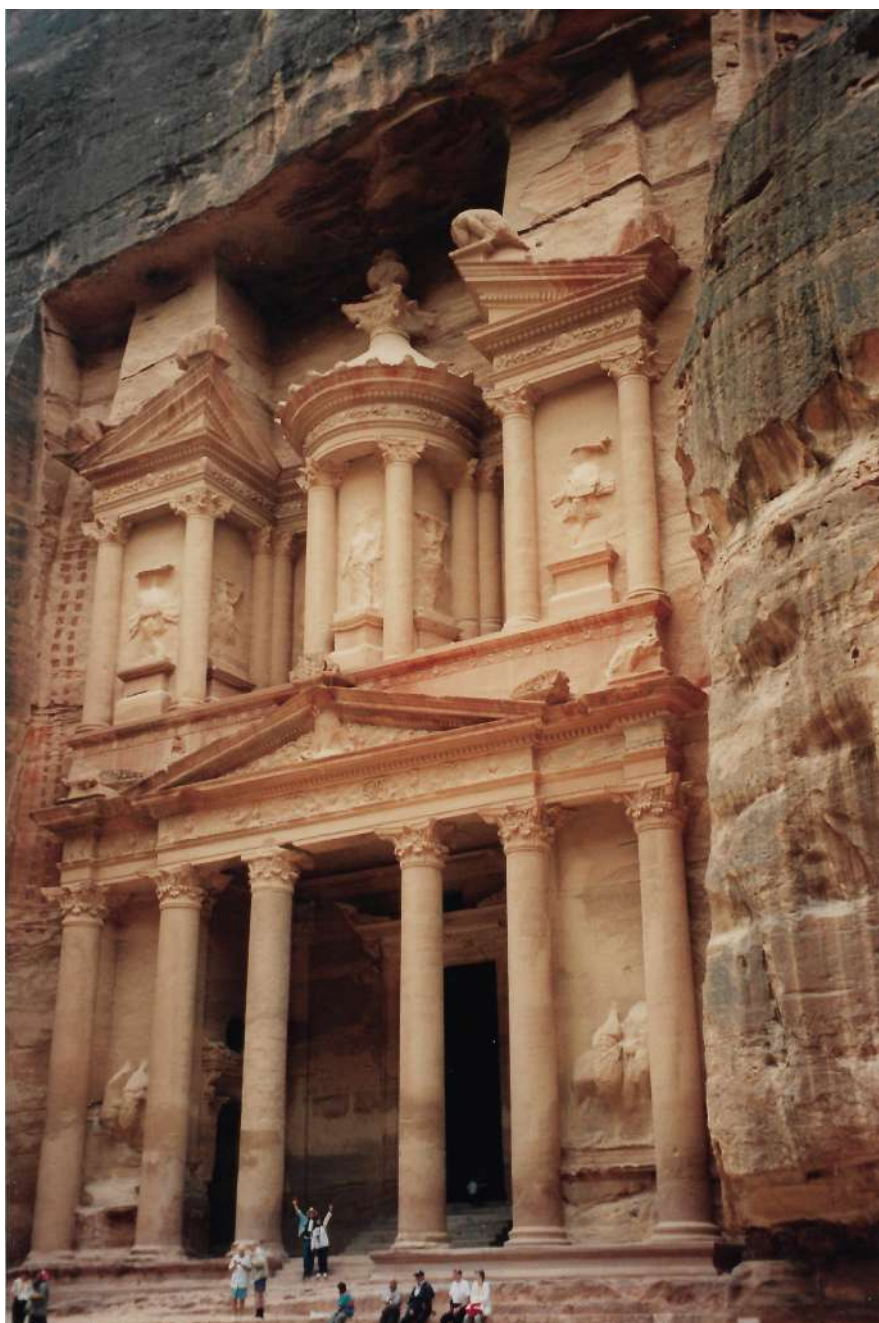
Anexo 3 – fotos



Muro das lamentações, arrimo do judaísmo.



Monumento votivo no antigo cemitério da FEB, em Pistoia. Com Miguel, o guardião.



PETRA: há registros melhores. Mas aí estamos eu e a Zeinha, lá no fundo, braços abertos.



Zeinha, com o dançarino (e nosso eventual garçon), e o grego e a esposa, precursores da latinidade, no Côco Loco.



Aqui Rabin foi assassinado e um terremoto sacudiu Israel, restando pedras amontoadas como testemunhas.



Frei Emílio casando Beta e Luiz Cláudio, em Ramla.



Sabem o Sermão da Montanha? Daqui o Homem falou! Mar da Galileia, Golan.



“Pedro, tu és pedra e sobre ti construirei a minha igreja” – disse o Homem.
Esta é a pedra. Eu e o Cel Capelão Lindemberg, rendendo graças.



Monte Nebo, de onde Moisés mirou o que nunca alcançaria: a Terra Prometida.⁴⁶

46 Mais sobre este cruzeiro diferente (cruz serpentina)? Google.



As ruínas de Atenas são apenas o pano de fundo. Do local exato onde está a Zeinha, Paulo fez a sua proclamação aos atenienses.



Cafarnaum, a cidade do Homem.



Este fio de água é o Jordão.



Pedra de Roseta – pensava ser menor – em três idiomas permitiu a tradução dos hieróglifos (Londres).



Gabi no kibutz, na colheita de bananas.



Canal de Suez



Equipe da Aditância e da Guerra eletrônica.



Tel Aviv vista de Iafa (Jafa).

16

BRASÍLIA (1997-1999)

Reencontros e desencontros. Na direção do Clube do Exército.

Organizando a CLEA, conferência de Logística.

O sopão de D. Ávila, do Brageto à Rodoferroviária.

Promoção a general.



Promoção a general, abril de 1999.

Vocabulário

- OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte.
- Cabral – Conjunto informal de documentos orientadores sobre determinado assunto, “maceteiro”.
- Oficiais superiores é o círculo que envolve majores, tenentes-coronéis e coronéis.

Não foi difícil adaptar-me a Brasília. A secura é a mesma de Israel e a cidade em si, moderna como Tel Aviv. Ademais, amigos de muitos anos ali estavam servindo. Difícil mesmo foi, de uma vez por todas, deixar Alexandre e Gabriela para trás, pois preferiram concluir o curso superior no Rio. Com Roberta casada, morando em Salvador, ficamos, definitivamente, sozinhos. Isto motivou-me a comprar o meu primeiro imóvel, já coronel: um apartamento de 60m², em Botafogo, Rio de Janeiro, onde os garotos, estudantes, passaram a viver.

Em Brasília, o general Barros Moreira, um irmão mais velho, convidou-me para chefiar o seu gabinete na área da Aviação do Exército. Não

deu certo; o EME, onde eu estava sendo lotado, não abriu mão do meu concurso. Assim, tornei-me Assistente do 4º Subchefe do Estado-Maior, o Gen Tomás. A relação, inicialmente pouca amistosa, transformou-se, com o tempo, em amizade e admiração mútuos. Naqueles quase dois anos em que lá servi quatro importantes ações estavam em curso na nossa área: uma milionária operação de crédito externo para aquisição de material bélico, bem planejada, que não foi avante; a adesão do Exército ao sistema de catalogação da OTAN; a Conferência de Logística dos Exércitos Americanos (CLEA) e a criação do Ministério da Defesa (MD).

A catalogação traz duas vantagens fundamentais na guerra e na paz: a interoperabilidade e a intercambialidade. A primeira aproxima os sistemas de logística de forças armadas de países diversos, possibilitando operações logísticas conjuntas pela similaridade dos materiais de emprego militar; a segunda identifica componentes com idênticas características mas de produção distinta, aliviando o sistema de suprimento, algo como o genérico, entre medicamentos. Ao Exército, à frente do processo, coube amplificá-lo, culminando, a fase inicial, com palestra na Confederação Nacional da Indústria (CNI), buscando trazer a indústria civil para o sistema. Eu e o então Cel Sodré organizamos essa atividade, treinamento para a CLEA.

Na criação do MD, evitado de erros pela politização de um processo que clamava por racionalização, coube-me orientar e presidir os grupos de trabalho que, no Exército, trataram de Logística, Mobilização e Ciência e Tecnologia. Foi processo insatisfatório que não acompanhei até o final, atraído pela CLEA, que se aproximava e exigia dedicação plena.

Para organizar a CLEA, começamos eu e o Sodré, sozinhos. Na medida que o planejamento ia sendo afinado, outros militares agregaram-se ao grupo que, ao final, contava com mais de cem pessoas direta e exclusivamente ligados à execução. Não havia “cabral”, isto é, qualquer documento que servisse de orientação. Socorreu-me o Cel Mayer, que fora secretário da Conferência dos Exércitos Americanos (entidade maior que abarcava a CLEA) em anos recentes, na Argentina e passou um dia conversando comigo a respeito. A Conferência não é uma confraternização como muitos pensam; ou não somente; ou não principalmente. Discute-se um único tema e elege-se o tema da reunião seguinte, dois anos depois. Assim alinham-se aspectos doutrinários. Nossa preocupação maior foi deixar uma memória, um registro detalhado que facilitasse a organização de conferências futuras.

O Cel Brochado, promovido a general em 1998, “presenteou-me” com a função de diretor social do Clube do Exército, que exercera até então. Não foi um bom presente, os gregos não fariam melhor! Tomava-me muito tempo e alguns achavam que era pura diversão, não percebiam a canseira em atividade em prol da família militar. Passei a cooperar formalmente com o diretor executivo do Clube, o Cel De Nardi, com quem já havia partilhado a diretoria do CMPV, quando alunos da ECEME, em 1983. Éramos amigos e afinados nesse tipo de trabalho. Pusemos a funcionar uma pequena boate, animada permanentemente pelo grupo musical Sexto Sextil formada por talentosos coronéis! Sexto sextil (6/6) é onde se situam, na classificação final, os alunos da ECEME que se dedicam mais à boa vida que aos estudos. Era uma brincadeira, eles eram tão bons músicos quanto foram bons alunos! Anos depois, em uma segunda passagem por Brasília e pelo Clube, a boatezinha, bem sucedida, ocupava um salão para mais de 400 pessoas e uma estupenda produção de sons, luzes e cores.

Quando o Cel De Nardi foi promovido a general, consultou-me sobre a possibilidade de assumir o seu lugar na Secretaria Geral do Exército e no Clube. Não poderia, disse-lhe, sem o consentimento do meu chefe direto, e a coisa ficou por aí. Ao final de uma reunião no auditório do Gabinete do ministro, após palestra dos dois generais da Aviação do Exército, o saudoso Gen Zenildo volta-se para a retaguarda, aponta para mim e anuncia: “Parabéns, Baiano, vai para a Secretaria Geral”. Era uma boa posição de espera, o Secretário-Geral presidia institucionalmente o Clube e era, a Secretaria, uma vitrine para promoção a general. O Chefe do EME pareceu surpreso e posso apenas imaginar como o assunto evoluiu, já que permaneci no Estado-Maior. Mas a partir deste incidente o Secretário-Geral afastou-se de mim! A culpa é sempre do mordomo ou do peão. Anos depois esta autoridade viria a comandar o Exército...

Beta ainda em Salvador, tendo deixado o emprego em uma multinacional no Rio de Janeiro para acompanhar marido militar, percebeu as vantagens de fazer, ela própria, carreira militar, pois o casal sempre seguiria junto nas eventuais transferências. Protelou a maternidade e, estudando com afinco, foi bem sucedida no concurso para a Escola de Administração do Exército.⁴⁷ Realizou o curso em 1998 e, 1º tenente do Quadro Comple-

47 A EsAEx, anos após, transformou-se em Escola de Formação Complementar do Exército – EsFCEEx, e hoje Escola de Saúde e Formação Complementar do Exército

mentar do Exército (QCO), foi classificada no Rio de Janeiro, indo servir na ECEME. Meus filhos, agora, estavam todos no Rio, bem melhor!

Em Brasília, promoções a oficial general são assunto permanente entre oficiais superiores. Qualquer roda, é disto que estão conversando, especulando. E de baixo salário, claro! Preparei-me para o “dia seguinte”, pois aproximava-se a minha vez de concorrer. Se promovido, era pegar o azimute determinado pela nova função; se não promovido, que fazer amanhã? Matriculei-me num pós-graduação da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

A Maizé fugiu do grupo de senhoras que trabalhava na “costurinha”, fazendo enxovais para as gravideiras carentes, mas descobriu o “sopão” de D. Ávila, Arcebispo Militar do Brasil, e foi labutar entre cebolas e panelas, para alimentar a Brasília miserável que se revela nos ermos, à noite. Retomou, também, o seu trabalho em Braille, no instituto dos cegos do Distrito Federal. Punha-me a gravar livros, elogiava a minha voz de locutor! “Me engana que eu gosto!” Aliás, a respeito do “sopão”, lembro que depois do expediente os maridos das cozinheiras iam jantar com elas a modesta refeição e fazer uma oração – rezar é sempre bom – antes da entrega noturna, só os homens, em locais remotos e até perigosos. Os pobres desassistidos a quem alimentávamos nos protegiam. Certa vez, um início de tumulto pela sopa e um arroz doce em distribuição, um assassino recém-saído da Papuda (hoje famosa por ter sido residência provisória de muitos figurões) conhecido por todos pôs-se ao meu lado, num descampado, próximo à Rodoferroviária de Brasília, fazendo a partir daí minha segurança! De outra feita, um miserável, na ponte do Brageto, saindo da cidade no rumo norte, frio danado, pediu-me uma camisa. Dei a minha e peguei do Cel Bandeira o agasalho com que ele se protegia.

Fui promovido no dia 19 de março de 1999, aniversário de 50 anos da Zeinha. Estávamos no Rio, comemorando a sua idade dourada com a filharada. Por esta razão, o Cel Salvador, compadre e dupla na ECEME, alcançou-me de longe, com a boa nova. “Para onde vou, Salvador?”, perguntei. “Acho que você fica aqui mesmo, em Brasília”. Fui para a Amazônia, comandar a 12ª Região Militar, a maior e mais complexa do Brasil, fazer logística. O Gen Bastos, organizador da listagem das funções dos

novos generais, foi o apontador; Gleuber, que me vira, tenente, na logística e coronel na CLEA, assinou em baixo. Tenho dívidas!

No comando do CMA estava o Gen Lessa: “Te prepara Baiano, Lessa não é fácil”, disseram-me. Lessa era mesmo muito exigente, mas compensava os seus subordinados com doses excessivas de reconhecimento... caso bem trabalhassem, claro! Se algum dia tive dúvidas em relação às minhas escolhas, da carreira e da minha arma, elas ali se desfizeram e eu realizei-me por completo.

Ah! Abandonei a FGV para onde voltaria em quatro anos, ao concorrer à terceira estrela (general de divisão).

Zeinha vai contar

Beto queria, apelou mesmo, mas eu não quis participar de atividades que me deixariam próxima das esposas de oficiais gerais importantes para as promoções. Costurinhas e outros trabalhos coletivos não são, entretanto, a minha praia. Um pequeno grupo de senhoras, esposas de coronéis e majores, fazia um ‘sopão’ às segundas-feiras, numa modesta casa em bairro classe média baixa (Cruzeiro), e aí, sob as bênçãos de D. Ávila, engajei-me. Arrastei Beto para a entrega noturna que os maridos das ‘cozinheiras’ faziam.

Retomei o trabalho com deficientes visuais, duas vezes por semana no instituto dos cegos de Brasília e levei Beto para ajudar a preparar dois jovens para o vestibular, na sua folga das sextas-feiras à tarde.

Ainda assim, não abandonei o trabalho nos correios (em minúscula mesmo): participava de um carteado semanal, atividade muito comum na cidade, que diverte e aproxima as pessoas.

E havia o Clube,⁴⁸ muito a fazer mas muito prazer. Além da boate, recepções e eventos maiores em datas especiais, como o aniversário do Clube e o Dia do Exército. Mas, principalmente, uma tradicional festa junina que mobilizava todos os quarteis em uma confraternização sem igual em Brasília, aberta aos civis, nos amplos espaços da sede do SMU. Quinze mil pessoas por dia é muita gente!

48 O Clube tinha uma sede social às margens do lago Paranoá e uma sede esportiva no Setor Militar Urbano (SMU).

Os homens sempre inventando churrascos e a gente no chazinho. Um dia, nós, ‘casadas’ no Material Bélico, resolvemos alugar um micro-ônibus e fomos a Pirinópolis, uma farra, com suas trilhas e lindas cachoeiras. Já que os maridos sempre adiavam este passeio, fomos sozinhas, nos divertimos mais. Onde andarão aquelas meninas?

E lembram do Maj Benito, padre do casamento da roça e Papai Noel lá no passado baiano? Era general quatro estrelas. Encontramo-nos em uma recepção e ele provoca:

– Ó Zeinha, vi o nome do Maciel (carregava no L como bom gaúcho) numa lista para possível promoção futura. Estou torcendo.

E eu:

– Não basta torcer general, tem que votar. (Benito foi voto certo, não tenho dúvida).

Anexo 1 – Fotos



Zé, cumprimentada pelo Gen Gleuber – na “espada”.



Na formatura de Beta, a família nuclear.



Sogros, mãe, irmão, família, enfim.

17

MANAUS – AMAZÔNIA OCIDENTAL (1999-2000)

A selva nos une: “os rios comandam a vida”.

Conheça a Cabeça do Cachorro e os Pelotões Especiais de Fronteira (PEF): Vida, Combate, Trabalho.

A Força Aérea Brasileira na Amazônia.

Histórias do general Lessa.

General Marius e a memória de Rodrigo Otávio.



A selva e a grande bacia!

Também neste capítulo, muita foto intercalada com muita história de um Brasil e um Exército pouco conhecidos.

Vocabulário

- Chiste – brincadeira, piada.
- CMA – Comando Militar da Amazônia.
- Meio de fortuna é improviso bem sucedido.
- Tambores da selva são, digamos, as redes sociais precárias propagando rapidamente notícias maldosas.
- Jamegão é assinatura, no popular.
- TRA – tempo de retardo amazônico, as coisas andam na velocidade dos rios.
- VB, todos sabem, é o Gen Villas Bôas.
- Castanheira – a árvore símbolo da Amazônia é como, orgulhosamente, chamamos a Medalha do Mérito Amazônico, concedido aos que lá deixaram seu rastro de suor, às vezes de sangue.

Sou um homem de logística. Passei a minha vida militar fazendo e ensinando logística. Doutrinariamente correto, na prática, nem sempre! Até atentava para os diferentes cenários brasileiros, as diversas áreas operacionais, mas a Amazônia é distinto de tudo. Quando se mira numa foto ou olha num mapa, imagina-se a grande floresta tropical. Nós, militares, que operamos ou apoiamos operações, nós vemos a **selva**. E a selva não é só a copa das árvores no sobrevoo de uma aeronave. É o rés do chão fofo de serapilheira, emaranhado de cipós, encharcado de igarapés, um socavão atrás do outro. A selva não nos separa, a selva nos une, já afirmava, arduamente, o general Pinto Silva em frase de simbólica força. É preciso, entretanto, aprender a conviver com ela e dela tirar vantagens.

A Amazônia brasileira, quase 45% do Brasil, é mais bem caracterizada, na minha visão, pela bacia hidrográfica que pela selva, em si. O grande rio recebe tributários na margem esquerda, do Maciço das Guianas e à direita, do Planalto Central, assim, além da floresta, cujas terras são, geralmente, pobres para a agricultura, há outros biomas presentes naquele espaço. Aqui, como encerra o título de um velho livro, o “rio comanda a vida” e amplia as distâncias.

A área de atuação da 12ª Região Militar, meu primeiro comando como oficial general, era a Amazônia Ocidental: estados do Amazonas, Rondônia, Roraima e Acre. Saía de Manaus e vá a Tabatinga, são 1.600km de avião, pelas curvas do Solimões, bem mais e ainda estará no mesmo estado. Tome uma balsa e faça o suprimento ao 61º BIS, em Cruzeiro do Sul, extremo oeste do Brasil: outros 1.600km em linha reta, mas no encaixotado Juruá, 3.200... e 45 dias de viagem na subida, uns dias a menos, rio abaixo, na volta. Sabem o chiste do buraco? Aqui, é muito mais embaixo!

A Amazônia viveu a riqueza do ciclo da borracha, depois a decadência e breve suspiro de desenvolvimento durante a Segunda Guerra Mundial, até que as áreas seringueiras da Ásia foram liberadas e, mais tarde, a borracha sintética tomou conta do mercado. A integração nacional a serviço da integridade territorial, como política dos governos militares, socorreu aquele anecúmeno pouco produtivo, ao criar a Zona Franca, política ainda mantida por serem as alternativas de difícil implantação.⁴⁹

49 Há a história dos Soldados da Borracha, que nunca foram vinculados às Forças Armadas, mas levaram esta denominação dada pelo governo Vargas como estímulo patriótico a atrair mão de obra para os seringais do norte do país. Vincular tais brasilei-

Ser promovido era prêmio pelo meu passado, servir com o general Lessa no Comando Militar da Amazônia (CMA) era um teste, que, em pouco tempo, percebi também, como prêmio. O homem tinha comandado duas Regiões Militares, sabia tudo de logística, particularmente das dificuldades. Diante de um problema de difícil solução, disse-me, a título de consolo, sem, entretanto, aliviar a exigência: “Região Militar é isto, um susto por dia, às vezes dois”. Não fui sozinho para Manaus. Comigo foi o Gen Marius, comandar o 2º Grupamento de Engenharia de Construção (2º GEC), que com seus batalhões dispersos por este imenso mundo verde encara as obras desafiadoras que ele exige e são desprezadas pelas empresas civis ou muitos dispendiosas aos cofres públicos. Marius teve, entre outros méritos, o de fazer construir um museu dedicado à obra amazônica do Gen Rodrigo Otávio Jordão Ramos. Uma lenda! O Gen Elito, também recém-promovido à mesma época, nós o desembarcamos no meio da selva, em Tefé!



O Comando da 12ª Região Militar, a “rodela” e... Selva!

ros desafortunados às Forças Armadas tem o único objetivo de denegri-las, culpá-las pelo descaso com aqueles patriotas no pós-guerra.

O comando da 12ª Região Militar (RM) fica às margens do rio Negro. Cerca de dois quilômetros a jusante, quando as águas escuras mas límpidas deságuam no Solimões, aí sim, passamos a ter o Amazonas. Rio cheio, golfinhos cor de rosa desfilavam à frente do meu PC, pescando o seu alimento. As unidades subordinadas, particularmente o Parque de Manutenção, o Batalhão de Suprimento e a Companhia de Guardas, ficavam nas cercanias, ali no São Jorge e na Ponta Negra. O Hospital da Guarnição de Manaus, um pouco mais adiante. E os hospitais de Porto Velho, Tabatinga e São Gabriel, a mais de três horas de Bandeirante da FAB. Vizinho, quase parede meia comigo, o Comando Militar da Amazônia (CMA). Na guarnição de Manaus, vinculados ao CMA, o Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), o 1º Batalhão de Infantaria de Selva (BIS), o Centro de Embarcações, o 4º Batalhão de Aviação do Exército (BAvEx) e, principalmente, o 2º GEC.

Do comandante do BAvEx, saudoso aluno da ECEME, Cel Pavanello, com quem muito aprendi sobre Amazônia (morto precocemente quando rumava para o merecido prêmio, na Polônia), recebi um inesquecível elogio: “A **rodela maldita** nunca funcionou, está começando agora, com o senhor, que é de Logística!”. Rodela maldita era como, pejorativamente, era conhecida a RM, prédio em forma circular que hospedava o comando. Funcionaria, graças, principalmente, a ensinamentos que obtivemos com o seu 4º BAvEx, que introduziu a nossa RM nas práticas da administração de material bélico da França/OTAN, onde o EB adquiriu as primeiras aeronaves de asa rotativa e a expertise no seu emprego e manutenção. O sistema ampliou-se para todo o EB quando o Curso de Material Bélico da AMAN, tendo o Gen Barros Moreira, da Diretoria de Material de Aviação, como tutor, incorporou, sistematicamente, a sabedoria da aviação militar.

Em Tefé estava sendo construída a nova sede da 16ª Brigada de Infantaria de Selva, comandada pelo Gen Elito que até a véspera da promoção era chefe da segurança do Presidente Fernando Henrique. Elito deu duro, impulsionou pessoalmente os trabalhos, construiu uma expansão da Vila Militar com meios de “fortuna”, pôs-me a trabalhar em Manaus para adquirir todo o seu mobiliário e convidou militares e civis das suas relações para a inauguração. FHC disse que ia! Pediu-me o Elito um ônibus emprestado que a cidade só tinha dois veículos de passeio civis e o presidente vinha com grande comitiva. Mandaria o seu *ferry boat* a Ma-

Brasil, do tamanho do estado de Pernambuco, que era, com seus 50 mil habitantes, o maior município indígena do país. As FARC suspeitavam de ajuda que o Brasil **não** dera às Forças Armadas da Colômbia na sua luta contra a guerrilha, e depois de tomarem a cidade colombiana de Mitu – e a perderem numa luta de muitas mortes –, ameaçaram invadir o PEF de Querari, na margem brasileira do rio Uaupés, nome que o rio Negro toma acima das cachoeiras de S. Gabriel.

Este território era defendido pelo 5º BIS, comandado pelo T Cel Madeira, um mineiro sorridente, calmo e discreto, típico guerreiro de selva. Madeira vivera grande parte da vida militar neste batalhão. Ali fora tenente e capitão, agora, já tenente-coronel, seu comandante. Era amigo da Freira, personagem a ser chamada linhas adiante, e tinha canal de rádio aberto com o Comandante Zero, o Tiro Fijo, o segundo homem da guerrilha. O Gen Lessa reforçou os pelotões da área com elementos do 1º BIS, comandado então pelo Cel Villas Bôas, que já mostrava as qualidades do soberbo general que viria a ser. Isso demandava triplicar o suprimento estocado e os cuidados na área de saúde.

Vou a São Gabriel, cortada pela linha do Equador, com parte do meu Estado-Maior, Zeinha na mochila, meio fardada, com uma gandola camuflada a proteger os braços dos insetos. A mulher do general precisa “chegar junto”, expor-se, ainda que temporariamente, ser exemplo para as outras que estão permanentemente na linha de fogo. Dia seguinte, aproamos para Querari. A Zeinha entregue às senhoras dos militares, recolhendo as suas histórias e contando outras, que queixas não havia... era só não perguntar! As mulheres lembraram que algum tempo antes, quando a ameaça de invasão pelas FARC era iminente, faziam exercícios diários de evacuação, correndo num valão construído ao longo da pista de pouso para embarcarem num FAB protegidas de um possível tiroteio da guerrilha. Negaram-se a continuar o treinamento quando a bomba d’água quebrou e as roupas sujas diariamente exigiam lavagem à beira do rio. O Madeira, apoiado pelo Gen Lessa, resolveu o problema. Íamos decolar retornando do Querari para S. Gabriel às quatro da tarde para um voo seguro, num antigo Bandeirante, com razoáveis alternativas de pouso em caso de mau tempo. E vêm as mulheres todas para a pista, na caçamba de um trator, único “automóvel” disponível, a mulher do general junto, caçambeira. Despeço-me delas:

- Que bom que tudo está bem! – E a “chefa” intervém.
- Está bem não. A Sílvia está com dor de dente.
- Cadê o dentista do pelotão?
- Baixado ao hospital de São Gabriel, malária.

Coço a cabeça, falo com o piloto. FAB é FAB e, como nós, são também feras amazônicas. Vinte minutos mais, concedeu o piloto. A Sílvia arruma a sua matula, pega o filho pela mão e embarca conosco para São Gabriel onde vamos pernoitar. Trata o dente e, dia seguinte, mando o avião levá-la de volta ao Querari. Tambores da selva levam a notícia até Brasília. Recebo dois dias depois telefonema preocupado do meu compadre, Cel Salvador, Vice-Chefe do Gabinete do Comandante.

- “Tá” maluco, Baiano? Mais de mil dólares (custo de uma hora de voo) para tratar um dente!
- Você não sabe o que é uma dor de dente no Querari, expliquei, arrematando.

Já em Manaus, recebo telefonema do Gen Bastos, Chefe do Gabinete do Comandante do Exército. Nada mencionou, perguntou se eu estava bem (“E o Lessa?”), se a Zeinha ia se adaptando, abraçou-me lá de longe e despediu-se. Tacitamente aprovava a minha decisão. Grande Bastos!

Naquele noroeste, além do Querari, havia, à época, os PEF de São Joaquim, Maturacá (no sopé do pico da Neblina),⁵⁰ Cucuí e Iauaretê. Iauaretê, uns 1.500 habitantes, vivia um problema que a mídia nacional tentava colocar no colo do Exército, para variar. Políticos fizeram construir um hospital que nunca funcionou até porque a Freira (assim maiúsculo) tinha o seu hospitalzinho (assim, minúsculo). Não sei se a Freira era médica, enfermeira ou curandeira, sei, entretanto, que quando o Cel Madeira, jovem tenente, fraturou o braço, a Freira “encanou-o”. Não, ela não era muito chegada ao Exército, com ele disputava poder, mas o Madeira, maneiroso, era velho amigo. Os políticos provocaram a recuperação do degradado hospital – custo dobrado, pois que nunca havia funcionado –

50 O Pico da Neblina é a elevação mais alta do Brasil.

e a imprensa nacional comprou a causa: o Exército assumiria o seu funcionamento, como assumiu S. Gabriel. Lá, fui atraído para uma maloca onde lideranças indígenas queriam ter comigo. Maloca é um quiosque gigante, enorme tapiri. Caí em uma armadilha: em uma grande bancada, tipo “santa ceia”, o bispo de S. Gabriel e pessoas brancas e louras, dirigiriam os trabalhos... e na mesma bancada, a Freira. Índios que mal sabiam o português, com perguntas prontas, escritas mas mal ensaiadas, começaram a questionar-me agressivamente. Quando o hospital começaria a funcionar? Privilegiaria os militares? Alertei que sem água tratada e energia não faria nem atendimento ambulatorial, o hospital da Freira era mais adequado; mesmo que desse preferência a militares, eram somente 40 ou 50 pessoas, não se esperava que todos precisassem de assistência médica ao mesmo tempo; e fui por aí... A Freira, percebendo a verdade da minha fala, levantou-se da mesa diretora e sentou-se ao lado da Maria José, no grande banco (dos réus!) que tinha sido reservado para a minha equipe. Cessaram as perguntas, sumiram os brancos, o bispo também. A Freira era a grande liderança local e, como nós, queria o melhor para os índios.

Os PEF vivem sob a égide: **VIDA, COMBATE E TRABALHO**. Os mais antigos, todos em madeira, retribuem e homenageiam a Força Aérea com uma placa esculpida em gratidão:

“Do primeiro prego à última telha, tudo neste Pelotão foi transportado nas asas da Força Aérea Brasileira!”

E a Zeinha fazendo a Amazônia comigo e distribuindo cartões de visita... Madrugada alta, em Manaus, telefone toca no criado-mudo, ao meu lado. Atendo. “D. Zeinha está?” A pergunta acalmou-me, não era família nem era “incêndio na caixa d’água” do quartel! Passo o telefone para ela e tento seguir no sono. Cutucado, acordo. A esposa do “cabo velho” que cuidava o hotel (HT) de cabos e soldados de São Gabriel estava na Base Aérea e, sem dinheiro nem hotel reservado, pedia socorro. Propus a Zé chamarmos o Albuquerque, que dirigia para mim, prontidão sempre. “Negativo, a esta hora só você entra fácil na Base. Temos que buscar a moça e instalá-la no nosso HT.” E segue o general obedecendo quem manda e cuidando dos que atravessam a sua soleira, figurada ou não.

Normalmente, pelo Brasil todo, o Exército mantém Hotéis de Trânsito (HT) de oficiais e sargentos. Em Manaus, havia também para cabos e soldados. O homem desce o rio, ou pega um FAB, vai tratar-se no Hospital da Guarnição de Manaus e, à volta, espera por uma carona da Força Aérea, que o barco, para quem se recupera de doença, é viagem difícil, cansativa, desgastante. Pedroso, um grande general de selva que chegou a Ministro do STM, mandou fazer o HT incomum. O Gen Lessa sugeriu entregar os hotéis para as minhas unidades administrarem, que os quartéis gerais (QG) não são bons nisto. O HT de oficiais, entreguei ao Parque de Manutenção, o de sargentos, à Companhia de Guardas e o de cabos e soldados, dei-o a Zeinha com apoio da minha Companhia de Comando.

Gen Lessa – construindo lendas

Contam, ouvi falar, parece que é verdade... Um soldado de remoto PEF, casado com uma índia, nasceu-lhe um filho com problemas de saúde. A FAB os levou para o Hospital de S. Gabriel da Cachoeira; a jovem índia ficou assustada com a “civilização”. O problema era grave, toca para o Hospital de Manaus, a moça apavorada, melhor a morte da criança! Gravíssimo, HCE, Rio de Janeiro! Imaginem o que se passava na cabeça daqueles brasileiros semicivilizados.

O Hércules pousa no Velho Galeão. Abre-se a porta da aeronave e ao pé da escada o Gen Lessa, recém-saído do CMA, agora no Comando Militar do Leste (CML). Não esqueceu o ritual: lançou o seu brado de SELVA!, do alto da escada o soldado respondeu: SELVA! e Lessa acolheu pessoalmente seus brasileiros de ontem, seus brasileiros de sempre. Esta língua aqueles jovens conheciam. Estavam, sabiam, entregues aos braços longos e calorosos do seu Exército. Assim se constroem as lendas! (Mais lendas do Lessa no anexo, todas verdadeiras.)

O Cel QMB/QEM Bordeira e eu escrevemos um artigo, em 2019/20, que julgo ainda atual e merece ser inserido nestes escritos: “Amazônia – uma Visão em Três Dimensões”, uma análise dos problemas mais complexos que envolvem os territórios equatoriais brasileiros: a questão ambiental, a exploração de riquezas e, sobretudo, a soberania nacional. Se o leitor quiser gastar o seu tempo em uma leitura crítica, o trabalho está integralmente no anexo.

Para conhecer in loco a evolução dos permanentes problemas, dar-lhes boa solução e fazer a importante ação de presença, o Comandante do CMA, que promovera o convênio com a FAB, garantia sessenta horas de voo para os seus comandos de Região, quarenta para Brigadas e levava-nos nas suas próprias viagens. Era suficiente. Determinei que se pagasse apenas meia diária por militar, fazendo o dinheiro render. Discussões e alertas sobre possíveis denúncias de irregularidade, que meia diária não existia. O princípio básico que orienta o pagamento de diárias é fazer face a alimentação, pousada e deslocamentos no destino. Éramos pegos em viaturas militares nas pistas de pouso, fazíamos refeições nos quartéis até por falta de opção e os hotéis de trânsito eram baratinhos. Ninguém reclamou. E o general ainda levava a sua mulher à sua custa, claro!

Ainda as mulheres, herdeiras das amazonas. Havia um estágio na selva para os recém-chegados ao Exército, inclusive os voluntários locais para o serviço militar. Um grupo de doze jovens da área da saúde (dentistas, médicas e enfermeiras) numa base de selva preocupou-me. Uma dentista, aparentada com o Gen Lessa (que já não comandava o CMA), já servira na Marinha e conhecia o jogo de exigência e medo, aproximou-se e alertou-me que as meninas estavam “aloprando”, entrando em desespero. Localizei três grupos; o desta jovem, meio abalado, mas atento à sua liderança; um outro maior, derrubado à beira de um igarapé, entregue à mosquitada, e um terceiro composto por uma única jovem. Esta, com um galho de árvore, improvisou um caniço e tentava pescar, que o teste também era de fome. Mostrava-se animada, era ginecologista.

- Cadê o batom?
- Pode batom não, general!
- Animada assim, você tem batom, sim!

Tinha! Sacou do bolso um batonzinho de nada. Mandei que se pintasse e passasse em todas, daí a pouco eu retornaria. Na volta, o ânimo era outro. De batom e alguém velando por elas, o moral elevou-se! Logo depois o estágio foi concluído: encerrado com louvor. Mas a história não acaba assim. A ginecologista do batom passou a seguir comigo nas viagens sempre que eu parava em Tefé. Passou toda a cidade no Papanicolau. Retornava a Manaus em voos comerciais de avionetas ou em

embarcação regional. Não gravei seu nome. Descendente das grandes guerreiras, as Amazonas!

Um pouco da casa que nos abrigou. Simples e magnífica. Terreno plano, uns 2.000m² de área total, um terço de área construída. Saía-se do quarto direto para a piscina. Em Manaus piscina não é luxo, muitas casas da Vila Militar tinham a sua, que o calor é infernal. Meu recanto preferido era um varandão lateral ao longo das duas grandes salas, vizinho de um pé de jambo e uma mangueira que dava manga em cachos. Madrugador, mesmo nos fins de semana, sentava-me ali e me punha a estudar e trabalhar na logística de verdade. Daí, numa inspiração que indica todo o meu envolvimento, nasceu a Canção da 12ª Região Militar, parceria com o Gen Lessa, o “muso” inspirador:

*Debruçada sobre o Negro rio,
Apoiando todo o Rio-Mar,
És metade do nosso Brasil,
A maior Região Militar.*

*Pelas trilhas da selva suprir
Munição alimento infiltrar
Manter vivo o guerreiro, servir
Querari, Estirão, Guajará.*

(Segue-se o estribilho e a segunda parte)

Guajará, da canção, é Guajará Mirim, onde tem parada o 6º BIS, de frente à Guaiará boliviana. Pertence a Guajará o PEF do Forte Príncipe da Beira.

É admirável como os portugueses foram capazes de, naqueles sertões, construírem uma fortaleza grandiosa, em tudo semelhante à fortaleza de Macapá, para defesa da soberania da sua rica colônia. Não foi à toa que o Gen Rodrigo Otávio, o grande bandeirante da integração da Amazônia ao resto do Brasil do século XX, cunhou a expressão:

“Árdua é a missão de desenvolver e defender a Amazônia. Muito mais difícil, porém, foi a de nossos antepassados, de conquistá-la e mantê-la.”

É fato que a fortaleza de Forte Príncipe, nunca assaltada, provavelmente, por inexpugnável, sumiu da história oficial até que Rondon, no conhecido périplo com Theodore Roosevelt, avistou-a, passou ao largo, não fez reconhecimento algum. Voltaria no início dos anos 1930 e a “redescobriria”. Pois bem, chego ao PEF, vazio de mulheres, apenas a mulher do tenente e a sua mãe. Alertei que havia trazido a peça do gerador de energia. Estavam sem luz! No almoço todas as mulheres presentes. Onde encontravam-se à nossa chegada? Em protesto pela falta de energia, “desertaram, e homiziam-se” em Costa Marques, cidadezinha próxima. A mulher do comandante aderira, mas a sua mãe, experiente senhora, esposa de militar, veio do Paraná, buscou a filha desertora e ensinou: uma *pareja* não abandona a dupla jamais!

Muito difícil administrar naquele “paísão” verde, onde os rios são as estradas. Não lembro de rodovias a partir de Manaus senão para Boa Vista e Presidente Figueiredo. Construíamos um PEF em Santa Rosa do Purus, Acre. Sabem onde o vento faz a curva? Bem depois! (ou, parafraseando Floriano Peixoto, “no fim do mundo existe um rio, no fim do rio existe um morro, atrás do morro está Cuiabá...”). Pista de pouso precária, era também o único arruado do povoado, 200 habitantes, se muito. Tudo transportado pelo rio. A menor das nossas balsas tinha capacidade de 800 toneladas, muita coisa. Assim, a certa altura, a subida tornava-se impraticável pois o rio Purus ia se estreitando e a profundidade diminuindo. Havia um balseiro que quebrava o galho no trecho final com a sua balsinha de 40 toneladas. A moeda com que lhe pagávamos era combustível. Lá um dia disse que queria pagamento em dinheiro. Nós o instruímos que assim precisaria inscrever-se no SIAFI (Sistema de Administração Financeira do governo federal), “SIAFI?” exclamou o caboclo, “vou não”. E não houve quem o convencesse. O nosso assessor jurídico orientou-me a pagar de qualquer forma e justificar no próprio documento, pois o que vale é o bom direito, não lesivo à União. Ainda que temeroso deixei ali o meu “jamegão”. Valeu o bom direito!

Perto de Santa Rosa – perto de avião, claro – um outro PEF, um pouco mais civilizado, acho que Assis Brasil. Um capitão comandava o Pelotão. Como capitão, se pelotão é comando de tenente? A área é de

um batalhão de infantaria e também Comando de Fronteira, daí capitão de cavalaria não podendo servir na sede, preferiu, com a promoção, ficar mais um tempo no Pelotão. As Amazônidas são guerreiras. Tanto quanto elas, as gaúchas da fronteira: a mulher do capitão, gauchona de falar “tchê” e sugar a bomba na cuia de chimarrão fervendo, vibrando, mostra a sua obra. Engenheira, projetara e construíra o Corpo da Guarda do PEF! Antes de casar o pai a mandara para um mestrado em Stanford, quem sabe esqueceria o tenente. Foi, voltou, botou o branco de noiva, rapidamente desvestiu-se, pôs o verde-rajado e ganhou o Brasil com o seu “cavalaria”. Projetou um monumento na pracinha local mas a grande dor é que os seus títulos não lhe permitiam ensinar matemática aos garotos do pequeno povoado, não tinha o curso do magistério. Grande *pareja!* E o Brasil desperdiçando talentos!

Em Manaus encontrei o Huber, dirigindo a Xerox, uma das fábricas mais importantes do grupo. Ter um velho amigo pertinho, um daqueles doze enlouquecidos de 1968, foi uma surpresa e um alívio. Alguém com quem aconselhar-me, com um passado de lembranças comuns, nossas mulheres amigas desde muito jovens. Huber dera baixa do Exército como capitão e enveredara pela vida civil com a mesma competência. Sem uniforme, mas com a mesma vibração, lutava pela Amazônia. Por lá, de passagem, o Cel Salles Ney (Ney Salles gostava da ordem inversa, daí invertíamos a ordem dos seus dois nomes), nosso capitão na AMAN, a chamar o “alemão” Huber no canto e mandar cuidar de mim. Este é o meu Exército!

A Zona Franca de Manaus ainda existe, produzindo, nos anos 2000, quase exclusivamente para exportação. Tem sido o sustentáculo da economia naquele Brasil, que já foi rico com a borracha e viveu a decadência até que os governos militares voltaram-se para o grande norte, preocupados com a integridade territorial que fundamenta a segurança nacional. Então, o belíssimo teatro estava lá, era abandoná-lo ou reativá-lo. Mas como? Com o esfacelamento da URSS, a pobreza invadiu a Rússia e houve uma grande migração em busca de melhores condições de vida. Não sei como começou, mas empresas do polo industrial manauara passaram a bancar dois ou três músicos estrangeiros cada uma, todos de excelente nível – que a cultura musical daquele país é reconhecida mundialmente. E assim vi-me no magnífico teatro Amazonas assistindo a ópera *O Gua-*

rani, por músicos estrangeiros, alguns poucos morenos “indígenas” de permeio.

Ainda em Manaus, vida e morte. Faleceu o meu sogro, vibrante engenheiro militar que dois meses antes estivera, num comboio baiano, na cerimônia de entrega de espadas aos novos generais (não a mim, na verdade, mas à filha, que as *parejas* ascendem juntas). Neste mesmo ano, 1999, nasceu o Caio, meu primeiro neto. Filho de militares, neto de militares, bisneto de militares e aluno do CM de Brasília, hoje faz Engenharia na USP, quebrando a tradição familiar. Que seja feliz na sua escolha, mas que doe nos velhos corações dos vovôs, isto doe! Em 2000, casou-se Gabriela, também com um tenente, no Rio, onde morava. Chegamos na véspera da cerimônia, virou-se sozinha nos preparativos coitada, descaso de que muito me arrependo.

Meu Assistente, tenente-coronel Lunardi, era um oficial excepcional. Apontava a melhor trilha a seguir, impedia-me de tomar atalhos e sugeria, às vezes, soluções pouco ortodoxas para problemas incomuns. Na última seleção de oficiais temporários de que participou, uma advogada experiente concorria à mesma vaga que a esposa de um coronel do CMA, recém-formada. Não houve pedidos mas eu tendia a proteger à nossa gente. Lunardi chamou-me a atenção para a diferença expressiva de currículos. Dois dias antes da data formal de definição mandei chamar a melhor, pois dia seguinte iniciaria uma programação com a Auditoria Militar. A “paisana” assustada pergunta pela mulher do coronel. “Você é a melhor. Isto é o Exército, moçal!”. Em outra ocasião, um evento social já ia a meio, a animação crescente, quando o Lunardi alertou-me que eu devia me retirar.

– Mas agora, que está ficando bom?

– É chefe, antes que haja alguma atitude inconveniente que o senhor não deva presenciar.

Convenceu-me, este garoto, a ir a Cruzeiro do Sul, dois fusos horários a oeste. De Bandeirante! “Qual a rota?”, pergunto. Diz-me o fabiano: “General, tomamos o paralelo a oeste e em Tabatinga, fronteira com a Colômbia, pegamos o meridiano, para o sul.” Simples, não, voamos pelos catetos abandonando a hipotenusa, cujo quadrado. (você sabe!) Locali-

zar a cidade em meio à selva e as nuvens dá-se por aproximação, todo mundo olhando para baixo tentando enxergá-la, que o rádio nem sempre funcionava. “Tá ali”, diz o copiloto. Alívio geral. Neste fim de mundo há coisas belas e curiosas. Um teatro de primeiro mundo e uma igreja de ferro construída a partir do teto, por exemplo! Contaram-me que um padre alemão importou a catedral, e a montagem deu-se com um macaco hidráulico, levantando o teto um pouquinho de cada vez e acrescentando pedaços de parede em aço. Quando o Brasil conhecer todo o Brasil, aí sim, seremos um país inigualável!

Em conluio com a minha mulher, este quase filho – que tive que ceder à ESAO no meio do ano para comandar a Infantaria – deu solução pouco comum para problema que muitas vezes se repetia. A esposa de um soldado que viera de barco de Tabatinga para ser atendida no Hospital de Manaus não conseguia voltar para casa: a FAB não permitia o transporte de estrangeiros (ela era índia colombiana) e a empresa de aviação exigia documentos que ela não tinha. Vai não torna, a Zeinha e o Lunardi combinaram a solução. O dono da empresa regional, amigo de um companheiro nosso, aceitaria um ofício meu dizendo que a índia perdera os documentos, mas eu dava fé dos seus dados pessoais. A passagem podia ser tirada em nome de um militar qualquer e ele aceitaria. Ao despedir-me deste subordinado, fechei o seu elogio com a expressão: “O homem tinha o tamanho da missão!”. Virou chavão, pois outros pediram-me o mesmo final, que neguei à maioria.

Enfim, meus amigos, depois de quase dois anos, espero que meu brado de SELVA continue ecoando em cada Pelotão de Fronteira na canção da minha Região Militar. Não tenho a “manicaca”, a divisa que identifica os que cursaram o CIGS, ostento, entretanto, a minha “castanheira” no peito com orgulho. Sem falsa modéstia, mereci!

A Zeinha vai contar

Ralar, ralar mesmo, além dos militares, só as esposas, nos batalhões de fronteira e, particularmente, nos PEF. Fui chegando, Beto assumiu o comando em 23 de abril de 1999, eu acho, e dia seguinte embarcamos, num Bandeirante, para Porto Velho, para a passagem de comando da Brigada lá sediada... e não mais parei de voar. O que eu fazia nestas viagens? Eu dizia, com a minha presença, ‘Estou com vocês!’, e distribuía

cartões de visita a dizer: “Useem!”. O choro das guerreiras de selva ia direto para os ouvidos do meu general, sem intermediários e insistentemente.

A quase totalidade dos soldados é indígena, alguns falam mal o português, poucos escrevem corretamente. Mantêm seus hábitos seculares mas os que permanecem no Exército vão se integrando aos poucos. Beto deu-me o Hotel de Trânsito de Cabos e Soldados de Manaus para tomar conta. Ajudou-me muito o comandante da companhia do Comando e o sargento Conegundes. Quando o dependente de um soldado índio necessita tratar-se na cidade grande, um mundo desconhecido e amedrontador, ele segue junto com todos os seus. A diária para um casal e um filho, cinco reais, era quase dois dólares, à época. Caro! Caro? Uma família assim, gastará 180 por mês, argumentei (e às vezes a permanência era mais longa). Consegui reduzir os valores. E a comida deste povo? Reuni as esposas dos comandantes que se propuseram a fazer greve amorosa se estes não cedessem algum alimento. Era brincadeira, claro, os maridos não deixariam de fazê-lo! Assim passamos a ter café da manhã e material para as outras refeições. E quem paga o gás? O general, claro! E este povaréu, em terra estranha, sem diversão!? Ônibus do QG para passeios na Ponta Negra, no zoológico do CIGS e na cidade nos fins de semana. E o lanche? Caramba, estava ficando caro, ouvi de Beto. Problema seu, general! Vá se queixar ao Gen Lessa!’ Lessa aprovava, tudo pelo social! E ventilador, máquina de lavar roupa, brinquedos para a criançada? Nunca aceitar não como resposta do marido. Na conversa noturna, em casa, eu dou a última palavra, e quem sabe, pode ser não...

Fomos a Parintins para a festa do Boi, tradição importada do Maranhão que no Amazonas tomou vulto e ganhou fama. Algo como as Escolas de Samba do Rio, mais rudimentar, menos tecnologia e, por mais primitivo, mais belo aos meus olhos. Em Manaus não há um sambódromo, há um boibódromo!

A nota triste, tristíssima, logo no início do comando: perdi papai. Cheguei de viagem, a notícia. O chefe de Estado-Maior da Região já tinha mandado marcar passagem e acertado minha ida e de Beto a Salvador, no mesmo dia. Compensava tudo pensar que o meu velho engenheiro não levou fé nas intenções do cadete de Material Bélico, mas ainda saudável, dois meses antes, sorria bobo, abraçando o seu general.

Anexo 1 – Amazônia, uma visão em três dimensões

A questão ambiental está tomada pela paixão e pela ideologia.

Em programa de TV, anos atrás, um ex-ministro do Meio Ambiente, em meio a sorrisos de seus tolerantes entrevistadores, confessou ter

obtido o título de doutor na Sorbonne, com um trabalho sobre a Amazônia. As risotas eram por conta da confissão de nunca ter pisado lá, até então. Aliás, fato recorrente entre aqueles ardorosos defensores do meio ambiente. Quer dizer, põe ideologia e, dependendo da plateia, vale tudo.

São três questões principais que se entrelaçam e dificultam o entendimento, de vez que os analistas traçam as conclusões a que querem chegar e, só então, desenvolvem as ideias que embasam os seus trabalhos: a questão ambiental, a exploração das riquezas e, sobretudo, a soberania nacional.

Começando pela exploração das riquezas: elas são reais, há muito dimensionadas e localizadas. Enganam-se os que pensam numa invasão da turma acima do Equador. Quando se colocam nações indígenas como detentoras de direitos reconhecidos internacionalmente, abre-se uma via para explorá-las, defendendo, “nobremente”, direitos dos primitivos donos da terra, exterminados no primeiro mundo. Se pensarmos na sutileza das soluções desarmadas, lembremos a Antártica, inexplorada mas reservada aos que lá estabeleceram bases de pesquisa, limitação imposta pelos donos do mundo por meio de uma discutível teoria da defrontação. O tempo vai passando e aquele “contrato” entre poderosos subsiste, sem discussão, depois de mais de setenta anos. Então, leitores, não vai haver guerra pela Amazônia, mas consenso (ou imposição) sobre como explorá-la em benefício da “humanidade”. Talvez seja concedido aos países amazônicos, pelos donatários do mundo, algum benefício sobre os demais países. E só.

A questão ambiental (tão politicamente correta!) refere-se à predação do bioma, uma realidade que precisa ser enfrentada com responsabilidade. O Vaticano fez um conclave sobre o assunto em 2019 e o próprio Papa retomou a ideia vencida de “pulmão do mundo”. Ora, ora, de dia a floresta exala oxigênio e, de noite, gás carbônico numa equação de soma zero! Então, Sua Santidade não deverá insistir nessa tese. Há, neste contexto, ecologistas e ecólogos. Os primeiros, pessoas ou organismos não governamentais, militam por paixão sincera ou por conveniência econômica própria ou de agentes a quem servem a soldo. Defendem a Amazônia como um santuário a ser preservado, um vasto (e provisório) jardim zoobotânico, habitat e domínio apenas do bom selvagem, um mito muito conveniente. Há um caso emblemático sobre as reservas indígenas: o linhão de Tucuruí – 700km de linha de transmissão de energia elétrica

ligando Roraima ao sistema brasileiro integrado. Daqueles 700, 123km deverão atravessar a reserva dos índios waimiri-atroari. Por conta do licenciamento ambiental, essa obra está ainda paralisada neste 2019, após licitação em 2011, e Roraima segue recebendo dois terços de sua energia da Venezuela. O restante do consumo elétrico queima combustível fóssil. Estamos falando de oito anos! Algum alerta dos ambientalistas? Ecólogos, de outra parte, são profissionais estudiosos da Ecologia que procuram fazer um balanço entre custos (isto é, danos ao meio ambiente) e benefícios. Os países ricos pensam no futuro em segundo lugar, primeiro pensam no hoje: os Estados Unidos querem continuar crescendo alimentados por suas venenosas chaminés e, no agronegócio, declamam uma máxima interessante: *farms here, forests there*; os franceses querem proteger sua agricultura e pecuária impondo restrições a quem dispõe de amplos espaços cultiváveis. E como confirmação dessas escamoteadas intenções, na véspera da instalação do Reunião do G7, em 24/8/2019, em Biarritz (FR), o Presidente Macron fez uma infeliz declaração que afronta a soberania brasileira. Cremos que há aí espaço para composição entre os atores nacionais. O manejo florestal pode pôr um freio no desmatamento e acelerar a regeneração das áreas degradadas. Normas severas de exploração mineral, de que Carajás é um bom exemplo, podem gerar riquezas com danos ambientais reparáveis.

Por fim, a mais complexa das questões, a soberania nacional: dois livros recentes do mesmo autor (*Sapiens* e *21 Lições para o Século 21*) abordam a questão de forma lúcida. Merkel, Thatcher, Gore e outros políticos de peso, sem explicações rebuscadas, já falaram sobre o tema, algo como soberania compartilhada, ou soberania relativa sobre a Amazônia. Ceder soberania é difícil, embora inteligível ao estudioso. Não por outra razão, isto é, por não aceitar a soberania relativa, a Inglaterra retira-se da União Europeia e os americanos recusam o Protocolo de Kioto. Os nórdicos, tão “bonzinhos”, cumprem suas penitências pondo recursos na Amazônia em troca de imposição de agendas próprias – como explorar petróleo no Mar do Norte e, ainda, próximo ao Ártico. Voltando aos citados livros, no fim dos tempos chegaremos ao utópico mundo novo, sem fronteiras, onde os homens serão perfeitos e decidirão o melhor para todos. O mundo do Messias. Enquanto esse mundo não chega, os nacionalismos vão ter que ser abrandados, pois interesses maiores, globais, inadiáveis devem ser atendidos. No Brasil, as comunidades indígenas precisam integrar-se à nação brasileira senão permanecerão “povos”

indígenas, uma nação à parte, um provável país em construção, com lideranças facilmente manipuláveis, não em troca de espelinhos e apitos, mas de vantagens em sólidas moedas estrangeiras.

(Gen Maciel e Cel Bordeira subscrevem este texto)

Anexo 2 – Outras lendas do tempo do Lessa

Converso com o Gen Lessa, ele arrasado. Perdemos uma criança, filho de um cabo, em Vila Bitencourt, disse-me. Uma vida não é uma vida, vale tanto quanto um milhão de vidas, mas valia, particularmente, as 25 mil vidas verde-oliva da Amazônia. As famílias tinham que se sentir protegidas. Tinham que ter certeza de que nossos braços eram longos, chegariam a tempo. No fim do mundo, mas ao alcance da proteção do Serviço de Saúde do Exército. Entretanto, é tudo muito complexo naqueles brasis. Tínhamos um convênio civil para evacuação aero médica (EvAeM), a partir de Brasília, e a coisa não é simples, tipo chama o piloto, liga motores e “Vamo que vamo”! É necessário uma avaliação inicial do médico do PEF, a adequação da aeronave e da guarnição do socorro, e... sol, pois as pistas de pouso não eram iluminadas, nem havia torres de comando, nem eram acessíveis, pela extensão e capacidade, a todo tipo de aeronave. Pedir a evacuação depois das doze da manhã torna quase impossível o atendimento no mesmo dia. Foi o que aconteceu. Ordem do Lessa: na dúvida, pede ainda de manhã, no fuso local! E a FAB? Demora um pouco mais pois o apronto operacional é o mesmo e o avião, o velho Bandeirante, seguro mas lento, sai de Manaus. Entretanto, FAB é FAB, e missões de misericórdia, no Querari, por exemplo, pista de 800 metros, só os fabianos.

Algum tempo antes, uma quase vitória, a ser lembrada e comemorada. No Querari uma criança passa mal. O jovem tenente médico fez o que estava ao seu alcance. O sol se fora. O comandante do pelotão e o médico – dois garotos, meu Deus! – confabulam. O médico topa realizar a missão desesperada: descer o Uaupés – o Negro rio, assim chamado naqueles confins – até São Gabriel da Cachoeira, onde temos um hospital militar, com dois índios-soldados, exímios canoeiros. A cada pequena cachoeira o médico toma a criança nos braços, os soldados-índios canoa

sobre as cabeças, ultrapassam o obstáculo. Madrugada, chegam a São Gabriel e entregam a criança viva no nosso hospital. Parece-me que a criança não sobreviveu, mas “pior que a tristeza de não haver vencido é a vergonha de não ter lutado” (Ruy Barbosa). Três heróis de nomes perdidos.

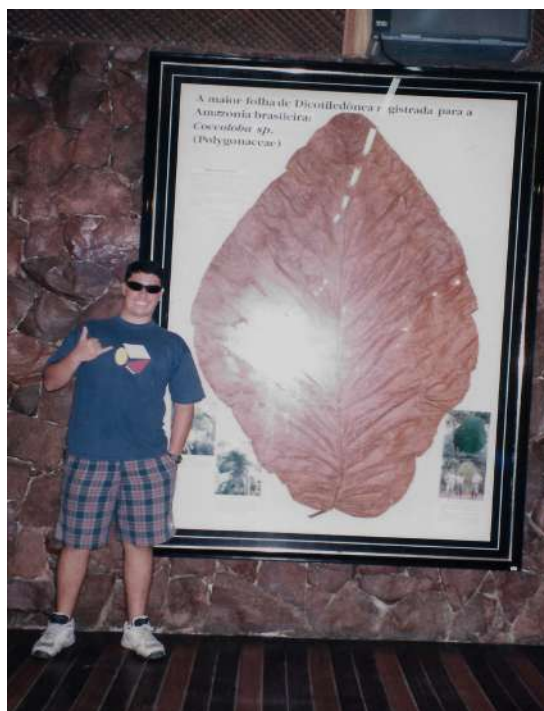
Anexo 3 - Fotos



Querari, PEF padrão. Pista de pouso e aldeamento indígena a 5km. E só!



Teatro Amazonas.



Alexandre ao lado da maior folha do mundo!



PEF de Yauaretê.



Zeinha na caçamba, com meu Estado-Maior. Na cabine, o general.



Bandeirante cargueiro, nosso avião preferencial nas idas aos PEF.



Black Hawk, mais possante helicóptero do Exército, à época (Zeinha e comitiva do Gen Leônidas para sobrevoos às Anavilhanas).



Desfile Militar e, Manaus no... Boibódromo.



Ianomames em Maturacá (ao do Pico da Neblina).



ORAÇÃO DO "GUERREIRO DE SELVA"

SENHOR,
TU QUE ORDENASTE AO GUERREIRO DA SELVA:
"SOBREPUIJAI TODOS OS VOSSOS OPOSTOS",
DAI-NOS HOJE DA FLORESTA:
A SOBRIEDADE PARA PERSISTIR,
A PACIÊNCIA PARA EMBOSCAR,
A PERSEVERANÇA PARA SOBREVIVER,
A ASTÚCIA PARA DISSIMULAR,
A FÉ PARA RESISTIR E VENCER,
E DAI-NOS TAMBÉM, SENHOR,
A ESPERANÇA E A CERTEZA DO RETORNO.
MAS, SE DEFENDENDO ESTA BRASILEIRA AMAZÔNIA,
TIVERMOS QUE PERECER, O-DEUS!
QUE O FAÇAMOS COM DIGNIDADE
E MEREÇAMOS A VITÓRIA
SELVA!

ALICER - P. T. L. H. HUMBERTO BATISTA LEAL

A selva nos une!

18

BRASÍLIA
(2001-2004)

De volta ao Forte Apache e à direção do Clube do Exército.
Onde você estava no 11 de setembro de 2001?
No Ministério da Defesa. A faxineira que amava Mozart.



Forte Apache tendo à frente o palanque monumental, o Punho da Espada, o monumento de mais complexa engenharia de Niemeyer.

Vocabulário

– Forte Apache já foi um depreciativo do QG do Exército, hoje incorporado à fala informal.

De volta ao Forte Apache

Aparentemente, ao ser designado Diretor do Patrimônio do Exército (D Patr) em Brasília, ia para um repouso ativo pelos quase dois anos desgastantes na Amazônia. A diretoria era subordinada ao Departamento de Engenharia e Construção (DEC), sob a chefia do Gen Licínio, um chefe austero e imperativo, que não se aproximava socialmente dos seus subordinados (interessante é que, ele na reserva, deu-se tal aproximação!). Não sendo engenheiro, trouxe para ser o seu segundo o Gen Enzo, da arma de Engenharia e Engenheiro de Construções pelo IME. Enzo, depois comandante do Exército, além de competente era tranquilo e nos acalmava

ante as exigências, às vezes excessivas de Licínio, ao tempo em que o continha.

Era um desastre a gestão do patrimônio da União como um todo. Apenas o Exército tinha um controle razoável de imóveis cuja área aproximava-se do território do estado de Sergipe! Informaram-me que 75% do que nos cabia administrar estava titulado regularmente. Se assim éramos os melhores, imaginem o resto!

Havia um projeto de informatizar o sistema de cadastramento de imóveis mas, “cegos” em informática, não sabíamos conversar com os técnicos e estes, desconhecedores da prática imobiliária federal e da extensa e desatualizada legislação, não sabiam o que programar. Por aí a coisa continuou devagar e acabou vencendo a ideia do Gen Licínio de fazermos fichas-cadastro simples, em cartolina, com os dados básicos de cada imóvel. Um passo intermediário que já nasceu, aparentemente, caduco. Esta providência facilitava processos de “manobras patrimoniais”, troca de terrenos com ou sem benfeitorias por construções em áreas militares. É um processo naturalmente moroso, cuja análise, aprovação e assinatura derradeiras cabem ao Procurador da Fazenda Nacional em cada estado. Não é que o controle com fichas deu certo!? E deu certo porque listamos para os executores as informações mais importantes requeridas (Área total e construída, Confrontantes, Esboço, Regularidade etc.).

Quando o Partido dos Trabalhadores (PT) assumiu o governo, a SPU decidiu avocar a si a posse de todas as superquadras disponíveis no Plano Piloto de Brasília sob administração do EB, além de um imenso terreno nos fundos da Rodoferroviária, um descampado no centro de Vitória (ES) e muitos outros imóveis de valor. A essa altura já era 2002 e outro o chefe do DEC, Gen Conforto, que com muita habilidade sustou este processo sem sentido.

Um incidente me faz lembrar que o remédio para quaisquer males é a verdade, que os corta pela raiz. Chego em casa, ao final da jornada diária no DEC e a Zeinha avisa que o Gen Bastos, chefe de gabinete do Comandante do Exército estava à minha procura. Eu esperava ser designado para nova comissão, o que era da sua alçada e, ansioso, busco contato. Ao atender-me, pergunto alegremente pelas novidades e, retruca ele, “Me diga você”. Desconcertado, perguntei-lhe o que desejava.

– A Procuradora da Justiça Militar queixou-se, em mensagem formal, que você está fazendo *lobby*, em nome do Exército, para eleger o Dr. Cléber Coelho, para Procurador Chefe da Justiça Militar. É verdade?

– É, mas não em nome do Exército. Nossos pais eram muito próximos e o Cléber, oficial R2, foi meu instrutor no CMS. Pedi votos a dois procuradores amigos.

A verdade soluciona tudo rapidamente e que o lombo aguentasse o tranco, se for o caso. Bastos deu o assunto por encerrado, o documento tinha sido dirigido a ele e já sabia o que responder, não comentasse com ninguém e ponto final. Tudo bem! Embora, de vez em quando, entre sorrisos e na presença de outras pessoas, me provocasse perguntando como ia a minha amizade com a procuradora.

Um caso merece registro especial, até porque temo que não haja nenhum e memória também é história. Em Brasília acontecia a segunda reunião de todos os oficiais gerais do Exército. Lá no fundão do auditório do Estado-Maior do Exército os generais mais novos, meu lugar. A autoridade maior fazia a palestra de abertura do evento quando aproxima-se do general de divisão Cardoso (aquele que quando major distribuiu aos seus cadetes os restos do bandeirão da Infantaria), chefe do Gabinete de Segurança Institucional, um assessor que secreta-lhe alguma coisa ao ouvido e ele, calma e discretamente, retira-se do auditório. A situação do Cardoso era única: general de divisão, devia respeito aos seus superiores hierárquicos; ministro, ocupava cargo acima destes no cerimonial público. Isto causava constrangimentos que Cardoso procurava superar, particularmente quando fardado, pondo-se entre os seus pares por ordem de antiguidade. Volta Cardoso ao auditório e é admoestado amigavelmente pela preferência que teria dado a um chamado do presidente da República ao invés do palestrante. Cardoso levanta-se, declara calmamente a sua lealdade primeira à Força, e ainda demonstrando tranquilidade segue na direção do “tablado”, o pequeno palco onde se encontrava o palestrante, no púlpito, e ao lado, uma televisão. Liga a TV e aí presenciamos todos, pasmos, sem entender o que se passava, a queda da 2ª torre do World Trade Center, episódio que mudou o mundo. Era 11 de setembro de 2001! O episódio envolveu dois homens honrados, dois líderes magníficos, pelo que, estou certo, trocaram desculpas e reafirmaram amizade.

Em uma reestruturação mínima feita em 2003, a DPatr foi extinta e assumi um novo posto, Chefe do Gabinete de Planejamento de Gestão do Departamento-Geral do Pessoal (DGP), que trata de Recursos Humanos (transferências, promoções, aposentadorias e pensões, sistema de saúde, assistência social...). O Gen Montedônio era o chefe, um chefe exigente, embora retribuísse o esforço e competência dos subordinados com doses generosas de reconhecimento. Seu subchefe, o Gen Barros Moreira, querido irmão. Foi um tempo interessante; trazer vários e dispersos setores para debaixo do mesmo guarda-chuva não foi fácil. Encontrei Montedônio às vésperas da minha possível promoção a general de divisão no Parque da Cidade, em Brasília. Lembrou de uma briga que tivemos quando ele comandou a ECEME. “Tivemos, chefe?” Perguntou se era verdade que no carnaval brinquei com uma peruca com as cores do arco-íris. “Pô, general, eu sou ‘funcionário’ do Clube, animador de eventos!” Não duvido que tivesse o seu voto desde sempre, era só para me provocar. (Havia retornado ao Clube, como vice-presidente, formando dupla com o Gen De Nardi, agora seu presidente, com quem já trabalhara).

Voltei a privar com o Gen Moura Barreto, meu baiano predileto, que faz limonada de qualquer limão. Servia ele no Estado-Maior. Chamado pelo Gen Marcelo, seu chefe, acorre rapidamente à sua sala. Marcelo determina a confecção de um documento urgente, o Comandante do Exército desejava assiná-lo ainda naquele dia. Moura dá as ordens aos seus assessores, agita, vai de um lado a outro, documento pronto! Marcelo o leva ao Comandante que no correr dos olhos percebe um erro. Volta o Chefe do EME aborrecido, reclama do Moura com rispidez. Moura quieto. Pouco tempo depois Marcelo chama o Moura e desculpa-se, eram amigos. E o Moura, com a seu bom humor reconstituído diz ao chefe:

– Próxima missão, pergunto ao senhor se é com rapidez ou com precisão.

– Não entendi, responde Marcelo.

– Se com rapidez pode haver erros, com precisão demora mais um pouco mas sai tudo certinho.

Gargalharam os dois!

Foram mesmo dois anos no remanso ao final dos quais fui promovido a três estrelas, tendo antes me assegurado que, no alvorecer do dia seguinte, não fosse promovido, a FGV já estava na mão! Fui designado para o Ministério da Defesa (MD), à época lugar de degredo, pelo comandante do Exército, aquele mesmo general que me quis para chefe de gabinete no meu passado de coronel. E de quem me afastara!

No Ministério da Defesa fui servir sob o comando do Gen Bini, um homem afável, sempre bem humorado mas, sobretudo, competente. Assumi a Diretoria de Mobilização. Mobilização é processo necessário a adequação da produção nacional de bens e prestação de serviços em casos de guerra e emergências nacionais, como esta que se vive neste 2020, a pandemia do coronavírus. Muito difícil conseguir despertar o interesse e carrear recursos para tal atividade, embora a adoção do sistema de catalogação da OTAN o facilitasse. Pouco foi feito de concreto desde aquela época, parece-me. Assim, penamos hoje. Falava-se em *buy brazil* (aquisição preferencial de produtos brasileiros) pelas Forças Armadas, garantindo a produção de lotes mínimos para manter indústrias estratégicas em funcionamento e coisas do gênero. Só se falava! Muito mais tentador para os políticos era cuidar de ações com grande visibilidade: reativação do Projeto Rondon em novo formato; o projeto Soldado-Cidadão de formação de mão de obra dos recrutas nos quartéis e questões do Serviço Militar (Sv Mil).

Contratada uma grande feira internacional de material de defesa (LAAD), no Rio de Janeiro fui escalado, logo à minha chegada, para coordenar painel sobre “Interoperabilidade” (já viram este termo lá atrás) em diversos cenários operacionais, tendo por palestrantes os chefes logísticos da OTAN e da ONU. Era assunto que eu dominava razoavelmente, e de moderador e figura quase decorativa, transformei-me em ativo participante. Foi bom para os estrangeiros saberem que o assunto é estudado no Brasil. Depois disso fui à Índia, por conta de uma outra feira, baseada nos BRICS, que perdeu importância nestes tempos de recessão mundial.

No Serviço Militar, um grande problema se avolumava: os objetores do Serviço Militar Obrigatório (de autoria de Olavo Bilac) por questões religiosas formavam um contingente de mais de 40 mil jovens. Como não estavam quites com o Serviço, não tinham seu certificado de dispensa de incorporação ou de reservista e pouco podiam pleitear da cidadania, de emprego e passaporte a título eleitoral. O ministro Viegas bancou a causa

e formalizou a dispensa, concedendo a estes jovens a cidadania plena. O Exército estrilou.

Viegas era diplomata, havia sido aluno do CMRJ e o pai fora militar. Era homem de esquerda afinado com José Dirceu. Fora embaixador no Peru e na Rússia. Não pode ser tomado por terrorista nem subversivo nem antibrasileiro. Era sério e eu o vi mandar suspender, ao menos, uma atividade suspeita de irregularidade. Seu grande erro foi trazer para chefiar o seu Gabinete um jovem diplomata, de difícil convivência, que tratava com descaso os generais muito mais velhos e experientes, que dirá os coronéis! Cortesia só com o Cel Orlando, competentíssimo, da reserva e amigo pessoal do ministro. O Orlando tinha as suas razões para mágoa do Exército. O comandante do Exército, por outro lado, dizia-se, era ligado a Gushiken, da Secretaria de Comunicações do governo petista. Não estou bem certo disso, mas que tinha ligações pessoais com Mercadante e sua família, é sabido. Suas relações com o ministro eram precárias. Viegas não conquistou a simpatia dos militares graças à empáfia daquele seu braço direito, mas também por um incidente de grave importância: houve o vazamento de uma informação sigilosa à imprensa, ele nos reuniu a todos os militares, e somente a nós, e, indiretamente, deixou claro as suas suspeitas sobre a nossa responsabilidade no caso. Descobriu-se, dias depois, que pessoa trazida por ele para o seu setor de Comunicação Social, muito ligada a grande jornalista, o fizera. Não desculpou-se e milico aguenta tudo, menos injustiça.

Um dia, trabalhava eu ouvindo música erudita, o que, peço ao leitor, não considere afetação antes de chegar ao final da narrativa! À minha frente “estaciona” a nova faxineira, vassoura sob o queixo. Dou-lhe bom dia e ela ali. Quando voltei a encará-la disse-me com seu sotaque nordestino:

– É Mozart.

Era, mas eu nada disse, retomei à leitura. Ela prosseguiu.

– Concerto para Clarineta.

Êpa! Era! Parei e fui conversar com a jovem, modesta amante dos clássicos. Estão vendo onde está a afetação? O pai dela, no interior de Pernambuco, tocava na filarmônica local e naquele ambiente fora criada, afinado

o bom ouvido com música de qualidade. Novamente, não se deixar levar pelas aparências!

O Projeto Rondon foi reativado sob novo modelo. Não se propunha a fazer atendimentos às populações, mas estudos de área e planejamento. Penso que não decolou por falta de atrativos para os estudantes, ávidos “fazedores” de coisas. Deixei o MD no início do seu processo de reativação.

No Projeto Soldado-Cidadão, houve uma sobra de recursos e achei mais próprio distribuí-lo proporcionalmente ao número de jovens sob responsabilidade de cada Força. O grosso era do Exército. O Comandante chamou-me ao telefone para criticar a minha decisão, toda a “sobra” deveria ser canalizada para a nossa Força. Ponderei que o meu chefe, no MD, era da Força Aérea e, provavelmente não aceitaria esta solução. Emudeceu, e o nosso afastamento passou a ser continental.

A ESG estava em fase de troca de comando. Fui nomeado seu comandante e desnomeado semanas depois. É história comprida mas quem se interessar vai lê-la, contada no anexo, com dois ou três eufemismos.

Anexo 1 – O Imbróglio da ESG

A Escola Superior de Guerra (ESG), em 2004, estava em momento de troca de comando. Por rodízio entre as Forças o novo comandante seria um general. Por formalismo, caberia ao Exército indicar nomes para escolha ao ministro da Defesa. O modelo desejado pelo ministro Viegas era um general de divisão moderno, que, sem constrangimento, pudesse ser subordinado a um ministro do Itamaraty, de uma das secretarias do MD. O indicado não atendia às especificações. Eu me encontrava em palestra proferida por Bernardinho, do vôlei, no QG do Exército. O Comandante do EB, atendendo telefonema do ministro, retirou-se para local reservado e, parece-me, foi informado que o nome apresentado não era aceitável. Fui chamado por um assessor do Comandante que me passou o telefone e o ministro fez-me o convite para comandar a ESG. Respondi-lhe que aceitaria se o meu comandante não obstasse. Fechou-se o circuito ali mesmo e dias depois fui designado comandante da Escola.

A partir desse momento um ambiente de mesquinhez envolveu-me. Minhas tentativas de conversar com o Comandante foram vãs. Na luta

entre Dirceu e Gushiken o segundo levou a melhor e, nestes casos, cai o peão. Viegas foi defenestrado. Em seguida, o novo ministro da Defesa, o vice-presidente da República, pediu-me o cargo, indicação política, os ventos sopravam em outro sentido, justificou. Manteve-se entretanto a minha transferência para o Rio, para a direção da área cultural do Exército.

Um jantar arquitetado pelo chefe de Gabinete foi oferecido ao ministro Viegas. Fui convidado e dei a minha resposta: se for de despedida irei; de desagravo, não contem comigo. Decidiu-se que não haveria discursos, então, apenas despedida. Marinha e Força Aérea, servindo no Ministério, em peso compareceram. Do Exército, apenas eu, sujeito à zombaria dos demais, em verdade penalizados com o sacrifício que estava impondo a mim mesmo. De repente bate às minhas costas o Gen Bini: “Estou aqui garoto”; chegara atrasado! Alongo-me porque as versões que correram no Exército de onde eu estava fisicamente afastado não foram bem estas. Alongo-me para restabelecer a verdade.

Apesar de tudo, por dever de honra, teimei em estar com o comandante ainda uma última vez. Consegui-me a entrevista um corajoso coronel, seu assistente, que disse peremptório: “Ele **tem** que receber o senhor. É seu direito”. Estava na sala do chefe de Gabinete, um soberbo duas estrelas, levando um chá de cadeira. Às horas tantas veio o comandante ter conosco. Tratou-me de modo pouco gentil, durante diálogo que reluto em reproduzir. Segui para o Rio feliz pela distância a nos separar.

Anexo 2 – Fotos



A moça dos Serviços Gerais que amava Mozart, à minha direita.



Gen Bini, um chefe sem igual.

19

RIO DE JANEIRO (2004-2007)

Capitaneando a cultura do Exército. O que é cultura?

Relembrando 1922.

O Forte de Copacabana, o Monumento aos Pracinhas e outros espaços culturais.



Monumento aos Pracinhas, Pão de Açúcar ao fundo.

Vocabulário

- DECEEx – Departamento de Ensino e Cultura do Exército, antigo DEP.
- Marcha para a Morte foi o caminho trilhado pelos 18 do Forte de Copacabana em 1922, entregando-se à morte pelo Brasil.
- Recorrido é estrangeirismo, significa visitação.
- Semana da Arte Moderna – no pós-guerra (a Primeira Guerra Mundial) intelectuais voltaram-se para a culto das coisas nacionais.
- Dioramas são vitrines.
- Pracinhas – denominação carinhosa dada aos veteranos da FEB.
- Pistoia – cemitério militar brasileiro na Itália.
- Máscara Negra é o apelido do Gen Bastos desde tenente. A barba cerrada amedronta, mas é só máscara, grande coração.
- História oral – coleta de depoimentos de participantes de fato histórico.

- ‘Tocar horror – estabelecer a confusão.
- Endurance – resistência.
- Mesmo tope – mesmo tamanho, mesmo valor.
- “Enterrar a minha cruz” é dito gauchesco, quer dizer, lá vou fixar moradia até que me leve Deus.

Fui chegando no Departamento de Ensino e Pesquisa (DEP), hoje DECEX, e apresentando-me ao chefe Bastos. Dedicou-me largo sorriso e com seu vozeirão disse: “Vá entrando Maciel!”. Não poderia ter tido acolhida melhor. Nada perguntou sobre a mudança repentina do meu destino. Inteligente e conhecendo a máquina do comando da Força, sabia, de antemão, todas as versões, até as que eu não nunca viria a saber.

Cultura tem pouco valor no Brasil. Campo de inutilidades e futilidades, pensam muitos dos que detêm o poder de decisão. Confundem cultura com entretenimento. Confundem cultura com arte. Cultura é isto e muito mais. São, principalmente, extratos da história em todos os campos do saber, que se vão sedimentando e melhor se expressam no nacionalismo que o globalismo não conseguiu acabar. Lembrem o gesto do comandante do curso de Infantaria da AMAN, com o seu bandeirão roto, cortando o trapo em pedaços menores e entregando-os aos seus cadetes, quase transformando água em vinho? O mesmo simbolismo dos 18 do Forte, que antes de iniciarem a **Marcha para a Morte** repartiram entre si a bandeira do Brasil. Isto colima tradições e atos de heroísmo tão presentes no Exército, cultor do passado.⁵¹

Senti-me em casa na Diretoria de Assuntos Culturais (DAC). Sob a minha subordinação direta tinha o Museu Histórico do Exército/Forte de Copacabana (MHEx/FC), a Biblioteca do Exército Editora (BIBLIEX), o Arquivo Histórico do Exército (AHEx), o Museu Militar Conde de Linhares, o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (MNMSGM) – Monumento aos Pracinhas – o Palacete Laguna e o Panteão de Caxias.

O Forte de Copacabana é o terceiro ponto turístico mais visitado do Rio de Janeiro, menos por seu acervo, sejamos realistas, e muito mais pela belíssima vista daquele arco de praia, a partir de sua mureta, pela sua participação em projetos socioculturais da cena carioca – como Música no Museu, a Travessia

51 No anexo, uma digressão sobre Cultura.

dos Fortes e um *réveillon* sem igual – e da Confeitaria Colombo, tradicional *delicatessen* nascida ainda no século XIX que ali plantou uma filial. Mas o turista, principalmente, já que se encontra no espaço, faz o “recorrido” e encanta-se. Guarda, a fortaleza, a memória do Exército e a sua própria. Dali saíram para a glória os 18 do Forte, em 1922. Esse foi um ano em que o Brasil descobriu-se no pós-Grande Guerra: dos que marcharam pela praia para a morte surgiu o **Tenentismo**; neste mesmo ano, a **Semana da Arte Moderna**, valorizando o nativismo (macunaímico embora) e, por dever histórico, deixou o registro da criação do **Partido Comunista**. Fizemos também cem anos de **Independência**.

O museu tem acervo importante, coleções voltadas para o Brasil Colônia, Império e a República dispostas cenograficamente em dioramas muito bem elaborados, salão de exposições temporárias e a própria fortificação, tombada. Os seus então possantes canhões de 350 milímetros, os mais potentes da América no início dos anos 1900, na defesa da Guanabara, têm inestimável valor histórico. Era comandado pelo Cel Boelhower, misto de museólogo e Relações Públicas. Seus profissionais, civis ou fardados, promovem, entre as organizações militares, conhecimentos sobre conservação, preservação e restauro e museografia dos seus acervos. A missão do MHEx/FC foi ampliada durante a minha gestão na DAC, tornando-o responsável pela Casa Histórica de Deodoro, Pantheon Duque de Caxias (ambos na Praça da República, centro da cidade do Rio de Janeiro), e do Museu Militar Conde de Linhares (MMCL).

O **Conde de Linhares** é um museu de armaria localizado no bairro de São Cristovão, perto do Museu Nacional na Quinta da Boa Vista. Possui nas suas coleções variados tipos de armamento, desde canhões a armas brancas, viaturas e carros de combate. Guarda, ainda, rico acervo da Segunda Guerra Mundial. Aos domingos, colecionadores de viaturas militares antigas, sob a inspiração de João Barone, músico do Paralamas do Sucesso e historiador, também de sucesso (*1942: O Brasil e sua Guerra Quase Esquecida*), reuniam-se ali com os seus veículos adquiridos e mantidos à própria custa, conservadores da memória nacional!

A **BIBLIEx**, é, talvez, a mais antiga editora do Brasil. Inaugurou-a D. Pedro II para cobrir a lacuna da produção em português de conhecimentos na arte da guerra. Procurei trazê-la para o campo dos leitores iniciantes, de modo a repovoar o seu quadro de assinantes. Com pouco sucesso, a bem da verdade. Propugnei por livros mais amenos, menos extensos e temas mais sa-

borosos aos militares jovens. Predominava no seu Conselho Editorial literatos de renome, civis e militares, comprometidos com a qualidade menos que com a procura. “Um livro vale pelo valor intrínseco do que registra ainda que não encontre leitores”, disse-me um seu diretor, certa feita! A meu ver um absurdo, pois ao fim de tudo resta uma conta a pagar! Diziam que o “garoto” queria editar livro a quilo; o garoto era eu! Luta difícil, com sucessos pontuais. Mas o que os velhinhos queriam mesmo era alavancar a massa militar, de um só lança, ao nível deles próprios. Visto na distância dos anos, eu discordava apenas quanto à estratégia.

O Arquivo Histórico do Exército (AHEx) criado pelo regente D. João em 1808, como Real Archivo Militar, tem hoje a sua importância histórica maior pelo acervo de passado remoto. Os novos documentos referem-se apenas a organizações militares extintas. Do passado, preciosos mapas do século XVI, documentos da Guerra da Tríplice Aliança, Canudos, Contestado, Revoluções internas e da Segunda Guerra Mundial, entre muitos. Preocupava muito ao chefe do DEP e a mim o local de guarda da documentação, boa parte dela num subsolo do palácio Duque de Caxias, antigo prédio do Ministério da Guerra, na Praça da República (ou Campo de Santana ou Campo da Aclamação). Era um espaço úmido e escuro, tinha tudo para atrair traças e bolores aos papéis antigos. Montou-se um sistema de desumidificação, buscou-se pessoal civil que pudesse, em grande mutirão, inspecionar e higienizar a documentação para dar-lhe sobrevida. Inglória batalha, pois os recursos para a cultura, aqui e alhures, são minguados, mesmo sabido que no passado estão as raízes da nacionalidade.

O Monumento aos Pracinhas, plantado num extremo do Parque do Flamengo, acolhe os nossos caídos na Segunda Guerra, trasladados de Pistoia para o Brasil pelo Marechal Cordeiro de Farias que comandou a Artilharia da FEB. Espalhados pelo solo em volta, memória dos navios afundados, corpos de marinheiros nunca resgatados que descansam no fundo do mar azul. Ali deveria arder uma chama permanente pelos heróis velados, num forninho entre os pilares, dois braços. Muito caro! Acende, determinou Bastos! Falava aos meus, em palestras, que o repouso eterno dos Pracinhas, juntamente com o Redentor no Corcovado, eram os únicos monumentos construídos por mãos humanas à glória, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. O restante da beleza carioca, fê-la Deus, “pessoalmente”!

O Panteão de Caxias, em frente ao Palácio Duque de Caxias, hoje sede do Comando Militar do Leste (CML), guarda os restos mortais do Duque e

da Duquesa, mas não a sua memória, espalhada pelos quatro cantos do Brasil, em cada quartel onde militares seguem o seu exemplo de retidão moral, destemor e amor à Pátria.

Havia um grupo de oficiais-historiadores trabalhando na coleta de testemunhos para a **História Oral da Revolução de 1964**. Recém havia este grupo transposto para o papel as gravações da participação da FEB na Segunda Guerra Mundial. Era encabeçado pelo Gen Mota, meu chefe anos passados, na ECEME. Um intelectual generoso, com quem continuei aprendendo. Recebemos ordem para extinguir este colegiado suspendendo os trabalhos, mas, ao invés disso, diminuimos o seu ritmo, com o apoio consentido do chefe do DEP. O grupo, temporário, foi transformado, recentemente, num instituto permanente, o Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEx), instalado no **Palacete Laguna**. O Palacete, em estilo mourisco, que foi residência de ministros da Guerra em passado recente, tem uma história e uma lenda. Era, de fato, a casa do Chalaça, mordomo de D. Pedro I, e lá ocorreu a decisiva reunião que proclamou a maioria de Pedro de Alcântara, entronizado Pedro II; a lenda refere-se a um túnel bloqueado que levaria à residência da Marquesa de Santos, amante do Imperador. Há aí um campo para a pesquisa das alcovas da corte no Império.

O **Instituto de Geografia e História Militar** e a **Academia de História Militar** são entidades culturais de direito privado, autônomas, colaboradoras do CEPHiMEx.

Encontrei bem encaminhado o projeto de comemoração dos 60 anos do fim da Segunda Guerra Mundial, e retorno da FEB ao Brasil, em 2005. A ele dei seguimento com execução delegada ao Gen Morgado, valeroso historiador militar. Com apoio da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP) coletamos material para uma exposição museográfica em espaço monumental da própria Fundação, em São Paulo, logo depois levada ao *foyer* do Palácio do Planalto. Houve ainda ciclo de palestras na ECEME e na FIERJ (Federação das Indústrias do Rio de Janeiro) com a presença e depoimento de vários ex-combatentes. Em suma, é preciso marcar, difundir e nunca esquecer o quanto a guerra foi difícil, o quanto a guerra vencida modificou o mundo, o quanto a FEB modificou o Brasil.

Nesses anos na área cultural procurei estabelecer ações que estimulassem a leitura. Montei uma biblioteca básica de cerca de 30, 40 livros. Às segundas-feiras, as duas primeiras horas do expediente, nos reuníamos no grande auditório do departamento e em dez, quinze minutos, um leitor falava do que

estava lendo. A ideia era “vender” o livro, fazê-lo atraente, atizar o desejo de lê-lo naquele grupo. Nada de discutir o conteúdo em detalhes. Ficou curioso? Vá ler. Ouvi sargentos poetas, capitães hilários e um jovem soldado que resolveu ler *O Príncipe*, de Maquiavel. Com a mesma sinceridade que usei para classificar *Naná*, quando menino, disse o jovem que pegou *O Príncipe* ao acaso e que não o recomendava para a sua faixa etária!

Difícil vender cultura, mesmo nas principais escolas militares, todas subordinadas ao DEP. O utilitarismo do conhecimento permanece. Programas de leituras eram, à época, adotados para discutirem-se assuntos abordados por determinadas publicações, não para a leitura ao gosto do freguês. A imposição traz embutida uma obrigação e uma rejeição a tudo mais, que o tempo é pouco. Eu insistia em que as nossas escolas fossem levadas aos espaços culturais militares e, no Rio, particularmente, ao Monumento aos Pracinhas. Que se programassem visitas de autoridades. Lembro até que a mais alta autoridade da nossa República comentou que, no exterior, era sempre levado a visitar túmulos de soldados mortos em guerras. Mas aqui no Brasil só os febianos e os estrangeiros sobreviventes da Segunda Guerra aqui residentes, no 8 de maio, aniversário do armistício na Europa, marcavam presença. O Exército Brasileiro, entretanto, “sofreu” uma lição que espero ter sido aprendida: o chefe do Estado-Maior Conjunto americano, ou do Comando Sul, não lembro bem, chegando ao Brasil em viagem oficial, recebeu o plano de visitas: Forte de Copacabana, AMAN, Brasília. Voltou-se para o general brasileiro, seu ligação, e disse-lhe que nada faria antes de visitar **“a tumba dos garotos brasileiros que morreram ao lado dos nossos garotos”** na Itália. “Tocou horror”, mas foram feitas as adequações e aquele passou a ser o início e o ápice da programação. Não é lição para se esquecer! Vai-se a Arlington, vai-se ao Arco do Triunfo. E aqui, hoje? Não sei!

Descobri-me com um câncer de próstata. *Pareja* junto, choros escondidos... Operado, Chicão dormindo num colchão, no chão, e a Zé naquela cama desconfortável de acompanhante de hospital. Chicão é Francisco, o sargento que dirigia para mim e de quem tornei-me amigo. Fiz uma escalinha e todos os meus subordinados foram à minha casa visitar-me. Bom para mim ver rostos amigos, que isolamento nunca é bom; bom para eles que viam o lado mais íntimo do seu general, frágil como todo ser humano.

A partir de trabalho pioneiro de uma equipe capitaneada pelo Cel Crespo, auxiliado de perto pelo Cel Ferreira (DAC), foi possível organizar e publicar o livro e depois manual, *Orientação para a Preservação e Difusão do Acer-*

vo Cultural do Exército Brasileiro, lançando-o no 1º Encontro de Museus Militares, em 2005. Este evento, em Porto Alegre, inseriu na museologia brasileira os museus militares com o reconhecimento do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), autarquia do então Ministério da Cultura.

Com a promoção a general-de-exército do Gen Catão, vice-chefe do DEP, vi-me alçado a esta posição. No DEP ocupava sala ao lado do Gen Bastos. Defronte à minha, a da minha Assistente e filha, que já lá estava antes da minha chegada. Trabalhar com filho é difícil. Mandei-a, certa feita, marcar consulta e acompanhar a mãe ao médico. Deu de ombros, “tenho coisa mais importante a fazer”. Mandei que se retirasse e voltasse em dois minutos; e então enunciei de forma correta a missão. Marcasse médico e acompanhasse a mulher do seu general que este não poderia ir. Entendeu!

O Gen Bastos, já um pouco antes de ter-me ao seu lado, iniciou uma série de almoços semanais, numa sala reservada onde pretendia receber todos os subordinados diretos, quinze por vez. Não acreditei que tivesse *endurance* para tal, levaria mais de um ano! Conversava com todos, do cabo ao coronel, os mais sociáveis revelavam suas dúvidas, os mais afoitos tratavam até de possibilidades de transferências. Não acreditavam, porém, que aquele homem de aparência tão sisuda iria se interessar por cada um. E quando começaram a chegar as respostas e soluções, problemas de atendimento no nosso sistema de saúde e transferências, enxergaram e entenderam que o chefe não está longe, mas muito perto e se não pode resolver todos os problemas se importa com cada um! Grande “Máscara Negra”!

Transformamos um grande salão mal aproveitado em Espaço Cultural, tendo à entrada um painel da AMAN, no outro extremo o Pico do Gavião e o Portão da Armas da Escola de Sargentos das Armas (EsSA), comandada pelo Gen Araken, em Três Corações. Em uma vitrine, entre símbolos da carreira militar, depusitei a espada do meu sogro, depois minha e depois de minha filha. O espaço foi desativado para atender a outras finalidades, o que revela o trato que ainda se dá à Cultura. Ainda sobre benfeitorias culturais, ampliamos e modernizamos um pequeno auditório que não mais nos cabia, obrigando-nos ao uso do Comando Militar do Leste (CML), quando disponível.

Eu tinha conhecimento, mas não comprometimento, quando na DAC, de um pós-graduação em História, com ênfase em História Militar, convênio com a UFRJ. No DEP passei a envolver-me com a matéria, até porque o coordenador era o Cel Carneiro, engenheiro militar de formação, de gosto

brilhante, historiador e intelectual. Encerraríamos o convênio pois todo o pessoal militar vinculado à matéria, residente no Rio, já havia passado, nos dois últimos anos, pelas bancas da velha Universidade do Brasil. Carneiro deu-me um drible, consentido: fizemos mais um ano de presencial, para facilitar a criação de um mestrado a pedido da direção da Faculdade de História e criamos um curso à distância, convênio com a excelente UNISUL, de Santa Catarina. Assim, todos os professores de História e Geografia de todos os Colégios Militares do Brasil e da AMAN poderiam reciclar-se. Inaugurando esta importante iniciativa não presencial para alcançar grupo mais apreciável, fui a Florianópolis e ministrei a primeira aula. Anos depois, matriculei-me e fiz o curso, aluno de mim mesmo!

E pela minha porta aberta passou, olhou e seguiu adiante, um companheiro que de pronto não identifiquei. Quando repassou, diminuindo o passo propositalmente, percebi o meu velho sargento Martinez, craque em instrumentos óticos do BMA. Mandeí chamá-lo. “Paguei-lhe” um café. Por fim – não estava ali a passeio, óbvio – atravessada a soleira, perguntei-lhe se precisava de algo. “Meu pai”, disse-me, “está na UTI do HCE, o senhor não quer visitá-lo?”. Conheci o velho febianio, rapidamente, no casamento deste meu sargento. Convite insólito, delicado mas pouco sutil, só merecia uma resposta: “Vou! Quando?”. “Pode ser agora?” Liguei para o HCE e anunciei a minha ida, adivinhando problemas. Explicou-me o Martinez, no caminho, que o pai estava na UTI cardiológica e precisava fazer fisioterapia, que há dois dias não era feita. Então era isto! Custou-me um investimento de hora e meia pelo ganho certo de mais afeto e respeito: importava para mim ele saber que eu me importava com seus males. O velho sobreviveu e visitou-me!

Aproximava-se o momento em que iria concorrer à promoção à quarta estrela. Muito difícil, dezesseis homens a decidir e excelentes candidatos. O fato de ser a reunião ainda presidida por Comandante que de mim se afastara não foi determinante para o mau resultado, acho. Tive a minha parcela de culpa, sei bem, pelo insucesso nesta escalada final. Os que comigo concorreram eram, também, soldados de grande valor. Meus bons amigos, votos vencidos na plenária do Alto Comando do Exército, telefonaram-me lamentando. Não foram muitos, mas tenho os seus nomes gravados no coração, pois foram capazes de passar por cima dos meus deslizes.

E assim, encaminhei-me para a reserva, sem dores, sem raiva, aliviado da mochila que só aumentou de peso desde os meus dezoito anos. Tomei o rumo de Salvador onde decidi enterrar a minha cruz.

Anexo 1 – Que é Cultura?

Cultura, o que é? E arte?

Os que amam a música sabem que o campeão das peças curtas ao piano é Chopin. E a sua música mais tocante o Noturno Opus 9 nº 2. Quem não concordar que me cite outra, porque em arte vale o gosto de cada um. Eu disse o gosto, não o bom gosto!

Napoleão e um séquito de seguidores andavam pelas ruas de Paris, batendo pernas entre uma e outra batalha e ouvem, ao longe (e se aproxima aos poucos), vindos de uma grande casa, choros e orações e lamentos. Era uma sinagoga. Um ajudante de ordens ingressa no local, anuncia ali fora a presença do imperador e vêm ao seu encontro o rabino e membros da congregação.

- Por que choram? indaga o imperador.
- Destruíram o nosso templo, informa o rabino, tristemente.
- Onde, quando?
- Faz dois mil anos, na Palestina.

Risos dos acompanhantes imperiais. O imperador levanta a mão, todos silenciam e ele, um soldado e político além do seu tempo, ensina aos seus:

– Esta gente capaz de lembrar e chorar por uma fato tão longe no tempo, esta gente tem memória. É um povo que tem passado. E este povo certamente tem futuro.

Quase cento e cinquenta anos depois os judeus refundaram o Eretz Israel, o grande Israel bíblico.

Pode dar certo a União Europeia (UE), com nações que guerreararam sempre entre si, culturalmente tão diversas? Nas crises revelam-se os interesses

nacionais acima da globalização. Parlamento, banco e moedas únicos terão que esperar um pouco, melhor, muito mais tempo.⁵²

Estas são histórias preliminares para tratarmos superficialmente de Cultura. Cultura é parte da educação, mas não se aprende na escola, embora possa vir da escola o impulso inicial. Outras vezes o impulso é familiar. A banda de música ou o teatro escolar podem revelar pendores que muitas vezes param por aí e não são retomados jamais. O termo é muito amplo, não carece de definição. Tem a ver com educação civil, com intelectualidade, com História, com as artes em geral. Ter bom conhecimento nestas e em outras áreas é apenas sinal de erudição. O homem que conhece, transforma, cria e difunde, este é o homem culto. Do ponto de vista histórico, o passado cultural comum é o que leva aquele agrupamento a desejar um futuro comum, a ser uma povo, uma nação, um Estado. A cultura é, assim, a argamassa da nacionalidade.

Cultura não é lustro, cultura é lastro, pois, só a partir de uma base sólida de conhecimentos, cada um de nós é capaz de criar, construindo sólida linha do tempo, sempre ascendente. Mas todo conhecimento é útil ou existe conhecimento inútil? Há uma discussão sobre desprezar, no ensino formal, assuntos que nada têm a ver com o futuro almejado pelo jovem. Bertrand Russel, um magnífico intelectual multifacetado, dentre outras obras nos legou *O Elogio ao Ócio*, livro de ensaios, prospecções superficiais sobre várias matérias. A leitura do segundo ensaio, *O Conhecimento Inútil*, nos leva a concluir que em algum momento dado conhecimento ou informação será necessário para emprego imediato ou como matéria prima para elaboração de conceitos mais sofisticados. De que adiantou para os que se dedicam à área de Humanas o estudo mais aprofundado da Matemática? O raciocínio lógico, os métodos indutivos e dedutivos, as provas e contraprovas das verdades anunciadas!

O que é cultura, do ponto de vista político-social-militar, afinal? Na cultura, há história, há memórias que permitem montar a teia, de um tempo remoto aos dias atuais. A cultura é fator de coesão, preponderante para que o grupo social siga junto rumo ao futuro. Memória não é história, são escolhas dentro da história; aquilo que embevece, que orgulha,

52 Este trabalho foi escrito faz tempo. Depois disto, a confirmá-lo, veio o Brexit ao tempo em que a França vem cambiando o nacionalismo não em globalismo ou europeização, mas em muçulmanismo.

que aumenta a coesão; história pontual que nos torna solidários entre nós. A pior consequência da globalização é a perda súbita da identidade nacional, sem formulação de outros vínculos.

A arte é, pois, um espaço mais restrito que a cultura. É o espaço mais prazeroso, captado pelos nossos sentidos básicos. Por este caminho chegamos à música. Quem nunca ouviu a música clássica adequada, acha que Zeca Pagodinho é o maior. Quem sabe Roberto Carlos!?

Embora gostos e cores não se discutam!

Anexo 2 – Fotos



Forte de Copacabana logo após a ativação.



À testa, pela ordem, Eduardo Gomes, Siqueira Campos, Newton Prado (pedaço do “pano” do Brasil ao cinto) e Otávio Correa.



Dioramas.



Mureta do Forte, em frente à Colombo, Pão de Açúcar ao fundo.



Museu Conde de Linhares – Armaria.



Palacete Laguna.



Panteão.

20

SALVADOR
(2007 – Deus sabe quando!)

Pasárgada é aqui.



Ladeiras, praias, coqueiros,
Igrejas, lendas, poesia,
Cais do mercado, saveiros,
Natal da pátria, Bahia.⁵³

Vocabulário

– Roque – no jogo de xadrez é, grosso modo, troca de posições entre duas peças. Rocar, pois, é mudar de posição.

De volta ao começo, Salvador – BA, somos atentos aos filhos e netos, embora longe de mim e da Zé no início desta etapa. Viagens ao Rio, onde ficaram Roberta e Alexandre, e Brasília, onde então vivia Gabriela, tornaram-se rotineiras. Hoje, em um roque, Gabriela está em Salvador e Beta em Brasília, mas ambas casadas com militares, também este é um arranjo provisório. Alexandre, civil, parece sólido em Brasília, agora.

53 Trova de J.G. de Araújo Jorge.

Retomei o contato com parentes, nunca com a intimidade perdida nas ausências de décadas, nas andanças pelo Brasil. Paulo, o mano mais velho, já aposentado, chegou-se mais, embora logo depois tenha me largado para encontrar-se com Deus. Lúcia, aqui já estava. José, mais novo dos irmãos, aposentado, retornou a Salvador, belo cemitério de elefantes, nossa Pasárgada.

Com o Paulo planejei uma consultoria que com ele morreu, mas mantive o pós-graduação em Ecologia e Intervenções Ambientais, uma das ferramentas fundamentais aos nossos propósitos. A mente não pode parar, assim mergulhei, em seguida, em Curso de História à Distância, embora, nesta idade, pouco me interessando pelo título, muito mais pelo conhecimento, o trabalho de conclusão de curso planejado não tenha sido passado ao papel. Está, entretanto, um tantinho aqui, nas poucas histórias do CMS a serem por outros completadas.

Somos – eu e a Zé – sempre presentes nas solenidades militares nesta Bahia festeira. Uma e outra colaboração ainda dou na forma de palestras no CMS/ESFCEX e no QG e na elaboração de pequenos projetos no campo da História e da Cultura. Pediram-me uma placa para o Monumento aos Pracinhas baianos, que ali foi afixada, à falta de ideia mais inspirada. Uma síntese da atuação do soldado baiano em todas as ações patrióticas culminando com a Segunda Guerra Mundial. Lá está dito:

“Pelejando pela liberdade, o soldado baiano lutou e venceu os holandeses em 1625; venceu os portugueses em 1823, em Pirajá; venceu os invasores do solo sagrado da pátria, no Prata, em 1866.

Por fim, pela liberdade e democracia, lutou, morreu e venceu nos campos da Itália, em 1945. Pela liberdade e democracia, será capaz, se preciso for, dos mesmos gestos extremos de patriotismo e doação.

‘A memória dos expedicionários mortos unir-se-á à daqueles que, no passado, tombaram pela soberania do Brasil.’ (Marechal Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB).”

Meu Colégio Militar fez 60 anos de vida em prol da Bahia – que mais de 80% da sua “produção” se destina ao meio civil do meu estado – e incumbi-me de organizar as comemorações das recordações adolescentes.

Toda a emoção explode em duas linhas, num bronze que condensa toda saudade da “aurora da minha vida”.



Certo dia fui ao nosso hospital militar. Chovera muito na véspera. Encontrei o diretor, menos de uma semana na direção, abalado com o estrago que interditou CTI, Centro Cirúrgico e Odontologia. Pus-me à sua disposição e dele ouvi um “O que o senhor puder fazer será bem-vindo”. Telefonei ao diretor de saúde, ex-diretor deste hospital, e pedi-lhe um abraço, com recursos, naturalmente, para o seu recente sucessor. Na hora vieram abraço e grana. Dei-me conta de que o comandante da RM ainda não soubera da tragédia. Telefonei-lhe e desculpei-me pela precipitação, além de justificar a demora em lhe darem as más notícias. Não houve fricção; o comandante era o Gen Ferreira, o Chico, um homem seguro de si. Disse-me: “Chefe, vou falar direto com o Departamento de Engenharia e Construção (DEC), assim vem dinheiro dos dois lados”. Veio. E desta forma, metendo a colher onde muitas vezes não sou chamado, mas percebo que posso colaborar, vou mantendo-me na **reserva ativa**.

A reserva ativa aqui na Bahia é representada pelo Grêmio General Cantuária. Congregava, até agora, alguns poucos militares bem antigos em reuniões semanais. Os mais jovens ainda relutam em agregar-se a ele, têm alternativas, mas, mais dia menos dia, é onde encontrarão abraços e catarão e contarão memórias. Vou lá às vezes; melhor, ia; espero que a vacina contra a COVID permita-nos logo aproximação, que calor humano

é bom. Nas reuniões sociais, almoços e serestas, a casa voltará a encher, claro!

Em 2015 voltei à Amazônia para o encontro dos Eternos Comandantes: recitei aos brados e choro a *Oração do Guerreiro de Selva*, cantei a canção da 12ª Região Militar que fiz em parceria com o Gen Lessa, mirei o Negro rio a partir da sala que ocupei em 1999 e 2000 (e vi o meu boto-pescador, jurol!), fui a Tefé e, principalmente, revi os garotos e garotas que comigo serviram quinze anos atrás e os seus filhos já grandinhos. E os velhos generais que me formaram e os que eu ajudei a formar, a nos saudar com sonoros e repetidos SELVA!, entre abraços, a todo momento.

Em setembro de todos os anos, desde 2004, reencontro os outros onze de 1968, acrescido de um aderente tardio e bem-vindo, em algum canto do Brasil. Nestes 2020 e 2021 não vai dar, mas ano que vem, todo mundo vacinado, duas vezes!

Anexo 1 – Fotos



Último dia na farda. Missão cumprida! Felizes, rumo a Pasárgada.

POSFÁCIO

De Serrinha a Salvador, o retorno a Pasárgada, procurei deixar registrada a minha trajetória pessoal e familiar desde que decidi pela escolha profissional. A última foto do texto é a testemunha do acerto da decisão juvenil. As memórias e recordações do tempo da formação são o estímulo para continuar na caminhada nesta quadra já adiantada da existência. Sou muito grato àqueles tempos. Essa gratidão me fez retornar ao local mais simbólico de nossa venerada Escola.

O PÁTIO

Tenho setenta e seis anos recém-feitos e, assustado com o momento em que vivo e vive o Brasil atual, a imagem que me vem e me acalma é o Pátio. O Pátio era seguro e quando passeio por ele, a cada cinco anos, me rejuvenesço. No Pátio tinha encontro marcado com meus amigos quatro vezes ao dia. O Pátio era frio nos invernos, mas ele aquecia o meu coração. Aquece ainda! Às vezes, do Pátio não se via o grande portão do meu casarão, uns tantos metros distante, escondido pela bruma. Olhando para cima, a gente lia no muro mais alto do Pátio uma frase que evocava servidão e obediência, mas, para mim, evocava, também, coragem e liberdade. Ao fundo do Pátio, uma pontezinha que atravessávamos de três em três, no mínimo! Por quê? Tradição!

Do lado Norte do Pátio havia um grande portão, uma bocarra que me levava ao meu 'berço'. Saltava dele às 05h45min da manhã todos os dias e corria para o Pátio, não sem antes deixá-lo (o berço) pronto para a 'tora', a sesta pós-almoço, e, esticados os lençóis, para receber-me à noite. Após acordar cedinho, em meia hora era alertado que deveria estar no Pátio rapidamente. Mais um minuto, o alerta final e o fechar da grande boca, impedindo a minha entrada.

O Pátio é o solo mais sagrado da minha Pátria em que já pisei. Era, é e será sempre o coração da casa do Cadete, a Academia Militar das Agulhas Negras.

Para voltar ao Pátio e pisar firme na risca a cada dois passos, pare entre as pérgulas e pergunte-se: 'Mereço entrar?'. Se a sua consciência disser sim, é só romper a marcha e pisar firme que este chão ainda é seu!

A frase!!! A frase que encima o Pátio Tenente Moura, saudoso PTM:

Cadete, ides Comandar, aprendei a obedecer.

Encerro! Neste louvor ao Pátio Tenente Moura, espaço sacrossanto da nossa Casa, registro novamente a minha homenagem à Turma Humaitá (1968), a que pertenço, aos homens que nos formaram e às gerações atuais a quem passamos os mesmos e eternos valores que carregamos na massa do sangue.

General-de-Divisão Veterano Maciel, o Baiano.

Quantidade de páginas	302
Formato	15,5 x 23cm
Mancha	29 x 45 paicas
Tipologia	Garamond
Corpo/entrelinha	12/14pt



No Brasil continente, eis os caminhos percorridos pelo autor com suas caixas e caminhões de mudança (Cel Borda).

ISBN: 978-65-5757-102-6

CSL



9 786557 571026